

J O R G E R I Z Z I N I

ESCRITORES — E — FANTASMAS

Vejamos os escritores e poetas. Enorme é o número dos que foram médiuns ou testemunharam fenômenos mediúnicos. Victor Hugo, um dos gênios da literatura mundial, fez experiências com as célebres “mesas falantes” e obteve comunicações do espírito de sua filha Leopoldina e de eminentes intelectuais falecidos. Seu parecer sobre o espiritismo é

zombaria não tem alcance. É do rigoroso dever da ciência sondar os fenômenos. Evitar o fenômeno espírita, negar-lhe atenção, é dar atenção à verdade!”

Victorien Sardou, famoso teatrólogo, membro da Academia Francesa, era médium desenhista. Conan Doyle, o criador da personagem Sherlock Holmes e precursor da psicanálise,



Correio Fraternal

© 1965 Jorge Toledo Rizzini

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição eletrônica: outubro de 2020

Coordenação Editorial: Cristian Fernandes

Capa e Projeto gráfico de miolo: Bruno Tonel

Projeto eletrônico: Joyce Ferreira

Revisão: Alexandre Caroli Rocha

ISBN 978-65-86480-20-7

Escritores e fantasmas | Jorge Toledo Rizzini

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Editora Espírita Correio Fraternal

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955

CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP

Telefone: 11 4109-2939

correiofraternal@correiofraternal.com.br

www.correiofraternal.com.br

Vinculada ao *Lar da Criança Emmanuel* (www.laremmanuel.org.br)

J O R G E R I Z Z I N I

ESCRITORES — E — FANTASMAS

Vejam os escritores e poetas. Enorme é o número dos que foram médiuns ou testemunharam fenômenos mediúnicos. Victor Hugo, um dos gênios da literatura mundial, fez experiências com as célebres “mesas falantes” e obteve comunicações do espírito de sua filha Leopoldina e de eminentes intelectuais falecidos. Seu parecer sobre o espiritismo é

compararia não tem alcance. É do rigoroso dever da ciência sondar os fenômenos. Evitar o fenômeno espírita, negar-lhe atenção, é prestar atenção à verdade!”

Victorien Sardou, famoso teatrólogo, membro da Academia Francesa, foi médium desenhista. Conan Doyle, o criador da personagem Sherlock Holmes e precursor da psicanálise,



*Voei em espírito, um dia de domingo, e ouvi atrás de mim
uma voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o em
um livro.*

JOÃO (Apocalipse, 1:10-11)

Ao crítico literário Homero Silveira, a quem devo a indicação e tradução de um relato sobre os fenômenos espíritas vividos por Rainer Maria Rilke; ao poeta e historiador S. Suannes, pelas suas inestimáveis informações; e ao ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek, pelo seu ato de justiça ao indultar o médium José Arigó.

E a Léon Denis, em particular.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O ESPIRITISMO E OS EXPOENTES DA CULTURA UNIVERSAL

OS NACIONAIS

UM ESTRANHO RELATO DE FAGUNDES VARELA

OLAVO BILAC E O ESPIRITISMO

ALCIDES MAYA, MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

COELHO NETO E OS FANTASMAS

UM ESPÍRITO SALVA A VIDA DO POETA LUÍS MURAT

RUI BARBOSA E O ESPIRITISMO

POETA RODRIGUES DE ABREU, MÉDIUM VIDENTE

MONTEIRO LOBATO E O ESPIRITISMO

DEPOIMENTO DE CORNÉLIO PIRES

O BIÓGRAFO EDGAR CAVALHEIRO E O MÉDIUM CHICO XAVIER

DEZ ESCRITORES E A MEDIUNIDADE DE CHICO XAVIER

MENOTTI DEL PICCHIA (E OUTROS) E A PSICOGRAFIA DE JORGE RIZZINI

A CONVERSÃO DO ACADÊMICO VIRIATO CORREIA

SILVEIRA BUENO E OS FENÔMENOS ESPÍRITAS

GUILHERME DE ALMEIDA E A “SENSAÇÃO DO JÁ VIVIDO” (O EXEMPLO DE LAMARTINE)

DEPOIMENTO DE PAULO DANTAS

JORGE MEDAUAR E O FANTASMA DE AMADEU AMARAL

ANTÔNIO OLAVO PEREIRA E A MATERIALIZAÇÃO DE PINDAMONHANGABA

FENÔMENOS COM GUIMARÃES ROSA

CASOS PARALELOS

OS ESTRANGEIROS

ALFRED DE MUSSET, MÉDIUM VIDENTE E AUDITIVO

FRANÇOIS COPPÉE E SEU ESPÍRITO-GUIA

PROFISSÃO DE FÉ DE WALT WHITMAN

RILKE E OS POETAS FANTASMAS

GOETHE E SUA MEDIUNIDADE

A CABANA DO PAI TOMÁS, OBRA MEDIÚNICA

AXEL MUNTHE, MÉDIUM CURADOR

GABRIEL D’ANNUNZIO E A MÉDIUM VALBONESI

MAETERLINCK E AS EXPERIÊNCIAS DE ALBERT DE ROCHAS

WALTER DE LA MARE, POETA DOS FANTASMAS

JACINTO BENAVENTE (Prêmio Nobel) E OS MISTÉRIOS DE ALÉM-TÚMULO

O DUELO ENTRE VICTOR HUGO E A “SOMBRA DO SEPULCRO”

DEPOIMENTO DE CONAN DOYLE

O ESTRANHO CASO VIVIDO POR WILLIAM SHARP

YEATS (Prêmio Nobel) – POETA INSPIRADO PELO ALÉM

CHARLES DICKENS E A APARIÇÃO

DEPOIMENTO DO DRAMATURGO E MÉDIUM VICTORIEN SARDOU
SOBRE O AUTOR – JORGE RIZZINI
ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS

APRESENTAÇÃO

UM AUTOR ESPECIAL

EM MEIO A SUA COLEÇÃO de canetas, durante as horas a fio em que Jorge Rizzini se trancava em seu escritório e não via a hora passar, estava um homem que dedicou sua vida ao espiritismo.

No escritório em que trabalhava, na escrivaninha que pertencera a Oswald de Andrade – fato que ele fazia questão de contar a quem ali adentrasse –, Jorge Rizzini dedicava-se a pesquisar, escrever e, de coração aberto, entregava-se às causas espíritas.

Quantos livros espíritas enchiam suas prateleiras e quantas histórias ele nos contava! Ficava horas em sua cadeira de madeira, escrevendo, reescrevendo, relendo os textos para a sua esposa, Iracema Sapucaia, que sempre lhe sugeria um toque especial aqui e ali.

Idealista e contundente em sua obstinada defesa da integridade das obras de Allan Kardec, Rizzini psicografou dez livros ao longo de sua vida e escreveu muitos outros. Em sua vasta lista de realizações, há também a introdução das músicas mediúnicas no movimento espírita.

Ele nos contava que, certo dia, ao levantar, achou que uma das músicas que psicografara merecia um coro de vozes imponentes. Saiu, então, decidido a solicitar ao general da banda da Polícia Militar de São Paulo – da qual ele não sabia nem o nome – seu coro

de vozes. E não é que ele levou a letra da música e pediu ao general que a ouvisse? Pois o general ouviu, adorou e topou na hora.

Emocionava-se ao contar passagens como essa. E foi com a mesma determinação que, junto ao secretário da Educação e Cultura da época, conseguiu para o evento que ele planejava nada menos que o Teatro Municipal. Nasceu assim, em 1982, o Primeiro Festival de Música Mediúnica.

Jorge Rizzini costumava estabelecer intensas conversas em almoços simples em família, em que falava de músicas clássicas e óperas, as quais ele amava. Tanto que mantinha um grupo de amigos que, uma vez por semana, se encontrava para ouvir óperas no Teatro Municipal – eram momentos que ele nos descrevia com grande emoção. Parecia que havíamos estado naquele local com ele, presenciando cada momento!

Também não posso deixar de registrar que, em suas idas ao teatro, ele sempre trazia, com cara de quem fez arte, uma barra de chocolate comprada no Viaduto do Chá... A essa altura da vida, já devia evitar doces e sabia que Iracema não aprovaria. Ele adorava um docinho!

Várias vezes depois dessas conversas, ele se recolhia em seu quarto para descansar e continuar ouvindo suas músicas clássicas prediletas.

Assim era Rizzini, um homem muito especial, descontraído e brincalhão, mas imbatível em seus propósitos, quando se tratava da coerência na divulgação do espiritismo.

Tínhamos muita afinidade intelectual, já que àquela época eu era bailarina e, de certo modo, também vivia no mundo da música e da arte.

Ele costumava dizer que a arte nos preenchia a alma, com o que concordo plenamente. Sem a arte, nossa vida é mesmo sem cor.

Tudo isso vi e ouvi bem de perto. Porque esse foi e continua sendo meu avô Rizzini, tão querido e presente em tantos momentos

especiais de nossas vidas.

Escritores e fantasmas é uma de suas incríveis produções, fruto de suas intensas pesquisas, que a editora Correio Fraternal publicou há mais de vinte anos e relança agora, em meio às comemorações de seus 50 anos de fundação.

Convido o leitor a conhecê-lo através deste interessantíssimo livro, em que ele descreve e comenta as experiências relacionadas à fenomenologia espírita que grandes escritores da literatura universal tiveram ou registraram em suas obras.

Escritores e fantasmas traz relatos de Victor Hugo, Goethe, Conan Doyle, Léon Tolstói, Monteiro Lobato, Rui Barbosa e tantos outros mestres das letras, dos momentos em que eles presenciaram materializações, vozes e outras comunicações espirituais.

Espero que os leitores possam desfrutar esta obra e encontrar em suas entrelinhas um pouco do que foi esse determinado divulgador, autor, em toda a sua intensidade, meu avô querido, Jorge Rizzini.

VERIDIANA RIZZINI L. MANTOVANI

O ESPIRITISMO E OS EXPOENTES DA CULTURA UNIVERSAL

*Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o
argumento sem réplica.*

Allan Kardec

O ESPIRITISMO EM SEU TRÍPLICE ASPECTO – ciência, filosofia e religião – tem atraído grandes nomes da cultura universal.

No campo da ciência, por exemplo, vemos Charles Richet, detentor do Prêmio Nobel, comprovando em exaustivas experiências a fenomenologia espírita;¹ William Crookes, uma das mais vigorosas inteligências de todos os tempos, descobridor da matéria radiante, a estudar a materialização total do espírito Katie King, graças à mediunidade de uma colegial de 15 anos;² vemos Paul Gibier, discípulo predileto de Pasteur, diretor do Instituto Bacteriológico de Nova Iorque, surpreso diante dos fenômenos produzidos pelos espíritos através do médium Slade;³ e César Lombroso, o pai da antropologia criminal; os físicos William Barrett e Oliver Lodge; o astrônomo Schiaparelli; Alfred Russel Wallace, rival de Darwin; Thomas Edison e Benjamin Franklin, aos quais deve a humanidade cerca de 1.200 inventos e aperfeiçoamentos;⁴ A. D'Arsonval, diretor do Laboratório de Física Biológica da Escola de Altos Estudos em Paris, com quem Marie Curie assistiu a algumas experiências, em 1908, com a médium napolitana Eusápia

Palladino.

Como se nota, físicos, químicos, psicólogos, inventores foram atraídos pela fenomenologia espírita. E, curioso, a maior parte só tinha um escopo: provar que o fenômeno era fraude ou alucinação. Lombroso é exemplo típico. Mais tarde, ele, que chegou a conversar com o espírito de sua mãe materializado, confessava: “Sinto-me envergonhado e triste por haver atacado com tanta pertinácia a possibilidade dos fatos chamados espíritas”. E, com júbilo, acrescentou: “Porém, os fatos existem e eu me glorifico de ser escravo dos fatos”.

H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells, sobre os fenômenos espíritas sentenciaram: “Não podemos, absolutamente, rejeitar a evidência de tais fenômenos”. E, advertindo aqueles que os negam *a priori*, acrescentam: “Lembremo-nos, segundo Richet, de que grandes cientistas, como Bouillaud, declararam que o telefone era ventriloquia, e cientistas ainda maiores, como Lavoisier, afirmaram decisivamente que não poderiam cair pedras do céu, pela razão muito simples de que no céu não há pedras...” (vide *Science of life*).

Einstein, o genial criador da Teoria da Relatividade, não se esquivou, também, dos fenômenos supranormais. Conta Upton Sinclair, famoso romancista, detentor do Prêmio Pulitzer e amigo íntimo de Einstein, numa série de artigos publicados na imprensa mundial:

Minha esposa realizava experiências psíquicas desde a infância, e tínhamos reunida uma série de mais de 250 experiências, nas quais provávamos a realidade da telepatia e da clarividência a todos os que estivessem de espírito aberto. Os fatos foram contados em um livro, *Mental radio*, que Einstein havia lido: escrevera ele um prefácio para uma edição alemã, que concluía com as seguintes palavras: “De maneira alguma, os que se interessam pelos fatos psíquicos devem

deixar de ler atentamente esta obra”.

Não há de estranhar que o velho sábio fizesse o prefácio para uma obra que pode ser enquadrada no espiritismo, pois, além de conhecer bem a esposa de Upton Sinclair, que era clarividente, Einstein, na Califórnia, em 1932, já havia assistido a sessões com outra notável clarividente, a médium Gene Dennis, por Conan Doyle classificada como “a oitava maravilha do mundo”.

Entre os cientistas que prosseguem ou prosseguiram com as pesquisas registramos, entre outros, J. B. Rhine, considerado o pai da parapsicologia; Bjorkhem, da Universidade Uppsala; D. J. Van Lennep, da Universidade Real de Utrecht; Stoppolone, da Universidade de Camerino; Robert Amadou, da França; José Fernandez, da Argentina; Harry Price, da Universidade de Oxford etc.

“Na história da metapsíquica – escreveu Charles Richet – não conheço um só caso, um só, de observador consciencioso que, após dois anos de estudo, concluísse pela negativa.”

Está claro que o mestre francês desconhecia os nossos ‘silva-mellos’... ⁵

No campo da filosofia podemos citar de início José Ingenieros, que além de pensador foi sociólogo e psiquiatra, autor dos livros *A simulação*, *Histeria e sugestão* e *O homem medíocre*, considerado sua obra-prima e editado em várias línguas. Na sede da Instituição Espírita Constancia, em Buenos Aires, Ingenieros dirigiu uma sessão de materialização, saindo dela plenamente satisfeito. O notável médium foi Oswaldo Fianza, cujo nome faz hoje parte da história do espiritismo na Argentina.

Charles Fourier, filósofo e sociólogo, em sua obra *Théorie de l'Unité Universelle*, escreveu: “É preciso, pois, reconhecer que já vivemos antes de ser o que somos, e que várias outras vidas nos

esperam, umas encerradas no mundo, ou intramundanas, as outras em uma esfera superior, ou extramundanas, com um corpo mais sutil e sentidos mais delicados”.

Esquirós, aprofundando a questão da imortalidade pessoal, nos diz:

[...] o que eu afirmo é a união perpétua da alma a corpos orgânicos; estes corpos se sucedem, engendrando-se uns aos outros, aproximando-se das formas constitutivas do mundo que mantém a perpetuidade do “eu” em suas sucessivas existências. O princípio da vida, extensivo às diversas fases ou evoluções do renascimento, não constitui sempre para o Criador mais que um único e mesmo estado contínuo. Para Deus, a duração do ser não é limitada a este intervalo de tempo compreendido entre o nascimento e a morte; ela abraça todos os segmentos da existência, cuja sucessão forma, através das interrupções e das retomadas, a verdadeira unidade da vida.⁶

Pezzani, Bonnet, Kant, Fichte, Schlegel, Lichtemberger, Schollosser, Butler, Hedge, Thomas Browne, Lessing, Jean Raynaud, De Bretonne, Constant Savy, E. Young, Schelling, Paracelso, Giordano Bruno, Maeterlinck e muitos outros pensadores modernos e antigos admitiam a reencarnação, sem a qual é impossível compreender, dentro das linhas diretoras e responsáveis pelo equilíbrio unitário do universo, a heterogeneidade e o comportamento dos seres vivos. Admitiam, pois, a reencarnação, não como um ato de fé, mas como o resultado de um raciocínio frio em face de um problema de lógica.

Não é nosso objetivo fazer aqui um serviço de estatística. Todavia, recuaremos no tempo e encontraremos Sócrates e Platão. O primeiro, desde a infância ouvia uma voz que o orientava nos

momentos cruciantes. Era o filósofo médium auditivo. “Essa voz não intervém senão para me afastar do erro (confessava Sócrates, momentos antes de morrer); ela nunca me leva a fazer o mal.”

Platão, por sua vez, na *República* deixou estas linhas próprias de quem já vislumbrava o mundo dos espíritos: “Almas divinas! entrai em corpos mortais; ide começar uma nova carreira. Eis aqui todos os destinos da vida. Escolhei livremente. Se for má, não acuseis por isso a Deus”. São frases reencarnacionistas, rigorosamente de acordo com a filosofia espírita; frases escritas antes do advento do cristianismo! Não é de estranhar, portanto, que homens eminentes como William James, Boutroux (para surpresa de Gustave Le Bon), Denis, Delanne etc. tenham passado às fileiras do espiritismo, que por trazer a verdade aos homens encontra muitos pontos de contato com as ideias socráticas. Quer dizer: a filosofia espiritualista evoluiu impulsionada pelo cristianismo puro, e a filosofia revelada pelos espíritos a depurou e completou, nada mais havendo a acrescentar. Quanto às outras correntes filosóficas que tudo sonham explicar através da matéria ou de um espiritualismo daltônico, em verdade são filhas do desespero e do medo – nada mais.

Falamos que Sócrates era médium auditivo. Ora, tanto Descartes como Schopenhauer também sofriam, conscientemente, a ação de entidades extraterrenas. “Meus postulados filosóficos – escreveu Schopenhauer – produziram-se em mim sem que eu nisso interviesse, nos momentos em que tinha a vontade como que adormecida... Minha pessoa era também, por assim dizer, *estranha à obra*.” Schopenhauer, aliás, escreveu um curioso ensaio sobre as aparições. Descartes, conta-nos Briere de Boismont, “ao cabo de longo repouso era instado por invisível pessoa para continuar com as pesquisas da verdade”. Na biografia que escreveu de Descartes, diz-nos Fouillée a respeito da estranha inspiração de seu biografado: “Ele a considerava uma revelação do Espírito de Verdade acerca do caminho que lhe cumpria seguir”. E, assim, muitos outros.⁷

Mas, não apenas luminares da ciência e da filosofia exaltaram o espiritismo. Estudaram-no escritores, poetas, políticos e artistas internacionais.

Entre os políticos podemos citar George Washington, o qual tinha visões e ouvia vozes extraterrenas. Lincoln promovia sessões espíritas na Casa Branca, servindo de médiuns sua esposa e a sra. Nettie Colburn. Outro presidente dos Estados Unidos (Wilson) recebeu comunicações mediúnicas durante as hostilidades de 1914. Franklin Roosevelt foi apologista do espiritismo, encontrando nele consolo para sua terrível moléstia. Eisenhower não guardou segredo das sessões espíritas que realizou na Casa Branca, como o fazia Lincoln; a médium foi Jeane Dixon, conselheira da esposa de Eisenhower. Esta médium, segundo revelou Drew Pearson, comentarista político que a entrevistou, previra com grande antecedência o armistício da Coreia, a emancipação da Índia, a vitória surpreendente de Truman nas eleições de 1948 e o movimento republicano de 1952.

Outros políticos respeitáveis que foram espíritas declarados:

Lord Halifax, autor da obra espírita *Ghost Stories* e ex-vice-rei da Índia; Lord Snowden, Lord Balford, presidente do Conselho de Ministros da Inglaterra; Lord Tennyson; Lord Erskine; Mackensie King, primeiro-ministro do Canadá; Lord Dowding, comandante-em-chefe das Forças Aéreas Britânicas; Winston Churchill; Keir Hardie, fundador do Partido Trabalhista Inglês etc.

Recuando mais no tempo encontramos Luís Bonaparte recebendo comunicações espíritas através do célebre médium Home; a rainha Vitória fazendo sessões com o médium inglês R. J. Lees, autor de obras que revelam a vida além do túmulo.⁸

Registremos que também Cristóvão Colombo revelou-se excelente médium, de acordo com as informações contidas na *História Universal*, vol. 28, pp. 425 e 426, de autoria de Césare Cantu. Conta-nos o célebre historiador que Cristóvão Colombo

costumava ouvir mensagens de entidades espirituais; que o navegante genovês, quando naufragou nas costas da Jamaica, anotou uma, cujo conteúdo é de elevado teor evangélico. Dela extraímos o seguinte trecho:

Homem insensato e vagaroso em crer e em servir o teu Deus! (diz o espírito a Cristóvão Colombo, recriminando-o pela sua falta de fé.) Que mais fez Ele por Moisés e por Davi, seu servo? Desde o teu nascimento, Deus tem sido para ti da maior solicitude. Logo que chegaste a uma idade conveniente, Ele fez retumbar maravilhosamente a Terra toda com o teu nome. As Índias, essa tão rica parte do mundo. Ele tas concedeu com a liberdade de as repartires com quem te aprouvesse. As árduas barreiras do oceano caíram diante de ti, uma infinidade de países se sujeitaram a ti, e teu nome tornou-se famoso entre os cristãos. Porventura Deus fez mais pelo grande povo de Israel, tirando-o do Egito, ou por Davi, elevando-o de pastor a rei? Volta-te, pois, para Ele e reconhece o teu erro: porque a Sua misericórdia é infinita. Se te falta realizar alguma grande empresa, não te sirva de obstáculo a tua idade. Acaso Abraão não contava mais de cem anos quando gerou Isaac? E porventura Sara era jovem? O desalento entrou em teu coração, e pedes socorro em altos brados. Responde: – Quem ocasionou tuas aflições, tuas penas tão vivas e reiteradas? Deus ou o mundo? Deus não faltou às suas promessas; e, depois de ter recebido tais serviços, não te disse que tal não tinha sido a sua intenção e que o tinhas compreendido mal. O que Ele promete, cumpre-o e mais ainda. O que, agora, te acontece é a recompensa dos trabalhos que tens sofrido por outros anos.

Aqui, faz Cristóvão Colombo o seguinte comentário: “Eu ouvia todas estas coisas como um homem semimorto e faltaram-me as forças para responder à linguagem tão verdadeira. O mais que pude

fazer foi chorar minhas culpas. Esse que me falou, quem quer que fosse, terminou acrescentando: *Nada temas; tem confiança! Todas as tuas atribulações estão gravadas no mármore e não sem motivo*". (O grifo é de Cantu.)

E, realmente, as atribulações estavam “gravadas no mármore”, porque depois Colombo retomou o caminho da Espanha, em novembro de 1504, e só então terminaram seus notáveis trabalhos de missionário, graças aos alentos que lhe deram os espíritos luminosos. (Vide, também, a obra *Cristophe Colomb*, de Rosely de Lorgues.)

* * *

Célebres compositores testemunharam, também, fenômenos espíritos. Alguns ouviam durante o sono peças musicais completas e, ao acordar, nada mais tinham a fazer senão transcrevê-las no papel, sem mudar uma nota. Henri Horet, professor de música, *sonhou* que de sua casa saíam cinco caixões mortuários; dias depois, perdia ele cinco parentes devido a um escapamento de gás. Goethe, em *Cartas a um filho*, conta que:

Beethoven, referindo-se à fonte de que lhe provinha a concepção de suas obras-primas, dizia a Betina: “Sinto-me obrigado a deixar transbordar de todos os lados as ondas de harmonia provenientes do foco da inspiração. Procuo acompanhá-las e delas me apodero apaixonadamente; de novo me escapam e desaparecem entre a multidão de distrações que me cercam. Daí a pouco, torno a apreender com ardor a inspiração; arrebatado, vou multiplicando todas as modulações, e venho por fim a me apropriar do primeiro pensamento musical. Tenho necessidade de viver só comigo mesmo. Sinto que Deus e os anjos estão mais próximos de mim, na minha arte, do que os outros. Entro em comunhão com eles, *e sem temor*. A

música é o único acesso espiritual nas esferas superiores da inteligência”.

E Goethe informa que “em seguida, após haver composto suas mais suaves harmonias, exclamava Beethoven: ‘Tive um êxtase!’”.

Chamo a atenção do leitor para esta frase de Beethoven, muito significativa e que abre perspectivas: “Entro em comunhão com eles, e sem temor”. Sem temor, disse Beethoven. Mas, se só entrava em comunicação com o mundo dos espíritos através do pensamento, como nos diz Goethe, por que a expressão “sem temor”? Ora, o pensamento, apenas, não pode causar temor a ninguém. Isto nos leva a crer que Beethoven, além do êxtase de que comumente era possuído ao compor, devia observar algo mais que a simples captação de pensamentos exteriores. Nesse caso, sim, teria ele motivos para afirmar: “Entro em comunicação com eles, e sem temor”.

Outro argumento a favor deste nosso raciocínio: como podia o compositor cair em êxtase se era surdo e, como tal, não ouvia nada em seu redor? Lembro ao leitor de que não se trata, aqui, do êxtase místico, e sim êxtase nascido pelo arrebatamento musical. Ora, como podia Beethoven arrebatarse *ao ponto de cair em êxtase*, se não ouvia o menor ruído? A conclusão só pode ser esta: o êxtase nascia do fenômeno da semi-incorporação, do transe mediúnico. Isto não quer dizer que Beethoven, durante o ato da criação artística, funcionasse como simples médium. Os espíritos dele se aproximavam por afinidade e com o intuito único de facilitar-lhe o trabalho – pois não era o compositor surdo? Um compositor surdo é o mesmo que um pintor cego. No entanto, foi Beethoven um dos maiores gênios da música, graças à mediunidade, fato que ele não ocultou.

Mozart em carta a um amigo confessava: “Ignoro donde

procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção”. E uma confissão clara de que, como Beethoven, era médium. Seu *Réquiem* teve origem extraterrena. É um fato biográfico. Em seu leito Mozart repousava, tranquilo, quando, de súbito, ouviu suave melodia. Chamou um amigo e disse: “Estou ouvindo música!” O amigo nada ouvia. Arrebatado, Mozart começou a compor nova peça, que seria a última. Ao terminar, chamou sua filha Emelia, mostrou-lhe o manuscrito e disse: “Vem, minha Emelia, minha tarefa está concluída: terminei meu *Réquiem*!” Emelia tomou o manuscrito, cantarolou algumas passagens e, ao voltar-se para seu pai, encontrou-o morto.

Sobre a música celestial que Beethoven e outros compositores ouviam, o espírito de Mozart, já liberto da carne, deu o seguinte testemunho (*Revue Spirite*, de 1859): “Vós na Terra fazeis música; aqui, toda a natureza faz ouvir sons melodiosos. Há obras musicais e meios de execução de que os vossos não podem sequer dar uma ideia”.

Além de Mozart e Beethoven, sentiam a influência benéfica do mundo espiritual Bach, Tartini, Gluck, Haydn, Wagner. Outros compositores, porém, sofreram o fenômeno espírita de modo desagradável; de acordo, aliás, com a vibração menos moralizada de seus pensamentos. Chopin, muitas vezes, foi possuído por visões medonhas que o deixavam aterrorizado. Boa parte de suas músicas retraía esses momentos. São peças autobiográficas. Aí a razão de Chopin escrever os seus *Noturnos* e sua *Marcha fúnebre* (talvez, o ponto alto de sua criação) dentro da absoluta escuridão de seu gabinete...

Como Beethoven e Mozart, também Massenet ouvia melodias extraterrenas. Eis seu testemunho pessoal quando o poema sinfônico *Visões* foi interpretado em Leeds, em 1898:

Há alguma coisa de mais ou menos experimental nesta composição, eu desejo que os primeiros que a ouvirem não formem a seu respeito uma ideia falsa. Vou referir-vos a história da sua gênese. Há muito pouco tempo viajava eu no Simplon. Tendo chegado a um pequeno hotel, situado em meio das montanhas, tomei a resolução de aí passar alguns dias numa tranquilidade absoluta. Instalei-me, pois, para gozar um pouco de repouso; mas, na primeira manhã, em meio desse majestoso silêncio das montanhas, escutei uma voz. Que cantava ela? Não sei. Mas sempre essa voz espiritual, estranha, me ressoava aos ouvidos, e eu fiquei absorto em um sonho, nascido da voz e da solidão das montanhas. (*Light*, 1898)

Quanto aos compositores, estes testemunhos do próprio punho bastam.

* * *

Vejam os escritores e poetas. Enorme é o número dos que foram médiuns ou testemunharam fenômenos mediúnicos. Victor Hugo, um dos gênios da literatura mundial, fez experiências com as célebres “mesas falantes” e obteve comunicações do espírito de sua filha Leopoldina e de eminentes intelectuais falecidos. Seu parecer sobre o espiritismo é este: “A mesa que gira e fala foi muito ridicularizada; falemos claro: essa zombaria não tem alcance. É do rigoroso dever da ciência sondar todos os fenômenos. Evitar o fenômeno espírita, negar-lhe atenção, é negar atenção à verdade!”

Victorien Sardou, famoso teatrólogo, membro da Academia Francesa, era médium desenhista. Conan Doyle, o criador da personagem Sherlock Holmes e precursor da polícia científica, estudou a fundo o espiritismo e chegou a escrever, entre outras, uma obra histórica sobre o assunto. Balzac, por muitos críticos considerado o maior romancista do mundo, era médium curador, e

da leitura de suas obras *Louis Lambert*, *Seraphita*, *Ursule Mirouet* etc. deduz-se o quanto conhecia ele os fenômenos mediúnicos e os problemas da vida extraterrena. Compreende-se, assim, haja Balzac afirmado: “Temos de viver novas existências até chegar ao caminho onde a luz brilha. A morte é a estação desta viagem”. (*Seraphita*)

Théophile Gautier, o grande vulto do romantismo francês e o primeiro a escrever um romance espírita (é autor de trezentas obras!), colocou suas crenças na novela *Spirite*, publicada em 1866, cujo enredo lhe foi sugerido pelos ensinamentos espiritistas. É o caso, aliás, da notável escritora (Prêmio Nobel) Selma Lagerlof e do historiador Michelet com seu livro *L'Amour*. William Blake via e ouvia espíritos desde os quatro anos de idade e suas poesias ele confessou que as escrevia inspirado pelo espírito Milton. Musset via e ouvia espíritos e, não raro, caía em transe mediúnico. O mesmo acontecia com Shelley, o qual “sonhava desperto, numa espécie de abstração letárgica que lhe era habitual; e, depois de cada acesso, os olhos lhe cintilavam, os lábios se agitavam em crispações, e sua voz tremia de emoção. Ele entrava numa espécie de sonambulismo, durante o qual sua linguagem era antes de um espírito, ou de um anjo, que de um homem” (Félix Rabe, *Vie de Shelley*). Victor Hugo, em sua obra *William Shakespeare*, à página 50 nos conta que “Forbes, no curioso fascículo compulsado por Warburton e perdido por Garrick, afirma que Shakespeare se entregava à magia e que em suas peças o que havia de bom lhe era ditado por um espírito”.

Segundo informação do cientista Albert de Rochas, Leon Tolstói viu a levitação do médium Home, o qual fez duas sessões em São Petersburgo (vide a obra *A levitação*).

Heine não negava que era médium. Em sua tragédia *W. Ratcliff*, diz no prefácio:

Escrevi *William Ratcliff* em Berlim, sob tílias, nos derradeiros dias

de 1821, enquanto o sol com seus enlanguescidos raios iluminava os tetos cobertos de neve e as árvores despojadas de suas folhas. Escrevia sem interrupção e sem fazer emendas. E ao passo que escrevia, parecia-me ouvir por cima da cabeça um como que ruflar de asas. Quando referi esse fato aos meus amigos, jovens poetas berlinenses, eles se entreolharam de um modo singular e me declararam unanimemente que, escrevendo, nada de semelhante a isso haviam jamais observado.

Vale a pena acrescentar que essa tragédia de Heine é eminentemente espírita; nela a ação se desenrola sob a influência do mundo dos espíritos, da mesma forma que *Macbeth* e *Hamlet*, de Shakespeare. Neste sentido, estas três obras são vigorosas contribuições à literatura espírita; como a *Divina comédia*, de Dante, *O paraíso perdido*, de Milton, e o *Fausto*, de Goethe.

Bernard Shaw e Paul Adam também escreviam, muitas vezes, sob a influência de espíritos. Este último, em *Le Journal* de 5 do agosto de 1899, assim confessou sua mediunidade:

Fui poderoso médium escrevente. A força que me inspirava tinha tal intensidade física que obrigava o lápis a subir sozinho pelo declive do papel, que eu inclinava com a mão contrariamente às leis do peso. Essa força não somente via no passado, que eu ignorava, como possuía a presciência do futuro. Suas predições eram de surpreendente realização, visto como nada, absolutamente nada, podia fazer prevêê-las.

Shaw (Prêmio Nobel) escreveu: “Quando pego na pena ou me sento diante da máquina, sou um médium como D. D. Home ou João de Patmos. Minha mãe costumava servir-se de um ‘oui-ja’ que,

debaixo de sua mão, produzia abundantemente o que se chama ‘escrita automática’”. E o teatrólogo considera que “o mesmo poderemos dizer das Escrituras que a igreja afirma serem a palavra de Deus ditada de maneira supranormal a médiuns cristãos, que a transcreveram literalmente, como qualquer carta ditada pelo patrão ao empregado”.² Conta Bernard Shaw que quando o corpo de sua mãe foi cremado viu o espírito dela, rindo, ao seu lado. E mais: “Eles colocaram suas cinzas em uma peneira, que agitaram, surgindo, assim, uma boa quantidade de pó e outra de fragmentos de ossos. Minha mãe, então, disse-me ao ouvido: ‘Qual dos dois montes sou eu?’” E Shaw conclui: “Ó sepultura, onde está sua vitória?” Não era sem razão que Shaw dizia: “Não será esta nossa terra o inferno e não estaremos todos aqui expiando os crimes que cometemos numa existência anterior?” A evolução criadora que apregoava como religião outra coisa não é senão o espiritismo velado: “A Evolução Criadora é uma religião, diz ele; contudo, repito, é também uma ciência, como deve sê-lo em nossos tempos toda religião que queira sobreviver” (*Bernard Shaw*, de Frank Harris). Ora, o espiritismo não se baseia na evolução e ao mesmo tempo não é ciência e religião?

Continuemos, a fim de mostrar ao leitor que o fenômeno espírita e o próprio espiritismo não foram, apenas, aceitos pelas classes menos cultas, como certa corrente insiste em fazer crer.

Espíritas confessos foram os escritores J. B. Priestley, autor das peças *Eu já vivi aqui* e *O tempo e os Conways*, já publicadas entre nós; Walter de la Mare, o grande poeta inglês sobre quem faremos um capítulo em separado; Dorothy Thompson; Shaw Desmond, conhecido teatrólogo e médium; Gardner Murphy; Salvador Sellès, poeta espanhol que mereceu o título de Cidadão Honorário da República; Mercedes Pinto, escritora cubana; Jacinto Benavente, detentor do Prêmio Nobel de Literatura; E. Tabes; Wilhelm Spaun; Gomes Leal, poeta português, rival de Guerra Junqueiro; Mary

Pickford, célebre atriz e autora da obra *Por que não olhar o Além?*; Greta Garbo, outra artista genial de cinema, por diversas vezes declarou: “tenho a sensação incrível de haver vivido antes” (outras vidas); Florence Marryat teve a ventura de assistir a sessões de materialização em casa do sábio William Crookes e, entre as suas obras, uma há de grande importância: *O mundo dos espíritos*; Hasdeu, célebre historiador e filósofo romeno, graças às manifestações do espírito de sua filha veio a escrever a obra espírita *Sic cogito*; Robert Louis Stevenson, autor de inúmeras obras-primas, entre as quais *A ilha do tesouro*, foi secretário da primeira sociedade espírita de Edimburgo (Escócia); Frédéric Mistral, poeta francês, Prêmio Nobel, autor da obra-prima *Mireille*, assombrou-se diante dos fatos espíritas;¹⁰ Sully-Prudhomme, também Prêmio Nobel, deixou alguns poemas espíritas (*O estrangeiro* é belo exemplo) e teve oportunidade de assistir a fenômenos em Anteil, em 1901, em companhia de cientistas e da médium Eusápia Palladino; Rosamond Lehmann; Eugène Nus converteu-se e tornou-se um excepcional divulgador da verdade espírita; Coppée ouvia espíritos e era reencarnacionista; Edgard Quinet foi médium de transporte. Escreveu o crítico literário Ledrain em artigo publicado no *Eclair*, em 1903:

Ao mesmo tempo em que o mundo visível o extasiava, tinha ele (Quinet) os olhos fixos no mundo invisível. Foi um fervoroso espiritualista, como todos os de sua geração, como Lamartine, Victor Hugo, Michelet. Acreditava na “cidade imortal das almas”, na pátria de onde não se pode ser banido por homem algum. O sopro de não sei que país supraterrrestre em certos momentos o envolve e transporta como um suspenso em asas, aos espaços infinitos.

Gabriel D'Annunzio fez sessões com a médium Bice Valbonesi, em 1924, e viu aparições; Axel Munthe, autor do *Livro de San Michele*, foi médium curador, como Balzac; Rilke, o gigante da moderna poesia, confessava que via e ouvia espíritos; Alexandre Dumas, em casa de Victor Hugo, em Jersey, viu fenômenos espíritas; Oscar Wilde, para redigir sua famosa novela *O fantasma de Canterville*, leu obras espíritas, o que está explícito neste rodapé inserido no segundo capítulo:

William Henry Myers, poeta e ensaísta inglês, chefiando um grupo de investigadores que compreendia, entre outros, F. Podmore, Henry Sidgwick, Richard Hodgson e Edmond Gurney, fundou em 1882 a Sociedade de Estudos Psíquicos. Myers cooperou na introdução da obra *Fantasmas que vivem* (dois volumes, 1886) e publicou, também, em 1893, *A ciência e a vida futura*.

Goethe possuía qualidades mediúnicas: desdobramento, vidência, efeitos físicos. O dicionarista Maurice Lachâtre, autor de *História dos papas* e *História da Inquisição*, assim se exprimiu acerca do espiritismo: “A doutrina espírita encerra em si os elementos de uma transformação de ideias, e esse título merece a atenção de todos os homens de progresso. Sua influência, estendendo-se já sobre todos os países civilizados, dá ao seu fundador uma importância¹¹ considerável e tudo faz prever que, em futuro talvez próximo, Allan Kardec será tido como um dos reformadores do século 19” (vide *Dictionnaire*, de Maurice Lachâtre). E como não citar esta frase tristemente ainda oportuna do historiador Eugène Bonnemère: “Como todo o mundo, eu também me ri do espiritismo, mas o que eu pensava ser o riso de Voltaire não era mais que o riso do idiota...” (vide *L'âme et ses manifestations à travers l'histoire*).

No Brasil também é grande o número de homens famosos que foram espíritas; nomes que se nos afiguram importantíssimos à elaboração de uma futura *História do espiritismo no Brasil*.

Recordo de início o marquês de Maricá, precursor das ideias espíritas em nossa terra, autor de *Máximas, reflexões e pensamentos*; Melo Moraes, notável historiador; José Bonifácio de Andrada e Silva, a principal figura de nossa independência; Pedro de Araújo Lima (marquês de Olinda), um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico; visconde de Uberaba; Quintino Bocaiuva, espírita fervoroso, o qual foi visto, muitas vezes, subindo as escadas da Federação Espírita Brasileira a fim de solicitar receita mediúnica para seus males físicos...

Fora estes grandes vultos que, com certeza, fizeram experiências mediúnicas antes do aparecimento da obra de Allan Kardec no Brasil (e este é um fato muito simpático e representativo para o Brasil do futuro), há outros que precisam ser lembrados. Mas, a partir de agora, vamos nos deter, exclusivamente, nos poetas e escritores, deixando de lado os engajados no movimento espírita, como Carlos Imbassahy ou Deolindo Amorim, J. Herculano Pires ou Léon Denis. A exceção é Conan Doyle por tratar-se de um escritor mundialmente célebre, fora do movimento doutrinário.

¹ Charles Richet reuniu suas experiências em livros vários. Os mais importantes são: *O tratado de metapsíquica*; *Sexto sentido* e *A grande esperança*.

² William Crookes (vide a obra à qual a FEB deu o título de *Fatos espíritas*).

³ Paul Gibier (vide *Análise das coisas* e *O espiritismo*).

⁴ Da convicção espírita de Franklin diz bem o epitáfio que o célebre inventor mandou gravar em sua lousa: “Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, como a capa de um velho livro, cujas folhas fossem arrancadas e o título e a douração apagados; mesmo assim a obra não ficará perdida, pois ela reaparecerá em uma nova e melhorada edição, revista e corrigida pelo autor”. Marconi também não ficou alheio ao fenômeno espírita. Estudou ele, em companhia do professor F. Vitali, os fenômenos luminosos, produzidos pela médium Ana Monarola. Sobre Edison, há este testemunho de Henry Ford, publicado nos jornais logo após a morte do grande inventor: “Edison acreditava na vida futura. Ele foi, sem dúvida, num grande período de sua vida, materialista, preocupado com realizações imediatas, e o problema do além-túmulo não ocupava sua atenção. Nos seus últimos anos, porém, ele orientou algumas de suas pesquisas no sentido de facilitar, por meio de aparelhos científicos, as comunicações entre os vivos e os mortos”.

5 O professor Silva Mello, da Academia de Ciências, escreveu uma volumosa obra contra os espíritas, refutada, aliás, pelo brilhante médico Sérgio Valle. O próprio Silva Mello, porém, nos explica a razão de seu ataque ao espiritismo.

“Confesso humildemente que tive sempre, tão longe quanto possa pensar, tremendo medo de fantasmas e assombrações, medo que continua a perdurar apesar de ter deixado, há muitas dezenas de anos, de neles acreditar. O fato é que ficou gravado definitivamente, tendo desafiado todos os esforços da minha lógica e até o auxílio de célebres psicanalistas. Trata-se de um fantasma invisível, que não aparece, que não faz ruído, que não tem nada de maléfico e, por isso, nem medo nem pavor deveria causar. É noturno, só da escuridão. Deve manifestar-se por um leve sopro atrás da orelha ou da nuca, um toque muito ligeiro, quase imperceptível, numa das faces, talvez na própria mão, sobretudo numa perna deixada descoberta, por exemplo, ao descer do leito no escuro. E seria só isso. Absolutamente nada mais. Mas o medo é tão grande, tão intenso, que pode fazer arrepiar os cabelos, disparar o coração, resultando daí uma imobilidade pétreia, pois qualquer movimento parece que será motivo para o fantasma executar a ação que está sendo temida. Daí, a imobilidade, a falta de coragem para sair da cama ou executar livremente qualquer movimento. Por essa simples razão, nunca usei nem talvez nunca ousaria dormir sozinho numa casa isolada ou mesmo num quarto muito afastado de outros habitados. Eis a situação em toda a sua ridícula simplicidade.”

Compreende-se, pois, perfeitamente, que o professor Silva Mello, sendo vítima de uma obsessão por parte de um espírito trevoso, revidasse ao ataque escrevendo uma obra contra o espiritismo. Mas, exagerou. Afinal de contas, o espiritismo não pode ser responsável pelas atitudes malélicas de certos espíritos. O professor Silva Mello, revoltado com o obsessivo que o fazia ter “tremendo medo de fantasmas e assombrações”, ao invés de procurar um bom centro espírita e livrar-se do incômodo “vizinho” através de doutrinações evangélicas, foi procurar sessões de psicanálise! Não viu o professor que o espírito outra coisa não fazia ao seu lado senão mostrar, com fatos, que o mundo espiritual é uma realidade?

6 Affonso Esquirós (vide *Confession d'un curé de village*).

7 A filosofia de Bergson encontra afinidades com o espiritismo. A base do bergsonismo é a intuição, sempre posta em plano secundário pelos filósofos antigos até Spencer. Ora, a intuição foi, primeiramente, pelo espiritismo valorizada! Mas, a filosofia espírita avança mais: ensina que à intuição se prendem várias faculdades medianímicas, como a premonição e a clarividência (Denis). Bergson não avançou tanto, talvez por falta de experimentações abundantes, embora escrevesse extenso trabalho em 1904 sobre a “Visão de clarões na obscuridade pelos sensitivos” e tivesse oportunidade de assistir a sessões espíritas em Paris com médiuns célebres.

Quem não encontra no evolucionismo de Bergson a influência do evolucionismo espírita? Porque o transformismo de Bergson é extraordinariamente espiritualizado e suas raízes estão na reencarnação. Sua teoria da vida universal já havia sido antes apregoada através de comunicações mediúnicas. O mesmo pode dizer-se das suas ideias sobre a liberdade do homem. A filosofia, dizia Bergson, “é o aprofundamento da transformação em geral, o evolucionismo verdadeiro e, por conseguinte, o verdadeiro prolongamento da ciência, com a condição que se entenda por esta última palavra um conjunto de verdades verificadas ou demonstradas” (*Evolução criadora*). Ora, toda a doutrina espírita não está montada neste conceito?

8 Não se pode negar, também, o respeito e a simpatia de Juscelino Kubitschek pelo espiritismo. Não foi em seu governo que veio à luz o selo espírita? Selo que é uma homenagem do governo brasileiro ao primeiro centenário do espiritismo. Outro fato que não pode ser esquecido: Arigó lhe salvou a filha Márcia. O ex-presidente do Brasil, por isso, concedeu o indulto ao médium José Arigó, então condenado pelo Tribunal de Justiça a oito meses de prisão por exercício ilegal da medicina. Arigó era humilde funcionário público e Kubitschek, médico.

9 Bernard Shaw: vide *Le flambeau ardent*, de Simone Saint-Clair; *Bernard Shaw*, de Frank Harris, e o

jornal londrino *Psychic News*, de 11 de novembro de 1972.

10 Mistral: vide a “Resenha do Congresso Espírita e Espiritualista de 1900”, editor Leymarie.

11 Não concordamos com Maurice Lachâtre ao afirmar que Kardec é o fundador do espiritismo; título, aliás, que Kardec sempre recusou. Foi o mestre francês o codificador da doutrina. Fundadores do espiritismo, se a doutrina os teve, seriam os espíritos que trabalharam sob a orientação do Espírito da Verdade. Sobre este ponto, consulte o leitor *O livro dos espíritos* e *Obras póstumas*, de Kardec.

OS NACIONAIS

UM ESTRANHO RELATO DE FAGUNDES VARELA

*Não julgais que em todo este drama há alguma coisa de
além-túmulo?*

Fagundes Varela

FAGUNDES VARELA (POETA PREDILETO DE Castro Alves) por longos anos foi colaborador do *Correio Paulistano*, jornal que ultrapassou um século de vida. Nele fez publicar, para surpresa nossa, dois trabalhos eminentemente espíritas, cujas datas não nos foi dado apurar – seu biógrafo as omite.¹² Trata-se de *As ruínas da Glória*, que reproduziremos a seguir, e *Guarida de pedra*, que pomos de lado por não se tratar de um fato espírita vivido. Os dois trabalhos são curiosas contribuições do grande poeta à já extensa bibliografia espírita nacional, que, assim, mais uma vez se enriquece.

As ruínas da Glória, à primeira vista, poderá dar a impressão de falso testemunho. Explica-se: é que Varela, poeta exuberante e romântico, carrega nas tintas escuras, dramatizando em excesso; como era, aliás, moda. No entanto, há de o leitor verificar que Varela situa o fato, citando o bairro paulista e o local exato em que se processou; para não comprometer os amigos (e não personagens), omite-lhes o sobrenome; e o médico, que aí aparece, é citado com um simples “dr. V.”. Perguntamos: se o trabalho fosse filho da imaginação, para que tantos cuidados? Ainda mais: se fosse

fantasia, por que a preocupação em explicar a fenomenologia, tirando o “suspense” da narração? Por que doutrinar o leitor?

Não podemos classificar o poeta como espírita; mas, se não tivesse visto certos fenômenos, é evidente que estaria ele totalmente incapacitado de redigir as inúmeras páginas de *As ruínas da Glória*.

Quanto ao fato de envolver-se em aventura mórbida, como a que ele próprio conta (não em verso, o que é assaz significativo), não era morbidez uma face do romantismo byroniano, cuja influência maléfica estendeu-se sobre a geração literária do nosso poeta? Varela não pôde esquivar-se da morbidez e quase toda a sua amargurada vida (como a de Álvares de Azevedo, de que *Noite na taverna* é um produto) foi por ela pautada. Sendo, pois, a época de Fagundes Varela dominada pelo byronismo “alucinante e aterrador”, não há de espantar-se o leitor que nosso poeta, então, jovem, tenha se envolvido em uma brincadeira cujas consequências jamais poderia entrever.

Leiamos seu depoimento escrito, certamente, entre 1860 e 1874.

AS RUÍNAS DA GLÓRIA

A pouca distância de São Paulo, a um lado da estrada que vai para Santos, havia um pequeno botequim, ou para melhor dizer, um desses estabelecimentos que os franceses chamam *cabaret* destinados propriamente para beber e palestrar.

Era seu dono um alemão, que, há mais de vinte anos, se achava no Brasil, homem de cinquenta a sessenta anos, rubro, corpulento, porém fleugmático como o são quase todos os filhos dessa bela terra de Schiller.

Por uma noite do mês de outubro achava-me eu e dois amigos nesse botequim. A chuva caía a cântaros sobre a terra, o trovão rugia

no espaço, e a ventania sacudia com violência as vidraças da salinha onde estávamos.

Nossa conversação era alegre e expansiva, os cachimbos fumegavam cheios de excelente *werwick* – e o ponche crepitava diante de nós fazendo voar fantásticamente a sua chama de um belo azul-pálido.

Tínhamos por costume, eu e meus dois amigos, passar o dia todo em casa, e sair à noite – à busca de aventuras, como dizíamos.

Líamos nesse tempo fervorosamente todas as obras sombrias e exaltadas que avivam a imaginação e povoam a alma de quimera e sonhos irrealizáveis.

Semelhantes ao herói da Mancha, nosso cérebro tinha-se embebido dessas ilusões sinistras e o contínuo excitamento da imaginação nos acostumara a viver em um mundo de visões e fantasias.

Eu era um ardente apologista do autor de *Manfredo*, amava a noite e as trevas e em falta de Yung-Fram invocava os meus espíritos do topo de uma colina.

Alberto procurava divisar nas trevas da noite as sombras dos guerreiros. Recitava a maior parte dos poemas de Ossian, e gostava das neblinas, do vento e da tempestade.

Finalmente, José era apaixonadíssimo do desvairado fantasista alemão Krespel, Deunner, Trabacchio e o medonho Copelius de contínuo estavam a seus olhos entre círculos de chamas avermelhadas como ele dizia.

A trindade era perfeita, pelo que se vê.

Conversávamos alegremente; tínhamos bebido nossa boa quantidade de ponche e, depois de muito palestrar, dispúnhamos a sair.

– Vamos – dizia Alberto de pé no meio da sala.

– Vamos – repetimos nós.

– Porém, vejam, senhores, disse-nos o alemão de seu canto, a chuva continua cada vez pior e é uma temeridade...

– Qual temeridade, por algumas gotas de água no lombo não nos devemos amedrontar; vamo-nos embora.

– Acendamos os cachimbos, disse José, e partamos sem demora.

Dito.

Nesse momento a porta abriu-se, uma rajada de vento entrou pela sala e um vulto apareceu no limiar.

– Quem está aí? gritou o alemão.

– Eu! respondeu uma voz rouca.

E o homem entrou para a sala.

Sua figura era alta e magra, seu rosto macilento como o de um cadáver, seus movimentos pausados e lentos.

Sobre o nariz curvo como o bico de um abutre estavam uns óculos azuis, através de cujos vidros se viam brilhar os olhos como dois carbúnculos. A boca era fina e cerrada, a barba lisa e pontiaguda.

Não sei o que havia de frio e tumular naquele homem que nos impressionou; dir-se-ia o fúnebre hóspede da balada alemã, o visitante sinistro que coberto da poeira da campa deixava o cemitério para ir bater à porta de um castelo em noite de festa.

– Que quer o senhor? perguntou-lhe o alemão.

– Velas, e uma garrafa de vinho – respondeu o desconhecido depositando o dinheiro sobre a mesa. Depois voltou-se e principiou a contemplar-nos atentamente.

Palavra que seu olhar me derramava uma sensação inexplicável pelo corpo; era como a lâmina de um florete que me ia tocar no coração.

A voz do alemão veio tirá-lo de sua contemplação.

– Eis aqui o que pediu – disse ele.

O desconhecido tomou as velas e a garrafa, pô-las embaixo do capote e saiu.

– Quem é este homem? perguntei ao dono da casa.

– A falar-vos a verdade, não sei; há perto de um ano que ele anda por estes arredores, aparece várias vezes por aqui, e tenho ouvido dizer que se hospeda nas ruínas da Glória.

– Nas ruínas da Glória! exclamou José.

– Sim, é talvez um mendigo, um vagabundo.

– A propósito, disse Alberto, vamos às ruínas da Glória. Este sujeito me interessa, é uma dessas personagens “hoffmânicas”, que prometem um belo romance! Há naquele tipo todos os requisitos para um livro de lenda, talvez um Castil belga, de Victor Hugo;

vamos à Glória!

– Está dito, vamos descobrir o ninho desta ave noturna; vamos.

E nós nos levantamos a um tempo.

Alguns instantes depois estávamos na estrada e caminhávamos em direção às ruínas da Glória.

A Glória foi antigamente um desses templos vastos e sombrios, que nos países cristãos muitas vezes sói encontrar-se longe do bulício das cidades no seio das montanhas, nas planícies ou nas margens dos rios.

Não era propriamente um convento, um mosteiro, porque nenhuma ordem de monges habitaria aí, porém ao lado da igreja, os grandes salões, os corredores prolongados, os quartos, as celas não tinham sido feitos por luxo ou superfluidade. Dizem que havia ali noutras eras um seminário onde os moços que desejavam seguir a carreira eclesiástica se recolhiam e estudavam dirigidos por um bispo santo e ilustrado que aí morava.

Poucas ou nenhuma são as informações que tenho a respeito da Glória; mais tarde com a morte do bispo o seminário desfez-se e a habitação ficou deserta.

Longe da cidade, em lugar ermo e agreste, bem difícil era cuidar-se do antigo seminário: o edifício foi-se arruinando com o correr dos tempos de maneira que hoje não é mais do que um resto de demolidas paredes, uma torre erguida entre plantas bravias e um montão de pedras.

No tempo em que se passava esta história havia ainda uma parte do edifício poupada pelo tempo, eram dois salões ainda bem conservados, apesar do limo e da umidade das paredes, algumas câmaras ao rés-do-chão, e uma grande varanda no fim de um corredor cujas paredes ameaçavam cair a cada momento.

Dito isto continuemos a narração.

A chuva tinha cessado o seu ímpeto, porém, o céu era sombrio como uma lousa de mármore sobre um túmulo servindo-me da expressão de Lamennais, e o vento corria gelado e desabrido intronetendo-se pelas dobras de nossos capotes.

Estávamos já perto do portão de lianas e trepadeiras selvagens que precede as ruínas.

Bebemos cada um alguns goles de Kirschenwaser por causa do frio, empurrámos depois a porta e entramos no campo vasto e despido que está diante da arruinada igreja.

Como tudo era triste! Parecia-me que entrávamos para uma região nua e gelada onde a vegetação tentava erguer-se debalde, onde o vento corria sem empecilhos. Lá no fundo, por entre as brumas da noite, a torre erguia-se muda e silenciosa como um imenso fantasma; ou vultos confusos das árvores desenhavam-se por detrás dela agitando-se ao vento da tempestade.

De quando em quando surgia uma chama esverdeada, parecia lamber as ruínas e depois desaparecia; atrás vinha outra, depois outra torcia-se, girava e também se esvaecia, para dar lugar a novas que se erguiam.

Lembrei-me das legendas dos Lutins e Farfadets e confesso que me senti um pouco impressionado; minha emoção aumentou quando contemplei a torre, cuja cúpula de porcelana molhada pela chuva se iluminava de pálido brilho aos fogos errantes da noite.

– Vê, Alberto, como é triste assim aquela torre! Dir-se-ia o rei das florestas com seu diadema de fosforescências.

– É verdade, respondeu-me Alberto, lembra-me...

E o meu amigo começou a recitar aquela balada de Goethe intitulada – “Der Koenig”.

A poesia era triste e funérea; quando Alberto acabou de recitar, todos estávamos trêmulos e impressionados; olhávamos uns para os outros receosos e depois transportávamos os olhares para a sombria torre que se erguia ao longe e na sua tenebrosa mudez pareceu ter-se vestido com toda a majestade sinistra do Rei dos Aulnes.

– Para diante! gritou José. E nós nos encaminhamos para as ruínas. Ao chegar junto delas uma coruja ergueu-se arrebatada e foi pousar, piando lugubrememente, sobre as denegridas muralhas.

– Mau, mau – murmurou José.

Paramos. Estávamos junto ao vestíbulo.

– Então? Ninguém entra? perguntou Alberto.

Eu e José ficamos quietos e mudos.

– Ah! Têm medo! Pois eu vou. Dizendo isto, afastou com uma bengala as plantas bravias que interceptavam a passagem e

desapareceu pelo vestíbulo arruinado.

Nós ficamos algum tempo a olhar um para o outro, depois José me disse:

– Ele volta já: eu o conheço; vendo que o não acompanhamos não terá ânimo de continuar.

Depois de esperarmos algum tempo, como Alberto não aparecia, eu disse a José:

– Vamos, que diabo de medo tens tu?

– Espera – retorqui-me ele.

– Deixo-te só se não vens – e adiantei-me para o vestíbulo. José seguiu-me.

Passando o vestíbulo subimos um pequeno degrau de pedra; um corredor frio e tenebroso apresentava-se diante de nós; José parou:

– Ah! tu não entras? disse eu, espera; e enfiei-me pelo corredor; meu companheiro deu um salto e uniu-se a mim.

Seguimos pelo corredor adentro; o ar era branido e de um cheiro estranho, o chão escorregadio, as trevas cercavam-nos profundamente, e nós caminhávamos tateando.

Três minutos tínhamos talvez andado quando pelo ar mais frio e desembaraçado, por esse zunido agudo e contínuo que julgamos ouvir no silêncio, percebemos que estávamos em um salão: então eu parei, José segurou-se a meu braço.

– Fiquemos aqui, disse eu, gritemos por Alberto; há já bastante tempo que nos deixou.

Três vezes repetimos gritando o nome de nosso amigo e nossa voz retumbou lugubrememente pelos desertos recintos, os morcegos agitaram-se no ar batendo as longas asas, porém, ninguém respondeu.

– E esta? chamemos novamente por ele.

– Alberto! Alberto!

Mesmo silêncio; a noite era fria e tempestuosa, as aves noturnas piavam dolorosamente, porém nosso amigo não respondia.

Uma ideia sinistra passou-me pela cabeça.

– Vamos para diante, José; vamos para diante, repeti aceleradamente.

Então principiamos a errar pelas trevas, o recinto parece que

amplificava cada vez mais suas paredes, porque nós andávamos e não encontrávamos um termo!

O chão era úmido e escorregadio, o ar prenhe de um aroma estranho, um cheiro de ruínas, um odor de sombria antiguidade.

– Oh! gritemos de novo, disse eu, trêmulo e assustado.

– Alberto! Alberto! clamamos com todas as forças dos pulmões.

Porém nada! Apenas um gemido abafado e doloroso chegou a nossos ouvidos.

– Deus! clamamos horrorizados. Afastei um passo. José tremia convulsivamente agarrado a mim.

De repente uma luz surgiu ao longe e o vulto de um homem atravessou lentamente o fundo do aposento. Reconheci imediatamente o desconhecido do botequim, porém, longe de nos tranquilizar, a sua presença veio aumentar o nosso terror.

Com efeito, era-lhe medonha a figura naquele momento.

O esverdeado cadavérico no rosto crescia ao clarão mortiço da vela, seus óculos azuis davam aos olhos um aspecto de duas negras concavidades, a cabeça calva e reluzente semelhava uma fronte de morto! A funérea solenidade do seu andar, a imobilidade do rosto fazia-me recordar todas as lendas que ouvira na minha infância.

Depois de haver atravessado lentamente o fundo do salão, chegando perto de um corredor, voltou o rosto para trás, exalou um gemido e desapareceu.

Parecia-me que as trevas se condensavam em torno de nós. A figura do desconhecido, entretanto, não me saía dos olhos e eu julgava ainda ouvir aquele doloroso gemido que lhe escapara do seio.

Oh! é talvez um desgraçado! disse eu comigo, para que hei de temê-lo? Vítima do mundo e dos homens, vem talvez deslembrar seus martírios na triste quietação destas ruínas!... Porém, onde está Alberto, meu Deus?...

– Voltemos, voltemos – dizia José, talvez ele já saísse.

– Custe o que custar! clamei eu desesperado, devesse eu morrer, é preciso buscá-lo! Vamos.

– Mas, para onde? Para onde? dizia José, não vês que tudo é escuro, que não conhecemos estes lugares?...

– Pois então gritemos – repliquei.

– Para quê? Não nos temos cansado de gritar?...

– Ah! Ocorre-me uma ideia, exclamei, puxando José pelo braço.

– Qual?...

– Chamemos o desconhecido – disse eu com mais força; o caso é sério e devemos banir estes terrores infantis.

E sem esperar mais tempo pus-me a gritar.

– Oh! senhor! Oh! senhor destas ruínas! Oh! lá!...

– Oh! lá...

Poucos minutos depois a luz apareceu e o sombrio habitador das ruínas apresentou-se no limiar de uma porta, mudo, impassível como uma estátua; através porém de seus óculos os olhos vivos e penetrantes como pontos de florestas estavam fixos sobre nós.

Senti-me esmorecer-me um momento, porém, lembrei-me de Alberto, a resolução voltou.

– Senhor, disse eu, um nosso companheiro... um amigo que veio conosco desapareceu aqui, nós o buscamos, porém é impossível achá-lo sem vosso auxílio, socorrei-nos, pois.

O desconhecido abanou lentamente a cabeça, e disse com voz rouca e pausada:

– Moços, fizestes mal, muito mal em vir a estas horas; há trinta anos que um drama de lágrimas e de sangue reproduz-se aqui todas as noites entre o pio das aves e o sibilo do vento! Fizestes mal, muito mal em vir aqui!...

Senti-me possuído de um terror inexprimível a estas palavras e José agarrou-se lívido a meu ombro. Entretanto, era preciso ver o fim de tudo isto, saber de Alberto; venci a minha repugnância e continuei:

– Mas atendei, senhor, é impossível agora partirmos sem o nosso companheiro, ajudai-nos a procurá-lo, nós vos seremos reconhecidos.

Nesse momento um turbilhão de vento úmido e gelado entrou pelo vasto recinto e o trovão fez-se ouvir surdo e medonho no céu.

– Vedes? murmurou o velho, a tempestade principia a sua orquestra, em breve tempo os acordarão para cantar a monodia dos túmulos!... Muitos são os que repousam aqui! Muitos!... Entre eles há vinte anos que minha filha dorme no seu leito de pedra, vestida ainda com as suas roupagens de noiva e a sua coroa de ciprestes! Tenho chorado lágrimas de sangue, tenho me arrebatado em

soluços há dez anos sobre os ladrilhos de sua sepultura, para que ela me diga uma dessas palavras ternas e doces que repetia outrora nos braços de seu noivo, para que ela me perdoe! Porém, tudo é baldado!

E o desconhecido calou-se; eu estava impressionado, não mais de terror, porém de uma tristeza sombria, de uma compaixão sem termos.

No entanto a tempestade crescia e o vento uivava dolorosamente nos arvoredos lá de fora.

– Bem – disse o desconhecido, lentamente do vão da porta, vamos procurar o vosso companheiro, quero ficar só, quero que saiais o mais depressa possível, vamos.

Começamos então a errar pelos aposentos sombrios do arruinado edifício; adiante ia o desconhecido com a vela na mão, lento e pausado, eu o seguia; José era arrastado por mim, lívido e convulso.

Depois de termos atravessado em vão alguns aposentos e corredores, depois de havermos gasto talvez um quarto de hora nessa sombria procissão, um gemido doloroso e pungente como partido de um leito de morte chegou a nossos ouvidos.

Meus cabelos se eriçaram; José deu um grito e puxou-me para trás.

– Oh! murmurou o velho, é do leito dela que saiu aquele gemido! Sim, porque é aí que ela dorme! Oh! Deve-lhe doer muito a ferida que tem no seio, que verte continuamente ondas de sangue!... Muito!

Assim falando caminhou para o lugar donde partira o gemido; era no fundo de um pequeno aposento, de uma porta que dava para um jazigo.

Chegando aí ergueu a vela à altura da cabeça para melhor ver; por detrás dele mergulhei ávidos olhos no jazigo; um homem estava de braços no chão e sua respiração soava estrepitosa.

Recuei um passo.

– Aproximai-vos, aproximai-vos, vinde vê-lo, é o vosso amigo! Através dos frios ladrilhos que segredos não terá ele murmurado à minha filha!

Cheguei-me de novo e contemplei atentamente o vulto; era Alberto, não havia duvidar-se.

Tomei-o nos braços, ergui-o, estava lívido e banhado em suores

frios, seus dedos crispados pareciam cerrar fortemente alguma coisa.

– Alberto! exclamei, procurando pô-lo de pé; ele abriu os olhos, correu-os em torno, desvairado, como se procurasse alguém e depois tornou-os a cerrar exalando um suspiro.

– Ajudai-me a levá-lo – disse eu a José, e saímos.

Poucas horas depois tínhamos conseguido chegar a casa; Alberto ressonava febril e em seu leito; José tinha ido ver o médico e eu velava o doente.

* * *

Três dias tinham decorrido depois dessa noite sinistra; à cabeceira de Alberto, de quando em quando, aparecia a figura calma e pálida do dr. V., que examinava atentamente o doente e depois retirava-se para conversar comigo e José.

O delírio e a febre não tinham abandonado o pobre mancebo; de contínuo, no seu desvairar, ele repetia palavras suplicantes, parecia invocar uma personagem desconhecida, depois supunha apertar no seio alguma imagem querida e encontrando o vácuo caía desmaiado sobre o travesseiro.

Dessa noite fatal uma impressão profunda tinha-me ficado na alma; aquele velho estranho, suas palavras fantásticas, tudo estava vivamente gravado em minha imaginação.

José estava ocupado, Alberto livre um momento de seu delírio parecia dormir; aproveitei a ocasião para conversar com o dr. V. e ver o seu modo de pensar a respeito de todos esses fatos extraordinários.

Era o dr. V. um homem de cinquenta anos, sua mocidade tinha-se passado debaixo do céu brumoso da Alemanha para onde o mandara seu pai estudar.

Apesar de ter no cérebro um mundo de inteligência e de conhecimentos, o dr. V. tinha um modo de pensar estranho e admitia as crenças mais absurdas.

A Alemanha é o país das alucinações da inteligência, disse-o Gerard de Nerval,¹³ dos abismos da ciência germânica partem vapores que atordoam o espírito. O doutor tinha-se embebido de

todos esses sonhos nebulosos, de todos esses sistemas extraordinários de excentricidade que povoam a terra de Schiller e de Goethe.

– Muitas vezes ouvi eu o som da rebeca gemedora de Krespel, dizia-me ele, e o eco dos sinos de cristal debaixo do sabugueiro; Klein Zach é uma realidade na Alemanha, e os Copelius encontrei-os aos centos.

– Bem, doutor, disse-lhe eu, depois de haver ainda uma vez contado a história da noite das ruínas; disse-me francamente o vosso modo de pensar a respeito disto, não julgais que em todo este drama há alguma coisa de além-túmulo?

– Quem sabe? murmurou o doutor limpando amorosamente os vidros dos óculos com o lenço de assoar, quem sabe?...

– Porém, disse-me, a aparição dos espíritos não repugna a razão, não é contrária à ideia de bondade e justiça que depositamos em Deus?

– A crença no mundo tenebroso, respondeu-me o doutor, tem existido em todos os povos, em todas as gerações. Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, e Legendre, no seu *Tratado da opinião*, dizem que negar o prestígio dos demônios e dos espíritos é não crer na Escritura Santa; a Bíblia nos fala da aparição de Samuel e muitos outros fatos sobrenaturais; Suetônio conta que, depois de assassinado, Calígula errava em seu palácio à noite, sob a forma de uma larva gemedora. Além disto, a razão nos atesta claramente que depois desta vida haverá um lugar de recompensa e outro de punição; ora, quem nos diz que a felicidade dos bons não será uma vida nova em um planeta de delícias, e o castigo dos maus errarem continuamente por esse mundo em que viveram até que na consumação dos séculos, quando estiverem purificados dos seus delitos, mergulhem-se no seio da divindade de que são aparências?

Confesso que gostei desta tirada panteísta do doutor. Tive sempre uma inclinação irresistível pelas doutrinas de Spinoza.

Restava-me, entretanto, uma dúvida.

– Admito a vossa hipótese, porém, disse-me, que culpa têm os vivos em tudo isto para serem perseguidos pelas sombras e aparições?...

– Os espíritos, replicou o doutor sorvendo uma pitada de rapé, os

espíritos também são muitas vezes emissários da divindade; ora é para punir um malfeitor que eles aparecem, ora para um aviso celeste, ora, enfim, para aliviar muitos sofrimentos. Assim aparecem aos assassinos, as sombras de suas vítimas, aos virtuosos o espectro do finado que lhes vêm pedir orações, aos mancebos a imagem de suas noivas ou amantes, morta na flor dos anos...

Nesse momento um gemido triste e prolongado partiu do seio de Alberto, eu e o doutor voltamo-nos vivamente para o leito do doente.

Alberto tinha-se solevantado no travesseiro e com a boca espumante, os braços estendidos, os olhos inflamados e sanguinolentos olhava fixamente para o fundo do aposento e murmurava: – Vem! Vem!...

– Meu Deus! Doutor, o que será isto, vede como está! exclamei eu.

– Oh! Dá-me um pano de tua branca vestimenta, anjo de asas douradas e diadema de luz!... Leva-me contigo para o país dos sonhos eternos. Vem porque minha alma chora de amores por ti!

Dizendo estas palavras o moço escondeu o rosto abrasado nas mãos e caiu esmorecido sobre o leito.

– Vedes? disse o doutor com voz sinistra, vedes?

– Sabe Deus só o que vai por aquela cabeça.

Uma dor amarga e sem limites passou-me pela alma, encostei a fronte sobre a mão e comecei a pensar.

Seriam onze horas da noite, tudo estava quieto e silencioso, uma bugia ardia junto do leito do doente, o resto perdia-se na sombra.

De repente um calafrio correu-me pelo corpo, ergui-me pálido.

– Que tendes? perguntou-me o doutor.

– Não ouvistes um ruído de passos ali no fundo? disse eu apontando.

– Não – respondeu-me o médico.

Nesse momento o ruído fez-se ouvir de novo, porém mais pronunciado, mais distinto.

O doutor, até ali impassível, franzia o sobrolho e levantou-se.

– Por Deus que agora ouvi eu! exclamou, tomando a vela e dirigindo-se para o fundo do aposento. Eu o segui.

Tudo estava sossegado; nada de mais havia ali.

– Vede! no entanto eu ouvi bem distintamente um arrastar de passos.

– E eu!

O doutor voltou lentamente e colocou a vela sobre a mesa e pôs-se a meditar; pensativo sentei-me também. Alberto ressonava suarento e febril, e a vela ardia muda e silenciosa no seu castiçal de bronze.

Alguns dias passaram-se depois disto; o delírio tinha abandonado Alberto, porém o moço estava lívido e descamado e sua razão parecia ter-se abalado profundamente.

Uma noite, tinha o dr. V. ido à sua casa fazer algumas determinações, José o acompanhara e eu apenas achava-me ao lado do doente. Depois de me haver tristemente contemplado com seus olhos amortecidos, meu pobre amigo tomou-me a mão e disse:

– Eu sei que não me levantarei mais daqui, por isso é preciso que te conte tudo, tudo antes de morrer...

– Morrer! Alberto, não digas isso! exclamei aproximando-me mais do leito.

– Não me procures iludir, prosseguiu ele, a voz que me murmurou esta sentença ainda a tenho eu no ouvido; escuta-me.

Ele acomodou-se um momento no seu leito e continuou:

– Naquela noite em que fomos às ruínas afastei-me de ti e de José, bem te lembras: enfiei-me pelos corredores e aposentos e depois de errar alguns momentos, senti uma curiosidade irresistível, uma atração insuperável chamar-me para um ponto das ruínas; caminhei; de repente, uma espécie de harmonia misteriosa, doce, baixinha, chegou-me ao ouvido e um clarão tépido e brando veio de longe ferir-me os olhos, adiantei-me mais, então divisei um vulto de mulher que me estendia os braços. Oh! ela era bela como um anjo de Deus; seus longos cabelos de reflexos dourados escapavam em ondas de uma grinalda do cipreste que tinha na cabeça, seus olhos eram puros e meigos, sua tez branca como a neve, de um lado do seio suas alvas roupagens estavam caídas, e uma onda negra de espumoso sangue corria em borbotões de uma larga ferida, e ensopava-lhe a vestimenta.

Fiquei estático no meu lugar, imóvel como se fosse ferido do raio. Então a sombra moveu imperceptivelmente os lábios e sua voz

harmoniosa me chegou aos ouvidos: – Vem! dizia ela. Eu ouvi, meu amigo! Eu ouvi, disse Alberto incendiando os olhos, não foi ilusão; tão certo como estou nesse leito de morte e como só sairei para o cemitério, eu a ouvi!

Segunda vez mais lânguida, mais triste ela me disse: – Vem! ... Então um calafrio de felicidade correu-me pelo corpo, minhas artérias bateram com violência e eu estendi o braço dando um passo. Tudo desapareceu e eu apenas encontrei o vácuo, caí... Quando despertei tu me erguias.

Alberto respirou um momento e com voz cansada continuou:

– Agora todas as noites eu a vejo bela, ensanguentada sempre! Eu a vejo e amo-a porque ela é um anjo, porque ela me chama! Eu não posso mais viver, há uma voz que me murmura na alma que quando o gelo da morte me cair sobre os olhos eu serei eternamente feliz. Oh! eu não quero mais viver!

Dizendo isto, Alberto caiu desanimado sobre o travesseiro. Um momento depois dormia um profundo sono. À noite chegou o doutor.

– Como vai o moço? disse.

– Melhor, falou sossegadamente comigo e depois adormeceu; notei-lhe apenas um desânimo e uma tristeza sem termos.

– Bem, vamos vê-lo.

E o dr. V. encaminhou-se para o leito de Alberto, ouviu-lhe a respiração, passou-lhe a mão pela testa, tomou o pulso e voltando-se para mim disse:

– Sabes uma coisa? Vosso amigo está salvo.

Imensa foi a alegria que senti dentro da alma a estas palavras; parecia-me que tiravam um grande peso de sobre meu peito que despertava de um pesadelo.

Uma hora depois o doutor retirou-se dizendo que como não havia mais perigo era desnecessária a sua presença ali essa noite, que no dia seguinte voltaria.

Como Alberto dormia sossegadamente, deixei um criado junto a seu leito e fui para um quarto descansar um pouco.

* * *

Depois de haver dormido longo tempo, fui despertado pelo criado que me sacudia ansiosamente de um lado para o outro repetindo o meu nome.

– Que diabo é isto? gritei eu, sentando-me na cama.

– Oh! senhor! Levante-se, levante-se depressa que o sr. Alberto morre.

Pular da cama, enfiar meu sobretudo, atravessar a casa e ir ao quarto de Alberto foi um momento.

Quando cheguei o meu amigo estava mais lívido que a morte, o suor corria-lhe em abundância na fronte, seus olhos ardiam de uma chama terrível.

– Alberto! Alberto! O que tens? disse eu arrojando-me ao leito e tomando-lhe a mão.

– Vou morrer, meu amigo! murmurou ele com voz fraca e arquejante.

– Oh! não! Tu não morrerás! exclamei eu. Guilherme, vai à casa do dr. V., dize-lhe que venha a toda a pressa a correr.

– É inútil, murmurou Alberto, é inútil... Sinto já o hálito da morte passar-me pelo rosto, sacudir-me os cabelos!...

– Pelo contrário, meu amigo, o doutor disse que em poucos dias ficarias bom.

– Não me dês esperanças, disse ele, passando a mão pelo rosto onde a morte principiava horrivelmente a sua obra de demolição, não há medicina que me cure! Hoje eu a vi pela última vez, seu rosto estava mais belo do que nunca, porém o sangue que lhe corria do seio era mais abundante! Ela me chamou com ânsia... preciso ir... Há alguma coisa que me diz dentro da alma... que em poucos minutos estarei com ela!

Aqui a voz do meu amigo foi se tornando cada vez mais fraca e rouquenha. Ele pendeu a cabeça ao meu ombro, e eu sentia seu peito ofegar convulsivamente.

Um instante depois ele ergueu de novo a cabeça; seu semblante estava horrivelmente decomposto; então, com essa voz triste e

sumida, voz de moribundo, falou assim:

– No entretanto... quantas saudades... não levo eu deste mundo! Quanta amargura... não tenho agora na alma!...

E as lágrimas precursoras da morte, gota a gota caíram de seus olhos.

– Oh! Não ter-vos junto de mim... nessa hora suprema... Oh! meu pai!... Oh! minha mãe!... Não poder vos abraçar e...

Alberto calou-se de novo, sua cabeça caiu sobre meu ombro, de novo a voz dele, surda, murmurou estas palavras:

– Adeus... adeus...

Depois me cerrou a mão fracamente e pareceu descansar um pouco.

Alguns minutos passaram-se e a mão de Alberto que eu guardava entre as minhas, tornou-se gelada: afastei-lhe rapidamente a cabeça do seio, ele rolou inerte sobre o leito. Estava morto!

Nesse momento a lamparina que ardia em um canto exalou seu último clarão e apagou-se. Ouvei então um ruído semelhante ao de um vestido de mulher; depois uma sombra branca, lenta, atravessou diante de mim até o leito de Alberto, e ouvi o estalar de um beijo sobre a face pálida e fria de meu desgraçado amigo; depois resvalando no ar desapareceu a sombra.

Saí doido do aposento. O dia entrava pelas janelas.

– Como vai Alberto? perguntou-me José quando saía de seu quarto esfregando os olhos.

– Já não existe! disse eu soluçando.

– Morto! exclamou José, e lançou-se desesperado em meus braços.

* * *

Dois anos tinham-se passado; de meus antigos companheiros um dormia à sombra dos ciprestes do cemitério, outro tinha partido para onde não o sabia eu.

Por uma tarde de estio eu tinha ido passear ao hospício de alienados de São Paulo. Entre os desgraçados que aí viviam deparei com um cujo aspecto causou-me uma impressão extraordinária.

Seu olhar era sinistro e medonho, seus dentes cerrados continuamente rangiam como os de um animal feroz.

– Quem é este homem? perguntei a um guarda que me seguia.

– É um ente estranho – respondeu-me o guarda, dizem que em um acesso de furor dera uma facada em uma filha jovem e em véspera de casar-se. Principiou a sua loucura por fugir dos homens e da sociedade, morou há três anos em as ruínas da Glória...

– Ah! Esperai! clamei eu contemplando fixamente o louco.

Era o desconhecido; sim, era o hóspede das ruínas, porém horrivelmente mudado. Ao reconhecê-lo, todo o drama sombrio do passado passou-me pela cabeça, as lágrimas rebentaram-me aos olhos e eu escapei-me correndo como um doido do hospício de doidos.

Aqui termina o estranho relato de Fagundes Varela. Se se trata de um fato autobiográfico, dirá o leitor lendo, em seguida, os depoimentos, não menos estranhos, porém autênticos, do professor Silveira Bueno e outros. Para quem possui conhecimento de fatos espíritas, o relato do nosso poeta não parece tão “fantástico”. Se tirarmos as frases emocionais de Varela, suprimirmos o clima aterrador, verificaremos que nada tem de espantoso em relação aos que registram a bibliografia espírita nacional e estrangeira. A história se resumiria nisto: um indivíduo vê um espírito feminino, deixa-se fascinar e acaba obsedado, vindo a falecer por inanição. Um caso, pois, simples se compararmos, por exemplo, com os de materialização... O caso de Varela impressiona devido à forma dramática com a qual o poeta o narra e o mórbido local onde se desenrola. Para quem desconhece a época em que viveu Varela causa estranheza fosse ele visitar as ruínas da Glória numa noite tempestuosa, sem que tivesse forte pretexto. Sobre esta questão, no início desse capítulo já explicamos que a geração literária de Fagundes Varela sofreu, sem qualquer filtragem, a influência nefasta de Byron. Influência não só poética, que essa não era para

desprezar-se. Mas, influência de sua vida mórbida, beirando a loucura. Os desvarios do “poeta-lorde” foram imitados por muitos jovens intelectuais do tempo de Fagundes Varela! Citaremos um caso (este, verdadeiramente, espantoso), a fim de documentar o que acabamos de afirmar.¹⁴

Ao tempo em que Fagundes Varela cursava a Faculdade de Direito de São Paulo, alguns de seus colegas resolveram, certa noite, fazer o que eles, risonhos, chamavam de “byronada”. A “brincadeira”, conta Pires de Almeida, então um dos amigos do nosso poeta, constava de um passeio noturno pelo cemitério da Consolação. Passemos a palavra ao próprio Pires de Almeida:

Assolava então a cidade pavorosa epidemia de modo que, mesmo a desoras, se realizavam enterros. Entre remoques, gargalhadas, pilhérias e versos de Byron, declamados na tradução de Vieira Bueno, seguia o grupo, ora trepado sobre uma sepultura, ora sopesando um crânio, ora tamborilando, irreverente, sobre as caixas de vidro das carneiras.

– E se proclamássemos a Rainha dos Mortos? lembrou um deles.

Aceita a ideia, tratam de arranjar o caixão, o que facilmente conseguem, escavando uma sepultura, e despejando dela uma velha, enterrada na véspera. Resolvem descer, então, cautelosamente, pelas ruas desertas, rumo da casa de Eufrásia, uma pobre mundana que tinha fama de estúpida, e que seria a Rainha.

Ao passar em frente à Loja América, delibera o grupo arrombá-la, para se ornar com os paramentos maçônicos. A poucos passos dali, encontram os dois conhecidos tipos de rua, o Mota, que havia sido estudante em Heidelberg, e vivia em constante embriaguez, e o Padre Bacalhau, já suspenso de ordens, e vagando pelas vielas, maltrapilho e sujo.

Ao grupo se incorporam os dois boêmios. Chegam à casa de Eufrásia, que, pouco antes, assomara à porta, a despedir-se do último amante. Batem. Entreabre-se um postigo, e aparece a meretriz,

suspendendo o candeeiro por sobre a cabeça, a tentar debalde reconhecer alguém do grupo. Impossível. Os paramentos maçônicos, os chapéus desabados, as vozes imperiosas enchem-na gradualmente de supersticioso terror. Um estudante, vestido de Irmão Terrível, e com insígnias do Venerável da Loja, salta sobre ela, agarra-a nos braços, e enquanto desmaia de susto, envolve-a num lençol, e coloca-a dentro do caixão mortuário, que haviam trazido do cemitério. E com os vistosos trajes da maçonaria, se põe a procissão em marcha, ao som do cantochão cantado roucamente pelo Padre Bacalhau, enquanto ao seu lado Mota declama, em alemão, a *Canção dos estudantes*, de Goethe. E assim seguem de novo, vesanicamente byronizados, rumo da necrópole. Penetrando nela, Falicro divisa um túmulo recente, com esta simples inscrição: *Judith – 20 anos*. Era o túmulo de formosa israelita, morta recentemente, e à qual o estudante dedicara desafortunado amor. Filha de um hoteleiro judeu, estabelecido no Largo do Colégio, exigira o pai que ele fosse obter autorização expressa da família para o enlace e, na sua ausência, casou-a, à força, com um caixeiro, também judeu. Ao voltar Falicro, no mesmo dia em que chegava a São Paulo, enterrava-se Judith.

É fácil compreender-se o desespero do acadêmico, que, como um doido, escava a terra, e parte a tampa do caixão. Judith aparece-lhe nua, à frouxa luz do luar. [Os israelitas enterram nus os cadáveres, para que saiam deste mundo nus como nele entraram.] Toma-a nos braços e lhe aproxima os lábios ardentes na boca fria. Mas, não pôde suportar o mau cheiro, que, do cadáver putrefato, se desprende. Recua, num grito pungente, e esconde a cabeça entre as mãos, soluçando, com os olhos muito abertos e muito enxutos, como se tivesse ensandecido!

Uma onda de tristeza se apoderou de todos os corações. Mas, afinal, um da turma exclama, quebrando o silêncio:

– Eia, rapazes! É tempo de celebrarmos as bodas da Rainha dos Mortos!

Foi escolhido Satã [davam-se nomes simbólicos, uns aos outros] para amante. Num pulo, este saltou sobre o caixão, cuja tampa caiu para um lado, e apertou Eufrásia, ardentemente, nos braços. De repente, porém, se levantou lívido, com os cabelos desgrehados, o

maxilar inferior a tremer, como se quisesse articular uma palavra, mas lhe faltassem forças. Todos atônitos o contemplavam.

– Morta! Está morta! conseguiu, afinal, balbuciar, e abalou daquele cenário, como alucinado.

Com efeito, a infeliz mulher tinha morrido de terror! Houve um momento de hesitação. Depois fugiram, como bandidos, receosos da ação da justiça. Daí a dias, procurava-os a polícia, desejosa de punir os profanadores dos túmulos...

Como se vê, este, sim, é um caso que supera a ficção! Lembro ao leitor que depois do que contamos não causa espanto fosse nosso Varela visitar à noite as ruínas da Glória. Não foi ele, desde jovem, um inveterado boêmio à procura de emoções?

-
- 12 *As ruínas da Glória* e *A guarida de pedra* encontram-se em *Fagundes Varela*, de Edgard Cavalheiro.
- 13 Gerard de Nerval: célebre escritor francês. Quando rapaz traduziu o *Fausto*, merecendo de Goethe, seu autor, palavras de admiração, quando este já era velho. Foi Nerval reencarnacionista e médium de transporte. A novela *Aurélia*, autobiográfica, é o seu depoimento imortal.
- 14 Caso relatado na obra *Fagundes Varela*, de Edgard Cavalheiro, pp. 58-59, Editora Martins, São Paulo.

OLAVO BILAC E O ESPIRITISMO

Numa vida anterior, fui um xeque macilento e pobre...

Olavo Bilac

FORAM MUITOS OS INTELLECTUAIS BRASILEIROS que presenciaram fenômenos espíritas e se converteram; e inúmeros os que, por causa dos fenômenos, não quiseram ouvir falar de espiritismo... Olavo Bilac, devido a uma trágica visão premonitória, quase foi um deles.¹⁵

Conta o poeta e jornalista Leal de Sousa que, em 1915, os intelectuais Martins Fontes, Goulart de Andrade, Aníbal Teófilo, o próprio Leal de Sousa e Luís Murat costumavam jantar, diariamente, em companhia de Olavo Bilac nos restaurantes da cidade. Eram reuniões alegres, durante as quais se discutia literatura, contavam-se casos cômicos e... comia-se fartamente. Mas, as reuniões perderam o brilho, todos começaram a sentir-se tristonhos, ninguém sabia o porquê. Dir-se-ia um bando de poetas fúnebres. Bilac, certo dia, chegou a refletir em voz alta: “Parece que a morte paira sobre nós!” – e o poeta tinha razão, como veremos.

Ora, dias depois, jantavam todos na residência de Alexandre Lamberti Guimarães, cunhado de Olavo Bilac. Jantar risonho, como os de outrora. Em dado momento, porém, Bilac, alegando indisposição, cruzou os talheres: seu rosto tornara-se grave, pálido, o grande poeta parecia sentir-se mal. Mas, pediu, à meia-voz, que não se incomodassem, continuassem a jantar, não fizessem perguntas... Depois explicaria. Quando terminou a refeição,

levantou-se, chamou Alexandre Lamberti e outros amigos e lhes disse, baixinho:

– Eu vi, repentinamente, naquele canto (e apontou) o Aníbal cair ensanguentado!

E, nervoso, cheio de aflição, o poeta tornou a afirmar:

– Vejo-o, de novo, naquele canto, caído e ensanguentado!

Dias depois, Aníbal Teófilo tombava morto, ensanguentado (como vira Bilac) no saguão do *Jornal do Comércio*: fora assassinado a tiros de revólver por um intelectual, famoso também na política internacional: Gilberto Amado. Cumprira-se a visão mediúnica de Olavo Bilac.¹⁶

É óbvio que o célebre poeta não procurou desenvolver sua mediunidade: o tremendo realismo de sua visão premonitória o horrorizara demais. Mas, teria Olavo Bilac conhecimentos espiritistas, através de leituras? Lera ele, depois de sua visão, *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, pelo menos? É indiscutível que sim. Leu, assimilou ensinamentos e os colocou em alguns de seus belos sonetos. Mas, antes de documentarmos esta afirmativa (cujo peso vai em nossos ombros porque somos os primeiros a trazer Bilac, com documentos, para as fileiras do espiritismo), vejamos a evolução do poeta até aceitar a doutrina dos espíritos.

Antes da visão, em 1915, Olavo Bilac não tinha religião definitiva. Era, contudo, um espiritualista, apesar de achar, quando rapazote, que “a morte é a única verdadeira certeza que temos na vida”.

No livro *Crítica e fantasia*, publicado em 1904, de momento em momento fala Bilac em Deus, aceita-O como o Criador do universo... Que era espiritualista, não há dúvida. Mas, o espiritualismo bilaqueano não nasceu do catolicismo. Veio-lhe espontâneo, por conta própria. Sobre o crime, por exemplo, Bilac não aconselha aos criminosos (crime no sentido duplo, físico e moral) a procurarem a salvação através da Igreja, quer católica ou

protestante. Para os pecadores, diz o poeta: “O melhor meio de resgatar um crime não é esquecê-lo: é compensá-lo com um progresso moral incessante, com uma incessante ascensão para o bem e para a bondade...” (p. 321). Quer dizer, é reformar-se interiormente, e não esquecê-lo com a ajuda dos padres ou de rezas contínuas. Vence-se o pecado com a reforma interior, ensina o poeta. E o espiritismo.

Era Bilac um espiritualista lúcido. Não concordava, também, com a fé estática. Ele a queria como um perfume solto no espaço, mas perfume ativo, capaz de envolver a todos. Ainda na obra *Crítica e fantasia*, que é a que estamos analisando, à página 332 ensina o poeta: “ali se mostrará quanto vale a fé, quando, em vez de se empregar apenas em rezas e em contemplações místicas, procura espalhar pela terra um pouco de ventura e de bem”.

É outra opinião que não se coaduna com as ideias católicas, pois os padres ensinam a fé como um sentimento estático.

Vejamos o que das romarias pensava o poeta das estrelas.

À página 141, tecendo comentários sobre as famosas procissões da igreja da Penha, no Rio de Janeiro, Bilac conclui, com um leve sorriso nos lábios, que:

[...] por mim, confesso que acho divinamente bela e divinamente encantadora aquela misericordiosa Senhora da Penha, com as mãos sobre o peito e os olhos levantados para o céu, ouvindo sem cólera as orações dos romeiros: – Ave, Maria, cheia de tolerância! as nossas almas viciosas estão prostradas diante de ti: pois que, mais condescendente do que os homens tartufos, permite que os nossos vícios, ao lado das nossas virtudes, se expandam à sombra do teu manto estrelado!

Esta crônica, Bilac a escreveu em 1902. E o fato de achar que a santa não se aborrecia com os vícios dos romeiros e que até permitia os vícios ao lado das virtudes, ao contrário, pois, dos “homens tartufos” (referia-se aos padres), é fácil imaginar-se em que conta a Igreja tinha o poeta...

Dissemos que o espiritualismo de Bilac não nascera do catolicismo. Tanto é isto verdade que o poeta, sempre que podia, investia contra a Igreja, provando, assim, que em sua alma não havia o menor resíduo católico. Era mesmo dela um inimigo ferrenho e declarado. Só no livro *Crítica e fantasia*, há múltiplas referências críticas à Igreja e seus representantes. À página 66, por exemplo, há outra estocada do poeta, quando nos conta quem trouxe o vício do jogo para o Brasil.

Cuidava eu – diz Bilac – que fora o diabo em pessoa quem, a bordo de uma caravela fantástica, trouxera das terras corrompidas da Europa para as terras imaculadas da América a mania do jogo. Puro engano! A semente do jogo veio dentro do breviário de um carmelita descalço. Ides ver como Fr. João Joseph, quando chegou ao Brasil – com uma face piedosa, toda alagada de fé, pés nus, mortificando-se no rude chão dos matos virgens, mãos cruzadas no peito, numa atitude de recolhimento e de prece, olhos extaticamente pregados no céu azul –, trazia entre as dobras do hábito severo os papeluchos numerados da primeira rifa brasileira, da Eva-mãe de todas as nossas rifas.

Eis aqui – prossegue Bilac – o documento precioso, copiado, sem alteração, de um grande livro amarelado, picado de traças, encapado de couro roído – cujo sono secular fui interromper no seio calmo de um armário venerando...

E o poeta transcreve o documento, provando que o jogo viera da

Europa escondido nas obras do hábito de um carmelita malandro.

À página 76, Bilac nos conta que D. João V tinha desenfreada paixão pelos títulos da Igreja.

Sua Majestade – explica Bilac – durante anos e anos chorou, por intermédio de embaixadas deslumbrantes, aos pés do Papa Bento XIV, a suplicar-lhe, para si e todos os seus descendentes, o título de Rei Fidelíssimo. Para conseguir isso, foi necessário engrossar prodigiosamente o dinheiro de São Pedro, porque o Papa só concedeu a honraria tão ardentemente ambicionada a troco de quatrocentos e cinquenta milhões de cruzados de ouro...

Até a quantia exigida pelo Papa Bento o poeta cita, não esquecendo de contar que essa tremenda fortuna que passou para o gigantesco cofre do Vaticano fora surrupiada do Brasil Colônia, à custa do martírio de milhares de índios, de negros, de brasileiros.

Quando foi fundado, em Paris, um cemitério de cães, com arquivo, museu, mausoléus, jazigos perpétuos, Bilac aproveitou a notícia para fazer uma bela crônica, na qual nos mostra sua posição irreverente perante o ritual da Igreja. Diz o poeta, ainda na obra *Crítica e fantasia*, à página 190:

O cemitério tem arquivo, museu, mausoléus, jazigos perpétuos. Só lhe falta uma capela – provavelmente porque ainda ninguém pôde descobrir qual a religião que professam os cachorros de Paris... Mas isso virá com o tempo: a piedade dos amigos dos cães há de em breve inventar um deus canino, com a preclara Anúbis ou Cinocéfalos dos egípcios. Nesse dia a obra de reabilitação moral da raça canina estará completa: já nenhum cão morrerá sem assistência religiosa, sem missa de corpo presente e de sétimo dia, sem orações que abrandem

o céu canino, sem *libera me* latido e ladrado por todos os parentes.

Sátira veemente, sem meias-tintas, como se vê.

Estas informações se nos afiguram preciosas por dois motivos: *Crítica e fantasia* hoje é um livro praticamente fora do mercado e, segundo, porque não é nas poesias que vamos encontrar a evolução do pensamento de Bilac até o espiritismo. Continuemos, pois, a analisar as suas crônicas, ainda tão atuais.

Pois bem. Quando o grande poeta soube que um missionário católico levava do Brasil três infelizes índios bororós, a fim de batizá-los “solenemente, espetaculosamente, com rufos de tambor e fogos de Bengala, em plena Exposição de Turim, diante de um milhão de espectadores embasbacados”, pois, prossegue Bilac, irônico, “a impiedade avassala o mundo e é preciso que a Religião mostre ao mundo o seu poder”, a pena máscula do poeta satiriza a Igreja com estes termos, quase violentos:

Analisemos, sim, admiremos, e exaltemos este novo aspecto que toma o apostolado católico: – os apóstolos já não são mártires: são *barnuns*; já não são barateadores da própria vida: são caixeiros-viajantes das exposições industriais; já não são propagandistas da revelação divina: são os pesquisadores da etnografia e da antropologia. A Igreja capitula: e submetendo-se ao industrialismo do século submete-se também às leis da *cabotinagem* [o grifo é do poeta] moderna.

E Olavo Bilac exclama: “Com todos os diabos! isto é que é progresso!” (pp. 384-385).

Não se pense, contudo, que a luta de Bilac contra a Igreja parou

aí. Ainda em *Crítica e fantasia* – livro, infelizmente, não reeditado – o grande poeta comenta o roubo de que foi vítima o riquíssimo templo da Ordem da Penitência. Os ladrões fizeram uma limpeza completa: todos os objetos de ouro e prata foram surrupiados.

Imaginando o ladrão, Olavo Bilac escreve:

Vejo o gatuno, de pé na igreja solitária, diante dos altares em que as lamparinas desmaiadas alumiam vagamente as faces dos Bem-aventurados e das Virgens, pedindo-lhes perdão da sua feia ação: – “Santos e santas! não vades contar ao Senhor Deus Juiz e Vingador que fui eu quem saqueou esta sua casa! Que quereis. Santos e Santas? Já não há um vintém nesta terra da cruz... E para que quereis vós estes reles objetos de luxo – vós que viveis na alta glória do Senhor, sem necessidades materiais, e que, quando vivos, fostes os primeiros a pregar o desprezo dos bens da terra? Santos e Santas! estas pratas, empenhadas no Cohen, far-me-ão um doce arranjo na vida... Tende paciência! deixai-me levar ao prego estas futilidades! Ouvide! se algum de vós desaprova o meu ato, que esse, de lá de seu nicho dourado, deixe cair um gesto só que seja de descontentamento, uma parca palavra de protesto, um simples olhar de cólera! Porque vede bem: nada quero fazer que seja contra a vossa soberana vontade; falai!...”

E, como os Santos e Santas nada dissessem, Bilac fez o esperto gatuno exclamar: “Obrigado, Santos e Santas! não esperava menos de vossa infinita misericórdia!” (p. 379).

E o gatuno levou tudo o que podia; menos as hóstias, porque no Cohen não renderiam nem um vintém...

Parece-nos que ficou bem documentada a posição de Olavo Bilac perante as procissões, os títulos da Igreja concedidos aos potentes da terra, a missa, os padres, as imagens de santos e santas. Vejamos,

agora, o que pensava sobre o Diabo, o Paraíso, Eva. Antes, deixemos que o poeta das estrelas nos conte de que forma o Vaticano torna um mortal em santo com altar.

No livro de crônicas *Ironia e piedade*, escrito há mais de cem anos, de sua autoria e hoje pouco lido, à página 174 vêm estas linhas esclarecedoras:

Porque ter um santo ou uma santa é um luxo caro, caríssimo. Uma santa ou um santo custam a uma nação os olhos da cara... Nem todos sabem quanto dinheiro é preciso gastar para obter tão alta honra. Em primeiro lugar, o processo da canonização dura dezenas e dezenas de anos; o santo, antes de ser verdadeiramente santo, tem de passar por diversos estágios: fica sendo, no primeiro grau, venerável; depois, passa a ser beato; depois, adquire o nome de bem-aventurado; – e tudo isto custa um dinheirão, porque o foro eclesiástico ainda é mais careiro do que o foro civil, e o *Advogado de Deus* e o *Advogado do Diabo*, que funcionam no processo de canonização, apresentam contas de custas que só os arquimilionários podem saldar.

Para que um país possa ter um santo ou uma santa é necessário, portanto, que tenha fundos (profundos) de reserva, caso contrário o jeito é rezar para os santos estrangeiros.

Falando da canonização de Anchieta que não foi avante, Olavo Bilac dá esta explicação oportuna: “Esse processo de beatificação, iniciado há 278 anos, ainda não foi concluído. Por quê? Não, de certo, porque, no correr dos debates, o *Advogado do Diabo* tenha vencido o *Advogado de Deus*, provando a indignidade do ilustre catequista – mas unicamente porque não houve até agora quem quisesse arcar com as custas do processo”.

Como os países pobres não podem ter santos devido ao tremendo preço imposto pelo Vaticano; como o Brasil não tem dinheiro para

que o papa canonize Anchieta, Bilac, com fina ironia, exclama: “Achamos o luxo muito caro, e contentamo-nos com arranjar um cardeal – e de graça”.

Quanto ao diabo, que a Igreja tomou emprestado de velhíssimas religiões para melhor extorquir dinheiro dos crentes e tê-los debaixo da batina,¹⁷ Olavo Bilac o considerava “o grande amigo da ciência e do progresso, e o grande inimigo da ignorância”. E isso porque “não se deu um passo para o bem, não se realizou um esforço para conquista do desconhecido, não se fez uma tentativa para a explicação dos mistérios da vida, não se descobriu uma lei nova, não se inventou uma nova explicação das forças naturais – sem que todos esses triunfos do gênio humano fossem atribuídos à nefasta influência e à cooperação amaldiçoada do Diabo”.

E o lúcido poeta dá exemplos: “Quando Galileu e Fabrícus afirmaram o movimento da Terra e a existência das manchas solares – o Diabo foi dado como inspirador dessas heresias; o grande Bacon, por ter criado o método experimental, e por ter fundado o estudo racional da física, da química e da astronomia, foi acusado por ter pacto com o Diabo e metido em um cárcere medonho” etc.

“O Diabo, diz Bilac, descobriu a bússola, a pólvora, a imprensa – descobriu tudo: era, pelo menos, essa a opinião dos ignorantes, que, amaldiçoando todas as conquistas do pensamento, iam acumulando ódios, anátemas, pragas e execrações sobre o nome do Anjo Decaído. Assim, o Diabo, sem querer, ficou sendo o grande amigo da Ciência e do progresso, e o grande inimigo da ignorância...” (p. 330)

Vejamos, agora, o curioso pensamento de Olavo Bilac sobre o Paraíso. (E aqui ficamos a pensar no alívio que os padres sentiram quando o poeta deixou a Terra a caminho das estrelas...) No livro *Crítica e fantasia*, às páginas 335 e 336, o eminente poeta deixou estas linhas:

Uma das questões fúteis que mais tem apaixonado os sábios é a da notação precisa do ponto da terra em que esteve situado o Paraíso – esse encantado jardim em que a nossa abençoada mãe Eva cometeu a Imprudência (oh! abençoada imprudência!) de prestar atenção aos conselhos do Diabo disfarçado em serpente. Há quem suponha ter provado que o Éden estava encravado no solo da Arábia; há quem tenha demonstrado a sua situação nas Índias; outros encontraram vestígios da sua existência no Tibete; e não faltou quem o colocasse na fria Escandinávia. Agora, um antropologista de Heidelberg, o sr. Schoetensick, publicou uma extensa memória, fruto de pacientes estudos, com que pretende provar que o Éden ficava na Austrália, numa região dulcíssima, banhada pelas águas do rio Darling... E a questão não está esgotada: ainda haverá, decerto, quem nos venha dizer que o pecado original foi cometido na Patagônia, ou... no Rio de Janeiro.

Eu, sem ser sábio, já sei há muito tempo em que lugar esteve situado o Paraíso... Foi num lugar que nunca houve – num trecho da geografia do Sonho, numa zona fantástica do país do irreal: porque somente aí pode ter havido felicidade completa, pão gratuito, inocência absoluta e saúde perfeita...

Diante desta documentação, ninguém mais ousará afirmar que Olavo Bilac, uma das mais altas vozes da poesia brasileira, foi simpatizante do Vaticano e dos padres. Nunca ele suportou o clero, seu ritual, sua pobre filosofia.¹⁸ E Bilac não se tornou opositor do catolicismo, apenas, quando moço: esta atitude ele a conservou até a velhice, mantendo, pois, unitário seu pensamento. E não se pense que seus ataques ao catolicismo ficaram fechados dentro de um livro, ocasionalmente aberto por um público reduzido. Não: suas críticas ao catolicismo, antes de serem enfeixadas nas páginas de um livro, tiveram repercussão formidável porque publicadas em grandes jornais da época, como a *Gazeta de Notícias*, em cujas colunas apareciam nomes como Machado de Assis, Alberto de

Oliveira, Eça de Queirós etc. Só a nata da intelectualidade luso-brasileira de então.

Demonstrado, exaustivamente, que Olavo Bilac, não obstante espiritualista, detestava o clero e seus rituais, vejamos agora como chegou a produzir versos de fundo spiritista.

Em 1897 publicou ele uma crônica, hoje enfeixada em *Crítica e fantasia*, na qual demonstra que a teoria da reencarnação não lhe era desconhecida nem a evolução do espírito através de encarnações em diferentes mundos.

À página 154 diz ele sem, todavia, comprometer-se com as teorias espíritas:

Mas se a teoria das reencarnações sucessivas é verdadeira – pobre Cook! –, lá vai ele, por todos os séculos dos séculos, andar de estrelas em estrelas, como andou por aqui de continente em continente – trocando pernas pela imensidade dos mundos! Vai, grande homem! eu ainda tenho a esperança de, depois da morte, ir encontrar-te no seio de Marte ou de Aldebaran, organizando, a tantas libras por cabeça, uma viagem circular pelos satélites de Júpiter [...].

Se a referida crônica não o compromete, por enquanto, com o espiritismo, pelo menos demonstra que a doutrina dos espíritos era sua conhecida. E, note-se, nas quatrocentas e tantas páginas de *Crítica e fantasia* não há uma só referência cômica ao espiritismo. Também à página 197 há uma citação do nome Flammarion.

Destas duas citações (o nome Flammarion e a teoria da reencarnação) deduz-se que o poeta, em 1904, já conhecia o espiritismo através de suas obras básicas, mas, ainda, não o esposava, caso contrário o teria declarado.

Mas, tudo evolui. Já contamos sua fantástica visão premonitória,

quando, estupefato, anteviu a morte do poeta Aníbal Teófilo, barbaramente assassinado. Esta visão mediúnica, ele a teve em 1915, onze anos depois da publicação de *Crítica e fantasia*. Onze anos depois de citar a teoria da reencarnação e Flammarion. Quer dizer: quando teve a visão, Bilac já conhecia as obras de Kardec sem, todavia, ser espírita, ser médium, mas, não espírita, insistimos. Mas, três anos depois da visão, isto é, em 1918 (ano em que morreu), o poeta acabou por aceitar os princípios básicos do espiritismo.

Vamos, agora, às provas. Elas não se encontram em *Crítica e fantasia* nem na obra *Ironia e piedade*; as provas estão em seu livro mais lido, *Poesias completas*, edição da Livraria Francisco Alves. Abra o leitor a página 367. Lá está um magnífico soneto, onde o poeta aceita sem restrições a teoria da reencarnação. Diz Olavo Bilac com sua franqueza característica:

Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre...

Este soneto reencarnacionista foi escrito por Bilac nos últimos anos de sua vida, pois só se tornou espírita quando idoso.

Alguém poderá objetar que Olavo Bilac, por falar em reencarnação, não era, por isso, “espírita”. Mas, perguntamos: um homem como Bilac, possuidor de vasta cultura, considerado o “príncipe dos poetas brasileiros”, um dos autores mais lidos no Brasil e em Portugal, admirado e respeitado, pois, mesmo fora de nossa pátria, aceitaria em público a teoria da reencarnação sem ser espírita? Comprometer-se-ia com uma religião, diante dos olhos do povo, sem saber desse comprometimento? Só um ingênuo faria tal. E não fora ele inimigo do catolicismo? Além do mais, era médium. Antes de escrever o soneto que o compromete com o espiritismo já lera Flammarion, já havia citado a teoria das vidas sucessivas, tivera uma visão mediúnica, era conhecedor da doutrina dos espíritos.

Mas, tem mais. Abra agora, leitor, a página 382 das *Poesias*

completas. Aí se encontra outro soneto espiritista. Nesses 14 versos luminosos, o inspirado poeta confessa sua crença na evolução dos espíritos através de encarnações em diferentes astros.

Canta, Olavo Bilac:

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos!

Ora, aí está: outro ensinamento eminentemente espírita, que o poeta só podia ter colhido em *O livro dos espíritos*, no capítulo que trata da “encarnação nos diferentes mundos”. Se Bilac não admitisse a encarnação em diferentes astros, não teria escrito “aos astros de onde vimos” e nem “aos astros aonde iremos”. É evidente. E este belo soneto Olavo Bilac o escreveu, também, no fim da vida. O motivo é o já explicado: o poeta só se tornou espírita declarado quando velho.

O poeta, repetimos, não desenvolveu sua mediunidade (vidência). É ele mesmo quem o confessa. Abra o leitor a página 379 das *Poesias completas*. No soneto aí inserido fala Bilac do mundo dos espíritos; “um mundo superior aos meus cinco sentidos”, diz ele (e aqui ficamos a refletir se o poeta desconhecia a obra *O sexto sentido – a mediunidade*, de autoria do sábio francês Charles Richet).

Um mundo superior aos meus cinco sentidos, diz Bilac, um mundo ainda confuso porque percebido pela sua mediunidade não desenvolvida. O soneto é este:

Sinto, às vezes, à noite, o invisível cortejo
De outras vidas, num caos de clarões e gemidos:

Vago tropel, voejar confuso, hálito e beijo
De coisas sem figura e seres escondidos...

Miserável, percebo, em tortura e desejo,
Um perfume, um sabor, um fato incompreendidos,
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.
[...]

Quem não conhece a doutrina dos espíritos não poderá entender este soneto bilaqueano. Diz o poeta que percebe “vozes que não ouço e cores que não vejo”. É um verso que parece não ter sentido. É que essas vozes e essas cores o poeta as via e ouvia através de sua mediunidade. Que era médium não desenvolvido, não há dúvida; caso contrário não diria que sentia “o invisível cortejo de outras vidas num caos de clarões e gemidos, vago tropel, voejar confuso” etc. Tudo lhe seria claro, sem mistérios, como, por exemplo, para William Blake, o poeta inglês que via espíritos desde os quatro anos de idade e que deslumbrou o mundo com seus versos luminosos.

Não terminaremos sem antes mostrar ao leitor um outro soneto de Bilac, eminentemente reencarnacionista. Intitula-se “A um triste” e está situado à página 312 das *Poesias completas*. Como os já citados, também este soneto Bilac o escreveu nos últimos anos de vida. Aqui, o poeta faz um estudo da tristeza em certos indivíduos que deviam ser plenos de felicidade. A tristeza, aparentemente sem razão de ser, encontra sua raiz em vidas anteriores, diz o poeta baseado em *O livro dos espíritos*.

A esse triste, explica Bilac:

Outras almas talvez já foram tuas:
Viveste em outros mundos... De maneira
Que em misteriosas dúvidas fltuas,
Vida de vidas múltiplas herdeira!

Servo de gleba, escravo das charruas
Foste, ou soldado errante na sangueira,
Ou mendigo de rojo pelas ruas
Ou mártir na tortura e na fogueira...
Por isso, arquejas num pavor sem nome,
Num luto sem razão: velhos gemidos,
Angústias ancestrais de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,
Desesperos talvez de heróis vencidos,
Humilhações de vítimas e santos...

Não há necessidade de comentários. O soneto explica-se por si mesmo. Mas, já é tempo de deixarmos Olavo Bilac, que a partir de agora, inexoravelmente, passa às fileiras espíritas, a fim de ombrear ao lado de Victor Hugo, Conan Doyle, Monteiro Lobato, Coelho Neto e tantos outros!¹⁹

15 O poeta e médico Edgard Braga, autor do admirável livro *Odes*, também teve um caso espírita que muito o impressionou e que vale a pena ser aqui contado. Edgard Braga frequentava, às terças-feiras, à rua Frei Caneca (São Paulo), sessões de efeitos físicos. O grupo era formado por Hugo de Freitas Cunha, Wandick de Freitas (diretor do *Diário Oficial*), o jornalista Odilon Negrão e sua esposa médium de efeitos físicos Hilda Negrão, e Celestino Paraventi (proprietário do Café Paraventi). As sessões eram realizadas na residência do dr. Cássio Toledo Dias. Anos de 1940 e 1941. Numa terça-feira estava o grupo já reunido, pronto para a realização dos trabalhos: só faltava Edgard Braga. De súbito, o poeta entrou e, afobado, desculpou-se pelo atraso, dizendo que uma sua cliente, internada na Pro-Matre Paulista, estava passando muito mal; talvez viesse a morrer naquela noite. Iniciada a sessão, um espírito, que atendia pelo nome Romão (figura conhecida quando “viva”, no Estado do Paraná), espontaneamente pediu aos presentes que fizessem uma concentração em benefício da enferma sob os cuidados médicos de Edgard Braga. O espírito se manifestava em “voz direta”. Terminada a sessão, Edgard Braga, preocupado com o estado de sua paciente, despediu-se, entrou em um automóvel e voltou à Pro-Matre. E, o que o poeta viu, deixou-o perplexo: sua cliente, que estava para morrer, encontrava-se sentada no leito, pedindo alimentos...

16 Vide opúsculo editado em 1941 pela Federação Espírita Brasileira intitulado *Transposição de umbrais*. Trata-se de uma conferência de Leal de Sousa realizada naquela Federação em 21 de setembro de 1924. Contém apenas 13 páginas. Foi-nos cedido, gentilmente, pelo sr. Américo Della Mónica, tesoureiro do Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo. Nesse opúsculo conta Leal de Sousa que o poeta Aníbal Teófilo, dias antes de morrer, tivera o seguinte sonho:

“Era noite cerrada, de espessa treva. Caminhando ao longo da muralha do cais da Glória, Aníbal ouviu um barulho de remos batendo na água, e, parando-se, viu encostar-se ao paredão um bote negro, de onde saltaram marinheiros vestidos de negro, que o cercaram.

– Tens medo? perguntou-lhe um deles.

– Não! respondeu Aníbal.

– Vem conosco.

Embarcando no bote funéreo, Aníbal, com os marinheiros enlutados, atravessou, sobre as águas cheias de sombras, o silêncio escuro da noite, e longe, no meio da Guanabara trevosa, passou-se para um navio inteiramente negro, a cujo lado, junto à escada, encostara o bote. Ao percorrer o interior desse navio funerário, Aníbal constatou, com surpresa, que os camarotes e beliches eram túmulos com epitáfios, e lendo, numa lápide, o nome de seu pai, abriu-a. Apareceu-lhe então a amada figura paterna, que lhe disse: ‘Meu filho, está próxima a tua última hora. Fiz quanto pude para salvar-te, mas nada consegui. Vai, e prepara-te para morrer’.

Disse e desapareceu. Aníbal, afastando-se desse camarote, ou sarcófago, regressou, no mesmo bote, à terra, onde o deixaram os marinheiros misteriosos. E despertou.”

Aníbal, que não tinha religião, tomou, porém, o sonho a sério, acreditando que iria morrer em breve, não obstante seu corpo hercúleo. E, realmente, morreu dias depois assassinado: cumprira-se seu sonho funéreo, que era um aviso dos espíritos; confirmando, aliás, a visão de Bilac durante o almoço com Aníbal e outros. Leal de Sousa, posteriormente, com médiuns diversos, obteve comunicações do espírito Aníbal Teófilo.

17 “Os povos [diz o historiador Aristides Leterre em seu livro *Jesus e sua doutrina*] fizeram dessa entidade (o Diabo) um horrível homem, pintaram-no de preto, arrumaram-lhe uns cornos, outros espetaram-lhe um apêndice no fim da coluna vertebral, outros encravaram-lhe unhas aduncas, outros ainda afiaram-lhe os dentes caninos, e cada qual, em suma, o cobriu com quantos vícios e males a humanidade engendrava, e, horrorizados por ver o terrificante personagem que eles mesmos fabricaram, fugiram espavoridos da própria obra. É este monumento que hoje serve de

esteio ao Catolicismo...”

18 E o sr. Eloy Pontes, escrevendo mais de quinhentas páginas compactas sobre Olavo Bilac, além de silenciar sobre os ataques do poeta à Igreja, classifica-o de “católico”!

19 Castro Alves não teve vínculos com o espiritismo, mas desejou ler *Poética do espiritismo*, obra que, equivocadamente, julgou ser de autoria de Allan Kardec e que, na verdade, não existia. Castro Alves, em 1870 – um ano antes de seu desencarne –, quis se inteirar da temática espírita porque desejava escrever o poema “A República dos Palmares”, projeto que, infelizmente, não levou avante. Essa informação foi divulgada pelo crítico e ensaísta Eugênio Gomes, através do artigo “Seria Castro Alves espírita?”, estampado no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, edição de 19 de janeiro de 1961.

ALCIDES MAYA, MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

É uma profissão de fé às avessas...

Alcides Maya

OS FATOS ESPÍRITAS EXISTEM DESDE o aparecimento do homem sobre a face da Terra. Remotas manifestações espiritistas estão contidas nas páginas da Bíblia e em número verdadeiramente espantoso; manifestações as mais diversas: vidência, audiência, cura, levitação, incorporação, transporte, escrita direta, xenoglossia, fenômenos luminosos etc.

Antes do advento do espiritismo, eram esses fenômenos interpretados como fraude ou superstição. Quanto aos religiosos, os chamavam de “milagres”, e davam-se por satisfeitos. Só após a codificação de Allan Kardec²⁰ é que os sábios os analisaram, em memoráveis experiências laboratoriais realizadas em países cultos. Quer dizer: o fato espírita saiu do seio do povo, onde estivera durante milênios, como nos afirma a Bíblia, para encerrar-se nos compartimentos rígidos e frios dos laboratórios para daí, então, sair reconhecido, cientificamente, despojado das velhas interpretações abstrusas.²¹

Ora, a mediunidade sempre existiu e não é privilégio de ninguém. Manifesta-se entre ricos e pobres, entre criaturas de elevada moral e as de baixo sentimento, entre homens de cultura e analfabetos. O fenômeno espírita se manifestará onde quer que esteja um médium: num palacete ou num casebre. O fenômeno é livre e não está

sujeito à geografia nem à etnografia... Alcides Maya, o admirável estudioso do humor na obra de Machado de Assis, é um exemplo vigoroso. Positivista empedernido, o ensaísta gaúcho, no entanto, foi excelente médium de efeitos físicos, o que, aliás, o deixava aborrecido, pois os fenômenos o colocavam em situação desagradável perante os amigos... Os fatos vividos por Alcides Maya revestem-se de comicidade devido a sua contundência...²² Vejamos alguns.

A pedido do próprio Alcides Maya, o poeta Leal de Sousa mudara-se da rua Senador Vergueiro para a pensão da rua Buarque de Macedo, 52, onde vivia o ensaísta. Alegara Alcides Maya que estava há tempos sofrendo uma crise de nervos e precisava de um amigo ao seu lado. Instalado na pensão, Leal de Sousa, em seu quarto, logo no primeiro dia sentiu os cabelos se arrepiarem. Eram dez horas da noite e estava ele no quarto, com a porta semicerrada. De súbito, alguém bateu forte, insistente. Despreocupado, Leal disse, cordialmente:

– Entre!

E ninguém entrou; pelo menos, aparentemente. Mas, atento, ouviu fortes passos se dirigirem da porta até o ponto em que se encontrava. Como nada visse, pensou: “São passadas no aposento ao lado”. E, como não tivesse muita certeza, tratou de fechar a porta do corredor. De volta ao seu aposento, tornou a ouvir pancadas, agora na porta que dava comunicação ao quarto vizinho, onde estava instalado Francisco Marcondes, então presidente da Assembleia do Estado do Rio. Não acreditando em fantasmas, saiu Leal de Sousa, mais uma vez, do quarto e foi procurar o incômodo vizinho, a fim de pedir silêncio. Mas, Francisco Marcondes não se encontrava na pensão... “Bem, pensou Leal, ele sacudiu a porta e em seguida saiu...” – e deitou-se, sem mais delongas.

Foi quando, para grande espanto seu, viu a própria cama levantar-se do solo. Rápido, deu um pulo. E o leito, que era de ferro, desceu,

então, suave ao assoalho. Tornou a deitar-se, e de novo repetiu-se o fenômeno.

– Estou sofrendo dos nervos! pensou. E correu até o quarto de Alcides Maya e contou-lhe o ocorrido, pedindo ao ensaísta gaúcho que, no dia seguinte, o acompanhasse até um especialista de moléstias nervosas. Mas, Alcides Maya o sossegou, confessando que nos quatro cômodos daquele segundo andar ocorriam, diariamente, tais fenômenos.

– Mandei chamar você por causa deles. Queria saber se você, sem ser avisado, os constataria.

No dia seguinte, um dos inquilinos mudou-se da pensão e em seu quarto instalou-se um inglês, à noite. Mas, pela manhã, o inglês, com os olhinhos muitos arregalados, fez as malas, pagou a conta e despediu-se, apressado.

Tendo Francisco Marcondes, por sua vez, achado melhor regressar à sua fazenda, ficaram no segundo andar, apenas, Alcides Maya e Leal de Sousa, cujos quartos eram separados por dois aposentos. Eram nove horas da noite e Leal de Sousa se encontrava deitado, lendo uma obra, quando sentiu uma desagradável sensação de frio no pé. Ao procurar a cobertura para aquecê-lo, viu, estupefato, “uma coluna de luar leitoso a alvejar sobre a cama”. Olhando firme, observou que o “luar” foi tornando-se consistente e, aos poucos, tomou a forma de uma figura humana. E, não sabendo como agir, Leal de Sousa, trêmulo, abandonou o quarto.

Interessante é que esses fenômenos ocorriam, quase sempre, às duas horas da tarde e geralmente iam até a madrugada. E eram atestados por pessoas estranhas que, curiosas, iam à pensão, mas nada sabiam explicar.

Certa vez, no quarto de Alcides Maya tomavam mate-chimarrão um pastor protestante, Leal de Sousa e o ensaísta gaúcho. Trocavam ideias, naturalmente sobre a bebida do Rio Grande, quando o sofá, sem aviso prévio, pôs-se a subir, devagarinho, com

Alcides em cima; como um saci, Alcides pulou ao chão: e o sofá continuou no ar, desafiando a lei da gravidade. Então, todos se puseram a discutir o fenômeno.

– Isto é o efeito de um abalo sísmico, disse o pastor, mas, tão nervoso, que não pensou que se fora um abalo o sofá não devia continuar no espaço, é evidente.

– Não pode ser abalo, discordou Alcides Maya. Um tremor de terra sacudiria os outros móveis e abalaria as paredes!

Quando o sofá, enfim, pousou no assoalho sem provocar ruídos, o pastor protestante saiu-se com esta:

– Meus amigos, só há uma explicação para o caso. Este sofá não se levantou. Nós tivemos um momento de alucinação!

E, assim, o ingênuo pastor explicou, definitivamente, a ação dos espíritos no plano físico.

É indiscutível que o excelente médium de efeitos físicos era Alcides Maya. Quando ele e Leal de Sousa desocuparam os quartos, novos inquilinos chegaram e nada de anormal se verificou. Todavia, passados meses, Alcides regressou à pensão e, nessa mesma noite, foi um desastre para os inquilinos incautos. Em seus quartos os objetos tremiam, luzes bailavam dentro da escuridão, pancadas sacudiam as portas; uma autêntica sessão de efeitos físicos! E o resultado foi cômico: alucinados com o que viam e ouviam, os inquilinos, em trajes menores, se puseram a descer a escadaria, procurando a porta da rua...

Infelizmente, Alcides Maya, talvez por temer sua reputação literária (era da Academia Brasileira de Letras), não nos deu notícia de outros casos em que servira de instrumento aos espíritos. Quer dizer: preferiu a hipotética e frágil imortalidade acadêmica à imortalidade contundente dos espíritos...

Quanto a Leal de Sousa, a partir desta data passou a estudar as obras de Allan Kardec, tornando-se espírita declarado.²³

20 A codificação de Allan Kardec está contida nos seguintes livros: *O livro dos espíritos* (1857); *O livro dos médiuns* (1861); *O evangelho segundo o espiritismo* (1864); *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1868). Sem o estudo dessas obras fundamentais é impossível conhecer-se o espiritismo autêntico. Confundir-se-á espiritismo com meras práticas mediúnicas.

21 Para que se tenha uma ideia exata do rigorismo nas experiências espíritas feitas pelos cientistas, vejamos o que diz o sábio William Crookes (o descobridor da matéria radiante) em sua obra *Fatos espíritas*: “O espiritismo fala de pesados trastes movendo-se de um aposento a outro sem a ação do homem. Mas o sábio construiu instrumentos que dividem uma polegada em um milhão de partes, e tem portanto o direito de duvidar da exatidão das observações efetuadas se a mesma força é impotente para fazer mover de um simples grau o indicador de seu instrumento. O espiritualista fala de flores molhadas pelo orvalho fresco, de frutos, mesmo de seres vivos trazidos através de janelas fechadas e até mesmo através de sólidas muralhas de tijolos. O investigador científico pede, naturalmente, que um peso adicional (ainda que não tenha mais que a milésima parte de um grão) seja depositado em uma das conchas de sua balança quando a caixa estiver fechada à chave. E o químico pede que se introduza a milésima parte de um grão de arsênico através das paredes de um tubo de vidro, no qual está a água pura hermeticamente fechada. O espiritualista fala das manifestações de uma força equivalente a milhares de libras e que se produz sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da força e que pensa que ela nunca se produz sem um esgotamento correspondente de alguma coisa para substituí-la, pede que as ditas manifestações se produzam no seu laboratório, onde ele as poderá pesar, medir e submeter a seus próprios ensaios”. Este, o rigor de Crookes em suas pesquisas. Quando o sábio inglês anunciou o resultado de seus longos trabalhos, revolucionou o mundo científico de então. Crookes havia provado a veracidade dos fenômenos espíritas!

22 Leal de Sousa (obra citada).

23 Leal de Sousa frequentava a roda literária formada por Olavo Bilac, Martins Fontes, Coelho Neto, Luís Murat, Goulart de Andrade, Alcides Maya, Heitor Lima, Aníbal Teófilo, Gregório da Fonseca e outros; deixou algumas obras, inclusive, *Bosque sagrado*. No opúsculo *Transposição de umbrais*, já citado por nós, escreve estas palavras que são uma profissão de fé:

“Ombro a ombro com Coelho Neto, consultando-nos sobre o que nós dois testemunhávamos, vi repetir-se, muitas vezes em poucas horas, o transcendente fenômeno da materialização. Plenamente materializados, espíritos, identificados pelos circunstantes, tocaram as nossas mãos, ofertando-nos flores, produziram luzes para que lhes examinássemos a carnação, os tecidos das roupagens, a maneira de andar. Seria eu indigno desses incomparáveis favores, se, para alardear enganosa superioridade intelectual, recusasse aceitar os resultados e as consequências das minhas próprias investigações”.

Leal de Sousa diz ainda mais: “Pertencem ao domínio público os resultados das observações por mim feitas no decorrer de um inquérito realizado com intuítos meramente jornalísticos. Encerrando-o, na imprensa, continuei paciente, os meus estudos e pesquisas, e, com tão benigna proteção das potências espirituais, que tive todas as provas desejáveis da imortalidade da alma, da realidade de suas comunicações, de sua sabedoria e poder: diagnósticos exatos, curas instantâneas, visões à distância, transporte de objetos, materializações de espíritos”.

Leal de Sousa, quando jovem, foi alferes e participou da Campanha de Canudos. Foi poeta parnasiano, biógrafo e diretor de *A Careta*. Desencarnou no Rio de Janeiro em 1º de novembro de 1948.

COELHO NETO E OS FANTASMAS

Senhores, a perseguição que vos movem é natural, é até necessária para maior glória do triunfo, que vem perto.

Coelho Neto

OUTRO CASO QUE MERECE SER narrado é o vivido por Coelho Neto, o mais fecundo escritor brasileiro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Caso que o levou a converter-se ao espiritismo e que, publicado em 7 de junho de 1923 pelo *Jornal do Brasil*, provocou celeuma nos meios culturais. Tal caso se nos afigura raro em toda a história mundial da fenomenologia espírita e antes de ser divulgado pela imprensa quer nos parecer que já era do conhecimento de intelectuais que frequentavam a casa de Coelho Neto, então situada à rua Rozo (hoje rua Coelho Neto), no Rio de Janeiro: Olavo Bilac, Emílio de Meneses, Aníbal Teófilo, Luís Murat, Humberto de Campos, Martins Fontes, Gustavo Barroso, Bastos Tigre etc.

Em sua entrevista, intitulada “Conversão”, Coelho Neto afirma:

Sim, tens razão. Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina, hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente, mais cruel do que eu.

Em casa, onde a propaganda, habilmente insinuada, conseguira

fazer prosélitos,²⁴ todos temiam-me, apesar da minha conhecida tolerância em matéria de fé, porque eu não deixava passar um só dos livros de preparação e opunha-me com energia às tais sessões reveladoras. Mas, que queres?

Não tiveram os cristãos inimigo mais acirrado do que Saulo até o momento em que, na estrada de Damasco, por onde ia para sua campanha de perseguição, o céu abriu-se em luz e uma voz do Alto o chamou à fé? E de inimigo que era tornou-se desde logo o tapeceiro de Tarso, o mais fervente e abnegado apóstolo do cristianismo, saindo a pregar a palavra suave ao gentio pagão? Pois, meu caro, a minha estrada de Damasco foi o meu escritório e, se nele não irradiou a luz celestial, que deslumbrou São Paulo, soou uma voz do Além, voz amada, cujo o eco não morre em meu coração.

Sabes que, depois da morte da pequenina Ester, que era o nosso enlevo, a vida tornou-se sombria. A casa dantes alegre com o riso cristalino da criança mudou-se em jazigo melancólico de saudade. Passei a viver entre sombras lamentosas.

Minha mulher, para quem a netinha era tudo, não fazia outra coisa senão evocá-la, reunindo lembranças: roupas que ela vestira, brinquedos que a acompanharam até a última hora, entre os quais a boneca, que foi com ela para a cova, porque a pobrezinha não a deixou até expirar.

Júlia... Coitada! Nem sei como resistiu a tão fundos desgostos; seis meses depois do marido, a filha.

Pensei perdê-la. Todas as manhãs lá ia ela para o cemitério, cobrir o pequeno túmulo de flores, e lá ficava horas e horas, conversando com a terra, com o mesmo carinho com que conversava com a filha. Ia depois ao túmulo do marido e assim vivia entre mortos, alheia ao mais, indiferente a tudo.

Propus mudarmo-nos para Copacabana. Opôs-se. Insistiu em ficar em casa, em que fora feliz e desgraçada, mas onde perduravam recordações do seu tempo de ventura. Temi que a seduzissem para o espiritismo, que a lançassem ao turbilhão do mistério em que se agitam as almas do nosso tempo, como endemoninhados da Idade Média se socorriam do Sabbat, nos desfiladeiros sinistros. No estado de abatimento moral em que ela se achava, seria arriscado perturbar-

lhe a razão com práticas nigromânticas.

As minhas ordens, dadas em tom severo, foram obedecidas. Júlia passava os dias no quarto, que fora da pequena, e de fora ouvia-mo-la falar, rir, contar histórias de fadas, exatamente como fazia durante a vida da criança.

Tais ilusões dolorosas eram bálsamos que mitigavam o sofrimento da alma, como a morfina alivia as dores. Cessada a ilusão, o desespero irrompia mais acerbo. Era assim.

Uma manhã, porém, com surpresa de todos, Júlia apareceu-nos risonha, posto que os olhos ainda conservassem lágrimas como as rosas conservam orvalho na corola ao sol.

Interroguei-a. Sorriu. Interroguei minha mulher. Nada. Confesso-te que cheguei a pensar na... volta da primavera.

Lucílio tornara-se mais assíduo nas visitas, aparecendo-nos duas e três vezes por semana, e o amor, bem sabes, renova; o amor é como o sol que abre flores nas próprias covas.

Já começava a fazer-me a tal ideia quando uma noite minha mulher entrou-me pelo escritório, lavada em lágrimas, e disse-me, abraçando-se comigo, que a filha enlouquecera.

– Por quê?! perguntei.

– Está lá embaixo, ao telefone, falando com Ester.

– Que Ester?

– A filha...

Encarei-a demoradamente, certo que a louca era ela, não Júlia.

Como se compreendesse o meu pensamento, ela insistiu:

– Lá está. Se queres convencer-te, vem até a escada. Poderás ouvi-la.

Fui.

Como sabes, tenho dois aparelhos: um no *hall*, outro, em extensão, no meu escritório. Ficamos os dois, minha mulher e eu, junto à balaustrada do primeiro andar. Júlia falava baixo, no escuro.

Por mais esforço que fizéssemos não conseguíamos ouvir uma palavra. Era um sussurro meigo, cortado de risinhos. O que me pareceu, por que não dizê-lo? que a conversa era de amor.

Tive ímpetos de violar o segredo de minha filha, mas o escrúpulo do meu cavalheirismo conteve-me.

– Por que dizes que ela fala com Ester? perguntei à minha mulher.
– Por quê? Porque ela mesmo mo confessou e não imaginas com que alegria.

Fiquei estatelado, sem compreender o que ouvia. De repente, numa decisão, entrei no escritório, desmontei lentamente o fone do aparelho, apliquei-o ao ouvido e ouvi.

Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta. Reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a música da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia.

Ainda que eu duvidasse, com toda a minha incredulidade, havia de convencer-me, tais eram as referências, as alusões que a pequenina voz do Além fazia a fatos, incidentes da vida que conosco vivera o corpo do qual ela fora o som...

Mistificação? E que mistificador seria esse que conhecia episódios ignorados de nós mesmos, passados na mais estreita intimidade entre mãe e filha? Não! Era ela, a minha neta, ou antes: a sua alma visitadora que se comunicava daquele modo com o coração materno, levantando-o da dor em que jazia para a consolação suprema.

Ouvi toda a conversa e compreendi que nos estamos aproximando da grande era; que os tempos se atraem – o finito defronta o infinito, e das fronteiras que os separam, as almas já se comunicam.

E Coelho Neto, através de perguntas e respostas, tece estes lúcidos comentários:

– Ouviste-a ao telefone... E por que não a ouves no ar, como a ouviu... São Paulo, por exemplo?

Por quê? Porque o espírito precisa de um meio em que se demonstre. Para viver conosco, encarna-se. O próprio espírito de Jesus encarnou-se. O lume precisa de um combustível para arder e o lume é a luz, eternidade: o som precisa de um órgão para vibrar. Todo o imaterial carece de um veículo para agir.

– Uma pergunta apenas: Como consegue d. Júlia pôr-se em

comunicação com o espírito da filha? Não me consta que a Cia. Telefônica tenha ligação com o Além.

Respondo-te. Quando Júlia – disse-me ela própria – deseja comunicar-se com a filha, invoca-a, chama-a com o coração, ou melhor: com o amor e ouve-lhe imediatamente a voz. Falam, entretêm-se, continuam a vida espiritual. A que lá está em cima é feliz na bem-aventurança e a que ficou na orfandade já não sofre, como dantes sofria, porque o que era esperança tornou-se certeza...

– Certeza de quê?

E Coelho Neto conclui: “De uma vida melhor e maior, de vida puramente espiritual, como a claridade, vida sem dores, sem os tormentos próprios da carne que não é mais do que um cadinho em que nos depuramos em sofrimento para alcançarmos a perfeição”.

Esse, o belo e comovente episódio assistido por Coelho Neto (o príncipe dos prosadores brasileiros); episódio que o transformou, subitamente, como a Paulo de Tarso, de inimigo ferrenho em ardoso defensor do espiritismo.

Mas, Coelho Neto não se restringiu, apenas, às sessões espíricas. Além de *A conversão*, que teve grande repercussão devido ao seu nome glorioso, o escritor patricio deu à doutrina dos espíritos outra contribuição, que absolutamente não pode ser esquecida: refiro-me à conferência “A vida além da morte”,²⁵ realizada no Abrigo Thereza de Jesus no dia 14 de setembro de 1924. Com um total de 45 páginas, foi impressa nas oficinas gráficas de *A Noite*, no Rio de Janeiro, às expensas de vários sócios da referida instituição de caridade. O opúsculo, todavia, foi distribuído gratuitamente. O precioso documento, de cujos direitos autorais Coelho Neto abriu mão, é hoje raríssimo (em nenhuma obra eu o vi, pelo menos, citado) e, por tratar-se de mais uma autêntica profissão de fé, dá-lo-emos à curiosidade do leitor. Quando o redigiu, tinha Coelho Neto

60 anos de idade (dois anos depois, em 1926, tornava-se presidente da Academia Brasileira de Letras).

Disse Coelho Neto na noite de 14 de setembro do ano de 1924:

À diretoria do Abrigo Thereza de Jesus agradeço, do mais íntimo do coração, a honra e o carinho com que, nesta piedosa casa, me recebe. A todos vós, que me ouvís, paz!

É de uso, nas reuniões que celebrais, iniciar o orador o seu discurso por uma prece, pondo-se em comunicação com a Divindade e exorando-a para que nos assista sempre. Precedeu-me, porém, em tal ascese o mui digno presidente desta casa e na concentração em que se manteve, pondo a alma aos pés do Senhor, todos vós o acompanhastes devotamente.

Assim, pois, rendidas as nossas graças ao céu, começo, não entrando logo no assunto, porque não tenho ainda direito de falar-vos como adepto, senão, primeiro, fazendo, para que me aceiteis convosco, à maneira de profissão de fé, uma declaração que possa correr mundo apregoando a minha crença nova, nascida da maior das fecundidades, de onde sai a vida e que só se esteriliza na morte: a dor.

Não venho abjurar a essência da doutrina que me trouxe desde o berço até a velhice, porque nunca me senti mais de perto de Cristo do que agora; venho, sim, dizer-vos da revelação que me iluminou o espírito fazendo-o sentir bem, em toda a sua bondade e em toda a onipotência. Aquele que se encarnou com a maior graça celestial para surgir no mundo, entre os homens, não como algoz, anunciando tormentos, mas como amor sublime, como perdão, passando pela morte para torná-la o caminho da perfeição.

Nunca fui cético, nem tampouco fanático: tive sempre o coração a ouro-fio na verdade, considerando os Evangelhos puros como os quatro pontos cardeais da crença.

Nascido em lar humilde, desde infante habituei-me com a palavra suave dos simples que me cercavam, tão simples como os pastores de Belém ou como os que acompanharam o Divino Emissário nas

peregrinações de piedade.

Foi com essa gente que comecei a amar Jesus e a venerar a Virgem, lâmpada ou candelabro de sete luzes, ou sete dores, que resplandeceu e resplandece em Divina Claridade. Assim nunca fui cético.

Nunca fui fanático porque, para ponderar o que recebia dos meus, a minha razão apurava as verdades repelindo tudo quanto lhe parecia contrário à sã doutrina pregada pelo Anunciador. No trigo da hóstia da minha crença nunca entrou milhares de joio.

Assim, pouco a pouco, avançando no tempo em estudos, eu, católico praticante, comecei a insurgir-me contra umas tantas ou quantas imposições doutrinárias por desmentirem a própria Palavra Divina transformando o caráter do Enviado do Céu, que todas as vozes profética anunciavam como Redentor, em rancoroso verdugo que, em vez de cumprir a suave missão com que baixara da Altura – a de salvar a Humanidade – só a ameaçava falando-lhe em castigos, pondo-lhe diante da esperança, não o bem, mas o mal; não a redenção, mas as galés perpétuas, mais cruéis que as da vida que, para essas, há uma porta de remissão: a morte.

Assim o Anunciado dos anjos, tal como o representam os que o transformaram, trai os profetas e, esperado pela ânsia humana, como Portador do perdão, surge na vida como algoz e, como pastor do rebanho humano escolhe umas tantas ovelhas deixando o resto ao desamparo, à mercê das alcateias de lobos que as farejam.

Desde então a dúvida começou a trabalhar em meu espírito e, calado, sentindo ainda o prestígio das palavras dos que primeiro semearam em minha alma, comecei a colecionar o que lera nos Evangelhos com o que ouvia aos pregadores da religião de Cristo e achei que os seareiros do campo sagrado traziam paveias, mais de cizânia que de trigo, dando ao espírito dos fiéis um pão amargo em vez do candil oferecido por Jesus a seus discípulos na ceia.

A religião de Deus Único degenerou em politeísmo igual ao grego e ao latino com a diferença apenas de nele chamarem-se os deuses: santos.

Para preencher os lugares deixados pelos numes da gentildade o catolicismo criou uma população canônica e assim, em verdade, o que houve foi apenas nova eleição, novos mandatários, como se dá

nas assembleias políticas, com a renovação das representações, prevalecendo, porém, a Constituição e governando-se os trabalhos pelos artigos do Regimento.

E a prova do que digo temo-la nas festas do catolicismo, que não são mais do que sobrevivências de cultos pagãos disfarçados pela Igreja.

Surgisse um homem, como Tertuliano, que, com ardor da fé que abrasava, acendeu a fogueira apostólica em que pereceram todos os ídolos do paganismo e a religião de Cristo ressurgiria purificada, deixando em cinzas tudo que nela, tendenciosamente, introduziram os que deturparam e deturpam textos evangélicos, transformando a doutrina revelada em obra política.

Homem de fé, o Livro de minha alma, aqui o tenho: é a Bíblia. Não o encerro na biblioteca, entre os de estudo, conservo-o sempre à minha cabeceira, à mão.

É dele que tiro a água para a minha sede de verdades; é dele que tiro o pão para a minha fome de consolo; é dele que tiro a luz nas trevas das minhas dúvidas; é dele que tiro o bálsamo para as dores das minhas agonias. E o vaso em que, semeando a caridade, vejo sempre verde a esperança, abrindo-se na flor celestial, que é a fé.

Eis o livro que é a valise com que ando em peregrinação pelo mundo. Tenho nele tudo.

O Deus, que trago no coração, é Cristo. Tenho-o diante de mim, como orago, no meu gabinete de trabalho, cercado de flores, turíbulo perenes, que o embalsamam com o seu aroma e, mais do que em imagem, tenho-o em culto no oratório do meu coração.

Os pontos cardeais da minha Religião são os quatro Evangelhos. Lendo-os, conforto-me e, quanto mais os medito, mais me sinto aproximar de Deus.

Se deixei o caminho que trilhava tortuoso, sombrio, sempre erizado de espinhos, a pique sobre esse abismo flamejante, o Inferno, com que a Igreja ameaça aos que se atrevem a discordar de um só dos seus imperativos férreos, foi guiado por esses quatro esplendores.

Tive a minha estrada de Damasco e da cegueira em que jazia, levantei-me em deslumbrante claridade, e vi!²⁶ Vi a Verdade e, seguindo-a, achei-me entre vós. Aqui estou!

Agora, em vossa companhia, vendo como vos portais, convenço-me de que os vossos adversários combatem com armas insidiosas, usam de falsídias para tornar-vos antipáticos e detestados dos simples, denunciando-vos como pactuados com o Demônio – sempre o Demônio! –, trunfo máximo na grande cartada que estão jogando.

O catolicismo transformou a cruz, símbolo da Redenção, em clava de combate para rechaçar demônios. Para a Igreja o espírito de que está em toda parte, como a luz, não tem poder sobre a sombra, e tem no um padre com o hissope e a caldeirinha. O que não consegue o Sol eterno conjura o círio; onde a claridade suprema não logra vitória triunfa a chama tibia de uma lamparina de óleo. Absurdo.

Não podendo impor-se pela bondade quer a Igreja dominar pelo terror e polui a obra divina enxameando-a de demônios como uma carniça a refervilhar de vérmina.

Não! Deus não quer ser procurado por espavoridos senão por amorosos que o busquem, de coração, por Ele; que se lhe achem sorrindo, como se aconchegam aos pais os filhos extremosos. Não se erija a cruz como espantalho de demônios, mas como símbolo da fé, tronco da misericórdia.

No início das vossas reuniões concentrai-vos em prece invocando a assistência divina de Jesus e, sob tal auspício, realizais o que os vossos inimigos comparam às missas negras. Se o demônio com que viveis aparceirados é esse que invocais, réprobos são os que vos caluniam porque se, nas legiões satânicas, aparecesse tal demônio os expulsos do céu, só com o contemplarem, ficariam redimidos como ficavam furados da lepra ou da cegueira, da paralisia ou da mudez os que se aproximavam do suave Missionário.

Outro demônio, que também invocais, é aquela criatura meiga que foi o veículo escolhido por Deus para entrar na Humanidade na pessoa de Jesus: Maria.

Assim é caso de bendizermos o nosso Inferno. Se as suas chamas queimam, nelas quero eu inflamar-me porque sobem de uma fogueira que dá Vida e ilumina eternamente os Tempos – o coração de Jesus e espadanam em sete labaredas partidas das cicatrizes abertas no coração maternal da Virgem pelas sete espadas de Martírio.

Senhores, a perseguição que vos movem é natural, é até necessária

para maior glória do triunfo, que vem perto. Sofreram-na longamente os primeiros cristãos, quando ainda a Fé se não havia turvado com o que nela espalharam os que tanto têm comprometido a pureza do cristianismo.

Que vos ataquem! Forrai-vos com aquela indômita coragem com que Tertuliano, na sua “Apologética”, desafiou os magistrados de Roma e repeti as palavras formosas com que o eloquente cartaginês, referindo-se à Verdade, falou aos seus irmãos:

“Estrangeira neste mundo ela não ignora que encontrará inimigos fora de seu país, todavia, caminhando de olhos fitos no céu, sua pátria e sua esperança, sem preocupar-se com o crédito nem com a glória, só uma coisa aspira aqui embaixo – é que a não condenem sem conhecê-la.”

Quando não aterra com o Inferno, a Igreja amedronta com o manicômio, afirmando que a maioria dos espíritas dá à costa na escaleira do hospício.

Há no hospício espíritas, não serei eu quem o negue, não tantos, porém, como afirma a Igreja que não inclui na sua lista os que lá desvairam por conta das suas prédicas e dos seus cochilos de confessionário. Mais são ali os possessos saídos de sacristias do que os obsidiados pelos espíritos. Se há fanáticos no espiritismo também os há na grei católica. Os que iam em romagem ao túmulo do diácono de Paris, no cemitério de São Medardo, não eram discípulos de Kardec, nem o são, tampouco, esses míseros sertanejos que calcorreiam estirões de carrascal, ao sol, carregando pedras, em marchas penitenciais ou desobrigas, dominados por missionários que os escravizam a Deus e fazem da cruz misericordiosa verdadeiro pelourinho para tais infelizes.

Quanto à hipocrisia, de que sois acusados, respondi que antes de vos haverdes reunido em prece e cerimônia de culto espiritual, já o símbolo da Hipocrisia fora achado por Molière em uma sacristia e aí o temos no Tartufo.

Passemos, porém, adiante. Cuidemos da obra que está a reclamar a atenção de todos os verdadeiros cristãos – o expurgo dos livros evangélicos. Restituamos à Bíblia a doçura que lhe tiraram, expunjam-lhe os enxertos, tornando-a verdadeiramente apostólica,

tal como foi ditada pelo Pregador Supremo. Exegeses são chicanas. A Verdade é uma só.

O doutrinador espírita procede como Jesus que não cobrava as suas parábolas exemplares nem os seus sermões edificantes e nunca pôs preço aos milagres que realizou.

O sacerdote católico – tão diferente do antigo antiste – é um profissional da Fé. O espírita ama a Deus onde quer que se ache e em todas as coisas que se lhe apresentam reconhece-lhe a onipotência: na vida dos mundos siderais, que esplendem no espaço infinito, e no pequeno gomo que rebenta na haste de uma planta. Para senti-lo e comunicar-se com ele não precisa procurar catedrais ou basílicas, igrejas ou capelas – sente-o presente, ama-o e glorifica-o na liberdade plena da natureza; na terra, no mar e no céu; no cimo da mais alta montanha e no vale mais fundo, no campo, ao sol, e na caverna obscura, porque estando Deus em toda a parte, toda parte é o seu templo.

Jesus poucas vezes subia ao monte Moriote, onde avultava, imenso e grandioso, o templo de Salomão. Os que o buscavam dirigiam-se, de preferência, às praias, estâncias de pescadores ou batiam à porta das cabanas paupérrimas perguntando por Ele.

Assim foi e assim será sempre. É no lar humilde, onde há dor ou lágrimas, fome ou frio, enfermidade ou angústia, que Deus se assenta, invisível, entre os da família.

Na Igreja tudo é fausto: nos altares, nos púlpitos, nas alfaias, nos paramentos, nas luzes. A miséria só aparece na escadaria exterior, trono de Lázaro, faminto e nu.

Mas para o Senhor de todas as grandezas que valem ouro e luzes da Terra? Valem, sim, os sofrimentos que o reclamam a vozes estranguladas por soluços, valem os gemidos, vale o pranto, valem as angústias. Onde, pela primeira vez, se alanceia o coração de Cristo e, pela primeira vez, lhe treme, fragilmente, a carne? Onde, em suor sanguíneo, se lhe mareja o rosto meigo e os olhos se lhe escaldam em lágrimas ferventes? Onde, sentindo a perfídia ingrata de um dos apóstolos e chegada, com a traição, a hora trágica da profecia, já à beira da morte, Cristo se despede da Vida? No Horto.

Noite, embora, não lhe basta a treva, ainda se embrenha na

espessura das oliveiras, afastando-se dos discípulos que o haviam acompanhado.

Para que tanto isolar-se? Para que tanto esconder-se? Para orar. E como reza? quebrando o silêncio a vozes altas? Não! Humilha as palavras, dissolve-as no coração em ascese – essência mesma da prece que vai alta, porque parte da alma espiritualmente, sem corpo de voz, como já destinada ao céu. Assim nos ensinou ele a rezar: dentro do coração e, quanto maior for a agonia, de mais profundo deve sair a prece, não superficialmente, dos lábios. Templos... Templo é tudo e, principalmente, o coração dentro do qual se deve, em silêncio, recolhidamente, adorar o Criador.

Achando-se Deus em toda a parte, é certo que aqui o temos conosco. *Sursum corda!* Louvemo-lo e glorifiquemo-lo!

Para que buscar outros intermediários para Jesus se ele próprio deixou três ancilas fiéis para serviço da nossa alma? A primeira, de mais largo voo, a Fé, leva-nos à sua presença; a segunda consola-nos em todas as aflições com a promessa do céu – a Esperança; a terceira recebe as demonstrações do nosso amor piedoso e com elas obtém o prêmio celestial das graças – a Caridade.

Se temos as três virtudes a nosso serviço por que havemos de recorrer a outrem para comunicar com Deus?

Para que havemos de buscar fiscais que nos devassem a alma se temos conosco a Consciência sempre vigilante? Por que havemos de transmitir a outros ouvidos o que só Deus pode julgar e perdoar, Deus, que tudo vê e ouve, sente, adivinha, porque ele é toda a Sabedoria? Onde, nos Evangelhos, Jesus nos aparece como confessor? Sempre o vemos desde logo perdoando. Para Deus as palavras são inúteis porque ele as lê, antes de nascidas, no pensamento de quem as há de proferir. Se Jesus falava, era para que todos o ouvissem. Confessor, homem de sussurros, nunca o foi! A confissão é uma violação da alma. Cristão, confesso não sou, entretanto, não sou dos que negam aos crentes de outras religiões o que Deus lhes assegura com a sua infinita misericórdia. O que dá ao cristianismo incontestável supremacia sobre os demais credos é a pureza da sua essência, a Moral em que assenta e a Bondade que emana.

Deus, porém, que abriu a Vida e nela pôs o Homem, seria injusto

com a sua criatura se apenas a considerasse digna do seu amor depois que de todo se lhe iluminasse a inteligência para conhecer a Verdade, amá-la e venerá-la.

Que se diria de um pai que repelisse de si um filho pequenino por não o saber festejar, não lhe dizer o nome ou por estranhá-lo abrindo em pranto se ele o tomasse ao colo? Esse, mais que o adolescente ou o adulto, merece ser acariciado e foi, talvez, referindo-se a tais inocentes que Jesus, que tudo ensinava por alegorias e parábolas, disse chamando a si as crianças que o cercavam e que os apóstolos repeliam: *Sinite parvulos venire ad me.*

A Igreja também repulsa tais insontes, afirmando que não serão recebidos no céu, não por haverem pecado, mas por não haverem recebido o batismo, reconhecendo um Deus que só mais tarde se havia de manifestar em uma religião de amor.

Religiões não se discutem. Nem eu as discutirei senão quando mas quiserem impor. Cada qual se comunica com Deus conforme o ensino da sua crença. Discutir religiões seria o mesmo que discutir linguagens condenando, por exemplo, a inglesa por pobre em verbos, a alemã por abstrusa na sintaxe, a portuguesa por inflada nos ditongos etc.

Religiões são idiomas. Assim como há várias línguas todas exprimindo as mesmas ideias, ainda que em termos diferentes, há várias religiões, cada qual com o seu símbolo, o seu rito, todas, porém, colunando o mesmo ideal.

As religiões primitivas, com cerimônias bárbaras, sanguinolentas, foram os primeiros tartareios da fé. Os idiomas transmitem o pensamento, as religiões traduzem a crença: uns servem para a comunicação dos homens entre si, na vida; outras entendem com o destino da alma além da morte.

O lume é um e o mesmo, qualquer que seja a lenha; calor e brilho dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou do jequitibá e com um pouco de folhas secas o pastor, na montanha, aquece-se e alumia-se. O necessário é ter lume – Fé.

Deus é um só em vários símbolos e altares, e esse Deus é a Bondade ou como lhe chamamos nós: Jesus.²⁷

A crença equilibra o homem entre o céu e a terra e, nos dois

extremos em que ele se apoia, o peso deve ser o mesmo – Amor: amor de Deus sobre todas as coisas, amor ao próximo, como a nós mesmos.

Viador, como todos vós; acho-me diante de uma cidade maravilhosa, cingida de muralhas altas, cujas portas resistem fechadas e seladas inviolavelmente com selo de arcano. A vida, que nela se movimenta, e que eu sinto, que todos vós sentis, é ainda mistério.²⁸

Que é habitada, não há como negá-lo. Mas que população estranha é essa que se agita em silêncio, como os átomos, nos raios de sol, que se comunica sociavelmente conosco, mas desaparece arisca, se a buscamos com insistência, com a mesma esquivança com que a sombra refoge à luz. São essências que andam errantes no ar como o aroma exalado das flores.

Os materialistas taxam-nos de insanos porque afirmamos a existência do que não vemos e são eles mesmos que demonstram, com experiências e provas irrefutáveis, que o ar está enxameado de vidas microscópicas; que uma gota de água é um mundo oceânico de infusórios; que na antena de uma borboleta ou na pata de uma abelha emigra vida vegetal em sementeira, ou pólen; que o micróbio infesto está em toda a parte e em tudo, vário e múltiplo.

E por que, se perdura e perpetua-se em germens a vida material, a vida espiritual, vida da alma, eterna, não há de ter continuidade?

Entrai no anfiteatro anatômico e vede o fisiólogo a escarnificar o cadáver. Para que tão cruenta chacina de espotejo, de ventre, ressecção de ossos, arrepanho de músculos, enfeixe de fibras, nervos e vasos nos quais o sangue é coágulo? Em que se empenha tão arduamente esse necropso? Em estudar a vida na morte. Não vos parece isso absurdo? E, todavia, é verdade. O compêndio em que mais medita o sábio é o cadáver; é com as noções que dele tira que combate a morte, curando o mal com o próprio mal, arvorando, assim, em princípio o contestado aforismo do *Similia similibus curantur*.

Se aceitamos a ciência da vida tomada na inércia rígida da morte, por que havemos de negar a sobrevivência da alma, quando a sentimos presente, em manifestações flagrantes? A vida é ela, ela só.

Ouçamos Vieira: “Quereis ver o que é uma alma? Olhai (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma”.

Pena é que, por ser extenso o assunto e o tempo escasso eu vos não possa dar toda a glosa com que o fecundo pregador comenta a formosa definição do africano; abreviando-a, porém, digo-vos:

Figurai um cadáver estendido na eça – é o corpo humano tal como o vemos em sono: nada lhe falta do que o compõe. Pergunto-vos, entretanto: “Que é do movimento, agitação dos membros? Que é da palavra, agitação da ideia? Que é dos sentimentos? Que é dos sentidos? Que é das ações? Que é, enfim, do que nesse corpo era energia e luz? A energia esgotou-se de todo; a luz extinguiu-se”.

Esplende o sol no zênite e toda a vida exuberava. Vede o mundo nas horas melancólicas da tarde, quando o sol declina e tramonta. De púrpuro e dourado torna-se o céu cor de pérola, tinge-se de violeta, cinza-se, denigra-se. Foi-se o sol, seguiram-no as nuvens áureas como as coroas que acompanham os esquifes.

Noite. Que é da cor das árvores? Que é da graça dos acidentes montanhosos? Que é da gentileza das flores? Que é da voz das aves? Tudo levou o sol.

E morre o sol? Se morresse a hora do primeiro ocaso teria sido a última da vida. A prova de que o sol não morre é que, dentro da noite, nesse morrão ou cadáver da luz, a vida lateja porque nela se mantém o calor do sol, como resta a semente da árvore caída para renascer em tige e reflorir na leiva. O sol gira e quando nos deixa vai iluminar os nossos antípodas, despertando-os.

E que é o túmulo senão um território antípodo? Que é a morte senão uma noite oposta a um dia, a vida? E assim como os dias e as noites, sucedendo-se, formam a cadeia infinita do Tempo, assim a Vida e a Morte, reproduzindo-se no aperfeiçoamento, formam a Eternidade.

Cada um de nós tem dentro de si um sol. De onde veio? Será uma centelha do astro que se mantém em nós como a chama na lâmpada perene? Não! a sua origem é de mais alto porque foi o próprio Deus que no-la herdou quando, ao formar o corpo do Homem com a terra edênica, animou-o com o seu hálito, como no-lo diz a Bíblia:

Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae, et inspiravit in

*faciem ejus spiraculum vitae, et factus homo in animam viventem.*²⁹

Vede agora o absurdo: Se a alma, dada ao homem, era o próprio Espírito de Deus e se é nela que incide a maldição do Céu, Deus condena-se a si mesmo e rende-se a Satanás, rojando-se do alto da sua Grandeza aos abismos inferiores, escravizando-se ao adversário: Ele, o Senhor; Ele, o Onipotente.

Onde há a falsidade – na Bíblia, quando nos cita o versículo da Gênese ou na Igreja condenando a alma, essência divina, ao Inferno?

Impugnam, os que nos combatem, a única doutrina compatível com a Misericórdia Divina, doutrina anunciada e até demonstrada por Jesus Cristo, a da reencarnação, em estágios ou graus de aperfeiçoamentos, desde o Inferno até o Paraíso. Inferno!...

Por mais que se exalte a imaginação desses cultivadores do Mal, nunca engendrará flagícios como os que nos excruciam neste vale de lágrimas.

Fornalhas as mais ardentes, crateras as mais flamívomas, rios ígneos, solfataras borbulhantes, fojos de pez fervente não atormentariam tanto as almas como o fazem as sete labaredas que a Igreja denominou – Pecados mortais.

Monstros... Que valem os cerebrinos: grifos e basiliscos, serpes e escolopendros, tarântulas e salamandras, toda a fauna imaginária do Báratro comparada à que se alaparda na Consciência: o desespero, o remorso, o medo e todas as ânsias que nos constringem e remordem peçonhentemente a alma?

Demônios? Temo-los às legiões, nos sentidos que nos ferroteam, temo-los nas dores que nos lancinam; nas úlceras, que nos dilaceram e apodrecem a carne em vida! Temo-los nas enfermidades que nos febricitam, envolvendo-nos nas chamas de túnicas molestas; temo-los na cegueira, na mudez e na surdez que nos travam a palavra e trancam-nos os ouvidos; temo-los na paralisia que nos entrea, nos aleijões que nos deformam, na loucura que nos desvaira e não cito as torturas morais que nos corroem por dentro.

Aqui é que veem os corpos contorcidos; aqui é que se ouve o ranger de dentes; aqui é que se sofre; aqui é que se pena. O Inferno é aqui, e, por ser assim, foi que Jesus baixou do Céu para trazer o alívio da sua misericórdia aos padecentes.

Computadas as legiões do Inferno com os males que assediam a vida neste trânsito, quão mesquinha nos parece a população do Erebo!

Por que essa preocupação de fugir da Verdade para a Mentira?

Inferno de fogo vivo, de torturas demoníacas, desde a das chamas nos braseiros até as dos esmagamentos pelo capacete de arrocho, da trituração pelos esarpes, do quebramento de ossos a macete e imuta, da distensão dos membros nos suspensórios dos ergástulos, do decúbito em grabatos apuados, do potro, da roda, do acanaviamento, da prisão em enxovias úmidas e por todos os inventos dolorosos que minoram em prática os beatos padres do Santo Ofício, cuja descrição ainda hoje estarrece, teve-o a Europa assolada pelo catolicismo, acesa em guerra como a dos albigenses e teve-o, principalmente, a Espanha, capital flamejante e lúgubre da Inquisição, quando a governaram, com ânimo crudelíssimo, Pedro Arbues, o santo, e Torquemada, o místico. E nesse Inferno a quem elegeram os padres como presidente: a Satã? Não! a Jesus.

Comparai a obra suave do Messias, na missão de amor que o trouxe do Céu à Terra, com a dos carnílices discípulos de Loiola e tereis o contraste.

A doutrina da reencarnação³⁰ a que me vou referir não é de invenção nossa, senão do livro sagrado, o Livro dos livros, pedra fundamental da Igreja: a Bíblia.³¹

Cristo, segundo o anúncio das vozes proféticas, devia ser precedido pelo espírito de Elias e esse espírito reencarnou-se em São João Batista.

Ouçamos Malaquias, capítulo IV, versículos:

5 – Eis aí vos enviarei eu o profeta Elias, antes que venha o dia grande e horrível do Senhor;

6 – E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para não suceder que eu venha, e que fira a terra com anátema.

Que Elias era esse senão o tesbita, profeta de Israel, que o Senhor ordenou ficasse ao pé da torrente de Cante, defronte do Jordão? Se São João Batista era o próprio Elias, tomado ao mundo, em missão, como veio ele? Ressuscitado? Não! Porque o Batista nasceu de Isabel,

logo: renascido ou reencarnado.

O anjo que anunciou a Zacarias o nascimento do Batista, são palavras evangélicas, de São Lucas: Livro I, versículos:

13 – Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração, e Isabel, tua mulher, parirá um filho, e pôr-lhe-ás o nome de João.

17 – E o mesmo irá diante dEle no espírito e virtude de Elias, para reunir os corações dos pais aos filhos, e reduzir os incrédulos à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito.

E o próprio Jesus, falando de São João Batista às gentes – transcrevo Mateus, capítulo II, versículos:

7 – E logo que eles (os dois discípulos enviados por João a Cristo para saberem se era ele, em verdade, o esperado Messias) se foram, começou Jesus a falar de João às gentes: Que saístes vós a ver no deserto? Uma cana agitada ao vento?

8 – Mas que saístes a ver? um homem vestido de roupas delicadas? Bem vedes que os que vestem roupas delicadas são os que assistem nos palácios dos reis.

9 – Mas que saístes a ver? Um profeta? Certamente, vos digo, e ainda mais do que profeta.

10 – Porque este é de quem está escrito: Eis aí, envio eu o meu anjo ante a tua face, que aparelhará o teu caminho diante de ti.

11 – Na verdade vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Batista; mas o que é menor no reino dos céus é maior do que ele.

12 – E desde os dias de João Batista até agora o reino dos céus padece força, e os que fazem violência são os que o arrebatam.

13 – Porque todos os profetas e a Lei até João profetizaram.

14 – E se vós o quereis bem compreender, ele mesmo é o Elias que há de vir.

15 – O que tem ouvidos de ouvir, ouça.

Não são ouvidos que lhes faltam, nem olhos, fazem-se, porém, de moucos e cerram-se na pior das cegueiras porque assim lhes convém.³² Procedem com a Fé como certos mistificadores da Caridade que se contorcem em aleijões, simulam chagas com que se abostelam, emparcham os olhos e quedam fitando pasmadamente a altura em amauroses industriosas. Açulem-lhes, porém, um cão às

pernas e logo, como a gente de Trouillefou, o aleijado dará às gâmbias; o das úlceras abalará a todo o pano e o cego será o que fuja por melhor caminho.

O mendigo, colhido no embuste, choraminga, alegando invalidez, falta de trabalho, para justificar o tal meio de vida. Eles, se a verdade os confunde, aferram-se obstinadamente ao dogma, e diante da mais flagrante evidência, voltam os olhos ou tapam-nos para não ver.

E, todavia, todas as suas negações são hoje leis científicas. Galileu destruiu um dogma, eles mantêm-se nas ruínas do que foi um dos seus baluartes e ainda que sintam que tudo ande desmantelado, entrincheiram-se nos escombros.

Jesus vestia uma leve túnica de linho alvo, trajo cândido; eles vestem-se de negro. Jesus abençoava, eles excomungam. Jesus, para aqueles mesmos, que o martirizavam, era misericordioso e quando mais lhe infligiam suplícios, Ele, voltando o olhos doces para o céu, implorou: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem”. Eles condenam os próprios inocentes se não se expurgam nas águas do batismo, Jesus anunciou-se como Redentor; eles o transformaram em verdugo. Jesus andava no meio dos simples como pastor entre ovelhas; eles, no rebanho, procedem como lobos. Jesus prometeu ao próprio ladrão o Paraíso; eles só nos falam no Inferno. Inverteram os evangelhos, esse pouco!

Em ouvindo falar em espiritismo irritam-se, bradam contra a abominação e, abroquelados com o dogma, negam, a pés juntos, todas as possibilidades de comunicação com o Além. Entretanto, já em Moisés, para não sairmos da Bíblia, encontramos referências a práticas rudimentares do espiritismo, que começou, como começaram todas as ciências, por tentativas falhas, experiências frustradas.³³ E, todavia, da hermética dos alquimistas saiu a Química; procurando nos cadinhos, aquecido no acanor, a utopia na flama maravilhosa acharam os espagiristas a verdade, que triunfou. Assim foi, assim será sempre. Todo início é misterioso.

Prossigamos.

Amedrontado com o número e aguerrido exército dos filisteus e sem o conselho sempre avisado de Samuel, que morrera, recorre Saul ao Senhor. Primeiro Livro dos Reis, capítulos 28, versículos:

6 – E consultou o Senhor, e não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas. Que fez ele? Pediu que o levassem a uma mulher que adivinhava pelo espírito de Píton.

Continuemos no mesmo capítulo, versículos:

11 – E disse-lhe a mulher: Quem queres tu que te apareça? Disse Saul: Faze-me aparecer Samuel.

12 – E a mulher tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito e disse a Saul: Por que me enganaste tu? Tu pois és Saul.

13 – E o rei lhe disse: Não temas: que viste tu? E disse a mulher a Saul: Vi um deus que subia da terra.

14 – E disse-lhe Saul: Como é a sua figura? Respondeu a mulher: Subiu um homem ancião, envolvido numa capa. E entendeu Saul que era Samuel, e fez-lhe uma profunda reverência, e prostrou-se por terra.

15 – Disse pois Samuel a Saul: Por que me inquietaste fazendo-me vir cá? E Saul lhe respondeu: Eu acho-me no último aperto: porque os filisteus me fazem guerra, e Deus se retirou de mim e não me quis nem por profetas, nem por sonhos; por essa razão te chamei para que me declarasses o que devo fazer.

16 – E disse Samuel: Para que me perguntas quando o Senhor te tem desamparado, e se passou para o teu rival? E prossegue ao anátema, sempre em nome do Senhor.

O vidente de Rama, cujo espírito se manifesta materializado no corpo de um ancião coberto com uma capa e pronunciando-se em nome do Senhor, não saíra do Inferno, de onde se não sai e, se baixara do céu, onde certamente assistia, pelas virtudes com que se dignificara na vida, como explicam os negativistas tal aparição, de que nos dá testemunho a Bíblia com a sua autoridade incontestável de Livro das revelações?³⁴

Negam também as várias manifestações espirituais de Cristo e, todavia, os Evangelhos no-las confirmam. Jesus aparece à Madalena:

Achava-se a linda irmã de Lázaro chorando junto ao sepulcro em que fora encerrado o corpo de Jesus quando dois anjos, que ali se achavam, perguntaram-lhe – por que chorava. E ela respondeu-lhes: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

14 – Ditas estas palavras, olhou para trás, e viu a Jesus em pé, sem

saber contudo que era Jesus.

15 – Disse-lhe Jesus: – Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, julgando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

16 – Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: Rabino! (que quer dizer Mestre).

17 – Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Que vou para o meu Pai e vosso Pai para meu Deus e vosso Deus.

Aos discípulos. No mesmo capítulo do Evangelho de João, versículo:

19 – Chegada, porém, que foi a tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se achavam juntos, por medo que tinham dos judeus, veio Jesus e pôs-se em pé no meio deles: Paz seja convosco.

Notai a preocupação do apóstolo em dizer que “as portas se achavam fechadas” como para fazer sentir a pura espiritualidade do Mestre que os visitava, materializando-se, porém, logo que se achava entre os discípulos, tanto que lhes mostra as mãos e o lado, como para lhes provar que os visita em corpo.

Mais ainda. Em Tiberíade – valho-me sempre, em tais passos, do testemunho de São João, capítulo 21, versículos:

1 – Depois tornou Jesus a mostrar-se a seus discípulos junto do mar de Tiberíades. E mostrou-se-lhes desta sorte:

2 – Estavam juntos Simão Pedro, e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná de Galileia, e os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discípulos.

3 – Disse-lhes Simão Pedro: Eu vou pescar. Responderam-lhe os mais: Também nós outros vamos contigo. Saíram, pois, e entraram numa barca, mas naquela noite nada apanharam.

4 – Mas chegada a manhã veio Jesus pôr-se na ribeira, sem que ainda assim conhecessem os discípulos que era Jesus.

5 – Disse-lhes, pois, Jesus: Ó moços, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhes eles: Nada.

6 – Disse-lhes Jesus: Lançai a rede para a parte direita da embarcação, e achareis. Lançaram eles pois a rede mas não podiam

trazê-la acima, que tão grande era a carga dos peixes.

7 – Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro:

É o Senhor. Simão Pedro, quando ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a sua túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar...

E aqui me fico com as transcrições por serem bastantes as já citadas, para prova da Verdade que embalde tentam empanar.

Je suis venu trop tard dans un mond trop vieux.

Assim se lamentava do seu nascimento tardio o suave e melancólico Musset.

Que diremos nós? Lastimaremos, como o poeta, a nossa entrada no mundo na hora em que nele a luz vasqueja em crepúsculo? Estou em afirmar que não.

Eu, de mim, protesto que preferira vir no dealbar da próxima alvorada, depois da noite que se anuncia e que será estrelada e sonora de cânticos angélicos, como aquela em que nasceu em Belém o Emissário misericordioso.

Que maravilhas ainda reservará Deus à Vida? O distribuidor de graças não as esparze com mão pródiga, mas com a mão prudente do semeador. Pelas flores que vemos é fácil calcular a safra de amanhã.

Quanta utopia realizada! Quanta promessa cumprida! Quanto arcano desvendado!

Quem dissesse aos nossos pais que o homem vingaria o espaço a arranque de asas, como as águias, seria tido por louco. E ei-lo que remonta, investe aos astros, corre aladamente as altitudes, brada vitória! onde os trovões trovejam, realizando triunfalmente o grande sonho, essa viagem ao azul para a qual a voz de partida foi o grito: Excélsior!

Dissesse alguém aos velhos de há trinta anos que o homem desceria às profundas do mar em corpo de cetáceo, atravessando o pélagos como Jonas o atravessou no ventre da baleia, e tal profeta seria ouvida como foi Cassandra. E, todavia, o abismo é hoje percorrido em todas as direções pelos terríveis esqualos armados pela guerra: submarinos e submersíveis.

Aí estão, patentes, os prodígios da mecânica, os milagres da física e da química e, pelo que se tem obtido com o auxílio da Ciência, já ninguém duvida de que, em breve, nos possamos comunicar com os

astros, conversar de mundo a mundo, como entre vizinhos.³⁵

Tais são, senhores, as evidências do mundo físico que a Igreja, anquilosada em dogmas, não pode contestar. Nega, entretanto, e tenazmente, as revelações constantes que nos vêm da vida psíquica; nega, não por certeza, senão por contumácia e, quando a chamam à prova, recusa-se e põe-se a vociferar do púlpito injúrias contra os que trata como inimigos, posto que os veja com o mesmo lábaro que ela desfralda como sendo o pavilhão da cidade de Deus: a bandeira cristã.

Que vale negar? Isso na Igreja é mal de origem: três vezes Pedro negou a Cristo e Pedro é a Pedra fundamental da Igreja. A negação obstinada não é prova, é teima.

No cenáculo, achando-se os apóstolos reunidos, baixou sobre eles o Espírito Santo em forma de línguas de fogo. E o que resultou de tais línguas? A eloquência da propaganda, e a doutrina pregada por línguas tais, assim como iluminava, arrasava – clarão da Fé, incêndio contra a heresia; luz e chama, esplendor fulgurando e labaredas comburindo. Essas línguas de fogo, que não vemos, mas que sentimos, descem, de novo, do céu sobre os homens de Fé – são elas que os inspiram; são elas que os iluminam; são elas que lhes dão ardor e entusiasmo para que combatam. Peçamos todos a Deus a grande mercê da inspiração do Alto.

Fulminam-nos os padres com o anátema porque prestamos culto de amor, ao que eles chamam de amor, ao que eles chamam a Morte e que nós consideramos tanto como a própria Vida. Se acham que procedemos mal buscando pelo amor, pela saudade, pela crença na sobrevivência dos espíritos comunicar-nos com eles, sem outro interesse senão o de os sentirmos, por que celebram cerimônias de remissão?

Por que confessam e ungem a moribundos? Por que encomendam mortos? Por que rezam missas e celebram exéquias? Certamente, ó vaidade! porque se julgam os únicos capazes de obter o perdão do Senhor. É crível que mereça mais aos olhos de Deus, todo Bondade, que as lágrimas de uma mãe um pouco de latim? Não!

Ninguém pode falar a Deus com mais ternura, reúnam-se embora todas as colegiadas sacerdotais de Roma, do que um coração

materno. Ninguém pode bater às portas do Paraíso com mais força do que o amor de um pai. Não há oração que se compare a um soluço.

A missa fúnebre que teve Jesus foi o *Stabat Mater*.

Não há rosário comparável a esse que os olhos desfiam em bagas de pranto.

Orar é sentir, e mercenários não sentem.

O culto da morte, como nós o entendemos, e praticamos, apareceu com a própria Vida.³⁶

A vida transita no espaço sem limites no tempo porque é eterna, tendo saído da Eternidade, infinita como a sua própria Essência-Deus.

A noite, nem por ser treva, interrompe a cadeia das horas.

Contemplai o oceano e nele tereis a imagem perfeita da vida.

Estendei pelas águas o vosso olhar e vereis formar-se nos longes do praiano verde a onda pequenina. Pouco mais é que um friso e abate; empola-se adiante e some-se; levanta-se mais cheia e afunda-se; soleva-se grossa e tímida e mergulha; cresce farta encristada de espumas e dobra-se sobre o abismo; assoberba-se em vaga e despenha-se fragorosamente; avulta monstruosa e soçobra; e, ainda aumenta, precipitando-se, com estrondo, do alto e, surgindo sempre maior da profundidade em que perece, assombra; e, à medida que se desdobra, acumulando impulsos sobre impulsos, ímpetos a ímpetos, desde os que trouxe do primeiro friso, dá-nos a impressão de topetar com as nuvens.

Assim a vida – é uma ondulação progressiva no espaço e no tempo.

Saímos de Deus pequeninos para os embates da purificação e de mergulho em surto e de surto em mergulho, melhorando, crescendo sempre, atingimos, alfim, a perfeição!

Esse mesmo Jesus, não querendo desfazer a imagem da vida, como nos apareceu? Pequenino, nascendo em um presepe humílico, mas onde o glorificam anjos e visitam reis para logo refugiar-se nos palmares do Egito; surgindo infante, entre os doutores do Sinédrio para, de novo, ocultar-se na simplicidade rústica de Genezaré; proclamado Deus pelo precursor, que o batiza nas águas do Jordão e delas sai o imaculado para isolar-se no deserto. Ei-lo de volta, e maior – é a palavra que doutrina e consola; é o gesto que abençoa e cura; é

o reclamo que ressuscita; é a Fé que salva, é o Messias.

Recolhe-se de novo às terras pagãs da Samaria, assenta-se na margela do poço de Sichate em conversa com a samaritana.

Procuram-no, em vão, os sofreadores até que um dia toda Jerusalém se enfeita; é o triunfo. Que mais? A queda no Pretório e do Pretório à onda do Calvário; no Calvário: a morte, o abismo e do abismo, três dias depois, o grande surto da Ascensão que restituiu ao Céu.

Eis o Missionário divino dando-nos na ondulação a imagem da vida perene, sempre crescente, até a perfeição Suprema.

Quebrar a continuidade da Vida seria tanto como perpetuar a Noite, que não é mais um vazio, vazio como há no círculo dos elos das correntes.

Condenam os padres a nossa crença filiando-a a tradições demoníacas, quando nela o orago é Jesus e ainda afirmando que só a aceitam e praticam espíritos inferiores.

Arrolemos alguns de tais espíritos bastardos: Homero, quando na Odisseia refere a visita do peregrino sutil ao país dos Cimérios, região das sombras onde, entre outras, encontra a da própria mãe e a de Elpedor, seu companheiro, com o qual conversa. Shakespeare... basta citar Hamlet e Macbeth.³⁷ Schopenhauer concorre à grei com um ensaio sobre as aparições.

Serão mistificadores todos os homens, de autoridade incontestável, que dão testemunho de casos misteriosos relativos à vida de além-túmulo?

Os nigromantes de hoje não andam a profanar covas invocando mortos, como as feiticeiras da Tessália, a pitonisa de Endor, os bruxos caledônios e outros; eles estudam a essência da vida, ou alma, como lhe chamam, com a mesma honestidade com que psicologistas estudam no cadáver o invólucro dessa mesma essência.

Enquanto uns destrinçam o cortiço, outros procuram a abelha e o segredo misterioso da cera e do favo – da inteligência, que é luz, e a bondade, que é mel.

E os espiritualistas de hoje, que estão para os nigromantes como os químicos para os alquimistas, chamam-se, e citarei poucos nomes: Crookes, de Rochas, Wallace, Oliver Lodge, Paul Gibier, Bourdin, de Guldenstübé, Sinnet, Eugène Nus, Vigeniére, Lombroso, Conan

Doyle, Chevreuil, Dale Owen, Gabriel Delanne, Van der Naillen, Leadbeater, Geley, Léon Denis, Flammarion, Girard, Boirac e tantos outros nomes, todos respeitáveis, alongariam demasiadamente a lista. E para que mais? Quando se está de posse da Verdade para impô-la no mundo não são necessários mais que doze apóstolos.

Os conventículos de bruxos e feiticeiros são hoje sociedades de altos estudos psíquicos. A Ciência tomou a semente das mãos dos rústicos para cultivá-la e fazê-la florir.

O grande Bacon já se referia a duas séries de fenômenos: os explicáveis, ou ostensivos, e os clandestinos ou, como os apelidou Boirac: faneroides e criptoides.

Spinoza afirmou: “Tudo que existe tende a perseverar no seu *eu!*”

Mme. de Stael³⁸ escrevia, em 1814, no seu livro *De l'Allemagne*:

“O que chamamos erros e superstições prendia-se, talvez, a leis do universo que nos são ainda desconhecidas. As relações dos planetas com os metais, a influência de tais relações, ou os próprios oráculos e presságios não poderiam derivar de forças ocultas das quais não temos a mínima ideia?”

“E quem sabe se não há um gérmen de ideias oculto em todos os apólogos, em todas as crenças inquinadas com o nome de loucura?”

“Disso não se segue que se deva renunciar ao método experimental, tão necessário nas ciências, mas porque não se há de dar por guia a esse método uma filosofia mais ampla que abrace o universo no seu todo não desprezando o ‘lado noturno’ da natureza até que o possamos iluminar, espalhando por ele claridade?”³⁹

E que lado noturno da natureza é esse a que se refere a autora de Corina! É o hemisfério do arcano, é o rosto velado da Ísis misteriosa, cujo corpo se mostrava aos crentes – é a sombra na qual começam a bruxolear os primeiros clarões, prenunciando a próxima alvorada e o dia da esplêndida Verdade. E nessa hora radiosa toda a negação cessará e os que nela insistem com os chirrios lúgubres desaparecerão vencidos como desaparecem nos antros obscuros, à primeira manifestação do sol, todas as aves agourentas que esvoaçam na treva.

Explicações querem eles; provas, exigem com arrogância, como se também pudessem explicar o que pregam, provar o que afirmam.⁴⁰

Neguem os fenômenos telepáticos. Não, não os negam porque

constantemente os citam, como os citam universalmente os povos dando-lhes vários nomes – avisos, *intersignes* etc., documentando-os com fatos testemunhados por pessoas fidedignas, que os próprios adversários não se atrevem a contestar.

Falei-vos da reencarnação. Cedo a palavra, sobre tal assunto, a um dos mais notáveis estilistas da geração que surge: Fernando de Azevedo.⁴¹

Diz ele em certo passo da sua obra recente intitulada: *Jardins de Salústio*:

“A Gautier parecia-lhe que vivera no Oriente; e quando, durante o carnaval, se disfarçava com algum ‘caftan’ e ‘tarbouch’ autêntico, julgava então retomar os seus verdadeiros hábitos... Surpreendia-se sempre de não entender o árabe correntemente; é que devia tê-lo esquecido... Na Espanha (dizia ele ainda) tudo que recordava os mouros lhe interessava tão vivamente como a um filho de islam e tomaria partido, em favor deles, contra os cristãos. É o que se deu com Pierre Louys: penetrado da alma da antiguidade, ter-se-ia sentido melhor na túnica dos gregos e é possível que muitas vezes, ainda moço, tivesse estranhado já não entender e falar corretamente o grego.”

Permiti que também vos leia uma página sincera que escrevi, há tempo, sobre o mesmo assunto, à qual dei o título de:

‘REMINISCÊNCIAS’

De quando em quando me ressurgem na memória lembranças de outras vidas, como em vasos que contiveram essências, servindo a outras posteriormente, aparece, por vezes, o aroma das primitivas.

Se a saudade é vestígio do que foi, essas recordações que se levantam em nós são como poeira de caminhos percorridos.

E quem não a traz em si? Quem não sente, de vez em quando, reminiscências de um passado, que não é o mesmo de onde viemos pelos atuais, mas muito mais remoto, um passado de além do evo em

que transitamos?

Essas saudades não jazem no coração, são livres, voam em volta de nós como as nuvens no espaço.

Quem nos diz que elas não são o que já fomos, como as nuvens já foram rios, pântanos, oceanos?

Quem nos afirma que não são lembranças de eras transcorridas, sobre as quais adormecemos quando nos soou a hora noturna, acordando com a madrugada para viver, de novo, ao sol e, de novo, dormir?

E os dias passarão continuamente e eu voltarei com eles como os minutos voltam com as horas, as horas com os dias, os dias com as semanas, as semanas com os meses, os meses com os anos, os anos com os séculos, enquanto girarem na Eternidade, que é o mostrador do Tempo, infinito, impassível, parado, espalhando a Vida, que é o moliço.

Senhores, todos nós acompanhamos com o coração transido de pavor essa imensa catástrofe que foi a guerra das nações, excídio sem igual na história, no qual não se sabe que mais se lamente, se a perda de vidas e de bens, se o recuo da civilização à révora de barbárie, quando o homem, ainda bruto, coberto de peles, úmidas do sangue dos animais escorchados, trucidava vítima em sacrifícios e cometia, contente, as maiores atrocidades impelido pelo instinto de depredar e matar.

Nesse enorme cataclismo em que a chacina teve para alumia-lo o incêndio, a devastação dos campos foi completada pelo trasmalho do gado e nas cidades destruídas pereceram templos, que eram relicários artísticos da Fé, bibliotecas, que eram patrimônios espirituais da Humanidade, ruíram monumentos, hospitais e asilos, escolas e oficinas, contam-se por milhões os combatentes que sucumbiram. Os espíritos de tais heróis, desencarnados, espalharam-se, prófugos, no espaço, como se dispersam atônitas as abelhas quando lhes crestam o panal.

E esses enxames de almas partidas antes de haverem completado o seu destino na vida, essas almas violentadas pela morte erram, vagueiam atordoadas procurando pouso onde assentem para cumprir a genitura que traziam.

Que resulta de tamanho desbarato, de tamanha confusão? resulta o que vemos: a desordem no mundo.⁴²

Como pode haver calma onde esvoaça toda uma vespeira? Como pode haver tranquilidade num ambiente alvoroçado de espíritos? E até que todos assentem, reentrando em novos corpos, ressurgindo em novas vidas, reencarnando-se, digamos, o mundo há de ressentir-se da tumultuosa confusão e só repousará com a Renascença ou volta à vida dos que dela partiram de surpresa, expulsos antes de terem realizado a missão em que haviam baixado.

Senhores.

Eis-me chegado ao fim, antes, porém, de despedir-me de vós, agradecendo a generosa atenção com que me honrastes, quero e devo dizer-vos como cheguei até vós, falando-vos daquele que aqui me trouxe.

Que apóstolo foi esse que pregou à minha alma a doutrina, toda de consolo e esperança, que é hoje a base da minha fé? De onde veio o missionário suave? Não veio: foi!⁴³

Na pobreza honesta do meu lar de trabalho, casa pequenina e risonha, onde tudo que existe foi adquirido à custa de sonhos – porque de sonhos vivo –, a felicidade era um dos numes tutelares, a honra outro e ao centro, que é o lugar do coração, completando e presidindo à trindade – o Amor. Ventura: a esposa e os filhos; cabedais, os livros. Para conforto o bastante e sempre uma pequena sobra que era a parte da caridade. Deus, sempre conosco, manifestando-se na misericórdia com que nos assistia.

Os filhos, meigos; a esposa... não encontro na língua adjetivo para louvá-la como merece. Digo apenas que é a mulher como a quis para desabotoar-se na Humanidade o Missionário do Céu. Amigos, poucos, mas leais; amigos que me foram fiéis na hora adversa, cujo bem-querer provei no amargo sabor das lágrimas.

Nesse lar, sempre feliz, entraram dez dias lúgubres – Decálogo que recebi de Deus no sarçal da agonia que, quanto mais arde em desespero, mais revija em esperança.

Mancebo, não conheci outro mais forte nem mais puro, de ânimo tão enérgico, de coração tão meigo.

Belo, não da beleza que transluz em traços, mas da que esplende

em gestos e atitudes de alma.

Esse exemplar da Virtude enfermou a súbitas, de pé, como um tronco ferido pelo raio. Tanta era nele, porém, a robustez, tão fortes eram as duas muralhas de amor que o cercavam que nunca pensei na possibilidade da sua queda.

Uma manhã, porém – manhã que o sol não quis iluminar –, a casa encheu-se de presságios. Os passos ensurdeceram no soalho, as vozes tornaram-se sussurros e os olhos que se fitavam reviam lágrimas uns nos outros.

Ele arquejava cansado de lutar com o sofrimento, agravado pelo martírio que lhe havia exaurido as veias que fizeram do leito uma verônica, não somente da face, mas de todo o seu corpo, medindo-o em estalão de sangue.

O atleta ali jazia traiçoeiramente derrubado, de olhos muito abertos, fitos em um horizonte inatingível à nossa visão mesquinha, horizonte de luz, limiar do Infinito, porta da Eternidade.

Nesse momento quis agarrar-me àquela vida que vasquejava, prendê-la a mim ou ir-me com ela, para não ficar no suplício da Saudade, que é a margem de um rio que ninguém transpõe e de onde, através do curso melancólico das lágrimas, se avista a outra margem misteriosa.

Não foi possível!

Aquele que nunca me desobedecera desatendeu-me pela primeira vez, não se voltando ao meu chamado. E foi-se! Eu fiquei! Fiquei, envelhecendo em minutos, eu, que resistira, vegeto, a sessenta anos, árduos e trabalhosos.

Foi ele, com sua alma límpida, sublime na morte heroica, que me fez antever a vida superior, estratificada em escaleira que sobe do mais rude ao divino, desde o rasteiro até a Perfeição absoluta reintegrando-se em Deus.

Senhores, eu estava cego e, assim como Édipo, guiado por Antígone, chegou aos vergéis de Cólonos, assim foi ele que me guiou até vós e me há de guiar até a presença de Deus, por me haver posto no caminho liso e claro da Verdade.⁴⁴

Por que chorá-lo se o sei feliz? Tenho saudade da sua presença material, como sei que chora, em lentejo de seiva, o galho que o

vendaval partiu; tenho saudade, é o sentimento do coração.

A alma, porém, essa sorri feliz e abençoa-o da Terra, acena-lhe com esse gesto de amor antes de reencontrá-lo.

Parta daqui a minha bênção e todos vós, comigo, pedi a Deus pelo que foi meigo, bom, honesto e justo e a ele próprio, o espírito de meu filho, que nos guie, que nos aconselhe e console nas dores e amarguras desta vida.

Que a minha bênção o acompanhe como a sua presença não me abandone, porque, assim como o sol, de longe, nos aquece e alumia, porque é lume, assim o espírito dos mortos nos conforta e dirige, porque é alma, pura essência, essência eterna, divina essência da vida.

Sursum corda.

* * *

E aqui termina a notável conferência de Coelho Neto. Como pôde observar o leitor, é uma autêntica profissão de fé. Apoiado nos fatos espíritas a que assistiu e nas obras dos cientistas que os comprovaram, evidentemente o inolvidável romancista tinha de estabelecer um paralelo entre o espiritismo e o catolicismo, pois viera ele deste último. Tornou-se Coelho Neto espírita pela evidência dos fatos, pelo alcance da filosofia dos espíritos e pela ternura e consolo dela derivados. Depois de citar quase duas dezenas de sábios que investigaram a fenomenologia espírita, conclui Coelho Neto, tranquilamente: “E para que mais? Quando se está de posse da Verdade, para impô-la ao mundo não são necessários mais do que doze apóstolos”.

Documento inequívoco e raro, *A vida além da morte* não podia ficar guardado entre um pequeno grupo de pessoas. Pertencendo, por direito, à bibliografia espírita, merecia divulgação ampla: daí a transcrição integral que fizemos.⁴⁵ E certeza absoluta temos de que o espírito de Coelho Neto (luminoso, porque na Terra foi um exemplo

de caráter) com esta transcrição deve estar satisfeito: não prestou, desta forma, mesmo “distante”, mais um serviço à Verdade que ele tanto cultivava quando entre nós?

-
- 24 Diz Coelho Neto: “Em casa, onde a propaganda, habilmente insinuada, conseguira fazer prosélitos”... Perguntamos: quem insinuou a propaganda do espiritismo na casa de Coelho Neto? Pessoa da família, não, que o escritor nessa época era inimigo do espiritismo e “todos o temiam”. É este um ponto obscuro. Mas, Olavo Bilac, frequentador assíduo da casa do Coelho Neto, era médium vidente e já havia escrito poemas espiritistas...
- 25 *A vida além da morte*. Foi o opúsculo de Coelho Neto oferecido gentilmente pelo jornalista Vicente S. Neto, a quem agradecemos de público.
- 26 Coelho Neto refere-se à comunicação do espírito de sua netinha Ester, em 1923. Alguns casos espíritos vividos por Coelho Neto foram incluídos por Flammarion na obra *A morte e seu mistério*.
- 27 Deus seria Jesus no sentido da bondade. Coelho Neto, páginas atrás, distingue perfeitamente Deus de Jesus, dando a cada um conceitos diferentes.
- 28 Quando Coelho Neto escreveu esta conferência, as obras de André Luiz, que nos contam a vida no mundo espiritual, não haviam sido publicadas.
- 29 No sentido alegórico Coelho Neto tem razão. Porque a “espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre e foi isso que deu lugar a que se dissesse que o homem se formou do limo da terra” (vide *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, capítulo que trata “Da criação”).
- 30 “Esta doutrina, como todas as que existiram, teve e terá no futuro adversários sistemáticos, inteligências hostis, indiferentes ou interessadas em combaterem-na, sobre isto não nos restam dúvidas. Sempre, porém, tal se deu com relação às mais sublimes conquistas do gênio e sabemos que a maior parte das verdades superiores, que mais honra fazem à humanidade, até a data do seu triunfo definitivo, foram sempre tratadas com desprezo e ironia, consideradas como visões quiméricas ou arroladas entre os mitos pueris, as ficções e utopias as mais insensatas. O progresso está habituado a fazer assim a sua entrada na história, amaldiçoado pelo passado, que ele desloca ou destrói, mas abençoado pelo futuro que ele fecunda e transfigura.” (Vitor Girard: *La transmigration des âmes*. Citação do próprio Coelho Neto)
- 31 Não é exato que a doutrina da reencarnação, uma das linhas mestras do espiritismo, tenha aparecido pela primeira vez na Bíblia. Na obra *Rig Veda*, escrita três mil anos antes de Cristo, e considerada pelos brâmanes como sagrada, constam hinos védicos feitos há 60 mil anos que falam da reencarnação.
- 32 Coelho Neto refere-se à Igreja atual. Porque os primitivos corifeus do catolicismo aceitavam e ensinavam a reencarnação baseados nos Evangelhos. Mais tarde, a Igreja suprimiu-a por interesses evidentes. Na Idade Média, os dois maiores defensores da reencarnação foram os célebres Boaventura e Orígenes. Em sua *História da Igreja*, o abade Bérault-Bercastel, estudando Orígenes, diz:
- “Segundo este doutor da Igreja, a desigualdade das criaturas humanas não representa senão o efeito de seu próprio merecimento, porque todas as almas foram criadas simples, livres, ingênuas e inocentes por sua própria ignorância, e todas também, por isso, absolutamente iguais. O maior número incorreu em pecado e, na conformidade de suas faltas, foram elas encerradas em corpos mais ou menos grosseiros, expressamente criados para lhes servir de prisão. Daí os diversos procedimentos da família humana. Por mais grave, porém, que seja a queda, jamais acarreta para o espírito culpado o retrocesso à condição animal; apenas o obriga a recomeçar novas existências, quer neste, quer em outros mundos, até que, exausto de sofrer, se submeta à lei do progresso e se modifique para melhor. Todos os espíritos estão sujeitos a passar do bem ao mal e do mal ao bem. Os sofrimentos impostos pelo bom Deus são apenas medicinais, e os próprios demônios cessarão, um dia, de ser inimigos do bem e o objeto dos rigores do Eterno”. (Vide, também, a obra de Orígenes intitulada *Dos princípios*.)

Além de Orígenes e Boaventura, outros famosos doutores da Igreja ensinavam a reencarnação: Santo Agostinho, Tertuliano, São Gregório de Nissa, Jâmblico, São Pânfilo, São Girolamo, São Jerônimo, São Clemente de Alexandria etc. etc. E, também, filósofos os mais eminentes: Platão, Plotino, Ovídio, Cícero, Proclo, Séneca, Apolônio de Tiana, Hiérocles; avançando no tempo nos deparamos com Lessing, Hegel, Leibniz, Hedger, Fichte, Hume, Schopenhauer; este último, autor, inclusive, da grande obra *Memórias sobre as ciências ocultas*.

Apoiada por tão altas inteligências, por que a reencarnação, de um momento para outro, viu-se atacada pela doutrina católica? É que, com a reencarnação, diversos dogmas caem por terra: o Vaticano abriu os olhos, apesar de Orígenes ou de São Agostinho serem tidos como mestres do catolicismo! Os interesses humanos estão acima da verdade divina...

- 33 O mediumismo, apenas, não constitui o espiritismo. Práticas mediúnicas sempre existiram. O espiritismo é uma doutrina filosófica, religiosa e científica nascida da mediunidade, mas, não poderá em hipótese alguma ser confundido com o mediumismo. (Vide a obra *O que é o espiritismo*, de Allan Kardec.) Médiuns e fenômenos mediúnicos existem em todas as religiões, mas, nem por isso todas as religiões são espiritismo.
- 34 A essa interpelação de Coelho Neto o clero não tem resposta. Não é sem razão que a Igreja reserva a si o direito “exclusivo” de interpretação bíblica.
- 35 Escrita esta conferência em 1924, Coelho Neto, no entanto, tinha razão: os satélites artificiais e os foguetes espaciais são o primeiro passo à comunicação com os demais astros...
- 36 *Si haut qu'on remote dans l'histoire de la race indo-européenne, dont les populations grecques et italiennes sont des branches, on ne voit pas que cette race ait jamais pensé qu'après celt courte vie tout fut fini por l'homme. Les plus anciennes générations, bien avant qu'il y eut des philosophes, ont cru à une second existence après celle-ci. Elles ont envisagé la mort, non comme une dissolution de l'être, mais comme un simple changement de vie.* (Fustel de Coulanges. Citação do próprio Coelho Neto.)
- 37 Citação oportuna de Coelho Neto. Shakespeare foi um dos primeiros escritores a fazerem o uso, na literatura, da atuação dos espíritos sobre a vida dos homens. Hamlet, que era médium, influenciado pelo espírito se seu pai, descobre o assassino deste último: seu tio Cláudio, e mata-o a pedido do espectro paterno. A trama da monumental tragédia, Shakespeare extraiu-a da vida real: é a história de um príncipe da Dinamarca que viveu no século 5.
- 38 Coelho Neto recordou Mme. de Staël. Seria injusto omitir George Sand, reencarnacionista declarada.
- 39 Foi o que Allan Kardec fez, 43 anos depois, com a publicação da obra *O livro dos espíritos*.
- 40 O catolicismo não nega os fatos espíritas, apenas os atribui aos “demônios”, caso contrário toda a estrutura de sua doutrina cairia por terra.
- 41 Professor Fernando de Azevedo: uma das mais altas expressões da intelectualidade brasileira. Para muitos, sua obra máxima é *A cultura brasileira*, gigantesco volume em que Fernando de Azevedo reúne suas minuciosas pesquisas a uma interpretação verdadeiramente notável. Foi amigo de Coelho Neto, dedicando-lhe o livro *No tempo de Petrônio: ensaios sobre a antiguidade latina*.
- 42 O problema da morte coletiva Monteiro Lobato o enxerga por outro prisma. Diz o autor de *Urupês*: “Depois do espantoso abalo mental que sofreu o mundo com a guerra, e por influxo da formidável injeção de espíritos frescos com que a hecatombe enriqueceu o mundo astral, o espiritismo ganhou um avanço enorme”. Remeto o leitor ao capítulo sobre Monteiro Lobato.
- 43 O romancista refere-se ao seu extremado filho Emanuel, o popular Mano, uma das glórias do atletismo brasileiro, morto em outubro de 1922.
- 44 No trecho acima deduz-se que Coelho Neto manteve conversações com o espírito de Emanuel, seu filho.
- 45 Os direitos de propriedade do opúsculo de Coelho Neto pertencem ao Abrigo Thereza de Jesus. Como se trata de uma instituição espírita, não vimos inconveniente em transcrever o trabalho de

Coelho Neto: o que todos nós desejamos não é a melhor difusão da verdade? Coelho Neto não podia ser esquecido. Se ainda existe, congratulo-me com ela!

UM ESPÍRITO SALVA A VIDA DO POETA LUÍS MURAT

Não está morto, respondeu o espírito, mas velho, cego e vivendo em companhia de uma filha e netinhos, na mais completa miséria.

LUÍS MURAT, AUTOR DE VÁRIOS livros de poesia, inclusive, *Ondas*, em três volumes, fez parte do grupo formado por Coelho Neto, Olavo Bilac, Pardal Mallet, Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia e, entre outros, José do Patrocínio. Jornalista brilhante e corajoso, batalhou Murat pela libertação dos escravos e o advento da República. Mas, em 1893, aderiu à insurreição contra o presidente Floriano Peixoto, através dos jornais *O Combate* e *Cidade do Rio*, o que o levou, e ao seu companheiro, o poeta Guimarães Passos (ambos da Academia Brasileira de Letras), a fugir para a Argentina, onde passaram fome. Meses depois, não resistindo, Luís Murat regressou e apresentou-se às autoridades militares, que o condenaram à morte. Narramos esse episódio porque o desfecho é fantástico. Mas, o poeta não foi fuzilado.

É que o comandante do batalhão participara de uma sessão mediúnica e um dos espíritos comunicantes lhe pedira poupasse a vida de Luís Murat. Logo depois, Floriano Peixoto, o marechal de ferro, concedia o perdão. Ao saber do fato o poeta converteu-se ao espiritismo; a exemplo, aliás, de Bilac, Leal de Sousa e Coelho Neto. E mais: praticou a mediunidade de cura, passando a atender,

gratuitamente, em sua própria residência, os sofredores. É o que nos revela Medeiros e Albuquerque, seu amigo, no livro de memórias *Quando eu era vivo...*, publicado em 1942 pela antiga Editora Globo, de Porto Alegre.

Dissemos que o poeta fora denodado abolicionista. Vamos agora apresentar um fato mediúnico vivido por Luís Murat e que terá ligações com a campanha da Abolição. Está ele inserido no livro *Vozes do além pelo telefone*, de Oscar d'Argonel, cuja primeira edição, hoje raríssima, foi feita às expensas do autor em 1925 no Rio de Janeiro. A obra foi impressa pela Tipografia Marques, Araújo & Cia.

Conta d'Argonel que Luís Murat residia na rua Alzira Brandão, 65, quando conversou com um espírito incorporado em médium de confiança. Disse, então, o espírito: “Sei que não possuo mais corpo material e que sou um espírito, mas um espírito patriota. Fomos companheiros na campanha abolicionista, meu caro amigo, e tive a ventura de ver o triunfo da nossa causa. Aqui no mundo espiritual continuo a ser abolicionista, e o meu maior trabalho é convencer os espíritos que haviam sido escravos na Terra, que já se acham livres, pois muitos deles ainda se julgam escravos”.

E Oscar d'Argonel relata o seguinte:

Nessa ocasião, o médium, em transe, levantou-se e colocando o dedo polegar da mão direita na cava do colete começou a passear de um lado para outro, dizendo: “Ainda não me reconheceste, caro amigo?”

O Dr. Murat respondeu:

Creio que já o reconheci; tenho o seu nome na mente, pois me lembro desse seu modo de andar com o dedo polegar da mão direita na cava do colete, quando conversava com alguém. Queira dizer o seu nome para eu ver se é aquele em que penso.

O espírito falou:

Pois então seria possível que tu, meu bom amigo e companheiro da campanha abolicionista, não possas reconhecer que quem te fala é o Carlos de Lacerda, o abolicionista campista que contigo lutou na campanha da libertação dos escravos?

Exatamente, respondeu Dr. Murat, era no seu nome que eu pensava, por esse seu modo de se apresentar, por essa atitude que tomou. Mas, Lacerda, que deseja de mim?

Tu te lembras, Murat, – prosseguiu o espírito – do nosso abnegado companheiro de lutas abolicionistas chamado Pedro Albertino? Pois bem, eu vim aqui pedir-te para ires socorrê-lo sem demora, pois ele está velho, cego, na miséria e sofrendo fome. Tu sabes que Pedro Albertino foi rico e empregou toda a sua fortuna na compra de escravos para, em seguida, libertá-los. Olha, não demores, vai socorrê-lo.

Mas, interpelou o Dr. Murat, depois da libertação dos escravos eu vi o Pedro Albertino uma ou duas vezes, apenas; desde então o perdi de vista, não o vejo há muitos anos e até o julgava morto.

Não está morto, respondeu o espírito, mas velho, cego e vivendo em companhia de uma filha e netinhos, na mais completa miséria; às vezes não tem um pão para comer. Vai procurá-lo com urgência.

Mas como encontrá-lo se ignoro a residência?

Eu te ensino, disse o espírito. Reside na rua Albano, em Jacarepaguá.

Existe essa rua em Jacarepaguá? Eu não a conheço.

Existe, afirmou o espírito. Toma o trem e vai até Cascadura; chegando aí, entra no bonde de Jacarepaguá e manda parar no segundo poste depois da Praça Seca; salta ao lado direito, e aí está a rua Albano. Segue e procura o número 14, que é o da casa que está ao alto e mais ao lado esquerdo, quando deveria achar-se ao lado direito. Faz o que te digo; vai.

O Dr. Murat prometeu ir no dia seguinte. Um amigo a quem ele narrou a manifestação de Carlos de Lacerda achou-a tão maravilhosa que quis acompanhar o Dr. Murat. Partiram. Chegando ao ponto indicado pelo espírito, encontraram a rua Albano. Caminharam por ela, e mais adiante, no alto, ao lado esquerdo, avistaram a casinha número 14.

O companheiro do Dr. Murat, admirado de estarem encontrando certas as indicações do espírito, exclamou: “Mas isso é uma coisa extraordinária!”

Bateram na porta e perguntaram a uma senhora que se apresentou se ali residia o sr. Pedro Albertino. A senhora, respondendo afirmativamente, mandou que os visitantes entrassem. Pouco depois, veio ela com um cego muito velho, pela mão. O Dr. Murat falou:

Pedro Albertino, meu bom amigo; não me reconhece pela voz?

A voz do amigo não me é estranha, mas estou com as ideias tão fracas...

Eu sou o Luís Murat, o seu companheiro de lutas abolicionistas.

O leitor pode agora imaginar a cena que se passou. Os dois amigos atiraram-se nos braços um do outro, em pranto.

O distinto poeta, Dr. Luís Murat, desde essa ocasião até a morte de Pedro Albertino, ocorrida a 7 de maio de 1924, não deixou de o auxiliar nos seus infortúnios – conclui Oscar d’Argonel, o qual, por sua vez, também ajudou o bom Pedro Albertino.

Foi Pedro Albertino, ao lado de José do Patrocínio, um dos mais notáveis oradores abolicionistas do Rio de Janeiro. Homem de posses, ficou pobre comprando escravos para dar-lhes em seguida a tão sonhada alforria. Mereceu, pois, na velhice o amparo espiritual. É também fundamental ressaltar, aqui, o aspecto psicológico do caso que acabamos de divulgar: a perfeita identificação do espírito. Bastou-lhe colocar o dedo polegar na cava do colete enquanto falava e caminhava para que Luís Murat o reconhecesse! E, note-se, essa curiosa postura o espírito a tomou intencionalmente.

RUI BARBOSA E O ESPIRITISMO

*Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses
leais companheiros de além-túmulo, e com eles renovar a
prática interrompida...*

Rui Barbosa

RUI BARBOSA, DOTADO DE ALTA espiritualidade de que a maioria de suas obras dá testemunho, não se deixou prender no emaranhado das religiões. Acreditava numa força divina que governava o universo, e isso lhe bastava. Quase ao término de sua existência, porém, converteu-se ao espiritismo, graças ao estudo contínuo de obras científicas assinadas pelos sábios de sua época; sábios que trataram de toda a fenomenologia espírita, exaustivamente, através de experiências realizadas nos países mais cultos.

Realmente, em sua vastíssima biblioteca, no Rio de Janeiro, exposta à visitação pública, podemos constatar a existência dessas obras, na língua original. Estão grifadas com a tinta vermelha de Rui Barbosa com anotações às margens. Delas daremos os títulos e os respectivos sinais que constam no fichário e que facilitam a consulta do leitor curioso.

Ei-las:

Nouvelles expériences sur la force psychique.

Dessa obra básica do espiritismo experimental, de autoria do cientista inglês William Crookes (o descobridor da matéria radiante), possuía Rui Barbosa duas edições, hoje raras; uma sem

data e a outra de 1897. Informações do fichário: G, 10-1, 28 nº 1 e B-10, 3, 29.

Do físico Oliver Lodge, leu Rui Barbosa nada menos do que quatro obras que relatam experiências espíritas. São elas: *Raymond or life and death* (B-2,5,17); *Survival of man* (B.2, 4, 23); *The proofs of life after death* (L-8, 4, 27); *La vie et la matière*, traduzido por J. Maxwell (L-5, 2, 6).

Do sábio russo Aksakoff: *Animisme et spiritisme*, em tradução de Berthould Sandow (B-2, 3, 21).

De Ernesto Bozzano, catedrático italiano: *Les phénomènes de hantise*, em tradução de C. Vesme (E-10, h, 42).

De Myers: *Les hallucinations télépathiques* (B-2, 3, 20).

De Conan Doyle, o precursor da polícia científica: *The new revelation* (L-9, 3, 31).

De Léon Denis: *Les problèmes de l'être et de la destinée* (B-7, 2, 7).

De Alfred Russel Wallace, o rival de Darwin: *La place de l'homme dans l'univers* (L-8, 5, 22).

De Flammarion, diretor do observatório astronômico de Paris, Rui Barbosa leu seis volumosas obras que tratam de assuntos variados referentes ao espiritismo: *Dieu dans la nature, L'homme et les problèmes psychiques, La mort et son mystère, Recits de l'infini, Uranie, Autour de la mort*.

Charles Richet (Prêmio Nobel de Medicina) também figura entre os cientistas que estudaram os fenômenos espíritas e que chamaram a atenção de Rui Barbosa. O seu *Traité de métapsychique* (G-1, f, 16) foi compulsado por Rui até a página 401. As conclusões da gigantesca obra também foram meditadas até a página 793. Acha o escritor Sérgio Valle que o *Tratado de metapsíquica*, de Richet, foi a última obra lida por Rui Barbosa. Parece-nos que razão assiste ao autor de *Silva Mello e os seus mistérios* porque, como nos explica, a edição do *Tratado* é de 1922, e Rui Barbosa veio a falecer a 1 de março de 1923: um ano e pouco após haver adquirido o volume de

Richet.

Observa-se, através destas citações, que o gigante Rui ao iniciar-se no espiritismo começou pelos mestres no assunto: adquiriu somente obras de cientistas. Leu-as, grifou-as em vermelho, fez anotações nas margens.

Após essas leituras meditadas ficaria convencido da realidade do espiritismo? Já foi dito que sim. Mais adiante daremos provas concludentes. Foi, talvez, devido a essas obras fundamentais que Rui Barbosa, sendo apóstolo da verdade, tomou da pena e resolveu dar um violento golpe no catolicismo: ele não só traduziu, com grande carinho, *O papa e o concílio*, como veio a escrever um prefácio, cuja extensão supera a própria obra! Prefácio com cerca de trezentas páginas! Rui Barbosa nos mostra os grandes crimes cometidos pelos papas, as falcatruas encobertas por um falso véu místico e examina algumas das resoluções tomadas em concílios vários que visavam, não o benefício do catolicismo no sentido espiritual, mas os cofres do Vaticano e o poder cada vez mais crescente de seus dirigentes. Tudo isso montado em documentos examinados à luz de sua poderosa inteligência. *O papa e o concílio*, com o prefácio de Rui Barbosa, foi um dos maiores golpes sofridos pela Igreja de Roma. Obra, como essa, com tal poder combativo, só conhecemos a *História dos papas*, do dicionarista Maurice Lachâtre. Inútil dizer que, tanto uma como a outra, viram suas edições perseguidas pelo Vaticano. Os exemplares encontrados eram queimados como nos velhos tempos da Inquisição.

* * *

A última obra escrita por Rui Barbosa foi a célebre *Oração aos moços*; escreveu-a no fim da vida. Encontrava-se tão enfermo, que lhe foi impossível lê-la perante os bacharelados da Faculdade de

Direito de São Paulo. Leu-a, pois, um seu representante. Último discurso, é nele que o gigante de Haia deixou a seguinte página inspirada pela doutrina dos espíritos; página que bem demonstra sua convicção na impotência da morte.

Ensina Rui Barbosa:

A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presságios do bom agoiro? Quantas nos vem conversar afável e tranquila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com eles renovar a prática interrompida, ou instar com eles por alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que lá se sabe, e aqui se ignora?

Melhores palavras não poderia Rui Barbosa oferecer aos jovens doutorandos da Faculdade de Direito. Morreu o gigante, pois, plenamente convencido da realidade espiritual apregoada pelos cientistas, cujas obras o Conselheiro lera com vivo interesse. Infelizmente, ao tempo de Rui Barbosa ainda não haviam aparecido

as obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, caso contrário teria ele dado um parecer. Mas anos depois de seu desencarne, ele próprio veio reafirmar o que dissera na *Oração aos moços*, fazendo-se porta-voz do Além através da mediunidade de Chico Xavier! A esse respeito, leia-se a obra mediúnica *Falando à Terra*.

* * *

Como os biógrafos de Rui omitem esse aspecto de sua vida, daremos mais uma prova concludente de sua adesão ao espiritismo. Quem a fornece, porém, não sou eu; é um católico praticante, o que lhe dá, talvez, maior validade. Trata-se de um depoimento do professor Ataliba Nogueira, secretário da Educação em São Paulo, político renomado e ex-amigo de Rui Barbosa.

Em 1949 pronunciou o professor Ataliba Nogueira uma conferência sobre o Conselheiro, na cidade de Campinas. Pela sua importância foi reproduzida pelo *Diário do Povo* de Campinas em 6 de novembro de 1949 e pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1952.

Ora, estavam numa estação de águas Rui Barbosa, Ataliba Nogueira e inúmeras senhoras e moças. Corria o mês de abril de 1912. A conversa, alegre, de súbito versou sobre a possibilidade dos fatos espirituais. Rui Barbosa já se encontrava em seus aposentos, recolhido. Alguém, então, lembrou-se das experiências com o “copinho”. Todos aprovaram a tentativa de comunicação com o Alto. Aproximaram-se de uma mesa, sobre ela distribuíram em forma circular pedaços de papel, cada qual representando uma letra do alfabeto. No centro, colocaram um copo. O genro de Rui Barbosa, o historiador Antônio Batista Pereira, a um lado, sorria para o grupo. O professor Ataliba Nogueira, porém, católico praticante, reprovava a experiência. Diz ele que o grupo, entre

alegria e um pouco de receio, dedicava-se “a uma espécie de distração, de modo algum consoante com as leis religiosas, porém, que as senhoras praticavam como se fosse inocente jogo de damas”.

“Inocente jogo de damas”, diz Ataliba Nogueira. Veremos, porém, a que resultados chegaram essas pessoas com o inocente “jogo”.

Mas, deixemos que o próprio Ataliba nos conte:

Certa noite, porém, Antônio Batista Pereira, que assistia à sessão, de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando, com isso, ter que revelar algum segredo.

Batista Pereira, então, sentou-se à mesa e, com as moças e senhoras, “colocou a ponta do dedo sobre o cálice”, o qual continuava a percorrer as letras, formando sentenças, cujo significado não dizia respeito a nenhum dos presentes.

Terminado o escrito – prossegue Ataliba Nogueira –, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum “espírito” ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarecidos, e diante da indecisão geral, Batista Pereira opinou que deviam levá-la imediatamente a Rui. Batem à porta, o Conselheiro, de pijama, recebe o papel e fica emocionado: “É o estilo dele, o estilo perfeito! E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haia”. Mas, é possível... Trata-se de William Stead – explica Rui –, o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam hoje, no afundamento do navio Titanic.

E o professor Ataliba Nogueira, sem meditar na tremenda verdade que o “inocente jogo de damas” revelava (a prova de que continuamos vivos após a morte, e que podemos, como espíritos, falar aos vivos), profundamente tristonho por ver que Rui Barbosa dera autenticidade à mensagem, exclama, talvez com os braços abertos para o público que o ouvia em Campinas:

“E ele (Rui Barbosa) acreditava nestas histórias de espiritismo!”

E não era para acreditar depois de uma prova tão notável? A exclamação de Ataliba Nogueira chega a ser engraçada.

O que o professor Ataliba Nogueira ignorava, infelizmente, é que o genial jornalista William Stead, a quem Rui Barbosa chamava de “o amigo”, fora médium, autor de livros espíritas e um dos mais valentes propagandistas do espiritismo na Europa. Rui o conheceu em Haia e, posteriormente, veio a ler obras espíritas. Não nos diz Ataliba Nogueira qual o conteúdo da mensagem vinda através do “copinho”. Faz apenas Rui Barbosa exclamar, emocionado: “É o estilo dele, o estilo perfeito! E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haia”. Que assunto seria? Certamente, a comunicação mediúnica. O melhor meio para identificar-se seria, sem dúvida, voltar ao assunto espírita iniciado com Rui durante a despedida em Haia, e provar, ele próprio, a realidade do fenômeno. Notemos que após o desencarne William Stead comunicou-se (fato notável), imediatamente, com quase todos os seus amigos, inclusive os residentes nos mais longínquos países.

A “prova do copo”, porém, para Rui Barbosa não passava de mais uma diante das centenas de que ele tomara conhecimento através dos cientistas Crookes, Richet, Lombroso, Flammarion e outros. Compreende-se agora tenha o Conselheiro ardorosamente combatido a Igreja Católica e, ao fim da vida, falando aos moços de São Paulo, apregoado a impotência da morte diante da eternidade chamada “espírito”!

Quanto a Antônio Batista Pereira, conhecido historiador e genro de Rui Barbosa, esqueceu Ataliba Nogueira de nos informar que também se tornou espírita. Mas, o genro de Rui Barbosa, como todo bom espírita, sempre se regozijou em dizê-lo, publicamente.

E agora nossas palavras finais sobre William Stead. A respeito de seu caráter, conta Rui Barbosa que ele tinha “uma independência

superior a todos os interesses, uma austeridade, que o levou, testamenteiro de Cecil Rhodes, opulência colossal entre os arquimilionários ingleses e americanos, a dar um pontapé nos milhões esterlinos, que o seu testamento lhe assegurava, rompendo com o potentado e o argentário, de quem era o mais prezado amigo, para denunciar os crimes da sua política africana”.

William Stead, considerado o criador da imprensa moderna (entre as suas inovações destaca-se a introdução da ilustração e da entrevista no jornalismo), morreu em 15 de abril de 1912. Seu desencarne revestiu-se de intensa beleza trágica. Tinha Stead 63 anos de idade quando o transatlântico Titanic – o maior navio do mundo, no qual viajava, bateu em um *iceberg* e começou a naufragar. William Stead, heroicamente, ajudou os tripulantes a salvar crianças e senhoras, enquanto os passageiros – encontravam-se a bordo 2.223 pessoas – corriam de um lado para o outro, gritavam, jogavam-se da amurada do navio ao mar. Depois, já lhe sendo impossível a salvação, Stead ajoelhou-se no convés e, para acalmar a tripulação, começou a cantar o hino religioso *Nearer to thee, my God*. Em seguida, sentou-se em uma cadeira, enquanto o navio afundava concentrou-se na leitura de um livro espírita – e desencarnou, dando a nós outros um inexcelável exemplo de convicção espírita.⁴⁶

46 Para maiores informações sobre William Thomaz Stead, deve o leitor consultar os livros *My father*, de sua filha Estelle William Stead, e *Live of William Thomaz Stead*, de autoria de F. Whyte, além das grandes enciclopédias internacionais, como a *Britânica*, *Webster's* e *Larousse*. Será, também, de grande proveito a leitura do artigo sobre Stead de autoria de Sílvio Brito Soares, estampado na revista *Reformador*, edição de julho de 1962. Quanto às famosas experiências mediúnicas de Stead, consultem-se as obras de Denis e Delanne.

POETA RODRIGUES DE ABREU, MÉDIUM VIDENTE

Sou médium e senhor das forças ocultas.

Rodrigues de Abreu

E STUDANDO-SE A PRODUÇÃO DOS POETAS (refiro-me àqueles que escrevem sob o impulso da inspiração, buscando em transe semiconscientes a matéria imponderável colhida não sabemos em que estranhas regiões do pensamento universal, e não aos que escreveram verso ou prosa perfeitamente conscientes de seu trabalho de amontoar frases que se ligam entre si), estudando-se esses poetas dotados de um psiquismo poderoso, a impressão que se tem é a de que, se os colocarmos ao redor de uma mesa, dentro de uma concentração silenciosa na semiobscuridade, cairão em transe mediúnico; mesmo que ofereçam alguma resistência.

O que é a inspiração? De onde surge esse frenesi estranho, essa vibração que deixa os artistas, no ato da criação, em um estado que a psicologia em vão tenta explicar? Loucos, eles não são, porque suas obras artísticas são louvadas pelos “normais”. Quer parecer-nos que o artista considerado genial (Dante, Goethe, Milton, Miguelangelo etc.) seria “médium inspirado”. Suas produções teriam sido o resultado de contatos com aquelas regiões que escapam aos “nossos pobres cinco sentidos”, como dizia Olavo Bilac. Regiões espirituais. Esses contatos podariam, também, ser conseguidos através do fenômeno do “desdobramento”. De

qualquer forma essa vibração, essa fagulha, esse entusiasmo “fora do normal”, nasce no artista, cresce, avulta, acaba subjugando-o. Esses transe, às vezes, são tão intensos, que não raros artistas se consumiram em plena juventude.

Não é sem razão que Léon Denis dizia que “um homem superior não o é jamais no estado habitual”. Também não é menos verdadeiro que o transe inicial, que precede à obra de arte, poderá ser doloroso: daí os não-iniciados o chamarem de “a tortura da inspiração”. Realmente, antes do transe que levará o artista às regiões para muitos incompreendidas e nem mesmo suspeitadas, o que se verifica é a sensação de uma febre não patológica, nervosismo e mesmo um suor frio acompanhado de eflúvios nem sempre tão suaves e delicados...

Essa vibração incontida, esse entusiasmo supranormal, foi cantado por Lamartine de maneira impecável;⁴⁷ eis alguns detalhes que o poeta francês observou em si mesmo:

Quando assim de minha alma te apoderas,
Águia, vitoriosa – ó entusiasmo!
De tuas asas flamantes ao ruído
Eu estremeço de sagrado horror.
Sob o teu jugo debater-me intento,
Fujo, temendo que a presença tua
Um coração mortal pronto aniquile
Qual labareda que produz o raio,
Que não se extingue mais e que consome
Assim a pira como o altar e o templo.

Ao arrojo, porém, do pensamento,
Em vão se opõe o instinto dos sentidos:
Sob a opressão do Deus pulsa minha alma,

Tumultua-me o peito a palpitar.
Sinto que o raio me percorre as veias.
Aturdido com o fogo que me abrasa,
Mais o ateio, buscando combatê-lo.
E a lava impetuosa do meu gênio
Extravasa em torrentes de harmonia,
E ao passo que se escapa me consome.

“Não cuideis como ou o que haveis de falar: porque naquela hora vos será inspirado o que haveis de dizer” (Mateus, 10: 19,20). Compreende-se, agora, a profundidade desta frase de Cristo.

Muitos poetas e escritores foram médiuns inspirados e o confessaram ao público. Dizia Victor Hugo: “Deus se manifesta através do pensamento do homem: o poeta é um sacerdote”: ou médium. Quem poderá negá-lo? Foi em transe que Poe, Dante, Shakespeare etc. escreveram suas melhores obras. *A divina comédia*, *Paraíso perdido*, *Hamlet*, os contos de Hoffman ou de Poe estão banhados de uma atmosfera espiritual na qual perpassam sombras gemedoras e aflitas e sua concepção é, sem dúvida, extraterrena. Rimbaud, Balzac, Delmira Agustini ou Walter de la Mare escreviam, muitas vezes, tomados por uma força estranha. O assunto é extenso e voltaremos a ele no capítulo dedicado aos autores estrangeiros, quando documentaremos, como sempre, as citações mais importantes.

* * *

Falamos que alguns poetas declararam-se médiuns. Rodrigues de Abreu é um exemplo ao lado de Bilac; com uma diferença: melhor conhecedor do espiritismo, usou as palavras certas. Em seu depoimento nem uma palavra se presta ao duplo sentido.

Seu poema, que é uma descrição detalhada de uma experiência mediúnica, intitula-se “Dentro da noite” e faz parte da obra *A sala dos passos perdidos*, editada em 1924 pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Foi lançada, pois, pelo autor de *Urupês*, quando este era editor em São Paulo com escritório na praça da Sé, 34.

Leiamos a revelação do poeta paulista:

I
Sou ‘médium’ vidente...
Para a trípoda mesa estendi as mãos frias...
E, ao invocar-te, o relógio da torre da igreja
– Tísico triste, em grande abandono –
Tossia na noite, chorando soturno, as doze pancadas pressagas.
O relógio me trouxe, no dobre do bronze antigo e rouquenho,
O silêncio da torre e a treva da noite:
E o quarto povoou-se de espectros longos
Dançando no anseio fecundo da minha tortura!

* * *

Eu creio em Cabalas...
Meus lábios tremendo disseram as duas palavras
Do teu claro nome;
E elas ressoaram, fundas e fúnebres, no bojo da treva!
Não sei se do quarto ou da minha inconsciência
Subiu, em crescendo, um canto arrastado;
E ouvi como um ruído das grandes sandálias
Que arrasto de noite, sem sono, na longa varanda...

* * *

Pensei mais em ti.
Tendidas as mãos se alongaram suando
E foram buscar-te ao mundo infinito das sombras macias...
Fluidos finíssimos do alto, caindo do teto
E pondo arrepios nos rins e na espinha,
Disseram-me logo da tua presença.
E eu, concentrando o espírito firme no centro da mesa,
Senti-a raspando no assoalho, senti-a seguindo
A força hipnótica dos meus dedos frios...

* * *

Então aos meus olhos de crente surgiste,
Madona da minha saudade!

* * *

II
Tinhas os olhos abertos e pasmos,
Os cabelos erguidos num grande pavor.
E eu, vendo-te assim, senti meus cabelos subirem,
Senti alongados meus olhos mortiços:
E o espanto, num ímpeto, entrou em meu espírito
Vibrando-me a carne...
A mesa, raspando no soalho, fugiu para um canto:
E entre nós dois apenas ficou o espaço deixado,
Enchido depressa por meu grande medo;
E as mãos que te foram buscar ao infinito
Brilhavam, fosfóricas, paradas no ar...

* * *

Teus lábios falaram. Sombrio Fantasma do Mundo das Trevas!
As tuas palavras vinham de um mundo distante.

Eram monótonas, frias, como as palavras das velhas goteiras
Das casas que morrem sozinhas.
Não eram aquelas, que, quando as dizias,
Nos céus acordavam estrelas brilhantes
E punham anseios em meu coração...

* * *

Vieras do Mundo das Sombras,
Do Inferno que os homens ingênuos, em vida, idealizam,
Povoando-o das próprias misérias e horrores.
Sofria a tua alma que fora manchada
Feios desejos que houvera em meus olhos;
Pagavas nas sombras o imenso pecado feliz
De acima de Deus me haveres querido!

* * *

Tudo isso disseram teus lívidos lábios,
Madona da minha saudade,
Sombrio Fantasma do Mundo das Trevas!

III

Sou 'médium' e senhor das forças ocultas:
Por isso eu te disse:

* * *

Hás de ficar de novo na vida,
Onde terás a sombra das minhas carícias;
Onde terás o leite das brancas ovelhas;
Onde terás meu amor, como um pássaro preso e feliz
Cantando de dia e de noite,

E a Felicidade, ar leve da vida,
Entrando as janelas amplas e abertas...
Serás como um cacho das uvas que riem nos ramos,
Tentando, em namoro, a sede dos homens:
Hão de eles passar, pedindo-te um riso,
Fazendo-te assim maior e precisa à minha ventura.
O pavor que trouxeste do inferno distante,
No espelho dos olhos pasmados,

* * *

Hás de fugir, pousando os teus olhos na linda coragem
Com que vencerei, ao teu lado, na vida.
De novo encherás, pequenina e leve,
O imenso vazio da minha existência!
Eu sou o senhor das forças ocultas:
Hás de ficar de novo no mundo...
Reencarna-te, Espírito suave da minha ternura!

IV

Teus olhos se encheram então, em sonambulismo,
De mais dilatado terror;
Teus longos cabelos ergueram-se mais,
E tu me disseste, tremendo de medo,
Na voz fina e fria do vento nas frinchas:

* * *

Não quero!
O tísico triste da torre da igreja tossiu tristemente
As quatro da madrugada...
Sumiste, deixando-me em meio da treva e da minha tristeza.
Só hoje, depois de viver,

Compreendo o terror que havia em teus olhos,
O espanto profundo da tua atitude...
É bem superior à Vida o Inferno que os homens criaram
Com a sombra bastante dos males da Vida!

V
Sou 'médium' e senhor das forças ocultas...
Eu vou chamar para a Vida
As almas dos meus inimigos!

Inútil fazer comentários. O depoimento de que Rodrigues de Abreu era espírita é assaz evidente, não deixa margem à dúvida. Pena é que o espírito feminino comunicante fosse trevoso, ainda em estado de sofrimento; se fora luminoso, que lição de espiritualidade não daria ele ao nosso poeta!

47 Vide *Méditation, l'enthousiasme*. A tradução dos versos é de Leopoldo Cirne.

MONTEIRO LOBATO E O ESPIRITISMO

O espiritismo será a religião de amanhã, porque prova a sobrevivência.

Monteiro Lobato

MONTEIRO LOBATO REPRESENTA NA LITERATURA nacional um marco. Como contista, seu nome há de ombrear ao lado de Maupassant, Tchecov, Katherine Mansfield, para citar três mestres do conto universal.

É na literatura infantil, porém, que Monteiro Lobato revelou-se genial. Neste difícilíssimo gênero literário ninguém se lhe pode comparar. Nem Andersen, Perrault, os irmãos Grimm ou Collodi. Ou, ainda, Lewis Carroll. Porque Lobato em toda a sua produção foi perfeito, como os autores acima, mas em produtividade superou-os a todos: mais de vinte volumes deixou ele para as crianças. Uma biblioteca, portanto.

Estamos, pois, diante de um homem incomum.

Mas, Monteiro Lobato não se limitou à arte literária. Homem de pensamento e de ação (fato raro entre os intelectuais, os quais geralmente vivem mergulhados no subjetivismo), Monteiro Lobato enveredou por rumos opostos à literatura: discutiu o problema do ferro, trouxe novidades nesse setor, discutiu o problema do petróleo, ele próprio dirigiu uma empresa petrolífera; discutiu o problema da indústria do livro, acabou fundando-a em nossa terra; e tudo isto ele o fez na qualidade de pioneiro.

Sendo um espírito voltado ao estudo de graves problemas, seria possível que ficasse indiferente ao mais sério dos problemas do homem, que é o da imortalidade individual?⁴⁸

Não: Monteiro Lobato não foi indiferente.

a. MONTEIRO LOBATO E OS LIVROS DE CIÊNCIA ESPÍRITA

O interesse de Monteiro Lobato pelo espiritismo data de 1909 – ao tempo em que era promotor público na cidadezinha de Areias. Nessa época, ainda moço, lera William Crookes e Oliver Lodge, dois mestres da metapsíquica e sábios de fama internacional.

Mas, por que Lobato se sentiu atraído por tais obras?

A resposta só pode ser esta: o autor de *Urupês* sempre teve pela ciência uma irrefreável curiosidade. Quando solteiro lera e recomendara por carta ao seu amigo Godofredo Rangel, residente em Belo Horizonte, os *Estudos da natureza humana*, de Metchnikoff, e quatro anos mais tarde fizera ao amigo distante um resumo da teoria intra-atômica e da radiação da matéria. Ainda mais: Lobato interessava-se tanto pela ciência, que chegou a escrever artigos como “A conquista do azoto” e “O radiomotor”. Muito natural, pois, que adquirisse as obras de Crookes e Lodge, não obstante tratassem de temas espíritas, uma vez que Monteiro Lobato já era livre-pensador.

A leitura analítica dessas obras deixou-o perplexo. Então, o fenômeno espírita era uma realidade! Como duvidar das experiências rigorosamente científicas realizadas por homens reconhecidos como sábios? Entusiasmado, comunicou a notícia ao escritor Godofredo Rangel.

“O fato de não sabermos uma coisa não a exclui da natureza

ou não a põe sobre a natureza – diz ele a Rangel em 1909. É apenas um aspecto da natureza que ainda não conhecemos. Um dia, esses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, estarão conhecidos e fichados, como tantos da química.” E, convicto, baseado nas leituras que fizera: “Um dia os compêndios de física trarão o capítulo novo da metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo novo da termodinâmica”.

Como se observa, a primeira análise de Lobato sobre o espiritismo foi em torno do aspecto científico. Aliás, os aspectos filosófico e religioso nunca o interessaram muito. O espiritismo para Lobato valia pela ciência nova que apresentava. Quando, mais tarde, vendeu sua fazenda do Buquira e tornou-se editor, em São Paulo, lançou obras espíritas, mas só as científicas. Chegou a traduzir *Raymond*, de Oliver Lodge, e *Rumo às estrelas*, de Dennis Bradley. Foi, também, por influência sua que Amadeu Amaral Júnior traduziu *O outro lado da vida*, do cientista Karl du Prel. Guias homeopáticos, também, Lobato lançou no mercado quando editor. Mas, livros religiosos, nenhum. O motivo é simples: Monteiro Lobato não tinha sentimento religioso, o que não o impedia de ser extremamente generoso, até mesmo com estranhos.

b. MONTEIRO LOBATO E O SEXTO SENTIDO

Lobato, depois de ler Crookes e Lodge, empolgou-se com Charles Richet. Principalmente com a obra *O sexto sentido*, que lhe forneceu novos conceitos.

Vimos ele afirmar que os compêndios do futuro trarão o capítulo novo da metapsíquica, da mesma forma que os de hoje trazem o capítulo da termodinâmica. Pois ainda em 1909 Monteiro Lobato, baseado em Richet, faz a Rangel nova

afirmativa que a alguns espíritas não parece muito exata, mas nem por isso deixa de ser interessantíssima. Diz Lobato que “Um sexto sentido parece que vem vindo como foram vindo os nossos atuais cinco sentidos – e virá um sétimo, um oitavo, etc. Evolução. E cada novo sentido nos descortinará um outro mundo”. E exclama: “O médium, que é, senão uma criatura em que o sexto sentido está se denunciando?”

Esta conclusão surgiu em 1909, mas nunca o abandonou. Longos anos depois, quando já era uma glória da literatura nacional, ao prefaciar a obra *Bioperspectivas*, de Renato Kehl, autor, aliás, indiferente ao espiritismo e membro da Academia Nacional de Medicina, Monteiro Lobato faz deduções e volta a afirmar: “A observação revela entre os homens de hoje o bruxoleio dum sexto sentido, que poderemos chamar metapsíquico. Essa coisa incompreensível a que chamamos vulgarmente mediunidade e que em grau maior ou menor se revela em certas criaturas: que poderá ser senão o surto de um sentido novo, ainda tateante, ainda instável, mas que irá se firmando e universalizando, como sucedeu aos seus cinco irmãos mais velhos?”

Não obstante o interesse de Monteiro Lobato pelo espiritismo científico, de início não fez ele nenhuma experiência mediúnica. Em 1909 adverte seu amigo Rangel: “metido com médiuns e com sessões, acabas mediúnico, astral, sideral e imprestabilizado para a literatura. Temos muito tempo de ser espíritos: aproveitemos esse momentinho em que somos carne”.

c. MONTEIRO LOBATO E A MEDICINA HOMEOPÁTICA

Já foi dito que Monteiro Lobato, quando editor em São Paulo, lançou no mercado obras espíritas. No catálogo do ano 1924 topamos com os seguintes títulos: *O problema do além e do*

destino, A alma e o subconsciente e Fenômenos psíquicos; três obras de Alberto Seabra. Também uma obra mediúmica Monteiro Lobato editou. Trata-se de *O espiritismo científico e a iniciação popular*, em cujo catálogo, infelizmente, não consta o nome do médium e nem o do espírito. Neste catálogo, portanto, constam quatro obras espíritas publicadas em um só ano, todas de cunho científico. Não se pense, contudo, que estes livros eram mal impressos. Pelo contrário: eram bonitos, impressos em bom papel, graficamente iguais aos de literatura escritos por Del Picchia, visconde de Taunay, Guilherme de Almeida etc., autores editados por Monteiro Lobato. As edições, literárias e espíritas, eram uniformes e o preço um só, Cr\$ 4,00.

Interessante observar que dos autores espíritas, Lobato tinha particular admiração por Alberto Seabra. Após lançar três obras suas, acabou por lançar-lhe, também, a volumosa obra *Higiene e tratamento homeopático das doenças domésticas*.

Por que essa admiração por Alberto Seabra?

O motivo me parece simples: é que Monteiro Lobato saíra satisfeitíssimo de uma experiência com a farmacologia homeopática, depois de desiludir-se com a alopátia. Lobato tinha, pois, uma espécie de gratidão para com Alberto Seabra, embora o velho médico homeopata não tivesse participado da experiência.

A experiência em questão é curiosa e vale a pena narrá-la, pois ficou gravada no subconsciente de Lobato. Além do que, em torno dela, trinta anos depois fez ele interessantíssimas observações.

A experiência foi a seguinte:

Vivia Lobato em Taubaté, já casado e com dois filhos pequenos. Certo dia, um dos garotos teve os primeiros sintomas de “ozena”. Lobato levou-o ao melhor médico de Taubaté, que

nada resolveu; por fim, veio a São Paulo e procurou os mais famosos especialistas. Gastou uma pequena fortuna em consultas e remédios, mas nada curava o menino. Uma das sumidades médicas chegou a aconselhá-lo a procurar os catedráticos da Europa.

Desiludido, regressou a Taubaté.

Dias depois, foi visitar uma prima nas imediações da cidade. A parenta não se encontrava em casa. Lobato entrou na sala de visitas e ficou a esperá-la. Vendo um grosso volume sobre a mesinha do centro, pegou-o, indiferente. Ao abri-lo, seus olhos caíram num capítulo que falava das moléstias do nariz; e só então Lobato leu o título da obra. Tratava-se de um guia homeopático. Curioso, começou a ler capítulo. E observou que os sintomas de seu filho nada tinham a ver com ozena, diagnóstico dado pelos médicos. Pelo menos, era o que o guia ensinava... Os sintomas, de acordo com o guia, mais se assemelhavam a uma simples rinite... Lobato, então, tomou nota do remédio que o guia indicava e numa farmácia o adquiriu.

– Oitocentos réis?! – exclamou, admirado.

Lobato intimidou-se. Se já havia gasto uma fortuna sem obter o menor resultado, poderia um remediozinho tão barato curar seu filho? Enfim... E, sem esperar melhoria nenhuma, trouxe para casa o vidrinho e fez o menino tomar a droga de quatro em quatro horas.

Resultado: as fossas nasais voltaram a ter a cor natural, o corrimento corrosivo desapareceu em pouco tempo. O menino ficara curado!

Esta, a experiência. Trinta anos depois, narrando o caso ao escritor Afonso Schmidt, concluía Monteiro Lobato, fazendo estas observações sobre o que o povo chama de “acaso”:

– Faça um cálculo aproximado, Schmidt... Veja quantas vezes o chamado “acaso” compareceu nessa pequena história sem importância... Se eu não fosse visitar minha prima, nada disso teria acontecido.

Se ela se encontrasse em casa, ter-me-ia recebido na varanda, como de costume. Se ela não possuísse o guia homeopático e se esse livro não estivesse sobre a toalhinha de renda de centro, durante a minha espera, eu não teria estendido a mão para ele... Se em lugar de ter aberto o capítulo das moléstias do nariz eu o tivesse aberto no capítulo das mazelas do couro cabeludo, minha indiferença não se perturbaria... Atrás dessas circunstâncias de primeira grandeza há milhares de outras. Cada uma delas se abre em leque no espaço, perde-se no infinito. Bastaria que chovesse, ou chegasse uma visita, ou me doesse um dente, para eu adiar o passeio. Cada passo que dei na rua esteve na dependência de um número considerável de circunstâncias. Foi preciso que todas as forças da terra e do céu (aquelas a que aludiu Shakespeare) se congregassem para que a minha maçã (como a de Newton) caísse na hora em que eu passava próximo à embocadura do meu caminho...

Lobato só faltou dizer a Schmidt que um espírito amigo o guiara.

Após esta experiência, nada mais lógico que Monteiro Lobato lançasse o livro de Alberto Seabra, *Higiene e tratamento homeopático das doenças caseiras...*

d. O ESPIRITISMO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

O entusiasmo de Monteiro Lobato pelo espiritismo não sofreu a menor alteração, desde o seu início, em 1909, quando tomou contato com Crookes e Lodge, até o fim de sua vida, em 1948, num longo espaço de quase quarenta anos.

No início, porém, Lobato só se refere ao espiritismo através de cartas, e assim mesmo a Godofredo Rangel, seu amigo desde

o tempo de universitário. Mas, dez anos depois, em 1919, pela primeira vez, Lobato faz uso de um dos fenômenos espíritas (a materialização) a fim de escrever um artigo. Trata-se do trabalho “Curioso caso de materialização, Camilo Castelo Branco em São Paulo”, artigo enfeitado na obra *Ideias de Jeca Tatu*. São páginas de sátira à onda de neologismo então em voga. Lobato satiriza através da fala de Camilo Castelo Branco materializado. Para o espiritismo, porém, esse artigo nenhum valor tem.

Três anos depois, em 1922, Monteiro Lobato volta a empregar elementos do espiritismo em sua criação literária e escreve essa bela novela que se chama “Os negros”. Neste novo trabalho não há sátira. Quase toda a novela se desenrola através de uma comunicação mediúnica, e num tom que chega ao dramático.

“Os Negros”, para nós espíritas, tem um significado especial porque foi aplaudido pela crítica literária; era, então, a primeira vez que um trabalho de ficção espírita movimentava a opinião da crítica a favor.

E, aqui, cumpre notar que Monteiro Lobato foi um pioneiro não só no campo do petróleo, da literatura infantil ou da indústria do livro; mas, também, no campo da ficção nacional espírita.

Passados seis anos, Monteiro Lobato torna a tratar do espiritismo. Este novo trabalho é uma declaração de princípios, uma profissão de fé.

Depois de escrever que assistimos hoje ao choque de uma religião velha (o catolicismo) com uma religião nova (o espiritismo), Lobato diz: “A religião nova, em estado cósmico, segue o seu curso, indiferente à negação ou à análise. Já tem fanáticos, e terá mártires se a antagonista conseguir reacender suas fogueiras depuradoras”.

E Lobato observa:

Depois do espantoso abalo mental que sofreu o mundo com a guerra, ou por influxo da formidável injeção de espíritos frescos com que a hecatombe enriqueceu o intermúndio astral, o espiritismo ganhou um avanço enorme. Reflexo disso temos na imprensa. Todos os jornais abrem sessões permanentes às coisas do espiritismo, ao lado das sessões consagradas à religião velha. E os que o não fizeram ainda fá-lo-ão amanhã, por injunções da clientela. Editores surgem, especializados em livros espíritas, e prosperam grandemente, num país de editores ou falidos ou queixosos. Grandes nomes nas letras e nas ciências passam-se com estrondo para os novos arraiais. O espiritismo já não é um riacho. Tem tudo da onda que rola.

E Monteiro Lobato acrescenta: “Para os sectários da religião anciã é isso um mal horrível”.

Mais adiante vem este lúcido comentário:

Estamos em período de entrechoque de duas formas de apelo ao incognoscível. Quanto tempo durará ele? Cem, duzentos anos? O futuro o dirá. O presente só diz que a luta está travada. E que diz o passado, por meio de suas férreas lições? Diz que sempre vence a forma que “promete mais”. Ora, uma nos deu a imortalidade da alma, com o paraíso para a alma dos bons legalistas e o inferno para a oposição. A outra dá-nos o paraíso perto de nós; deixa-nos as almas dos entes queridos ao alcance do nosso espírito; podemos ouvi-las, receber seus conselhos, vê-las em certos casos. Não é isso o “mais” que vai decidir da vitória? Foi muito sabermos que as almas dos mortos não acabam com o corpo; mas é muitíssimo tê-las à mão,

consultáveis e manejáveis.

E como “ninguém mais de boa-fé, nem sequer a ciência positiva, nega as manifestações do que Crookes chama força psíquica”, Monteiro Lobato conclui seu artigo com esta frase de ouro: “O espiritismo será a religião de amanhã porque prova a sobrevivência”.

E, desta forma, prevê o desaparecimento da doutrina católica por nada mais poder oferecer aos homens, convicto que estava de que “fraude é uma coisa e espiritismo é outra coisa”.

Este artigo aparece em 1928 e está presente na obra *Na antevéspera*, surgida em 1933. Artigo escrito num tom sério, nela não faz Lobato nenhuma referência menos digna ao catolicismo. Todavia, sabe-se que o autor de *Na antevéspera* não apreciava a religião católica, como, também, nunca viu com bons olhos os padres – e isso desde a infância. Detestava seus métodos de ensino, a velha mania de obrigar as crianças a aprender sob ameaças. O vigário de apelido Jucá, do Colégio de Taubaté, não o obrigara a decorar a parábola do pobre e do rico sob ameaças? Aos dez anos o menino Lobato abandonou um educandário católico porque os padres queriam confessá-lo e obrigá-lo a sujeitar-se aos rituais... A ojeriza pelos padres acentuou-se quando, durante seu casamento, o padre fez questão em saber se Lobato era católico... O criador de Emília recusou-se a responder. Devido à série de incidentes que teve com os representantes da Igreja, passou a satirizá-los, publicamente. No livro seu *O macaco que se fez homem*, saído em 1924 (quatro anos antes do célebre artigo a favor do espiritismo), há uma crítica sobre Adão e Eva, que é um primor como peça literária. É um trabalho que lembra o grande poema de Guerra Junqueiro, poeta anticlerical pelo qual tinha Lobato

profunda admiração a ponto de colocar um retrato seu na parede da sala de jantar...

A opinião definitiva de Monteiro Lobato sobre os padres e a Igreja está contida nesta observação aguda: “Os teólogos grilaram essa leira devoluta (o Incognoscível), plantaram lá a tabuleta do Desígnio e surgiu o tremendo negócio de terrenos a prestações chamado Igreja. Vender terrenos incognoscíveis, que maravilha de negócio!” Lobato referia-se a pedacinhos de céu vendidos aos crentes... Um negócio!

A Igreja, por sua vez, não ficava indiferente às agulhadas de Lobato. É conhecido o caso no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no Rio de Janeiro. Caso idêntico aos do tempo da Inquisição. As freiras, sorrateiramente, pediram às suas alunas que trouxessem de casa os livros infantis escritos por Monteiro Lobato. As alunas, sem saber o motivo, obedeceram. As freiras, então, ergueram uma grande fogueira com taquaras de bambu e os queimaram em nome da Igreja, revivendo os velhos métodos da Idade Média!

Mas, voltemos ao espiritismo na obra de Monteiro Lobato para os adultos, porque na infantil não há, infelizmente, nem um resíduo.

Onze anos antes da publicação do artigo contido na obra *Na antevéspera*, Lobato voltara a aproveitar ideias espíritas na elaboração de seus contos. Depois de “Os negros”, que tanto sucesso alcançou, escreveu o conto “Herdeiro de si mesmo”, cuja ideia central só pode ser classificada de genial. Não podemos nos furtar ao desejo de resumir esse conto digno de Maupassant.

* * *

Lupércio ficara milionário graças aos marcos alemães, que ele comprara baratíssimos e vendera por preços elevados. Mas, o nosso Lupércio estava ficando velho, as dores já começavam a torturá-lo, o fim se aproximava. Ao completar sessenta anos tomou-se de uma sensação de pavor; o pavor não de morrer, mas o de largar a imensa fortuna reunida. Tão integrado estava ele no dinheiro, que a ideia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria, então, de morrer? Ele, que era diferente de todos, pois viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse?

Lupércio estava desconsolado. Quanto mais os dias se passavam, mais ele se angustiava com o problema da morte. Sim, era inevitável: teria de morrer, que a morte é um fato universal, dela ninguém escapa. Mas... e os milhões? Quem ficaria com os milhões?!

Problema tremendo para um materialista como o Lupércio. Além do mais, não tinha filhos, não se casara, vivia só. Deixar o dinheiro para quem? Lupércio meditou. Foi quando uma ideia lhe surgiu pelos miolos.

– Sim, sim... Quem sabe? pensou ele, sorrindo.

E, desde esse dia, Lupércio transformou-se: de materialista passou a espiritualista. Mas, de modo acintoso, a fim de que todos na cidadezinha soubessem de sua nova filosofia. Passou, inclusive, a frequentar o centro espírita local e a ouvir com a maior atenção as vozes do Além transmitidas pelo famoso médium da zona.

O povo espantava-se com Lupércio, o qual parecia disposto a tornar-se um sábio em coisas espiritualistas, pois mandava vir da capital uma biblioteca sobre o assunto. Estudou as obras, uma por uma, fazendo anotações às margens. Sua casa fez-se centro de reuniões de quanto médium aparecia pela cidadezinha e muitos de fora vieram a convite seu, pagando-

lhes Lupércio a conta do hotel, fato que assombrava a população. Mas, o diretor do centro espírita começou a estranhar uma coisa: o coronel só parecia interessar-se pela reencarnação.

– Não há nada de mais, defendeu-se Lupércio. É que na teoria da reencarnação há um ponto para mim obscuro e que, no entanto, me apaixona. Por mais autores que leia não consigo firmar as ideias.

– Que ponto é esse? quis saber o diretor do centro.

– Quero saber se há possibilidade de uma pessoa, antes de morrer, conhecer a mulher que será sua futura mãe. E Lupércio, agoniado, confessou, baixinho:

– É que estou no fim, meu caro. Quero que você me descubra a mulher que será minha futura mãe para fazê-la herdeira da fortuna imensa que acumulei...

Essa, a magnífica ideia de fundo espírita que serviu para o desenvolvimento do conto, o qual só poderia ser escrito por quem conhecesse os livros de Kardec.

Quer parecer-nos que ficou plenamente demonstrada a presença do espiritismo na obra literária de Monteiro Lobato; presença esquecida por Edgard Cavalheiro ao escrever a vida e a obra do autor de *Urupês*.

e. O ESPIRITISMO NA VIDA DE MONTEIRO LOBATO

Tudo o que Monteiro Lobato sabia sobre o espiritismo científico era devido à leitura das obras dos grandes mestres europeus: Richet, Lodge, Crookes etc. A *grande síntese*, obra mediúnica de Pietro Ubaldi, Lobato também lera e com intensa admiração. Faço, aqui, este registro porque vi na biblioteca do autor de *Urupês* a referida obra anotada nas margens.

Nenhuma experiência mediúnica; mas, agora morreram seus dois filhos: primeiro, Guilherme, aos 25 anos, deixando Lobato

num abatimento profundo. Depois, Edgard, também em plena juventude: aos 32 anos.

As cartas que aos amigos escrevera nessa época não denotam desespero; Lobato tem certeza de que “morrer significa passar do estado sólido para o gasoso, como o bloco de gelo que com a mudança de temperatura derrete e se transforma em vapor”.

A Godofredo Rangel escreve: “Pois é: perdi o meu segundo filho, o Edgard, um menino de ouro, tal qual o Guilherme. Impossível filhos melhores que os meus, e talvez por isso foram chamados cedo. Se aqui estamos numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa do que eu – prova de que eram melhores que eu...”.

Ainda mais: “eu não me desespero com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura. Solta-nos deste estúpido estado sólido para o gasoso – dá-nos invisibilidade e expansão, exatamente o que acontece ao bloco de gelo que se passa a vapor. Mas Purezinha não se conforma. Impossível maior desespero. E do ponto de vista humano, tem razão”.

Vê-se, pois, o quanto o espiritismo valeu a Lobato como doutrina de consolo. Mas, o tempo corre, e por causa dos filhos ausentes Lobato vem a procurar as experiências mediúnicas. Já sabia, através de leituras, que a sobrevivência é fato comprovado; mas, agora quer ele mesmo pesquisar, e que prova melhor do que uma comunicação de seus próprios filhos?

Passa, pois, a frequentar sessões e, como não tem sentimento místico, analisa tudo, friamente. E fica encantado com os primeiros espíritos comunicantes porque, segundo suas próprias palavras, “proponho perguntas curiosíssimas e obtenho respostas preciosas”.

Em casa, com outras pessoas faz experiências mediúnicas com o copo e seus filhos se comunicam. Essas mensagens Lobato não as mostrava a ninguém “porque ninguém lhes dará o valor

que eu dou”, dizia ele. Não era Lobato o médium, convém acrescentar. Nessas sessões seu papel era um só: fazer as perguntas e registrar em um caderno as respostas. A médium principal era sua esposa, Dona Purezinha. Marta, uma de suas filhas, também colaborava como médium.

Embora irônico, atacando políticos, o clero e até o exército, quando necessário, com os fenômenos espíritas Monteiro Lobato sempre guardou o maior respeito. Não admitia que os amigos fizessem blague. Para eles, dizia: “Fraude é uma coisa, espiritismo é outra coisa”.

Durante as experiências Monteiro Lobato tomava notas em um caderno como fez Victor Hugo no exílio. Esse precioso caderno, porém, ainda existirá? Pela imprensa o romancista Afonso Schmidt afirmou que Lobato lhe falara do caderno, anos antes de morrer... O autor destas linhas em 1956 procurou-o junto à viúva de Monteiro Lobato, mas, o caderno não foi encontrado... Talvez com o decorrer do tempo apareça... Mesmo porque ele pertence, por direito, à bibliografia espírita; não pode, pois, continuar engavetado...

f. MONTEIRO LOBATO PERANTE A MORTE

Começamos a chegar ao fim deste pequeno ensaio. Monteiro Lobato agora é um velho. Mas, lúcido, extraordinariamente lúcido.

Estamos em 1946. O autor de *Urupês* está cansado, doente, sente-se inútil. Em carta a Rangel afirma: “Quero ver-me em outro mundo, ou em outra condição. Já vivi muito neste circo romano e não suporto mais. Chega da terra. Venham os intermúndios. Morrer... Gaseificar-me...”.

Os meses vão passando. Agora completou os 65 anos de idade. E escreve: “É a maior das indecências. Ao chegarmos aos sessenta anos, todos devíamos por lei ser obrigados a travar

relações com o cianureto. Por que dar ao mundo o triste espetáculo da nossa deterioração progressiva?”

A Godofredo Rangel, também um velho, Monteiro Lobato escreve:

Daqui por diante, o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a “grande viagem”, coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas “passar” do estado vivo para o não-vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além! Isto aqui, o corporal, já está mais do que sabido e já não me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas: isto mesmo que tenho aqui, mas sem corpo!

O Além é “todo um prodigioso mundo de coisas a ver, cheirar, fuxicar, mexericar, sem estas minhas eternas tosses e pigarros”. O mundo dos vivos já não o interessa. Ao escritor Antônio Olavo Pereira, diz: “Bem faz você de interessar-se mais pelo Padre Zabeu que por esses indecentíssimos vivos. Estou curioso de ler a carta que a Gulnara – ou você – vai me escrever dando conta do que viram. Desse modo assistirei à demonstração (materialização) através de vocês”.

Os meses passam e o autor de Narizinho sofre de uma forte e incômoda dispneia. O organismo começa a fraquejar. O coração já não trabalha normalmente. Começa a fazer uso da estrofantina. E, assim, vai vivendo, esperando que lhe deem a passagem para o Além. Quando adido comercial nos Estados Unidos, o coração já não era o mesmo. Nessa época enviara uma carta a Cândido Fontoura,⁴⁹ dizendo:

Eu ando entrando em fase nova. Meu coração começa a arriar. As coronárias andam insuficientes, e estou tomando uma série de injeções de estrofanol. Tenho de poupar-me muito, e até de falar pouco... Meu caro, a vida é uma fila como as da Praça da Sé, para pegar o ônibus da linha ALÉM. Antigamente eu estava tão no fim da fila, que nem enxergava o ônibus. Agora já estou bem perto, e vejo o ônibus muito bem. E um ônibus cor de burro quando fuge. Já há pouca gente na minha frente. Logo chega a minha vez. Entro no ônibus e: “Adeus, minha gente!”.

Lobato estava preparado para a morte. Não a temia. Temia, isto sim, a agonia. Se pudesse, gostaria de morrer fulminado por uma síncope.

Os meses vão passando e Lobato, de súbito, sofre o primeiro espasmo vascular, ficando desacordado durante três horas. Ano de 1948. Ao voltar a si, ainda tonto, sua primeira pergunta foi esta:

– Quando foi que morri?

É uma pergunta que bem demonstra sua preparação para o desenlace e para tomar posse da vida espiritual. Como ninguém lhe respondera, volta a perguntar:

– A única coisa que não estou entendendo é esta sua cara aí. Afinal, estou morto ou não? (A cara era do médico.)

Ao saber que não morrera, aborrece-se.

– Que pena ter de repetir isto. Pensei que já estivesse tudo acabado. Agora terei de recomeçar...

Mas, o segundo espasmo seria fatal. Lobato sabia disso. E, enquanto ele não vinha, aproveitava para despedir-se dos amigos, dando a entender que faria uma longa viagem.

– Vai, então, viajar outra vez?

– Sim, vou viajar. Mas desta vez é para o cemitério. Estou de

malas prontas, à espera do embarque.

Diante do ponto de interrogação estampado no rosto dos amigos, Lobato explicava: “Pois é, meu amigo. Estou vivendo os meus últimos dias. Amanhã, depois, quem sabe?... já não viverei neste mundo. E acredite. Não levo saudades dele. Que ótimo negócio morrer-se nesta época sem graça, sem paz, sem bondade, sem alegria, sem esperança... Deixo a terra sem tristeza. Despeço-me dela até alegre e com as contas pagas”.

Quando lhe perguntaram, na Rádio Record, se lhe fosse dado viver de novo a sua vida, o que mais gostaria de fazer, a resposta foi esta: escrever mais para as crianças. Porque agora, no fim da vida, Lobato achava que pouco fizera pelas crianças brasileiras... “Poderia ter escrito muito mais. E eu creio que sim. Eu perdi tempo escrevendo para gente grande, que é uma coisa que não vale a pena.”

No fim da existência, pois, só lamentava não deixar uma obra mais vasta dedicada à infância; no entanto, escrevera uma insuperável biblioteca!

Continua a tratar-se, mas o segundo espasmo não tardará. Lobato tem certeza. A última linha escrita pela sua pena foi para o neto Rodrigo.

Aqui vou indo eu – diz ele – auxiliado pela Digitalis, uma droga que em tempo próprio você saberá o que é. O meu coração já cansado de fazer tique-taque como um relógio exige a Digitalis. Isso quer dizer que não vou ficar muito tempo neste mundo. Breve me mudarei para o Outro, onde a vida deve ser mais agradável, porque não há corpo a carregar. E então me divertirei muito de puxar a perna e fazer outras reações com os vivos. E terei longas conversas com o Edgard e o Guilherme e outros que tiveram a bela ideia de ir na frente, e nos deixaram sozinhos atrás.

Em suas reuniões o assunto principal é a morte. De madrugada sente que o fim está próximo. A morte costumava vir às quatro da manhã? Lera isso, não sabia onde. Após o almoço em casa de amigos alguém diz que tenciona visitá-lo no dia seguinte. Lobato, sorrindo, responde:

– Amanhã, em minha casa? Não pode ser. Encontrará apenas um cadáver.

Palavras proféticas, porque no dia seguinte o segundo espasmo vascular veio e Monteiro Lobato desencarnou; exatamente às quatro horas da madrugada, conforme previra.

Desencarnou tranquilo, as feições calmas, convicto de que, segundo suas próprias palavras, “o Ego não morre, porque nada morre, nem o mais miserável átomo”.

Foi um desencarne como sempre desejara: sem agonia e sem dor. Sua alma escapulira, de mansinho, enquanto o corpo, já esgotado e velho, dormia, desprevenido...

g. A VOLTA DE MONTEIRO LOBATO

É do conhecimento do público que entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel ficara combinado que aquele que morresse primeiro voltaria para comunicar-se. Mas, a fim de evitar mistificações estipularam uma senha, apenas conhecida de ambos, que seria uma espécie de carteira de identidade.

Quem primeiro desencarnou foi Lobato; mas, o autor de *Cidades mortas* não voltou para comunicar-se com o amigo. Rangel também morreu e nem uma notícia chegou do Além até nós... Maior estranheza poderá causar devido ao fato de que Monteiro Lobato, em vida, prometera fazer largo uso da mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier.

Monteiro Lobato, por motivos que nos escapam, não cumpriu o trato com Rangel, até o momento não pôde comunicar-se com os que ficaram. Mas, Monteiro Lobato voltará, como Olavo Bilac,

Guerra Junqueiro, Bocage, Humberto de Campos, Casimiro de Abreu e tantos outros. Voltará e, para a alegria de todos, teremos, inclusive, a Emília a nos transmitir uma série de novidades do “outro mundo”!

Esperemos.

* * *

O capítulo que o leitor acabou de ler foi escrito em 1956. Quinze anos depois teve o autor deste livro a grata satisfação de conhecer Maria José Sette Ribas, afilhada do poeta Júlio César da Silva. Contou-me que desde menina fora amiga de Monteiro Lobato e, quando moça, revisora dos livros lobateanos. Espírita, guardava – que fantástica surpresa! – as atas das sessões que Monteiro Lobato realizara no período de 1943 a 1947 – atas das chamadas “sessões com o copo”. E mostrou-me o famoso caderno que eu tanto procurara.

– Ele escrevia à mão e, no dia seguinte, eu datilografava a ata, guardando, sempre, uma cópia, disse-me ela.

Examinei as atas, emocionado. Maria José Sette Ribas sabia-me espírita. Eu já havia, então, psicografado *Antologia do mais além* – livro que contém sonetos, poemas e trovas de 44 poetas da Espiritualidade, de modo que pude sentir na sala o espírito Monteiro Lobato. Mas, em vez de ficar calado, contei o que havia notado... Maria José Sette Ribas disse logo:

– Façamos uma experiência com o copo. Quero ter certeza de que ele está aqui!

Relutei, mas foi inútil. Era impulsiva. E tirou de uma gaveta todas as letras do alfabeto, colocou-as em círculo sobre a mesa e, no centro, um copo. Depois, por medida de precaução, pegou um pano preto, enrolou-o e vendou-me os olhos. Eu, com dois dedos sobre o

copo, sentia-me apreensivo. E se a experiência redundasse em fracasso? Fiz uma prece. Então, o copo começou a mover-se, lentamente, e de súbito deslizou com rapidez e parou em frente de uma letra qualquer. Depois, bruscamente, avançou com absoluta segurança e estacou em frente da segunda letra. E logo procurou e achou a terceira letra. Maria José Sette Ribas perguntou:

– É você, Lobato?

O copo, então, avançou e empurrou para fora da mesa a quarta letra. Estava formada a palavra JECA. Ora, Lobato foi o criador da personagem Jeca Tatu. Maria José Sette Ribas exultava. Mas, dei por terminada a experiência. Eu continuava, mediunicamente, inseguro. E, nessa mesma noite, em minha casa, Monteiro Lobato psicografou comigo algumas páginas, às quais deu o título de “Prefácio póstumo a um livro de atas”. E o livro, trazendo uma carta-prefácio de Herculano Pires e páginas de reminiscências escritas por Maria José Sette Ribas, além das atas e do prefácio póstumo, foi publicado, meses depois, em 1972, pela Editora Lake. Ganhou o título de *Monteiro Lobato e o espiritismo*.

A respeito do prefácio póstumo fez Herculano Pires as seguintes observações na “orelha” do livro: “O próprio Lobato escreveu um curioso prefácio para esta obra, com uma explicação sobre o caso Lobato-Rangel, através da mediunidade psicográfica de Jorge Rizzini. A autenticidade do prefácio ressalta do estilo e o senso de humor de Lobato. Este livro nos revela, portanto, o Lobato espírita e o Lobato do Além”.

O prefácio é o que se segue:

Devo há longos anos uma explicação aos leitores; e como gosto de pagar minhas dívidas, aqui vai ela.

Havíamos combinado, eu e Rangel, que o primeiro que se fizesse “gás pensante” voltaria a fim de dar ao que ficara ainda condensado

na Terra provas da comunicabilidade dos espíritos – tínhamos, para isso, um código secretíssimo!

Quis o Destino fosse eu o primeiro a passar do estado sólido para o gasoso. Preocupado em dar a decisiva prova dos nove ao incrédulo Rangel, “voei” a Pedro Leopoldo – a então cidadezinha morta de Minas Gerais. Andava por lá nessa época um médium que pelas suas qualidades eu pretendia fosse minha máquina de escrever mediúnica. Era ele um veículo ideal. Mas, ao pousar em Pedro Leopoldo, desanimei... Estavam a rodear o Chico Xavier mais de duzentos espíritos, aguardando oportunidade de usar-lhe a mão!

Rondei o ambiente durante vários dias. Pretendiam alguns autores escrever pelo Chico coleções de romances; outros, as obras completas que não tiveram tempo de redigir na Terra... E, ao lado dos escritores, um enxame de poetas... Fiz os cálculos. O homem põe e Deus dispõe. Até chegar minha vez teria de esperar, pelo menos, uns cinquenta anos! O esqueleto do Rangel, já bastante arqueado, não resistiria tanto tempo – e o código secretíssimo acabou arquivado com o desencarne de meu milenar amigo!

– Por que não transmitiu o código através de outro telégrafo? perguntará algum leitor parente próximo do Jeca Tatu, arregalando os olhinhos matreiros e céticos.

Eu poderia recomendar ao parente do Jeca os livros basilares de Allan Kardec, onde o assunto está triturado e pronto para ser engolido. Mas como o mestre francês ainda hoje assusta muito marmanjo dou a resposta, eu mesmo.

Existem fatores imponderáveis na mediunidade, que na época apenas o Chico Xavier possuía – e meu código não podia sofrer distorções.

Por não haver transmitido ao Rangel o código teria eu posto na mão dos materialistas a prova dos nove da inexistência dos espíritos?

Muitos sabichões materialistas acreditaram que sim – e riram-se a valer! E a Emília, mais ainda! (A danadinha, que é clarividente, já sabia o que andava a Providência a preparar para esses sabichões... E, de tanto rir, quase lhe caiu o queixinho...)

É verdade; a Providência, generosamente, socorrera-me!

– ?

E da maneira mais singela. Alguns anos antes de meu “passamento” para o País do Além havia eu intensificado as pesquisas sobre o fenômeno espírita considerado o mais primitivo e banal de quantos existem. Armara em minha casa o alfabeto em forma circular e em seu centro colocara um copo. Purezinha era a médium. E provas e mais provas da Imortalidade jorraram daquele pequeno copo! Ele corria em direção às letras e formava mensagens curiosíssimas – inclusive dos filhos que haviam “passado” antes de mim. E Purezinha em algumas sessões tinha os olhos vendados – e o alfabeto eu o colocara sem sequência, a fim de atrapalhar os espíritos...

– E os sabichões? – perguntará o leitor já acostumado a esses fenômenos.

Os sabichões de nada sabiam das minhas sessões – ou apenas haviam ouvido falar. Não me fora possível dar a prova dos nove ao Rangel, e com isso eles se divertiram. Mas a Providência, que tudo sabe e tudo prevê, já me havia socorrido sem que eu percebesse – e iria dar-lhes uma lição.

Todas as ocorrências interessantes verificadas nas sessões com o copo eu as registrara no papel – em atas despreziosas para uso próprio, fixando a Verdade sem enfeites de espécie alguma. E pedi a Marjori que as datilografasse para o meu arquivo. Passaram-se decênios e essas atas (quem adivinharia?) ganham agora publicidade, dando assim uma resposta minha aos sabichões – a Marjori, menina inteligente e previdente, havia tirado para si cópia das atas e a guardara em um cofre inviolável...

Essas atas são agora publicadas quase trinta anos depois de redigidas! (Creio que este é o primeiro livro de atas colocado à venda ao lado de Cervantes, Shakespeare etc.) Se elas não convencerem os sabichões de que a Imortalidade é um fato, resta-me ainda este prefácio póstumo, infelizmente escrito após o desencarne de Godofredo Rangel. O estilo é como a impressão digital – não existem dois iguais. Se o prefácio também não realizar a cirurgia na inteligência dos sabichões, então farei o que a espartíssima Emília está me sugerindo – darei uma boa gargalhada! E do lado de cá hei de esperá-los a todos – para rirmos um pouco mais...

48 Afonso Celso, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, não foi também indiferente ao espiritismo. E, ao que parece, era médium vidente, como Olavo Bilac. Em sua obra *Notas e ficções* (edição da Livraria Moderna, ano de 1894, p. 42) conta Afonso Celso que: “E, através da gaze penumbrosa que a noite incipiente desdobrava pelo aposento de súbito entrevi, sentada ao velho piano, em vez da verdadeira pessoa que tocava, uma formosa menina”. O espírito dessa menina executava uma “harmonia estranha, belamente aflitiva: variações infinitas sobre o eterno tema da miséria humana”. Após o concerto espiritual, que só ele ouvia, diz Afonso Celso que “insensivelmente, dissipou-se a magoada miragem feminina” e “povoou-se inteiramente de trevas a sala. Vultos indistintos cruzavam-se na escuridão, aéreos e sutis. Roçavam-me a fronte fluidos de seres impalpáveis”. Não obstante esse fato espírita que a Igreja excomunga, foi Afonso Celso agraciado com o título de conde pelo sumo pontífice... O fato espírita vem contado no capítulo “O velho piano”, que A. Celso dedicou ao visconde de Taunay, também médium conforme o próprio Taunay declara em suas *Memórias*.

49 Cândido Fontoura, proprietário do laboratório Fontoura, foi quem lançou o folheto publicitário “Jeca Tatuzinho”, de Lobato. Foram impressos cerca de cem milhões de exemplares!

DEPOIMENTO DE CORNÉLIO PIRES

*Assim foi que, recebendo claras instruções, me tornei espírita,
dos menorezinhos e dos mais ignorantes.*

Cornélio Pires

A FIGURA ÍMPAR DE CORNÉLIO PIRES é assaz conhecida dos leitores. Suas obras ainda percorrem o Brasil. Mas, o admirável poeta, o grande folclorista sulino não se interessou, apenas, pela poesia e o anedotário caipira. Ele foi, também, cineasta e notável conferencista. E mais: publicou uma curiosa obra que nos revela o grau de espiritualidade que logrou atingir. Essa obra é hoje rara: trata-se de *Coisas d'Outro Mundo*, de onde extraímos o depoimento “Por que me tornei espírita”.

Escreve Cornélio Pires:

Caipirinha, tímido, vim de Tietê para a Capital em começos de 1901. Vim morar em casa de minha tia, dona Belisária Ribeiro, viúva do grande filólogo e polemista invicto, o gramático e romancista Júlio Ribeiro. Minha tia, que havia criado uma ninhada de sobrinhos e parentes e não parentes, facilitando-lhes os estudos e perdoando calotes de estudantes farristas, vestindo e dando livros a estudantes sem recursos, sempre achou maneira de tirar da sua pobreza de dona de pensão, daqueles tempos, à rua da Quitanda nº 11, o necessário para os necessitados.

Era protestante aquela santa criatura que ficou conhecidíssima por diversas gerações de bacharéis em direito, engenheiros, professores e comerciários. Logo de início pôs-me o Evangelho nas mãos e mandou-me para a escola instalada nos fundos da Igreja Presbiteriana, à rua 24 de Maio. Ali fui aluno daqueles belos e cultos espíritos que, na matéria, se chamaram Eduardo Carlos Pereira e Benedito Ferraz de Campos; homens que pregavam a letra do Evangelho e, com seus exemplos, o espírito vivificador.

Li os Evangelhos e, mesmo não lhes alcançando o espírito, fiquei encantado com os ensinamentos de Jesus. Quando ia a Tietê falava a todos sobre a doutrina de Jesus e despertei o interesse de minha mãe e de minhas irmãs pelos Evangelhos.

Tais benefícios recebêramos desse livro, que, mesmo não crendo, ao irmos para o Espaço, para lá levamos a Letra e mais fácil nos será alcançado o seu espírito, a sua Luz – e note-se que dificilmente baixam espíritos de protestantes, especialmente de ministros, para serem esclarecidos; creio que, no Espaço, eles são esclarecidos com grande facilidade por já levarem na bagagem os conhecimentos evangélicos.

Conhecedor dos Evangelhos, mais tarde, comecei a me entristecer. Cá, no meu íntimo, minha razão não queria aceitar um Deus que criava filhos para depois dar preferência a uns, sacrificando a outros; um Deus que, sendo Amor e Piedade, criava entes fracos para depois dá-los ao FOGO ETERNO (hoje compreendo que se o erro for eterno, eterno, logicamente, será o “inferno”). Comecei a me entristecer e grande risco corri de cair na descrença.

Comecei a encontrar contradições nos Evangelhos... Jesus dissera que NÃO VIERA ALTERAR A LEI, mas confirmá-la, no entanto a lei mandava: “Olho por olho, dente por dente” – e Jesus me dizia: “Perdoa aos teus inimigos”. A lei mandava que morressem a pedradas aqueles que fossem apanhados em adultério, e Jesus dizia a Madalena, depois que seus perseguidores fugiram ante a frase – “Aquele que não tiver pecado atire a primeira pedra” –, “Alguém te condenou?”; “Ninguém, Senhor”; “Vai, e não peques mais, pois eu também não te condeno”. Contradições... contradições...

Quando os ministros me perguntavam por que não fazia minha

profissão de Fé, eu lhes apresentava essas objeções; eles me respondiam com sua constritora, dogmática e sofisticada teologia e maior era a minha confusão.

É que eu estava apegado à LETRA e nem sabia que os primeiros apóstolos eram analfabetos e que as seleções dos tópicos evangélicos haviam passado por traduções e retraduações e que deles apenas devia aproveitar a DOCTRINA e não as palavras que, na pobreza da linguagem humana, raramente traduzem integralmente aquilo que queremos dizer.

Eu acredito num Pai de todos nós, indiferentes, ateus, católico-romanos, protestantes, muçulmanos, maometanos, budistas e dos indígenas e dos irracionais. Eu queria um Deus que aceitasse a prece de todos os seus filhos, subdivididos em seitas religiosas, mas todos buscando a um Pai, Criador de todas as coisas, praticando boas obras.

Eu queria essa religião e não a encontrava e me entristecia, desorientado, fugindo, como podia, à descrença. Fora encontrar meu maior tropeço justamente nos Evangelhos! Que coisa dolorosa! É que a LETRA estava me matando aos poucos e logo eu seria um dos “mortos que enterram seus mortos”.

Chegou porém o meu dia – Graças a Deus –, o mais feliz durante minha estadia na Terra!

Para chegar, porém, a esse dia, passei por interessantes peripécias.

Indo a Caxambu – era meu motorista o sr. José Minholo –, lá estive uns dias e seguimos para Lambari; nesta cidade o motorista, batendo a mão na testa, disse: “Seu Cornélio... esqueci a bolsinha de chaves do estepe, porta e contato na garagem onde guardamos o carro, em Caxambu! Liguei o motor, sem perceber, com a chave sobresselente... Como vai ser agora se estoura um pneu?”

“Não há outro recurso; voltemos a Caxambu” – realmente voltamos e nada adiantou discutir com o dono da garagem: as chaves haviam desaparecido. Que fazer? Escrevi à casa Cassio Muniz & Cia, mandando-lhe o número do motor e pedindo as chaves para Poços de Caldas.

Que fosse o que Deus quisesse.

Atravessando o sul de Minas, via Varginha, cheguei a Poços e lá não recebi as chaves. Que maçada! Escrevi, pedindo-as para São

João da Boa Vista e, lá chegando, nada de chaves... Ali mandei lavar o carro, tirar os tapetes e passar o aspirador de pó no assoalho e por baixo dos assentos. Segui para Lindoia e Serra Negra. Andando sempre muito doente, constantemente atordoado, comprei uma caixa de “Eparseno” e fui tomar a primeira injeção. Eu e o farmacêutico ficamos impressionados: três agulhas foram entortadas; não penetravam e não quis saber mais de histórias... Apesar de não ser supersticioso, disse ao boticário: “Desisto, aqui tem coisa”...

Prosseguindo na minha vida de judeu-errante, dias depois, estava em São Carlos, para onde pedira as célebres chaves que lá não chegaram. Nessa cidade, eu, que não visitava ninguém, senti irresistível vontade de visitar o meu amigo Lobo e lá fui à sua casa. Palestrávamos, quando chegou um pretinho, cozinheiro, o Alfredo, e que foi muito festejado pelos donos da casa e logo me dizia o Lobo:

– Esse é um médium sonâmbulo formidável.

Brinquei com meu amigo:

– Cuidado que o Juqueri está lotado... – Mas, assustado, vi o Alfredo entrar em convulsões e logo o espírito, depois de nos saudar, disse:

– Aqui, o meu amigo da esquerda – indicando-me – fez muito bem em não tomar as injeções; aquilo é arsênico e o meu irmão tem o fígado em péssimo estado – e receitou-me chá de uma planta medicinal e contra a dispepsia, pele de moela de frango reduzida a pó impalpável, dizendo-me que, vivendo eu em hotéis, fácil me seria conseguir as moelas.

Fiquei impressionadíssimo com o caso, pois nem ao Lobo contara o caso das injeções.

Desde então comecei a me impressionar cada vez mais.

Segui viagem e, depois de muitos ziguezagues, chegamos a Novo Horizonte, sempre temendo um estouro de pneu... Assim que chegamos, tomei de minha maquinazinha fotográfica 6x9 e, no quintal, junto ao automóvel, deu-me na fantasia mandar o José “bater” uma chapa. Outra surpresa: feita a revelação e tirada a cópia, apareceu-me sobre a cabeça, firmando os pés traseiros em minha testa, vendo-se-lhe as serrilhas das pernas, uma barata! Medida a proporção do seu comprimento, seria do tamanho de meu rosto...

“Aqui tem coisa, seu Zé”... – dizia eu desconfiado.

De Novo Horizonte dirigimo-nos a Noroeste, sempre pedindo as chaves para determinada cidade e as chaves não vinham. Dias depois, porém, ao voltarmos de Valparaíso, paramos para almoçar no hotel do Pires, em Pirajuí.

Ao tomarmos o carro tivemos a incrível surpresa de encontrar a bolsinha de couro, com as chaves dentro, sobre o tapete, onde o motorista teria de pôr os pés!!! – “Aqui tem coisa, Zé...” – continuava eu desconfiado. Maior, porém, foi nossa surpresa quando, dali a cinco quilômetros, estourou o pneu! “Graças a Deus temos a chave” – exultou o Zé.

Viaja daqui, viaja dali, fomos a Curitiba e de lá a Ponta Grossa. No hotel do Bismara contava eu o caso da fotografia quando um senhor, de certa idade, ao meu lado, pediu-me para vê-la. Notei que o homem (hoje o meu bom confrade João Viana) estava como que concentrado, com a fotografia na mão, quando, com voz grossa e amiga, disse-me:

– É uma troça inocente... – percebendo que se tratava de um médium, pedi:

– Escreva isso nas costas da fotografia...

Tomando de um lápis, escreveu: “É uma troça inocente – Emílio”. Seria o meu Emílio de Menezes? E, antes que perguntasse, respondeu-me: “Sim, sou quem estás pensando”.

Tendo o médium me dito que julgava que esse espírito estivesse em melhor situação, fiquei aflito e penalizado sem, então, saber a maneira de auxiliá-lo, mas o espírito logo me confortou, dizendo-me:

– Sempre o mesmo velho coração amigo... Não te preocupes comigo, pois estando mal aqui, estou um milhão de vezes melhor que vocês aí...

Regressamos a Curitiba e ali me esperava outro fato para melhor me chamar a atenção. Fui apresentado ao Hugo Marçal e subimos ao meu quarto no Brás-Hotel, onde hoje funciona o Majestoso. Logo que entramos, Hugo, tomado do espírito, de surpresa, e empunhando um lápis, abriu meu bloco e escreveu de diante para trás, assinando.

Fui ao espelho e, ó maravilha!, dizia o bilhete: “Amigo Cornélio – Abraços e não beijos; eu não te beijaria nem por um conto – Emílio”.

Ora, eu nem tempo tivera para contar o caso de Ponta Grossa. Lembrei-me logo de conferir as assinaturas: perfeitamente iguais!

Recebi também nessa mesma ocasião uma mensagem assinada por O.B. recomendando-me: “Leia, estude, medite e ore”. E, então, pela primeira vez, comprei livros espíritas. No *Invisível* foi a primeira escolha, mas ao ver *O livro dos espíritos*, de Kardec, eu que temia até tocar num livro que trouxesse na capa esse nome, abri-lhe a esmo uma página e li: “É preferível recusar 99 verdades a aceitar uma só mistificação”. Que dizem!!! Pois os espíritas concordam que podem ser mistificados?! E eu, que tanto combatia o espiritismo, perdi o medo e comprei *O evangelho segundo o espiritismo*, *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns...* Depois, não houve mãos a medir.. Li as obras de Léon Denis, de Bozzano, de Moses, de Bué, de Flammarion, de Gibier, de Lodge, de Zollner, de De Rochas, do Padre Alta, de Delanne, de Crookes, do Padre Marçal, de Fernando de Lacerda, de Francisco Xavier, de Oswaldo Melo, de Inácio Ferreira, Romeu A. Camargo, Vinícius, Fuzeiras, Owen, D’Argonel, Vives, Findlay, Quintão, de Imbassahy, de Saião e de tantos mais que nem é possível enumerar, além dos artigos de Leopoldo Machado, não perdendo irradiações de Odilon Negrão e outros.

Era a sede da Verdade que eu queria saciar de uma vez, mas...

Tive então a felicidade de, em Uberaba, entrar em contato com Bezerra de Menezes que, logo de início, me aconselhou:

– Calma, meu amigo... Calma... Chegaste à Fonte da Água Viva, mas toma-a aos poucos... Cuidado, muito cuidado com o fanatismo, ele é mil vezes pior que a descrença.

Porém lá, muito dentro de mim, continuava, como um espinho doloroso, o caso das contradições dos Evangelhos, mas antes que eu interpelasse, disse-me Bezerra:

– Onde estão as contradições nos Evangelhos?

Fiquei chocado pelo inesperado da pergunta e citei os casos:

– E Jesus não alterou um til da Lei de Deus – disse-me.

– Como assim?

E ele me respondeu com outra pergunta, e todo o meu espírito se iluminou na justa compreensão:

– Qual é a LEI DE DEUS, meu amigo?

- Os dez mandamentos...
- E Jesus alterou um só deles?
- Não...

– Então não confundas a Lei de Deus com as leis que estão na Bíblia e que eram leis dos homens para homens, de grande atraso e profunda ignorância; seus autores aparentes eram médiuns a ditar leis de acordo com a época, local e necessidades de cada povo.

Continuando nossa conversa, tão franca e elucidativa, disse-lhe:

– O que me apavora no espiritismo é aquela passagem: “Pode o espírito do mal transformar-se num anjo de luz para nos seduzir..”.

– Mas veja também a passagem que diz: “Pelo fruto conhecerás a árvore”; se o fruto é bom, boa será a árvore, pois árvores más não podem produzir bons frutos, e para isso foi que João, o evangelista, recomendou: “Aprendei a conhecer os espíritos que são de Deus”. Aí mesmo, na terra, vocês, com um pouco de argúcia, não distinguem logo um mistificador de um homem de bem? Ele te mistificará uma vez, mas não duas, se estiveres atento. Quanto à prevenção contra os de cá, ORAÇÃO E VIGILÂNCIA. E saiba que os “curiosos” e fúteis são as vítimas escolhidas pelos enganadores.

Mais tarde aprendi, com Pai Jacó, respondendo a um que queria investigar os mais profundos mistérios de Deus, fazendo perguntas irrespondíveis, que, como disse o espírito: “Formiga, quando quer se perder, cria asas”... e terminou dizendo ao curioso: “Avua munto, ioiô... avua pra vê...”. Quem mal emprega a fecundidade de sua imaginação, mais facilmente será obsedado. Ovelha que se arreda do rebanho está mais sujeita a ser apanhada pelo lobo.

Assim foi que, recebendo claras instruções, me tornei espírita, dos menorezinhos e dos mais ignorantes.

O BIÓGRAFO EDGAR CAVALHEIRO E O MÉDIUM CHICO XAVIER

*Confesso que fiquei profundamente admirado, quase não
acreditava no que via.*

Edgard Cavalheiro

EDGARD CAVALHEIRO NÃO MORREU INDIFERENTE ao espiritismo. Há anos vinha ele se interessando pela doutrina, a ponto de inúmeras vezes embarcar rumo à cidade de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, a fim de avistar-se com o médium Francisco Cândido Xavier, de quem acabou por tornar-se amigo íntimo. Então, conversavam durante horas, almoçavam juntos e... faziam sessões espíritas. Ora, isto o próprio Edgard Cavalheiro declarou pela imprensa.

Realmente, quem não se lembra da entrevista de Edgard sobre Francisco Cândido Xavier estampada na *Folha da Noite* com estardalhaço. Entrevista na qual não pôs em dúvida a possibilidade dos fatos espíritas?⁵⁰ Essa entrevista Edgard a deu dois anos antes de sua morte: o tempo suficiente para meditações posteriores.

Antes dessa entrevista, que tivemos o cuidado de colher no arquivo da *Folha da Noite*, já Edgard Cavalheiro se interessava, veladamente, pelo espiritismo. Quem abrir sua obra *Fagundes Varela*, encontrará duas composições do imortal poeta, em prosa. Duas, apenas, e as duas, escolhidas por Edgard Cavalheiro, tratando

da fenomenologia espírita.

Quer dizer: Edgard Cavalheiro foi ao *Correio Paulistano*, consultou o arquivo, examinou todas as produções de Varela aí publicadas e escolheu duas que fossem espíritas! Como não desejava, ainda, comprometimento com a doutrina, colocou-as dentro da biografia do poeta sem, ao menos, fazer o mais curto comentário. Quer dizer: Edgard deu a sua contribuição à bibliografia espírita, desenterrando os dois trabalhos espíritas de Varela e, com aquele seu sorriso, silenciou sobre o fato...

Anos depois veio ele a escrever uma monumental biografia de Monteiro Lobato em dois volumes. Tinha Edgard, agora, de enfrentar os fatos espíritas, pois o autor de *Narizinho arrebitado*, em vida, tratou deles, e todo o Brasil o sabia. Impossível esquivar-se. No entanto, tinha três caminhos à sua disposição: ignorar esse aspecto da vida de Monteiro Lobato; deturpá-lo, dando-lhe uma explicação falsa; ou narrá-lo, exatamente, como foi.

Três caminhos distintos.

O primeiro seria o fácil e é o preferido pelos biógrafos materialistas quando topam com grandes figuras que se interessaram pelo espiritismo. Daremos um exemplo vigoroso. Sobre Lincoln existem inúmeros estudos, biografias, artigos. Quantidade assombrosa; no entanto, 99% das biografias, algumas volumosas, silenciam sobre as experiências espíritas feitas por Lincoln dentro da Casa Branca! Se o presidente norte-americano fosse à missa todos os dias, esses biógrafos diriam: “O presidente foi um exemplo maravilhoso de católico praticante!” etc. E lá viria um capítulo especial. Tudo com grande riqueza de detalhes.

O segundo caminho também tem forte preferência pelos biógrafos, os quais não escondem o aspecto espírita na vida de seus biografados. Enfrentam-no, porém, deturpando-o, completamente! Os fatos espíritas, então, são explicados como filhos da alucinação ou... fraude! E os seus biografados que foram espíritas passam, desta

forma, a ser interpretados pelos biógrafos como tolos que se deixaram iludir. Daremos um exemplo. Conhecem todos a biografia de Victor Hugo feita por Matthew Josephson. As edições dessa obra se sucedem em países vários, felizmente, contrabalançadas por outras, honestas. Pois bem. Nessa obra Josephson apresenta Victor Hugo como um gênio, homem de caráter excepcional, inteligência vigorosa, amigo inflexível da verdade e coisas mais deste teor. Tudo perfeito, não há dúvida. Mas, a certa altura, quando Victor Hugo, em pleno apogeu de sua glória, proclama ao mundo a realidade das comunicações espíritas, que faz o sr. Josephson? Como não pode esconder as experiências espíritas de Victor Hugo, diz que tudo não passou de alucinações e fraudes! Quer dizer: Victor Hugo, que antes era um gênio, uma inteligência vigorosa, amigo inflexível da verdade, de súbito torna-se um pobre coitado, uma vítima de fraudulentos! É desta forma que o sr. Josephson age, a fim de esconder do mundo o testemunho de Victor Hugo. Quer dizer: o biógrafo é que é inteligente e genial, e Victor Hugo um bobo... Isto não deixa de ser engraçado. Aliás, o mal da biografia é este: o biografado pode tornar-se um joguete nas mãos de seu biógrafo, que dele faz o que bem entende... Ou gênio ou medíocre. Quando não, tolo... Victor Hugo, nas mãos de Josephson, foi as três coisas!

Voltaremos ao assunto no capítulo dedicado a Victor Hugo.

Ora, Edgard Cavalheiro preferiu o terceiro caminho como biógrafo. Isto é: tratou do espiritismo na vida de Monteiro Lobato, sem alterar conceitos e fatos. Deu-nos a verdade. Honestidade, apenas? Acreditamos que não.

Já vimos que na biografia de Varela colocara ele dois trabalhos espíritas, sem dar-nos explicações. Veremos, agora, a razão desta sua atitude velada e o motivo pelo qual, abertamente, para espanto de muitos de seus amigos, escreveu, mais tarde, toda a verdade sobre os fenômenos espíritas vistos por Lobato, sem alterar uma vírgula.

Não vou apresentar novidades, pois sua famosa entrevista sobre

Francisco Cândido Xavier foi divulgada por um dos maiores jornais de São Paulo. A chave que nos abre a porta da atitude de Edgard perante o espiritismo está nessa entrevista. Vejamos os pontos principais.

Eis o que pensava ele sobre a figura humana do médium de Pedro Leopoldo: “Chico Xavier é um homem-símbolo, cuja personalidade só raramente pode ser encontrada num ser humano”.

Ainda mais:

“O médium, por sua bondade e desprendimento, é mesmo uma espécie de reencarnação de São Francisco de Assis e de Frei Damião”.

O médium, diz Cavalheiro; preste atenção o leitor. Veja que Edgard não põe em dúvida a mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

E por que não a põe? Porque teve oportunidade de assistir a fenômenos admiráveis. Eis o que o próprio Edgard Cavalheiro nos conta, quando esteve, certa vez, na cidadezinha de Pedro Leopoldo:

Um dia, em Pedro Leopoldo, três soldados traziam, com muito esforço, um possesso que resistia de maneira impressionante. Vi o Chico aproximar-se e mansamente colocar a mão sobre a cabeça do louco, que se transformou num cordeiro, de tão tranquilo. *Confesso que fiquei prontamente admirado, quase não acreditava no que via.* [O grifo é nosso] A força que emana desse homem, de sua bondade de santo, é algo inexplicável. E ele afirma que Emmanuel é quem lhe dá tamanha força.

(Emmanuel é o espírito-guia de Francisco Cândido Xavier.)

Ora, tendo visto um fenômeno desses, que lembra os narrados no Evangelho, como poderia Edgard Cavalheiro negar as faculdades de

que é Chico Xavier dotado? Não foi sem razão, pois, que Edgard exclamou, espantado: “Confesso que fiquei profundamente admirado, quase não acreditava no que via”. E, como acreditou no que via, passou a acreditar na mediunidade, pois sem ela não há fenômeno espírita.

Além deste fato Edgard Cavalheiro nos conta outros sobre o famoso médium de quem se fez amigo e grande admirador.

Outro fato interessante [fato, diz Edgard, e não caso ou história]; contou-me ele que uma de suas irmãs, viúva, com vários filhos, enlouquecera e o problema principal era a internação no hospício. Chico vai a Belo Horizonte e procura o manicômio. Logo à entrada, porém, ficou constrangido diante do quadro aterrador daquelas mulheres loucas, descabeladas e medonhas. Resolveu trazer a irmã de volta. Abatido, trancou-se numa sala e pôs-se a soluçar. Nessa ocasião, chega Emmanuel e pergunta: “Você chorando, Chico, que se passa?” Ao que responde o médium, contando-lhe a triste história de sua irmã. Emmanuel contesta: “Mas, Chico, as que você viu no hospício, não são também suas irmãs? E quantas lágrimas você derramou por elas?” Coisas assim, ele me conta com convicção e pureza.⁵¹

Um caso dos mais interessantes aconteceu quando o médium, na suposição de ser uma reencarnação de São Francisco de Assis, encontra à sua porta um preto com a perna toda envolvida em trapos sujos, por onde corria sangue podre de uma enorme ferida. Mandou-o entrar e durante vários dias tratou do homem fazendo-lhe curativos e prestando-lhe toda a assistência. Um dia, chamou-o e disse: “Irmão, você está curado, pode ir”. Nesse instante, o preto sacou de um punhal e bradou: “Dê-me todo o dinheiro que você tem aí”. Chico entregou-lhe trezentos cruzeiros que trazia consigo. “Para você ver, Edgard; eu não era São Francisco de Assis. Se fosse, teria dado o dinheiro espontaneamente.”

Ainda outro fato que Edgard nos revela: “Certa vez Chico Xavier submeteu-se a um concurso público. Diante de um problema de matemática, que se apresentava sem solução, Chico apelou para Emmanuel: “Que devo fazer para resolver isso?” O guia respondeu: “Estude, Chico”.

E Emmanuel desapareceu, que a função dos espíritos não é resolver problemas materiais...

Mais um comentário de Edgard Cavalheiro, para o qual chamo a atenção do leitor: “A intimidade dos dois [Chico e Emmanuel] é surpreendente. *O espírito chega e ficam os dois a conversar horas inteiras.* Diz o Chico que esses fenômenos espíritas em sua pessoa tiveram início quando ele tinha dezessete anos, quando viu pela primeira vez o espírito de sua mãe”. (Os grifos são nossos.)

* * *

Não apreciava Edgard Cavalheiro os livros de Emmanuel psicografados por Francisco Cândido Xavier. Diz Edgard em sua entrevista: “A literatura de Emmanuel é precária, e em matéria de poesia não tomou conhecimento dos novos caminhos encontrados e do grau que atingiu nos dias de hoje”.

Compreendemos a lamentação do crítico. Mas, Edgard faz, aqui, uma pequena confusão. Os livros de Emmanuel não são “literatura”; o grande espírito não pretende fazer obra de arte. Este seu pensamento está explícito na obra *Ave, Cristo*. A literatura, para ele, é um meio, não um fim. Emmanuel nunca pretendeu ser artista da pena, mas professor de espiritismo.

Diz Edgard: “...e em matéria de poesia não tomou conhecimento dos novos caminhos encontrados e do grau que atingiu nos dias de hoje”. O motivo é o já explicado. Emmanuel não é poeta nem apóstolo da literatura. Ele é discípulo do Senhor, um apóstolo

humilde que, cumprindo ordens, espalha as sementes da renovação
do mundo!

É pouco?

50 A entrevista de Cavaleiro foi dada ao poeta e jornalista Eurícles Formiga. Estampada na *Folha da Noite* de 7 de fevereiro de 1956, tem por título: “Chico Xavier, um homem-símbolo”. Eurícles Formiga, mais tarde, tornou-se médium psicógrafo.

51 Essa velha irmã de Chico Xavier, nossa velha conhecida, curou-se graças à ação dos espíritos.

DEZ ESCRITORES E A MEDIUNIDADE DE CHICO XAVIER

À proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixara o lápis do Chico.

Agripino Grieco

NO CAPÍTULO DEDICADO A EDGARD Cavalheiro vimos alguns fatos produzidos pela mediunidade multiforme de Francisco Cândido Xavier. Vejamos, agora, como e quando explodiram essas faculdades medianímicas. É o próprio Chico Xavier quem conta no prefácio que escreveu para a primeira edição do célebre *Parnaso de além-túmulo*, obra com a qual “estreou” na literatura mediúnica e que tumultuou os meios literários do Brasil. Conta Chico Xavier:

Até 1927, todos nós não admitíamos outras verdades além das proclamadas pelo catolicismo; mas eis que uma das minhas irmãs, em maio do ano referido, foi acometida de terrível obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora, sequer. Vários dias consecutivos foram para nossa casa horas de amargos padecimentos morais. Foi quando decidimos solicitar o auxílio de um distinto amigo, espírita convicto, o Sr. José Hermínio Perácio, que

caridosamente prontificou-se a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discípulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residência, bem distante da nossa, junto à sua família, onde, então, num ambiente totalmente modificado, poderia ela estudar as bases da doutrina espírita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. Aí, sob os seus caridosos cuidados e da sua exma. esposa D. Carmen Pena Perácio, médium dotada de raras faculdades, minha irmã hauria, para nosso benefício, os ensinamentos sublimes dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutareis, por intermédio da esposa de nosso amigo, entrando em pormenores de nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual à que nossa progenitora usava, quando na Terra. Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria daí por diante nortear os nossos passos na vida.

Foi, pois, a partir de 1927 que Francisco Cândido Xavier tomou contato direto com o espiritismo. O caso de sua irmã é o mesmo referido por Edgard Cavalheiro no capítulo precedente. Chico Xavier levou-a ao manicômio, horrorizou-se com o que viu e a trouxe para a residência de José Hermínio, onde a livrou das perturbações espirituais que os médicos davam como “loucura”, pois a aconselharam a internar-se em um hospício!

Aqui, vale a pena fazer um parêntese e, a propósito da “loucura” da irmã do famoso médium, contar uma anedota pitoresca que serve de ilustração.⁵²

Uma sumidade médica de certo manicômio, enormes óculos de tartaruga no nariz, apresenta ali, a outros médicos, um doente de delírio espírita episódico, dizendo mais ou menos:

– Aqui está uma criatura com todas as características de pessoa normal, normalíssima! Fala bem e raciocina ainda melhor. A fisiologia de seus órgãos, o cérebro, inclusive, perfeitíssima! Contudo, é um doente de delírio espírita episódico. Vê fantasmas à sua frente, a cada passo. Volta-se, agora, para o doente, posta-se firme diante dele, e pergunta-lhe:

– Que está vendo à sua frente?

– Estou vendo um burro de óculos...

A ilustração esclarece o texto.

Passemos adiante. Ao tempo em que Chico tomou conhecimento da doutrina, logo de início sendo por ela beneficiado, era ainda um rapazote mal saído do grupo escolar. Não sendo possível prosseguir os estudos, abandonou-os e entregou-se, exclusivamente, ao trabalho, pois numerosa era a família a sustentar. Empregou-se numa fábrica de tecidos, onde ficava até as duas horas da manhã; depois, fez-se caixeiro em uma casa comercial; anos depois, desejoso de progredir, caso contrário sua enorme família sofreria fome, Chico Xavier conseguiu um humilde cargo de funcionário público na Secretaria de Agricultura de Minas Gerais. Em 1944, o médium, querendo melhorar sua vida econômica, um pouco mais, inscreveu-se em um concurso do Dasp e tenta o exame. As provas exigidas eram as mais simples possíveis, pois o cargo sem importância. O médium, porém, foi considerado “inabilitado”... A esse concurso já se referiu Edgard Cavalheiro. Durante as provas, diante de um problema, Chico, desesperado, apelou para Emmanuel: “Que devo fazer para resolver isso?” Ao que o espírito-guia lhe responde: “Estude, Chico”.

A partir dessa data nunca mais Chico Xavier pretendeu melhorar

seu pequenino ordenado. No entanto, quantas oportunidades se têm oferecido para que se torne um homem de posses! Mas, o médium as recusa, obediente ao preceito do Evangelho: “Dá de graça o que de graça recebeste!” O que lhe vem procede do Alto. Chico é mero instrumento.

Diz Edgard Cavalheiro em sua entrevista a respeito de Chico: “Não há dúvida, o homem simples e pobre de Pedro Leopoldo, que poderia tornar-se milionário só com os direitos autorais de seus livros, e que devolveu certa vez um cheque de trezentos contos a um consulente, é uma criatura rara e uma alma que explode entre as demais, num brilho de infinita bondade e pureza”.⁵³

Chico Xavier é dotado de várias faculdades mediúnicas; a mais vigorosa é a psicografia. Eis o que sentia quando, com grande admiração, pois não tinha mais que o curso primário, começou a receber poesias do além-túmulo:

A sensação que sempre senti, ao escrevê-las, era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingiu o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas.

Eis aí alguns dados biográficos do célebre médium mineiro e as sensações mediúnicas que sempre sentiu à aproximação dos espíritos daqueles que aqui na terra tiveram os nomes de Olavo

Bilac, Bocage, Guerra Junqueiro, Rui Barbosa, Augusto dos Anjos, Humberto de Campos, Emílio de Menezes, Carmem Cinira, Cruz e Sousa, Belmiro Braga, João de Deus, Casimiro de Abreu, Castro Alves etc.

Não pretendemos, aqui, fazer um estudo comparativo do estilo de todos esses autores quando vivos e “mortos”. É este um serviço que podemos considerar superado em vista das opiniões de eminentes críticos e escritores.

Vejamos algumas dessas opiniões.

Já dissemos que a primeira obra psicografada por Chico foi *Parnaso de além-túmulo*. O médium não desejava, por receio, vê-la publicada, mas o escritor espírita Manuel Quintão insistiu, e a Federação Espírita Brasileira lançou-a. O sucesso foi espetacular. A obra saiu dos arraiais doutrinários e passou a ser comentada nos círculos literários de norte a sul do país; e as edições se sucederam, sempre aumentadas com novas produções de Bilac, Castro Alves, Junqueiro, Casimiro de Abreu, Emílio de Menezes etc., cada qual com seu estilo próprio, suas tendências psicológicas, sua escola poética.

Um dos primeiros a fazer a crítica da grande obra foi Humberto de Campos, acadêmico, o escritor, então, mais apreciado pelo público. Humberto de Campos pôs de lado o preconceito literário e, honestamente, estudou os estilos. Realmente, ali parecia haver mediunidade; fraude era impossível em se tratando de tantos poetas, cada qual com dois, três, quatro poemas, alguns longos. E o mestre confessou:

Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão

que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos.

Menotti Del Picchia (da Academia Brasileira de Letras) deu, também, um parecer:

Deve haver algo de divindade no fenômeno Francisco Cândido Xavier, o qual, sozinho, vale por toda uma literatura. É que o milagre de ressuscitar espiritualmente os mortos pela vivência psicográfica de inéditos poemas é prodígio que somente pode acontecer na faixa do sobre-humano. Um psicofisiologista veria nele um monstruoso computador imantado por múltiplas memórias. Um computador de almas e de estilos. O computador, porém, memoriza apenas o já feito. A fria mecânica não possui o dom criativo. Este dimana de Deus. Francisco Cândido Xavier usa a centelha divina imanente em nós. “Dei estis fili excelsus omnes” (David, Salmos).

João Ribeiro, talvez o maior crítico de sua época, não se esquivou de opinar sobre o *Parnaso* e, sintético, escreveu que o médium “não atraíra poeta algum”; todos se revelavam como foram em vida.

No Rio Grande do Sul, o poeta de *Nova musa*, Zeferino Brasil, assim se manifestou sobre o *Parnaso*:

Seja como for, o que é certo é que – ou as poesias em apreço são de fato dos autores citados e foram realmente transmitidas do Além ao

médium que as psicografou, ou o Sr. Francisco Cândido Xavier é um poeta extraordinário, genial mesmo, capaz de produzir e imitar, assombrosamente, os maiores gênios da poesia universal. Porque ninguém, que conheça a arte poética e haja lido assiduamente Antero de Quental, Antônio Nobre, Guerra Junqueiro, João de Deus, Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro de Abreu e os demais poetas que enchem as 389 páginas do *Parnaso de além-túmulo*, deixará de os reconhecer integralmente nas poesias psicografadas. Em todas elas se encontram patentes as belezas, o estilo, os arrojados, as imagens próprias, os defeitos, o “selo pessoal”, enfim, dos nomes gloriosos que as assinam e vivem imortais na história literária do Brasil e Portugal.

○ escritor Edmundo Lys, por sua vez, escreveu:

Citemos, por exemplo, o caso de Belmiro Braga, o grande poeta juiz-de-forense. Belmiro foi, sobretudo, um lírico e um satírico de singela e notável espontaneidade. Tratou, sobretudo, a redondilha, e muitas de suas quadrinhas se incorporaram ao repertório da poesia popular. Entretanto, ninguém que conheça a obra de Belmiro confunde com as suas as redondilhas de Adelmar Tavares, outro de nossos troveiros de sabor popular, nem as de Djalma de Andrade, que, também mineiro, como Belmiro, junta, ainda, como ele, aos mais doces acentos do lirismo a ferinidade da sátira. Se quisermos imitar Belmiro, seria justo versejar na sua forma habitual. Ora, no *Parnaso de além-túmulo*, o poema de Belmiro Braga é em sextilhas e, entretanto, se identifica como inspiração, como estilo, até como forma, com a obra do poeta das *Rosas*, muito mais do que todas as quadras que conhecemos, compreendidas as de Djalma, que, pelo fato de ser mineiro, de ter o mesmo clima espiritual do troveiro de Juiz de Fora e de ser, também, um mestre da redondilha, deve se parecer muito com ele.

A opinião de Monteiro Lobato ficou célebre: “Se o homem realmente produziu por conta própria tudo o que vem do *Parnaso*, então ele pode estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras quiser...”

Curioso é que, mais tarde, veio o espírito de Humberto de Campos fazer parte da plêiade comunicante através de Chico Xavier, quando, então, provocou grande celeuma, inclusive, na Academia...

Sobre essas obras escreveu Mário Matos, autor de um ensaio sobre Machado de Assis: “Não sei se foi porque li as *Crônicas* astrais em hora propícia, mas verdade que achei o estilo do Humberto morto muito mais vivo. Entretanto, similaridade de estilo, de cultura e de erudição não é prova específica de identidade, de autenticidade. Mas impressiona, de fato”.

Mário Matos, porém, acha que as *Crônicas* astrais contêm um “estilo linear, com todas as regras da sintaxe, cheio das mil e uma maneiras técnicas de Humberto”.

Diz, ainda, Mário Matos: “Aqui há um fenômeno estranho. Mas eu resolvo a complicação cá ao meu modo. Os espíritas o solucionam pelo deles. Para eles, é o Humberto de Campos quem está ditando as ideias. Para mim, é o Diabo. Sempre o Diabo as arma. Sua finalidade diabólica é a de confundir e apoquentar os homens. Para ele se disfarçar em Humberto, em Victor Hugo ou em Antero de Quental, é coisa fácilíssima”.

Passemos, agora, a Afonso Schmidt, escritor que, diga-se de passagem, mais láureas conquistou no Brasil. É detentor, inclusive, de prêmios no estrangeiro. A respeito dos livros ditados pelo espírito Humberto de Campos escreveu Schmidt em *O Estado de S. Paulo*:

Fui sempre leitor de Humberto de Campos. Há anos, atraído pelo

rumor que se fazia, procurei ler, igualmente, umas crônicas a ele atribuídas por Francisco Cândido Xavier, esse jovem, modesto e iletrado caixeiro de loja de uma cidadezinha de Minas. Observei o seguinte: a fantasia, a compreensão fraternal da vida e o bom gosto na composição são os mesmos que caracterizam a obra do nosso ilustre patrício. Até aí, trata-se de faculdades inatas que, por um acaso qualquer, poderiam ser trazidas do berço por Francisco Xavier. O mesmo, porém, não poderia dar-se com a cultura, a correção, a clareza, a maneira particular de sentir, de escrever, de comunicar a sua impressão ao leitor. Enfim, a sua personalidade, a sua atitude, perante a vida, os seus silêncios, elementos de êxito que Humberto de Campos conseguiu em quarenta anos de incessante prática da literatura. E o rapazinho de Minas Gerais, apresentando tais virtudes, não poderia improvisar aquilo que em todas as partes os artistas não trazem do berço e que é o mais difícil de conseguir.

Mais tarde, Afonso Schmidt, entrevistado pelo autor deste livro, acrescentou em defesa do médium: “Sou – e sempre fui – um sincero admirador da obra de Chico Xavier. Dizem-me que é um homem humilde e trabalhador, voltado unicamente para seus ideais. As campanhas que contra ele se desencadeiam é a prova mais segura do seu valor. Há anos, escrevi a seu respeito uma crônica no *Estado*. Hoje, se eu voltasse a escrever sobre sua obra, sua personalidade, poderia dizer muito mais!”

Quanto a Agripino Grieco, em julho de 1939 teve oportunidade de, em Belo Horizonte, avistar-se com Francisco Cândido Xavier; seu interesse era ver o médium receber comunicações por escrito de Humberto de Campos. Porque no Rio de Janeiro fora seu amigo íntimo. As *Crônicas* astrais já eram suas conhecidas e o haviam impressionado; agora, desejava o crítico saber como se processava a comunicação e se havia possibilidade de fraude...

Chico Xavier surgiu, cumprimentou a todos, indagou de cada um

os pequeninos problemas e, como era de seu hábito, estimulou a todos a progredirem no bem; e aqui estamos a ver o olhar desconfiado de Agripino Grieco, pois não era o temível crítico o maior satírico da nossa literatura?

Chico Xavier sentou-se diante de todos e, à sua frente, foram colocadas inúmeras laudas e um lápis; o olhar azougado de Agripino em cima dele, policiando-o.⁵⁴ Mas, vejamos o relato do próprio Agripino Grieco:

Nisto, o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte folhas de papel destinadas à escrita do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição de texto. Rubriquei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lápis com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rasistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. À proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixara o lápis do Chico.

Eis a famosa mensagem de Humberto de Campos dirigida a Agripino Grieco:

Depois da grande batalha de Tsushima, um dos grandes generais japoneses concitava os mortos a se levantarem, de modo a sustentar as energias exauridas dos camaradas agonizantes. E eu compareço aqui como uma sombra, para dizer ao formoso coração de Agripino Grieco que me encontro de pé. É verdade que, depois de longa ausência, não nos encontramos nas nossas tertúlias literárias do Rio de Janeiro. Nem nos achamos num local tão famoso como a Acrópole, onde a deusa de Atenas distribuía as suas bênçãos entre os sábios. Mas há em nossas almas essa doce alegria de velhos irmãos

que se reconhecem pelas afinidades santificantes do espírito. É certo que os teus olhos mortais não me veem. Todavia eu recorro ainda aos símbolos mitológico para justificar a minha presença nesta casa de simplicidade e de amor cristão. Suponhamos que me encontro por detrás do véu de Ísis, como as forças que se ocultavam aos olhos dos homens, no famoso santuário de Delfos.

Agora, meu amigo, as fronteiras do sepulcro nos separam. Para falar-te, sou compelido a me utilizar da faculdade de outros, como se empregasse uma nova modalidade de aparelho radiofônico. Teus olhos deslumbrados me procuram, ansiosamente, porém, nem mesmo a letra me pode identificar para o teu espírito, habituado às supremas investigações de nossas forças literárias do ambiente contemporâneo. Mas nós nos entendemos no âmago do coração, compreendendo-nos mutuamente, através das mais puras afinidades espirituais. A sombra do sepulcro não podia obscurecer a minha admiração, que se manifesta, agora, com uma intensidade ainda maior, sabendo que despiste a toga de Nicodemos para devassar a verdade no beiral do meu túmulo.

Compreendo a elevação do teu gesto e louvo as tuas atitudes desassombradas. Um mundo de novas observações aflora-me ao pensamento, para entregar ao teu coração, nesta noite de sagrada memória para a minha vida de homem desencarnado, porém, dificuldades inúmeras impedem a realização de meus modestos desejos.

Não desejo reviver o acervo de minhas velhas recordações, cheias de lágrimas muito amargas; todavia, se não represento mais a figura de Tirésias, dando palpites ao mundo, do seio de sombras da sua noite, desejaria trazer-te o complexo de minhas emoções novas e de meus novos conhecimentos.

Também a mudança integral das perspectivas não me faria redizer o passado, com os seus enganos, com referência aos centros envenenados de nossa cultura. O plano espiritual está cheio de incógnitas poderosas. Aqui nós vivemos numa expressão mais forte do problema do ser e do destino. Não aportamos do outro lado do Aqueronte, tão-somente para devassar o mistério das sombras. Chegamos no além-túmulo com um dever mais profundo e mais

essencial – o de conhecermos a nós mesmos, segundo o grande apelo de Alexis Carrel numa de suas últimas experiências científicas. Surpresas numerosas assaltam a nossa imaginação, mas os aspectos exteriores da vida não se modificam de modo absoluto. A incógnita de nossa própria alma para o desencarnado é talvez a mais complexa e mais profunda. Aí no mundo, costumamos entronizar a razão como se tão-somente por ela subsistissem todas as leis de progresso. Entretanto, sem a luz da fé, a nossa razão é sempre falível. Reconhecemos a propriedade desse asserto quando observamos a caminhada sinistra dos povos para a ruína e para a destruição.

Se os valores raciais trouxessem consigo a prioridade da evolução, não teríamos tantas teorias de paz e de concórdia espezinhas pela cultura e pela violência, pelos princípios dos mais fortes, como só os homens desta geração houvessem sorvido no berço um vinho diabólico e sinistro.

A razão do homem, em si mesma, fez o direito convencional, mas fez igualmente o canhão e o prostíbulo. E, sem a fé, sem a compreensão de sua própria alma, estranho às suas realidades profundas, o homem caminha, às tontas, endeusando todas as energias destruidoras da alegria e da vida.

Um espetáculo imponente apresenta a sociedade moderna, com a sua época de miséria e de deslumbramento. O homem da atualidade é um hífen desesperado entre duas eras extraordinárias. De cá, assistimos a esse esboroar do mundo velho, para que o novo organismo do orbe surja na plenitude das suas forças restauradoras. E eu não poderia te falar de um livro de Sainte-Beuve ou de apontamentos da história nesse ou naquele setor. Falar-te-ia muito; todavia a nossa palavra singela, de humilde jornalista desencarnado, teria de rodopiar em torno de problemas demasiadamente complexos, para um ligeiro encontro de amigos, dentro da noite.

Eu sei que não poderás aceitar as teses espíritas de um jato, como se o teu coração fosse tocado de um banho milagroso. Lutarás contigo mesmo e submeterás tudo o que os teus olhos veem, ao cadinho de tuas análises rigorosas, mas sentir-me-ei resignado e feliz se puder alimentar a dúvida no íntimo de teu coração. A dúvida, como já o disse alguém no mundo, é o túmulo da certeza.

A hora vai adiantada, e, se não tenho mais o relógio do estômago que me fazia enfrentar nas avenidas a poeira impiedosa dos automóveis felizes, tenho de subordinar as minhas atividades a certas injunções de ordem espiritual, a que não posso fugir.

Não rubriques o papel de que não tenho necessidade para te falar mais demoradamente ao coração.

Guarda o meu pensamento que, se vem do mundo das sombras, parte também do mundo da minha estima fraternal e de minha admiração.

Que o teu barco seja conduzido a melhores portos no domínio da cultura espiritual, de modo a valorizares, ainda mais, os teus valores intelectivos, são os votos de um irmão das letras, que apesar de “morto” para o mundo, faz questão de viver com a lembrança de teu pensamento e de tua afeição. *Humberto de Campos*.

As vinte laudas escritas pelo espírito de Humberto de Campos, através de Chico Xavier, segundo Agripino Grieco, formavam um surpreendente “Manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso”.

Ao fim da sessão, o azougado crítico deu-se por satisfeito com a experiência mediúnica. E escreveu estas palavras divulgadas pela imprensa mineira: “Íntimos, num contato cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amizade intensa e mútua. Agora, anos após sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as ideias e o estilo, e da maneira extraordinária por que o foi”.

Lembro ao leitor que nessa mesma sessão, na presença de Agripino Grieco, recebeu Francisco Cândido Xavier “com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rasistas de cartório” um soneto de autoria do espírito de Augusto dos Anjos; um dos poetas prediletos do Agripino, segundo suas palavras em *A evolução*

da poesia brasileira. O soneto mediúnico, em questão, é o que se segue:

AOS ESTUDIOSOS

Treva e desolação. Angústia e guerra.
Eis a penosa e amarga resultante
Da civilização agonizante
Dos milênios de lágrimas da Terra!

Sempre o homem de lodo que se aferra
Ao instinto feroz e repugnante...
O Bem escarnecido e o Mal triunfante
Numa visão de lágrimas que aterra...

Vós que estudais a fonte do Destino,
Vivei na luz do Espírito Divino
Sob os bens da razão iluminada!

Nos enganos misérrimos da Ciência
Encontrareis somente a decadência
Dos castelos fantásticos do Nada!...

Nesse mesmo mês de julho (em 17 de julho de 1939), Agripino Grieco dirige-se ao Cenáculo Espírita Tiago Maior, em Belo Horizonte, e com aquele seu arroubo inconfundível faz uma palestra

subordinada ao “exame das mensagens de Humberto de Campos e Augusto dos Anjos” recebidas pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier. É quando, ao concluir sua inesquecível conferência, exclama: “Espero, um dia, chamá-los, a todos, de meus irmãos!”⁵⁵

52 Anedota colhida na obra *Cientismo e espiritismo*, de Leopoldo Machado.

53 Sobre a pureza de Chico Xavier escreveu o teatrólogo Pedro Bloch em *A Noite Ilustrada* de 13 de maio de 1962: “Só quero dizer que muita gente o considera um embusteiro. Mas que divino embusteiro não deve ser para viver toda aquela vida de humildade e renúncia! Que divino embusteiro não deve ser para renunciar a toda aquela obra surpreendente cuja autoria ele nega! Que divino embusteiro não deve ser para se manter isolado numa cidadezinha do interior, quando a glória e a fortuna o acolheriam de braços abertos. A humanidade, para encontrar o caminho da salvação, precisaria de alguns milhões de Chico Xavier, mesmo que eles não psicografassem mensagem alguma. Porque Chico Xavier, ele mesmo, já é uma mensagem. E essa ninguém pode, ninguém tem o direito de discutir”.

54 A sessão realizou-se na União Espírita Mineira, em Belo Horizonte.

55 Sobre o livro mediúnico, escreveu Artur Azevedo – teatrólogo, poeta, contista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras – a seguinte crônica no jornal *O País* quando foi publicada a obra *Do Calvário ao Apocalipse*, de autoria do espírito Bittencourt Sampaio (vide *O País* de 12 de julho de 1907): “O falecido Bittencourt Sampaio contou-me um dia que, uma noite, achando-se na cama, deitado, a ler um livro que o interessava, sentiu alguém ou alguma coisa tocar-lhe nos pés. Olhou, e viu, na meia obscuridade do quarto, o vulto de uma pobre mulher, que, dias antes, havia morrido de varíola em casa de uma família com quem ele se dava intimamente, e na qual a defunta exercia as humildes funções de ama-seca.

“Ao que parece, Bittencourt Sampaio já estava habituado a tão sinistras aparições, porque não se incomodou com a presença daquele espírito materializado que o encarava fixamente; limitou-se a perguntar-lhe o que queria.

“A morta vinha justificar outra fâmula empregada na mesma casa, que era injustamente acusada de haver furtado não sei que objeto.

“– Quem o furtou fui eu, confessou ela, e escondi-o em tal parte.

“No dia seguinte, o objeto era encontrado, e a suposta ladra absolvida de culpa e pena.

“Morreu, por sua vez, Bittencourt Sampaio; mas, em vez de aparecer materializado aos amigos, manda-lhes do outro mundo grossos volumes de teologia espírita. Já dois livros foram, há tempos, ditados por ele – *Jesus perante a Cristandade* e *De Jesus para as crianças* –, agora apareceu mais outro, *Do Calvário ao Apocalipse*, para o qual serviu de médium o Sr. Frederico Pereira da Silva Júnior, e de escrevente o Sr. Pedro Luís de Oliveira Saião.

“São trezentas páginas muito bem escritas. Se, efetivamente, foram ditadas por Bittencourt Sampaio, pode-se afirmar que ele escreve depois de morto melhor do que quando vivia. Já o *Jesus perante a Cristandade* me deu essa impressão.

“Mas, que digo eu? ‘A morte (são palavras dele) é uma ficção, porque verdadeiramente ela não existe senão para os que querem morrer na carne! A morte só existe para os reincidentes no crime, para os surdos que não querem ouvir, para os cegos que não querem ver – surdos e cegos, mas de uma surdez e cegueira de obcecados, surdos e cegos pela teimosia em palmilhar esse saibroso caminho, ouriçado de urtiga e pedregulho, por onde rolam as almas, de sonho em sonho, de loucura em loucura, em busca de um bem imaginário, que, no entanto, está muito perto e bem patente aos olhos do humilde e sossegado, na meditação do Evangelho!’

“O caso é que nestas páginas misteriosas se encontram grandes lições de moral cristã, e muitas almas acharão nelas, se as meditarem, consolação e conforto.

“Dito isto, não me pergunte ninguém o que penso da execução do livro. O mundo que eu habito, a terra que eu piso, tem tantos segredos, que a minha insignificância não pode penetrar, que não cogito absolutamente em desvendar o incognoscível.

“Conta uma anedota muito conhecida que um dia perguntaram a Calino o que queria dizer obras

póstumas, e que ele respondeu: – São as obras que o autor publica depois de morto.
“E não é que isso deixou de ser uma calinada?”

MENOTTI DEL PICCHIA (E OUTROS) E A PSICOGRAFIA DE JORGE RIZZINI

*...no original, a umidade da tinta com que foi transportado
do céu para esta dolorida terra.*

Menotti Del Picchia

O POETA MENOTTI DEL PICCHIA OBSERVOU, também, fenômenos espíritas, inclusive, produzidos pela mediunidade de sua esposa Antonieta Rudge, notável pianista patricia. O autor de *Jucá Mulato*, porém, nunca se declarou espírita, mas, a verdade é que nutria ele pelo espiritismo o mais profundo respeito, pois várias vezes fez conferências na Federação Espírita do Estado de São Paulo perante imenso público, além de dar, como vimos páginas atrás, um parecer sobre o médium Francisco Cândido Xavier. E não é só. Menotti Del Picchia opinou, também, sobre o livro *Antologia do mais além*, que reúne poesias de 44 poetas do Além. Esse livro contém trezentas páginas psicografadas por nós. Obedecendo à orientação de nosso querido espírito-guia, Manuel de Abreu, entregamos à Academia Paulista de Letras e à União Brasileira de Escritores, assim que a primeira edição ficou pronta, alguns exemplares acompanhados de uma carta na qual solicitávamos “exame dos estilos”. Era um desafio espiritual. Meses depois recebemos de Menotti Del Picchia o seguinte parecer:

Jorge Rizzini repete, em mim, o mesmo pasmo e admiração que me causou Chico Xavier quando me apresentou uma antologia poética ditada por aedos mortos. *Antologia do Mais Além* é a mensagem póstuma que Rizzini publica como recebida de alguns gloriosos artistas, dos quais vários conheci em vida.

O processo pelo qual o poeta recebeu esses versos é para mim um mistério. Cabe-me, porém, sinceramente dizer – dada minha já tão longa experiência literária – que, cada uma dessas criações, como o belo “Terceiro soneto” do meu inesquecível e tão querido Guilherme de Almeida, guarda o sabor de seu estro e, talvez, no original, a umidade da tinta com que foi transportado do céu para esta dolorida terra. Que direi dos outros? O que mais impressiona no caso é que a variedade da inspiração dos demais poetas, cada um com um caráter e um estilo, figure nas páginas da *Antologia*, marcando cada um, em suas estrofes, as características de sua personalidade. Assim é a “Lira mágica”, de Humberto de Campos, um dos poetas mais brilhantes e mais populares do seu tempo. Assim a sátira de Artur Azevedo, “Por que seria?”, na qual o mais delicioso dos nossos humoristas continua, pelo que nos mostra Rizzini, a fazer suas diabruras no seu atual mundo misterioso e fluido. Seja como for – expliquem os cientistas parapsicólogos, hoje tão interessados nos fenômenos que escapam à terrestre concepção da nossa quotidiana realidade, ou exultem os crentes na sobrevivência das almas com a inefável recreação que nos oferecem esses admirados e queridos vates mortos – a *Antologia* que nos dá Rizzini é mais uma obra que surge para deleitar os enamorados da Poesia e exaltar a fé nos que acreditam que a consciência humana atravessa as divisas da Eternidade.

Raimundo de Menezes, da Academia Paulista de Letras e presidente da União Brasileira de Escritores, em seu monumental *Dicionário Literário Brasileiro*, fez o seguinte registro: “Considerado ‘dotado’ na área parapsicológica (Rizzini), psicografou de forma notável cerca de cinquenta poetas e músicos, nacionais e

estrangeiros; inclusive partituras de Verdi e Puccini, Noel Rosa e Ary Barroso, poemas de Camões e Edgar Allan Poe”.

O jornalista Caio Porfírio Carneiro, premiado pela Academia Brasileira de Letras e diretor da União Brasileira de Escritores, deu um vasto parecer sobre a *Antologia do Mais Além*. Destaquemos alguns parágrafos:

Assombrou-me, sobretudo, a perfeita identidade em escola, estilo, simbologia, visão do mundo e das coisas, sensibilidade estética, enfim, de cada poesia aqui apresentada, com aquelas que, em vida, deixaram os que, segundo Jorge Rizzini, são os verdadeiros autores. De minha parte, nunca soube ser Rizzini poeta. Se versejou na juventude, versejei também eu, versejamos todos nós que abraçamos as letras. Contista ele sempre foi, de méritos, e como tal todos o conhecem. Mais um motivo para intrigar-me diante deste livro estranho e diferente dentro de sua obra, e que ele afirma não ser dele, mas captada dos que nesta antologia poética estão reunidos, numa diversificação espantosa, que vai de Casimiro a Augusto dos Anjos, de Castro Alves a Manuel Bandeira. É um livro absurdo e impossível, que dará o que falar...

Acredito que alguém, apaixonado, por força de repetição e aceitação do que lê e ouve, conseguirá, com perfeição aproximada, compor trabalho ao estilo do admirado e estudado. Creio, igualmente, que se possa, racionalmente, friamente, em observação e análise minuciosas do estilo, conteúdo e linguagem de algum nome expressivo de nossas letras, chegar-se à mesma coisa. Mas me intrigo e não encontro resposta em sã consciência, para criações poéticas, saídas da mesma mão, de uma gama enorme de poetas dos mais díspares em escolas, estilos e mensagens.

O ensaísta J. Monte Lopes, especialista em Castro Alves, por sua vez escreveu:

Longe de ser uma apologia à doutrina codificada por Kardec, esta crônica é, acima de tudo, uma complementação à minha série de escritos sobre Castro Alves. A verdade é que, tendo às mãos o livro *Castro Alves fala à Terra*, enfeixando poemas psicografados por Jorge Rizzini, não posso ocultar a minha perplexidade ante o maravilhoso do fenômeno: o poeta dos escravos está presente nos versos em toda a plenitude do seu insuperável talento, com toda sua imagística e o mesmo estilo inconfundível. Sentimo-lo até nas reticências... Confesso que, menos por idiosincrasia do que pelo amor à verdade, dei início à leitura da obra não com menor má vontade. Seria essa a forma de conscientizar-me da realidade: eu que há mais de vinte anos tenho as obras do imortal baiano como livro de cabeceira. No final, saí mais persuadido do que nunca: ninguém no Brasil poderia ter plasmado tais poemas, a não ser o autor de “Navio negreiro”.

A CONVERSÃO DO ACADÊMICO VIRIATO CORREIA

*O que aqui vim fazer, meus senhores, não é mais do que a
minha profissão de fé.*

Viriato Correia

VIRIATO CORREIA, MEMBRO DA ACADEMIA Brasileira de Letras, participa, também, da grei dos autores que se tornaram espíritas. Sua conversão processou-se através das leituras, e, curioso, era materialista ácido. Os fatos mediúnicos nunca exerceram em si uma atração poderosa. Para Viriato Correia, homem de raciocínio frio, bastou a releitura de *O livro dos espíritos*: queria a lógica, e esta o convenceu. O que lhe veio, depois, foi por acréscimo.

O salto que Viriato Correia deu do materialismo ao espiritismo ele próprio nos conta em uma notável conferência dada no auditório da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro. Ano de 1941. A conferência, publicada sem título pela Federação, contém 31 páginas e é uma vibrante profissão de fé. Dias após, noticiava, festivamente, a revista *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira:

Simplemente magnífica a conferência realizada pelo nosso – já hoje podemos dizê-lo – querido confrade Dr. Viriato Correia. Às quinze horas, ou seja, uma hora antes da aprazada, já o nosso vasto

salão tinha suas 800 cadeiras literalmente ocupadas, notando-se, entre os assistentes, muitas, muitíssimas famílias, dentre as quais algumas que ali iam pela primeira vez, atraídas, naturalmente, pelo justo renome do conferencista, como homem de letras, intelectual em evidência em nosso meio social. Quando o nosso companheiro M. Quintão, ladeando o orador, assomou no estrado e tomou assento à mesa da diretoria, houve entre a multidão que se comprimia, já então pelos vãos e corredores, um como sussurro de aplauso e satisfação, mal contido pela austeridade tradicional dos nossos estudos e trabalhos nesse mesmo ambiente.

A conferência é a que segue, reproduzida aqui integralmente para melhor servir de estudo ao leitor atento:

Não sei se alguém, nesta sala, conhece a fábula do coelho que vivia na toca. Li-a em pequenino, já não sei onde, há tanto tempo isso foi.

Era uma vez um coelho que nasceu numa gruta e na gruta viveu quase que a existência inteira. Como era indolente e orgulhoso, os outros coelhos tomaram-no por uma figura de eleição e fizeram-no rei.

E, como era rei, o coelho, tendo vassallos que o servissem, nunca sentiu necessidade de vir aqui fora lutar pela vida; os coelhos levavam-lhe alimento ao fundo da toca, arranjavam-lhe a cama com as ervas mais tépidas e macias, penteavam-lhe o pelo com os cuidados e os carinhos mais sutis.

Dentro daquelas paredes escuras o coelho dominava soberanamente. O mundo para ele resumia-se naquele buraco estreito. Os companheiros, os vassallos convidaram-no a vir fora, ver o mundo largo, ver a vida intensa. Não! não queria vir, não queria ver! O mundo era aquilo, aquela gruta negra, aquela toca esconsa. O coelho cabia largamente nos recessos de sua furna, gozava a seu prazer o prazer da vida, sentia-se grande, sentia-se onipotente na estreiteza de sua caverna e que lhe importava existissem outros

mundos lá fora e além? mundos que, certamente, não seriam da vastidão de sua lura, mundos em que talvez não coubessem a grandeza da sua pessoa e a majestade do seu poder! Não! não queria ver! Satisfazia-lhe a penumbra que lhe envolvia a toca, satisfazia-lhe aquele silêncio de profundidade, aquela indolência de potentado.

Mas, um dia, os coelhos vassalos não lhe vieram trazer o alimento e renovar-lhe a casa. Esperou muito e nenhum apareceu. Gritou-lhe a fome no estômago – não havia migalhas pelos cantos da caverna.

Pela primeira vez teve necessidade de mexer-se. E, ao transpor a porta da gruta, bateu-lhe o coração afoitamente e uma golfada de luz ofuscou-lhe de súbito os olhos. E ele parou. Parou tonto, deslumbrado, todo o sangue em fluxos, toda a emotividade em êxtase.

Era no alto da montanha. Vinha raiando pelo Espaço a claridade fulgurante da manhã. O sol rasgava o céu numa esplêndida explosão de rosa e de ouro. A Natureza inteira despertava, fulgindo e cantando; as copas, as árvores, todo o cerrado da floresta ressoava em músicas e gorjeios; pássaros enchiam festivamente os ares de trinados; e tudo brilhava, resplendia tudo numa apoteose de maravilhamento; a serra em cima, ondulada e verde, o vale embaixo serpeado de águas, o casario ao longe, os palmeirais distantes, a mata, as estradas, as ribanceiras e, ao fundo, o mar, a vastidão do mar espreguiçando ao sol, a pelúcia azul das vagas rumorosas.

O coelho tragou um imenso hausto de ar. Aquele sorvo de imensidade levantou-lhe a vida. E ficou extático, obumbrado, maravilhado, olhando tudo, sem saber para onde olhar. Voltava os olhos à direita, voltava os olhos à esquerda, atrás, à frente, e era sempre aquela deliciosa e embriagadora sensação de luz, aquela arrebatadora impressão do grande, do infinito.

Quanto lá ficou a olhar? Não sei. Mas, quanto mais olhava, mais pequenino se ia sentindo, mais humilde e mais insignificante se ia considerando, ele, ele o coelho-rei, o coelho orgulhoso, que era grande, incomparavelmente grande na certeza escura de sua toca.

Todas as fábulas, meus senhores, encerram uma lição de moral.

O coelho, que era onipotente no fundo de sua gruta, que lá dentro era o maior de todos, que tinha vassalos e mandava e, quando

mandava, tinha a seus pés curvada a mais respeitosa obediência, ele, o senhor, ele a realeza, não quis mais voltar para o seu buraco.

Preferiu ali ficar, sem mando, sem majestade, sem poder, pequenino, raso, insignificante, lutando pela vida, trabalhando para alimentar-se, fazendo a sua própria cama para dormir; preferiu ali ficar, diante daquele panorama de luz, daquele radiante cenário de grandezas, sob o influxo daquela claridade que lhe tonificava a vida, daquela vastidão sem fim que lhe exaltava o pensamento.

E nunca e nunca mais voltou à escuridão da caverna.

Eu sou, meus senhores, como o coelho da toca.

Vivi por muito tempo, a bem dizer até ontem, na fumaça do ateísmo, cevando o meu orgulho e a minha doença, como se cevam num chiqueiro as banhas de um porco.

E quando entrei para a toca? Desde que comecei a ter entendimento de homem, desde que comecei a enfeitar-me para rapaz.

Ao despontar-me a primeira sombra de buço, eu era o incrível mais impertinente, mais irritante e mais insuportável que havia na Terra.

Para o coelho da fábula, para a vida do coelho da fábula, na escuridão da gruta, havia uma atenuante justificadora: ele nascera no buraco e ao buraco se amoldara, ao buraco se afeiçoara, da mesma maneira que a lesma se amolda ao búzio, que os batráquios se amoldam ao lodo.

Para mim, tudo era agravante. Nasci no seio carinhoso de uma mãe cristã, à sombra de uma família cristã fiz-me homem.

O coelho não queria sair da toca porque lá nascera. Eu animalizei-me mais do que ele: – nasci na luz, ao clarão radiante da verdade, e encafuei-me na toca.

Diz a fábula que, como o coelho era orgulhoso e indolente, os outros coelhos fizeram dele o rei. Há, nesse ponto, entre mim e a figura da história, uma pequena diferença. A mim ninguém me aclamou para realeza nenhuma. Eu é que me aclamei, eu é que empunhei um outro e pus à cabeça uma coroa de orgulho.

Aos meus olhos, ao meu juízo, ninguém era maior do que eu. Houve um tempo em que me imaginei o maior dos homens. Houve mesmo um tempo em que me julguei a figura central do planeta.

Ninguém sabia mais do que eu; ninguém tinha mais direitos. Houve mesmo um tempo em que fui o galo de Rostand; as manhãs irrompiam no céu ao som da minha voz e à luz do meu mando. O mundo existia para que eu existisse; o sol, as águas, as flores, as estrelas, tudo havia sido criado para mim.

Foi a quadra mais insuportável da minha vida. Inimigos, criava-os com a facilidade com que os cogumelos desabrocham num pau podre. Tinha a volúpia singularíssima de desagradar, o gosto de irritar. Andava de clava em punho, como um guerreiro bárbaro, destruindo tudo: ideias alheias, crenças alheias, preconceitos e até melindres. Nada me infundia respeito, nada. Vivia a fazer praça do meu iconoclastismo, como um cigano faz praça do valor dos seus cavalos.

Deus constituía para mim uma pilhéria hilariante, uma ridicularia dos tolos. O meu maior orgulho, o meu maior prazer, e orgulho que eu provocava a todo momento, era dizer-me materialista e propalar o meu materialismo. Quando, diante de mim, alguém falava em Deus, com respeito e fé, eu, ou duvidava da sinceridade, ou considerava a criatura imbecil. Não me podia passar pela cabeça que alguém, de senso comum, de inteligência vulgar pudesse, a sério, acreditar em Deus. Deus havia sido inventado para embair os medíocres ou os tolos.

Eu, que me julgava um ser de exceção, estava no dever de reduzir Deus a zero.

Quanto ao Cristo e quanto à Virgem Maria, a minha irreverência apavorava. Houve criaturas que me disseram que as minhas palavras lhes esfriavam os ossos. Eu gozava, gozava a irritação alheia com o prazer infernal de um lobo que estraçalha uma presa. E, quanto mais blasfemava, quanto mais aos outros irritava, maior imaginava que eles me estivessem julgando. Era uma maneira de engrandecer-me aquela, a de destruir aquilo que os outros tinham como sagrado. Se arrasava o que era grande, é porque maior eu era.

Os livros de doutrina religiosa que me chegavam às mãos repelia-os, como se repele uma inutilidade. Sentia-me bem no fundo da minha caverna, na minha gruta, na minha toca. Dentro dela, quanto mais encovado, quanto mais profundo, maior me sentia, mais

arrogante e mais poderoso. Que me importava que, lá fora, existissem doutrinas consoladoras, princípios balsâmicos, crenças alevantadas e tonificantes, que me importava? se havia criado para mim um mundo meu, uma doutrina minha, dentro dos quais era grande, dentro dos quais imperava soberanamente, sem prestar contas a ninguém?

E isso, meus senhores, por muito e muito tempo, por quase toda a minha quadra de rapaz.

Um dia, porém, a gentileza piedosa de um amigo pôs-me na mão um livro de Allan Kardec. Li-o, de um fôlego, de um trago. Tinha chegado o meu dia, como chegara ao coelho de pôr a cabeça fora do buraco. E o meu deslumbramento não foi menor que a do animal da fábula.

Ao correr os olhos pelo livro espírita, eu tinha a sensação maravilhosa de quem sobe uma montanha, desvendando uma paisagem nova, fulgurante e surpreendente. Ao terminar a leitura sentia-me bem alto, no píncaro, vendo diante de mim uma claridade desconhecida, que nunca adivinhei no fundo da furna, vendo diante de mim um panorama largo, aberto, indefinido, inteiramente estranho para a minha imaginação, um panorama de beleza tão ofuscadora que fiquei parado, olhos extáticos, o sangue em fogo, a alma em êxtase, ajoelhada, na volúpia da contemplação.

Uma mudança radical se operava em mim. Quanto mais abria os olhos, quanto mais abria a alma, mais pequenino me ia julgando, mais insignificante me tornava, porém mais consolado e feliz me sentia.

E não afastava, nem queria afastar os olhos do imenso esplendor daquele deslumbramento. Pela primeira vez e só naquele instante, fixava o olhar na grandeza eterna do Universo, na obra eterna da Criação.

Até então só havia olhado a mim, mas olhado por fora, com os olhos do orgulho, da vaidade, do egoísmo e da empáfia. Até então, o que tinha visto diante de mim, não ia além da minha pequenez, a que o delírio da imaginação vaidosa dava proporções gigantescas.

Agora, porém, defrontava a vastidão imensurável, a augusta vastidão das coisas infinitas. E eu, que todos os dias fitava o céu, pela primeira vez fitei-o compreendendo. Dantes, ele era para mim um

nada, um incidente sem importância, um espaço como outro qualquer e algumas vezes, nas crises mais fortes da minha vaidade, um pálio aberto, como homenagem, sobre a minha cabeça.

Agora, porém, via-o na sua imponência, na sua magnitude, na sua majestade.

E tive a felicidade, senhores, a suprema felicidade de poder afundar os olhos da razão nas supremas profundezas do Espaço insondável. Lá estavam as estrelas fulgindo, cintilando às centenas, aos milhares, aos milhões. E pela primeira vez considerei a grandeza, a formidável grandeza daqueles mundos longínquos que, a distância, não eram mais que cabeças de alfinetes. O céu estava, naquela noite, de uma pompa delirante. Todas as constelações voltadas para a Terra faiscavam no fundo negro do Espaço. Eram milhões, milhões sem conta de vidas luminosas esfarinhadas nas profundezas do Infinito.

E pela primeira vez, pela primeira vez surgiu dentro de mim, feita a mim mesmo, esta interrogação: – Quem criou tantos mundos, quem criou tanta grandeza?

A noite abria pela imensidade a opulência do seu mistério, constelado. A via-láctea estendia-se como larga tira de cambraia desenrolada pelo céu. Eu bem sabia que tudo aquilo eram astros, há muito que sabia que eram mundos aos milhões, aos trilhões, mundos sem conta, cada um deles com a sua órbita, o seu ciclo, as suas leis, a sua vida própria, mas só naquele momento me veio à lembrança pensar na grandeza e no poder de quem os criou.

E que era a via-láctea, tão vasta, com a sua multidão de mundos, diante da vastidão do Espaço? Um incidente insignificante, um fiapo de luz, um punhadinho de areia, um nada. Outras nebulosas mais extensas, mais espessas, mais numerosas, com multidões maiores de sóis, e que meus olhos não viam, brilhavam pela amplidão do Infinito. E que eram elas no Espaço?

Outros incidentes, outros nada proporcionalmente à vastidão que os encerrava. Quem tinha podido fazer aquilo tão vasto? Quem tivera tal onipotência para criações tão onipotentes?

E eu sabia, há muito tempo que sabia, da movimentação de todos aqueles mundos, do dinamismo eterno da vida celeste. Mas que força seria essa que os movia, que os equilibrara, que os formara, que

formara esse conjunto surpreendente de sistemas, essa harmonia admirável de leis?

O Acaso? O Nada? Eu? Alguém dos meus iguais? Alguém dos meus semelhantes?

E o primeiro raio de luz fulgiu-me no espírito para a compreensão de Deus.

Quando o orgulho se abate, Deus nos entra imediatamente na consciência.

O meu orgulho havia derruído fragorosamente, como uma torre velha que tomba pela ruína dos alicerces. Que era da minha suposta grandeza ante tudo aquilo? Se me supunha grande na Terra e a Terra era um nada comparado ao Sol, o Sol um grão de areia no meio da nebulosa, um incidente em relação a milhares de milhares de outras, e essas outras verdadeiros nada diante de outras aglomerações de sóis e, estas, pequeninas ilhotas na imensidade sideral, e cada uma dessas insignificantes unidades constituindo grandezas imensuráveis separadas umas das outras por distâncias que eu nunca poderia calcular; que diabo, de que tamanho era eu, de que tamanho era a minha grandeza em comparação com aquilo tudo? Uma migalha! Um grão de areia. Qual grão de areia! Um átomo, ou a milionésima parte de um átomo, se o átomo pudesse ser suscetível de divisão.⁵⁶

Finalmente compreendi, compreendi felizmente a minha pequenez. Eu não era nada, rigorosamente nada.

O coelho da fábula não quis mais voltar ao buraco onde era grande e rei. Preferiu ficar aqui fora, pequenino, humilde, mas sob o banho lustral do sol que ofuscava, ante a paisagem rutilante que o conservou em transporte.

Deu-se comigo a reprodução da fábula. Hoje dói-me e até vergonha me faz ter vivido tanto tempo nas trevas da toca.

E quanto mais os dias passam, quanto mais entro na compreensão do poder da Divindade, mais pequeno me julgo, porém mais feliz me sinto.

Poder-se-á dizer que essa compreensão da Divindade tanto me podia ter sido dada pelo espiritismo, como por qualquer outra doutrina deísta. É possível.

Mas é ao espiritismo que tenho de agradecê-la, porque foi ele quem

ma deu.

O Deus do espiritismo é o mesmo Deus das outras doutrinas, está claro. Mas é o Deus na sua plenitude, visto através de sua onipotência, de sua pureza, de sua bondade, de sua piedade e de sua misericórdia; o Deus que perdoa e consola, que não tem decisões implacáveis, que não tem infernos para penas eternas; o Deus que castiga, mas não se vinga e que, quando castiga, é aos indivíduos e não às gerações; o Deus que proporciona o adiantamento do mais indigno dos culpados; o Deus que criou encarnações sucessivas para a purificação dos espíritos; o Deus que dá a todos o mesmo grau de luz, desde que atinjam todos o mesmo grau de pureza.

Esse Deus soube-me e cabe-se melhor à alma, meus senhores, esse Deus entrou-me de um só fluxo no espírito. Esse Deus eu compreendi, esse Deus eu compreendo.

* * *

Hoje considerando as coisas, meditando sobre o tempo que passou, é que vejo o que havia de ridículo e de caricato no materialismo que me encheu tão longo período de vida.

Eu não era materialista, não era coisa nenhuma. O que havia em mim era muito de pedantaria e de empáfia.

Meteu-se-me na cabeça que um homem superior não podia, nem devia acreditar em poder divino, e disso partiu toda a razão de ser da minha atitude. Convenci-me de que era criatura ilustre, julguei-me na obrigação de destruir a Divindade. Iludia aos outros e a mim próprio. Talvez aos outros não conseguisse iludir. A mim, a vaidade conservou-me por muitos anos em crise delirante.

A verdade é que de materialismo não entendia nada, não tinha sequer o preparo básico, a cultura necessária para firmar convicção.

Conta-se por aí uma anedota que se pode perfeitamente aplicar ao meu caso.

Estava um velho vigário na igreja quando, certa vez, chegou um rapaz de ar atribulado, que queria a toda pressa confessar-se. Tinha um pecado horrível para ser absolvido. O padre levou-o

pressurosamente ao confessor.

– Fala, filho, fala. Dize o teu pecado, que a misericórdia divina te absolverá.

O rapaz ficou silencioso, como sob o peso formidável da sua culpa.

– Mataste? perguntou o sacerdote.

– Não.

– Roubaste?

– Também não.

– Profanaste o lar alheio?

– Nunca.

– Mas que pecado é o teu? interrogou o velho vigário intrigado.

O moço deu um suspiro, um profundo suspiro:

– Padre, o meu pecado é um só, um único, mas um pecado enorme, horrível, colossal.

O rapaz baixou a cabeça, deu outro suspiro e desembuchou:

– Padre, o meu pecado é este: sou orgulhoso como não há ninguém no mundo, orgulhoso como ninguém foi ainda na vida. Vejo tudo abaixo de mim. Os homens, quaisquer que eles sejam, por mais ilustres e por mais cultos, por mais autoridade que tenham, para mim não valem nada; julgo todos e todos inferiores à minha pessoa. É isso me dói, padre, isso me faz sofrer. É um pecado que me pesa como um fardo. Não é verdade que é um grande pecado?

O vigário sorveu uma pitada, movendo pausadamente a cabeça:

– É, é! O orgulho é um pecado muito feio. Mas vem cá, meu filho, que razão tens tu para todo esse orgulho? És rico?

– Fui sempre pobre, muito pobre, respondeu o moço.

– Mas, naturalmente, és de alta estirpe, os teus pais são nobres...

– O meu pai é o açougueiro ali da esquina.

– É que talvez as mulheres te suspirem; elas certamente te disputam, como se disputa um tesouro.

– Nunca mulher nenhuma ergueu os olhos para mim.

– Então a razão é outra: é que tens imensa cultura, um grande nome conquistado nas letras ou na ciência.

– Desde que saí da escola primária, nunca mais abri um livro.

O padre ergue-se.

– Vai, meu filho, vai para casa sossegar. Não tens nenhum pecado.

Não és orgulhoso, nunca foste orgulhoso. O que tu és é bobo.

A anedota é feita sob medida para o meu caso. Eu não era materialista, nem sabia o que era materialismo. Era apenas um idiota, enfeitado de penas de pavão, que vivia a pavonear originalidade à custa das penas alheias. Narrarei somente dois casos para mostrar o cunho insincero das minhas convicções de incredulidade.

Era no período mais rude, no mais culminante período da minha crise materialista. Eu repousava uns meses no povoado matuto em que nasci. Uma noite, a dois quilômetros da minha casa, morreu um velho roceiro que o povoado inteiro estimava. Na roça, a morte de um vizinho é sempre um acontecimento. É dos hábitos ir todo o mundo para a casa do finado, fazer o que lá se chama o “quarto de defunto”.

Fui, como toda a gente, e lá fiquei até duas da madrugada. Às duas da madrugada despedi-me para sair. Queria voltar para casa, para ferrar no sono. Quando me despedia, no terreiro, de uns matutos que ali pairavam, um deles me perguntou com interesse:

– Aonde vai?

– Para casa, dormir.

– Sozinho, por esse caminho?

– Por que não? Não sou homem?!

A Maria, uma mulata que me conhecera em menino, disse com a sua voz arrastada, num tom de pouco-caso:

– Está aí uma coisa que eu duvido. Vossemecê deixar o defunto estirado no meio da casa e ir embora por esse caminho, sozinho, com um luar branco como esse, hoje, sexta-feira, dia em que as almas andam soltas! Está aí uma coisa que eu duvido e faço pouco. Vossemecê volta!

Senti, de súbito, um choque. Arrepiou-se-me a pele, arrepiaram-se-me os cabelos. Respondi de cara amarrada:

– Serei alguma criança?!

Um sertanejo disse, em galhofa, no meio do terreiro:

– Isso de alma do outro mundo, siá Maria, é para nós, matutos, que não lemos nos livros. Seu doutor não acredita. Elas não bolem com ele.

– Ele volta, repetiu a Maria, calmamente, a fumar o seu cachimbo.

Parti. Não dei duzentos passos. O luar estava de uma alvura de espuma de sabão. Não há nada mais misterioso que o luar, por noite velha, na roça caindo naqueles caminhos solitários.

Não sei que impressão foi aquela que se apoderou de mim, esfriando-me os ossos, tolhendo-me os pés. Não dei duzentos passos, não dei. Um medo...

É crença no sertão que quem começa um “quarto de defunto” deve terminá-lo, não se deve nunca deixar o cadáver no meio da casa e ir para outro lugar. A alma do finado nos perseguira pelo caminho.

Mas eu era materialista, senhores; não acreditava, nem podia acreditar em almas do outro mundo.

O que é certo é que não pude dar duzentos passos. A brancura da lua, a solidão da estrada, os galhos e as folhas das árvores espalhando o brilho do luar, o pio das aves noturnas, o vento que ciciava, tudo, tudo me infiltrou uma tal mudança, um tal temor, um frio, uma compressão no peito, uma tonteira na cabeça, que voltei, voltei, senhora, voltei às pressas para a casa do defunto, onde havia gente, muita gente, e gente viva.

Fui recebido pelos roceiros com uma gargalhada de troça.

A Maria, com seu cachimbo na boca, deliciou-se com o meu fiasco, soltando uma baforada de fumo.

– Eu sabia que ele voltava. Essa gente que estuda é toda assim: da boca pra fora – uma valentia; mas na hora, na hora da coragem – cadê?

Passei a noite inteira envergonhado da minha covardia. Como fora aquilo? Ninguém estava mais escandalizado do que eu próprio. E as minhas convicções materialistas e a sinceridade do meu materialismo?

Procurei explicar o fato como resultado da educação que recebera em criança. Eram remanescentes de superstições matutas que me tinham ficado na lembrança e que, agora, por uma crise de nervos, despertaram do seu estado latente.

Pensam, senhores, que o fiasco serviu para que eu me corrigisse?

Ao contrário; desembestei. Foi a quadra mais furiosa de incredulidade que até hoje tive. Li, devorei os mais festejados paladinos da Matéria e repeli com fúria os propagandistas da

Espiritualidade.

O segundo fato não é menos edificante, para aquilatar-se da palhaçada do meu Materialismo.

Uma vez... Isto foi no porto de Maceió, há muitos anos. Eu seguia para o Maranhão, como deputado ao Congresso Estadual. Era meu companheiro de viagem até o Ceará esse maravilhoso e resplandecente poeta que é Bastos Tigre.

Em Maceió, Bastos Tigre era esperado pelo cunhado, o Júlio Auto, também lindo poeta, com um esplêndido jantar de festa. Convidaram-me para ir à terra. Recusei. Qualquer coisa me dizia aqui dentro que eu não devia descer.⁵⁷

Mas foi tanta a insistência que senti grosseira a recusa. Fui. A saída do vapor estava marcada para as seis da tarde, mas o vapor era o Baía do Loide, e o Loide, desde os velhos tempos sempre primou pela impontualidade.

O jantar começou às cinco horas. Eu estava numa inquietação de nervos impressionante. Não sei o que me dizia que íamos perder o navio. O Bastos Tigre, esse estava de uma fleugma e de uma serenidade felizes, a brincar, a pilheriar, a fazer trocadilhos. Então eu não via que o vapor era do Loide e no Loide não se tinha noção do tempo?! Não vira a saída retardada dos outros portos?! Nem à meia-noite levantaríamos ferro!

Mas a excitação não me deixava. Cada vez mais os nervos se me tornavam vibrantes. Sentia, a verdade é que eu sentia, uma força interior arrastar-me com presteza para bordo.

Às cinco e meia, a minha excitação havia impressionado a todos na casa. Apressou-se a conclusão do jantar. Tomamos o bonde às pressas. Ao chegarmos ao porto, voltavam de bordo os escaleres e o paquete começava as suas primeiras manobras de saída:

Procurou-se um escaler. Não havia. Afinal apareceu um, mas o catraeiro não tinha remos.

– Vai-se à vela.

Mas não havia vento. Assim mesmo entramos no barco.

O vento que soprava era um nada que não enchia sequer a vela. O catraeiro fazia esforços sobre-humanos para utilizar-se daquele vago sopro de brisa que passava sutilmente.

A muito custo aproximamo-nos do vapor. Já ele se movia lentamente, em manobras.

O quadro nunca mais se me apagou da memória. Vejo a amurada de bordo cheia de passageiros que saúdam alegremente a nossa aproximação.

– Mandem parar! Mandem parar! gritávamos do escaler.

Mas, nesse instante (aí começou a tragédia) o vento soprou rijamente. A vela encheu-se, o barco ganhou impulso e foi colar-se ao alto costado do vapor. Compreendemos todos, num relance, a desgraça aos nossos olhos. Íamos morrer.

Só havia dois remédios: ou afastar o escaler do costado do navio, ou parar o navio. De outra maneira seríamos miseravelmente colhidos, tragados, esmigalhados pelas hélices em rotação.

No escaler éramos oito. Esforços incríveis fizemos para nos afastar do paquete. Era demais para as nossas forças.

Lá em cima, na amurada, os passageiros compreenderam, alarmados, a gravidade do perigo. O quadro nunca mais me saiu, em suas mínimas minúcias, da cabeça. Vi muita gente correr loucamente para a ponte de comando, a suplicar aos gritos que parassem o navio.

Segundo a segundo, instante a instante, a desgraça se avolumava na sua iminência.

Senti a trágica aproximação das hélices. Era fatal, irremediável, inevitável a morte...

Aí todo o meu instinto de conservação pulou dentro de mim, acendeu-se-me uma energia desvairada e, numa fúria, numa descarga, em pé, no meio do barco, os braços erguidos, pus-me a clamar, a berrar:

– Para! para! para! pelo amor de Deus! pelo amor de Deus!

O vapor não parava. Não parou. O comandante, um senhor Pedroso, negou-se a fazê-lo.

E o perigo crescia. Estávamos a dois metros das hélices agitadas. Eu via nitidamente os turbilhões de espumarada rebojando.

A agonia dos passageiros lá em cima era horrível.

Chegavam-me aos ouvidos (que exaltação dos sentidos eu tinha naquele momento!), chegavam-me aos ouvidos gritos, crises nervosas de senhoras.

– Pelo amor de Deus, para! para! continuava eu a gritar num acesso.

Um jato de água esbate-se brutalmente pela cara sufocando-me. Era a água turbilhonante das hélices, das hélices que nos iam tragar, que nos iam esmigalhar.

Caí no fundo do escaler, desacordado. Não sei o que se passou, não sei. O milagre...

Quando abri os olhos, ouvi claramente a voz do catraeiro, gritando numa vitória:

– Estamos salvos!

Estamos todos molhados e o barco com água pelo meio.

O navio, esse já ia longe, enorme, esplêndido, iluminado como um castelo fabuloso que tivesse surgido das vagas.

À noite, quando, ainda a tremer, me pus a reconstruir as minúcias da cena, foi que dei por aquele pormenor importantíssimo: havia gritado o nome de Deus no momento do perigo.

Outro qualquer levantaria as mãos para o céu, em agradecimento. Eu – danei-me.

Vejam bem: estava salvo; tinha tido a morte juntinho de mim, na mais ingloria e na mais miserável das tragédias, mas danei-me.

Tive vergonha. Tive vergonha de ter chamado por Deus naquele transe dramático.

E vejam até onde pode chegar a vaidade de um homem. Tive vergonha, tive vergonha do juízo que podiam estar fazendo de mim os passageiros que se tinham ido no vapor. Estavam certamente a julgar-me uma criatura que acreditava em Deus e que chamava pelo nome de Deus na hora do perigo.

E aquilo me ficou a remoer o pensamento por muito tempo. E tão culminante era o meu delírio de grandeza, tão feroz a vaidade que, meses depois, no Pará, no Teatro da Paz divisei uma das companheiras de viagem, com a qual havia feito relações amistosas.

Não fui cumprimentá-la; não quis aparecer-lhe. Tive acanhamento, tive vergonha, senti-me diminuído. Ela podia estar lembrada de que eu invocara, em agonia, o nome de Deus e tomar-me por uma criatura vulgar.

Vejam os senhores até onde pode ir a vaidade humana! Vejam que

juízo fazia eu de mim e dos outros.

Não se pode ir mais longe em pedantaria, em loucura, desvairamento, ou melhor, em paspalhice.

É de Rui Barbosa aquele conceito célebre: – Deus fala aos homens pela boca de suas desgraças.

Realmente, é nos períodos de sofrimento que a nossa alma se prepara para conciliar-se com Deus.

De três ou quatro anos para cá, aquela intransigência, aquela intolerância, aquela preocupação doentia, de me julgar um ser superior, modificaram-se.

Por quê? A idade? O estudo? Influências alheias? Nada disso. A grande luta pela existência, os sofrimentos da maturidade, que são os sofrimentos mais graves de uma vida.

Eu sentia visivelmente em mim a atuação de uma força equilibradora. Já ia admitindo opiniões que me contrariassem, já ouvia com complacência argumentos opostos aos meus, já respeitava a fé alheia.

Àquele período de agressão fulminante a tudo quanto era doutrina religiosa, sucedeu um período de apatia, de profunda indiferença, uma verdadeira calma espiritual. Tanto se me dava que Deus existisse, como que não existisse. Não tomava conhecimento; não me interessava.

Foi justamente nessa fase que me vi assaltado por moléstias dolorosas.

A dor tem esta grande virtude – revela a nossa inferioridade. E, quando nos julgamos inferiores, abrimos insensivelmente os braços para receber a superioridade da Providência.

Há dois anos atrás, uma crise formidável de cálculos hepáticos derrubou-me. Tive necessidade de subir os ares felizes da Mantiqueira, em procura das águas de Cambuquira.

Quando lá cheguei, o meu estado era gravíssimo.

Para aqueles que não creem, Deus nunca se apresenta a descoberto – toma sempre a forma de casualidade.

Quis a casualidade que eu, em Cambuquira, conhecesse um dos diretores desta Casa, hoje o meu excelente amigo Antônio Fonseca. Quis a casualidade que viajássemos no mesmo trem, que na mesma

sala e em mesas próximas fizéssemos as refeições.

A primeira vez que o vi, foi uma semana depois de chegar à estância de águas, o primeiro dia em que pude levantar da cama. Era a hora do almoço. Ao chegar-me à mesa, vi a dois passos, sentados, um homem e uma senhora, que me cumprimentavam risonhamente, como se fôssemos de longa intimidade.

Eram ele e a esposa.

Ele ergueu-se, veio até a minha mesa e indagou demoradamente da minha saúde.

Aquele gesto de cortesia outros hóspedes me haviam feito, no corredor, na sala de visitas e até no meu próprio quarto.

Mas... caso curioso: nenhum deles me tocou o coração da maneira que aquele desconhecido acabava de tocar.

Era uma fisionomia diferente das fisionomias que eu tinha visto naquela agitação de hóspedes, com uma franca expressão de bondade derramada pelo rosto, uma voz amiga que me punha à vontade para contar os meus sofrimentos.

Ao terminar o almoço voltou a falar-me. Contei-lhe a tremenda crise de fígado que me assaltara no trem de ferro, durante doze horas, sem uma cama, sem um alívio, sem uma medicação. Soube-o no hotel dois dias depois, disse ele, e lamentava ter viajado em outro carro, pois se estivesse presente...

– Que ia o senhor fazer?

– Dava-lhe uns passes, respondeu-me, gravemente.

Eu era de tal ignorância em assuntos espíritas que nunca tinha ouvido aquela expressão. Ele explicou-me a palavra e revelou-me, com modéstia, a sua mediunidade curadora. Sorri.

– Lembre-se, disse-lhe, que quando os cálculos passam, as dores só acalmam (e quando acalmam) com fortes injeções de morfina.

Respondeu-me com uma convicção que me impressionou:

– Mas o poder de Deus deve ser maior que o das injeções.

Achei-o interessante. Muitas e muitas criaturas me tinham falado de Deus com ardor, com entusiasmo, mas, na voz daquele homem, eu sentia uma força que me chocava, uma convicção tranquila, uma fé cheia de doçura e consistência.

Aos outros que anteriormente me falavam da Providência, achei-

os sempre ridículos; achei aquele interessante. E mais do que isso – respeitei-o.

À tarde, no jantar, éramos velhos camaradas. Não o deixei mais. Passávamos horas esquecidos à mesa, eu a ouvi-lo e ele a expor-me a sua doutrina, a contar-me a consolação que lhe viera depois de abraçá-la, os novos horizontes que se lhe abriram ao conhecê-la. E concitava-me:

– Leia, leia o espiritismo. Ao menos por curiosidade.

Prometia-lhe sempre. Logo que tivesse tempo...

Os meus padecimentos continuavam. Quase todas as noites velava, estorcendo-me em dores incriveis. Um dia, ouvindo as minhas queixas, disse-me o Fonseca:

– Se Deus permitir, poderei aliviá-lo.

– Com os passes?

– Com os passes! respondeu-me.

– Está bem. Dê-mos hoje.

Foi aquilo puro gesto de cortesia. Queria corresponder à gentileza daquele homem, que eu sentia desejoso de sossegar-me.

À noite veio ele ao meu quarto. Com as mãos pousadas em minha cabeça, ergueu-se, levantou os olhos para o céu e começou a orar.

Deu-me uma louca vontade de rir. Mas olhei aquela fisionomia serena, grave, incendiada de fé; e havia nela um brilho tão novo para mim, uma tão alta e comovedora magnitude, que baixei, que fui forçado a baixar respeitosamente a cabeça, num silêncio profundo.

Recebi os passes. No dia seguinte, com surpresa, senti-me melhor.

E todas as noites, após o jantar, era eu quem convidava o Fonseca a ir ao meu quarto dar-me os passes. Mas não havia em mim a mais remota réstia de fé. O que havia era curiosidade, uma infinita curiosidade por aquele homem e por tudo aquilo.

O Fonseca deixou Cambuquira dias antes de mim.

Uma semana depois que aqui cheguei, vim visitá-lo, lá embaixo, na Livraria desta Casa.

Conversamos longamente. Ao retirar-me, meteu-me nas mãos um volume.

– Leia quando tiver vagar.

Era o *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec. Levei-o para casa.

Passou-se o primeiro mês, passou-se o segundo. O volume ficou rolando, esquecido, desprezado, pelas estantes, no meu gabinete de estudo.

Mas nada, na vida, vem senão a seu tempo. Uma manhã, saí do quarto, apressadamente, para o banho. Ao passar pela sala de jantar, vi um livro em cima da mesa, ao acaso.

Foi sempre dos meus hábitos abrir todos os livros que se me deparam aos olhos. Gosto de lhes saber o título e o autor. Chego a arrebatá-los de mãos alheias, pelo impulso irresistível desse cacoete indelicado.

O volume que estava sobre a mesa era o que o Fonseca me havia oferecido. Tive uma ruga no rosto. Oh! diabo, não era gentil aquilo! o homem oferecera-me a obra com tanta fidalguia e eu não tinha tido sequer a curiosidade de abri-la.

E fechei o volume. Dei dois passos, voltei. Voltei, abrindo novamente o livro. Abri-o ao acaso. É sempre sob a forma de acaso que Deus se apresenta aos incrédulos. Abri justamente numa das páginas de mais alto interesse, aquela em que Kardec trata da volta à vida espiritual, da separação da alma e do corpo, da perturbação de certos espíritos ao deixarem inopinadamente o aparelho em que moravam na existência terrena.

A página é esta:

“No momento da morte, tudo é, a princípio, confusão: a alma precisa de algum tempo para se orientar; fica como que atordoada, no estado de um homem que despertasse de um sono profundo e procurasse explicar a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam-lhe, ao passo que decresce a influência da matéria, de que acaba de desprender-se, e à medida que se dissipa a espécie de nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

“O período da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ser de algumas horas, como de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles para quem ela é menos longa, são os que já em vida se haviam identificado com o seu estado futuro, pois que compreendem imediatamente a sua posição.

“Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o caráter dos indivíduos e, principalmente, segundo o gênero de morte.

“Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o espírito fica surpreendido, admirado e não crê estar morto; sustenta esta ilusão com pertinácia; apesar de estar vendo o corpo e de saber que é seu, não compreende como esteja separado dele; busca as pessoas que lhe são afeiçoadas, fala-lhes e não percebe por que não lhe prestam atenção. Essa ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito. Só então o espírito se reconhece e fica sabendo que já não pertence ao número dos vivos. Este fenômeno explica-se facilmente. Surpreendido inopinadamente pela morte, o espírito fica aturdido pela brusca mudança que nele se opera; para ele, a morte é ainda o sinônimo de destruição, de aniquilamento, e como pensa, vê e ouve, supõe que não está morto. O que lhe aumenta a ilusão é o ver-se com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea não teve ainda tempo de estudar; julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando lhe chamam a atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpar-se. Esse fenômeno é análogo ao que se passa com os sonâmbulos inexperientes, que não creem estar dormindo. Para eles o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como veem e pensam livremente, julgam que não dormem. Certos espíritos apresentam esta particularidade, mesmo quando a morte não tenha vindo abruptamente; mas é mais geral naqueles que, embora enfermos, não pensavam ainda em morrer.

“Vê-se então o singular espetáculo de um espírito assistindo ao seu próprio enterro, como se fosse o de um estranho, e falando disso como de coisa que não lhe diz respeito, até o momento em que compreende a verdade.

“A perturbação que se segue à morte, nada tem de penosa para o homem de bem, pois para este é calma e em tudo semelhante à que se segue a um despertar plácido. Para aquele, porém, cuja consciência não é pura, a perturbação é cheia de ansiedade e angústias, que aumentam à medida que ele se vai reconhecendo.

“Nos casos de morte coletiva, tem-se observado que nem todos os que morrem ao mesmo tempo se veem sempre imediatamente uns aos outros. Na perturbação em que se acham, cada qual caminha para seu lado, e só se preocupa com os que lhe interessam.”

Li isso tudo com sofreguidão, a respiração opressa, de toalha nos ombros e saboneteira nos dedos. Ao terminar, havia em mim uma sensação estranha de arrepio; um suor gelado corria-me pelo corpo.

Foram sempre do meu gosto particular em literatura as páginas fortes, aquelas que se distinguem pelo cunho trágico, pela originalidade e pela extravagância.

Mas, página nenhuma me sacudira tanto como aquela. Nem nos contos de Hoffmann e Poe, nem em Zola, nem em Mirbeau, em Dostoiévski, em ninguém. Cenas horríveis eu próprio vivi, na ginástica de imaginá-las, mas aquelas eram inteiramente novas, inteiramente inéditas para a minha imaginação.

Reli a página. A emoção não foi menor que da primeira vez.

Tive vontade de ali ficar para ler de um trago o livro. Mas o relógio bateu, avisando-me das obrigações na rua. Uma inquietação horrível perseguiu-me durante o dia no trabalho. Só uma coisa me preocupava – voltar para casa e devorar o demônio daquele livro.

À noite, quando me atirei à leitura, foi numa ansiedade, numa febre. Muitos, muitos livros bizarros, curiosos, extravagantes têm-me passado pelos olhos, muitos; de alto surto dramático têm-me abalado a sensibilidade nos seus recessos mais remotos, muitos; mas nenhum, nenhum até hoje me deixou tão forte sulco no espírito como aquele de Allan Kardec.

Com todo o meu materialismo, ou justamente por isso mesmo, tinha eu da morte um pavor que me gelava. Quando me passava pela cabeça que um dia, fatalmente, tudo em mim se ia apagar, que o meu corpo seria metido no fundo da terra, que o meu eu humano e inteligente desapareceria em podridão, todo o meu ser se arrepiava, tremendo.

E, caso singular para mim; ao terminar a leitura de *O livro dos espíritos*, não me havia somente desaparecido o medo da morte. Eu tinha, sim, a curiosidade da vida de além-túmulo, tinha mais do que isso, um certo desejo de morrer, para fruir os mundos novos, os mundos rutilantes que Kardec descrevia.

Repeti a leitura e, ao concluí-la, não era espírita, meus senhores, mas tinha pelo espiritismo uma atração irresistível. O que se passara em mim próprio não sabia explicar.

Parecia que um véu negro se me rasgara dos olhos. Parecia que uma vasta janela se me abria diante das retinas, enchendo-me de claridade. Os homens, as coisas, a vida, o mundo, os mundos, tudo, tudo era para mim agora diferente. Cheguei a pensar que um outro eu vivia dentro de mim.

Foi nesse período que uma força qualquer, que eu não explicava, me conduzia constantemente às portas desta Casa.

Mas, não pensem, os senhores, que, apesar da transformação, aqui entrava com o entusiasmo de um adepto, não; entrava com as cautelas de um desconfiado.

No princípio, achei que, aqui dentro, toda gente era maluca. Quando qualquer pessoa, aqui, me falava em comunicação espiritual, narrando-me com a maior simplicidade este ou aquele fato espírita de observação própria, duvidava imediatamente de sua integridade mental. Estaria a falar sério, ou estaria com a cabeça desvairada?

Mais tarde, essa impressão se modificou. Os homens aqui me causavam surpresa. Ficava silencioso a ouvi-los, perguntando a mim mesmo, surpreendidamente, como se podia ter tanta convicção e como podiam acreditar em tudo aquilo de que me falavam.

Por fim, todas aquelas impressões se transformaram em respeito. Respeitei-os, senhores. Respeitei-os, tocado pelo vigor da sinceridade que lhes senti, sacudido pelo grande sopro de fé, de abnegação, de desprendimento individual e de altruísmo que observei em cada um deles.

Os da minha maior intimidade aqui dentro foram o Antônio Fonseca, o Manuel Quintão, o Frederico Figner.

O Fonseca, com a solidez inalterável de sua crença, a confiança serena na justiça de Deus e aquela resignação humilde nos mais ásperos sofrimentos, espantou-me desde os primeiros dias. E quando vi o Quintão, forte, inteligente, vivo, todo alheado do seu eu, na preocupação constante da dor alheia, confiando tranquilamente e doutrinando como confiava, arregalei muitas vezes os olhos surpreendidos. E o Figner! Judeu, de uma “raça” milenarmente hostil ao Cristianismo, milenarmente mercantilizada, a falar com entusiasmo dos textos do Evangelho, a curvar a cabeça diante da grandeza de Cristo, a correr a cidade de ponta a ponta, gastando do

seu bolso, sem dizer a ninguém o que gastava, para levar aos tetos miseráveis a alegria do pão e o alívio dos medicamentos!

Foram essas três figuras que me deixaram na alma sulcos imperecíveis.

E foi, vendo-os, observando-os, analisando-os, que senti desejos de conhecer mais de perto a doutrina maravilhosa que tão profundamente transformava os homens numa florescência admirável de resignação e de bondade.

A primeira impressão violenta de simpatia já eu tinha tido com a leitura do *O livro dos espíritos*. Tudo mais era fácil. E fácil tudo mais foi.

Passei um ano inteiro a ler, a observar. Quando abri os olhos, tinha diante deles a imensa rutilação da fé divina.

Punha a cabeça fora da toca e, como o coelho da fábula, não mais quis voltar a enfurnar-me na treva.

E vede, vede, meus senhores, quanta casualidade em tudo isto.

A casualidade levou-me a Cambuquira, ao mesmo tempo que levou a Antônio Fonseca. A casualidade fez-nos morar no mesmo hotel e ter vizinhas as mesas. O acaso inspirou-lhe interesse pelos meus sofrimentos e inspirou-nos simpatias mútuas. Ainda o acaso forçou-me a respeitar nele (aludo aos passes) aquilo que, decerto, eu acharia ridículo em outra pessoa. Ainda a casualidade fê-lo meter-me nas mãos o livro de Kardec e inspirou-me a obrigação de lê-lo para corresponder à gentileza da oferta. Ainda a casualidade moveu alguém a colocar o livro na ponta daquela mesa, no momento em que eu passava para o banho.

E só o acaso, o eterno acaso, (é este, para mim, o ponto mais frisante da narrativa) fez-me abrir o livro justamente naquela página, aquela que vos li.

É este o ponto mais curioso de tudo isto, insisto em afirmar, o ponto a que atribuo toda a minha conversão.

Sempre foram as leituras chocantes, com qualquer cunho de inédito, com qualquer cunho de novidade as que mais me impressionaram.

Se o acaso não me tivesse feito abrir *O livro dos espíritos* naquela página, talvez eu nunca tivesse tido interesse de ler o volume. Se

começasse a leitura da primeira página, sem aquela impressão vibrante que, casualmente, recebi à hora do banho, é possível que não fosse ao meio do livro ou talvez não passasse das primeiras folhas.

O Acaso sabia que, antes de tudo, devia inflamar-me a centelha da curiosidade, sabia que a minha curiosidade em leitura se inflama facilmente pelo ineditismo e pela novidade.

Havemos de concordar, senhores, que o Acaso é uma entidade altamente inteligente.⁵⁸

A maioria das criaturas não compreende que alguém possa ser espírita sem ter visto as manifestações físicas do espiritismo.

No fundo há uma certa dose de razão. Os fenômenos das sessões práticas são às vezes de tal maneira impressionantes, que solidificam a convicção de que existe uma outra vida que não esta vida tangível em que nos arrastamos.

Dos casos práticos do espiritismo sei contar muito pouco. O que me fascinou foi a doutrina, pela magnitude de sua beleza, pela sua suprema doçura tonificadora das almas, pelo bálsamo infinito que derrama sobre as dores.

Nos primeiros dias da minha iniciação, tive a curiosidade de assistir a trabalhos de mediunidade. A decepção foi enorme. À mesa sentavam-se criaturas de sisudez indiscutível e de sinceridade profunda; mas, apesar de tudo, foi enorme a minha decepção.

Por quê? Não acreditei nas mediunizações, não acreditei nas figuras atuadas pelos espíritos. Achei tudo aquilo muito próximo da comédia. Parecia-me que os transes eram fingidos.

Tinha tido um dia infeliz. Os espíritos que se manifestaram eram todos de uma inferioridade alarmante.

Foi só mais tarde, mais de um ano depois, que voltei a assistir a trabalhos práticos. Ali, fui mais feliz; ali, pela palavra dos altos espíritos, tive a boa sorte de mais fortificar a minha crença.

Observações pessoais que possam impressionar creio não ter nenhuma para contar.

Faltam-me totalmente qualidades mediúnicas. Não ouço, não vejo, não escrevo, não sinto. Parece que Deus me experimenta. Quer ver até onde vai a constância da minha fé, negando as provas materiais em que possa alicerçá-la. Quer que eu creia no sol sem vê-lo,

unicamente por lhe sentir a claridade.

Em dois anos de iniciação, poucos, pouquíssimos são os fatos que posso contar de observação individual. Comigo, pessoalmente, quase nada se tem passado.

O primeiro fenômeno que, diretamente, se passou comigo deixou-me um abalo profundo. Tinha eu, há tempos, uma pretensão qualquer que, na época, era para mim de importância capital. Todos os meus esforços, todos os meus pensamentos, todos os meus movimentos eram feitos com ardor para consegui-la. E tudo conspirava contra mim. Transpunha um obstáculo e adiante encontrava outro, galgava penosamente uma subida, julgando lá em cima encontrar os elementos de realização, e logo outro píncaro inacessível se me apresentava aos olhos. Não dormia. Passava noites inteiras velando, ansiando, a medir dificuldades insuperáveis.

A fé, porém, tangia-me para frente. E, por fim, essa fé faltou. O desânimo começou a dominar-me.

Presidia a sessão a minha querida amiga, a senhorita Elisabeth Hamont, médium auditivo, psicográfico, algo vidente. Quase ao terminar os trabalhos, lançou ela os olhos em derredor da sala, à procura de alguém. Afinal pronunciou o meu nome.

– O senhor conhece alguém que se chame Manuel?

Manuel! o nome era tão comum!

– Conheço várias pessoas, respondi.

– Alguém que já desencarnou e que se diz seu parente.

– Meu pai! exclamei arrepiado.

– Está ele aqui ao meu lado. Pede-me lhe diga que não desanime, pois o que o senhor deseja Deus lhe dará na segunda-feira.

Vibre; meus cabelos arrepiaram-se.

Era uma sexta-feira. Apenas três dias de espera.

Passei o sábado e o domingo em brasas de ansiedade. Ao amanhecer de segunda-feira, era como uma pilha elétrica. Ia realizar-se enfim o que eu queria. Saí para a rua com a alma a cantar, todo nas flamas de uma vitória.

Passou-se a metade do dia. Nada. Entardeceu. Nada. Começou a anoitecer. E nada. E nada.

Crescia-me a inquietação desoladoramente. Às dez da noite, meus

nervos causavam dó. Mas o dia não havia ainda terminado. Restava-me um vago raio de esperança.

Os relógios deram meia-noite. Nada. Nada. Nada.

Quando já madrugava, atirei-me na cama; era um frangalho. Ao acordar, o desânimo avassalava-me.

Corri ao médium, minha amiga. Ela estava inquietíssima.

– Mas eu vi, repetia, vi e ouvi. As palavras que lhe disse foram as palavras que ouvi.

Passei esse dia desesperadamente. Uma lufada de descrença soprou-me o espírito. Tudo aquilo era uma farsa.

E a semana foi passando. Vi claramente diante de mim a impossibilidade da realização. O melhor era deixar aquilo de vez. E, no domingo, estava decidido a renunciar.

Mas, amanhece a outra segunda-feira e inesperadamente, inesperadamente sim! de onde eu não contava, vem-me aquilo que eu pretendia. Tudo se realizava na segunda-feira.

Até hoje não sei explicar o fato. Por que o cumprimento da promessa não veio na primeira segunda-feira, e veio na segunda? Ter-se-ia enganado na contagem do tempo? É possível. O tempo nas regiões siderais não é o mesmo tempo terreno. Ter-se-ia enganado o médium? Teria ouvido mal? É possível. Ou teria Deus transferido de uma segunda-feira para outra segunda-feira, a fim de experimentar-me? Não sei. Os desígnios da Providência são insondáveis.

O que é certo é que tive o que me foi prometido.

De outra feita (passou-se isto aqui na Federação), surgiu-me na cabeça uma determinada tentativa. No começo, pareceu-me simplíssima, mas, à proporção que fui trabalhando para realizá-la, os obstáculos apareciam. Quando abri os olhos, tinha verdadeiras muralhas diante de mim. Era impossível ir adiante.

Mas o caso, que era material no começo (isso sempre acontece na vida dos homens trabalhadores), já se tinha transformado num caso moral. Estavam empenhados o meu nome e a minha honra.

Eu não podia recuar. Mas não podia prosseguir. Faltava-me tudo, tudo, para ir à frente.

Atirei-me como um doido, como um desesperado, à procura dos elementos.

Bati a dezenas de portas que supus abertas à minha entrada. Encontrei-as com trancas de ferro.

A situação era dessas em que não se tem o direito de ficar parado. Revolvi terras e mundos e tudo falhou. Houve um dia que tive medo de enlouquecer. Ou em vinte quatro horas decidia aquilo, ou estaria completamente perdido. Porém, não tinha mais nenhum passo a dar, nenhuma porta a bater.

Há ocasiões em que o consolo de um amigo vale pela própria vida. Eu precisava de alguém a meu lado. Entrei aqui com a alma trespassada. O Manuel Quintão ia chegando.

Contei-lhe por alto o caso.

– Que queres que eu faça? perguntou-me com tristeza, emocionado pela gravidade da minha situação.

– Quero que peças a um espírito que me aconselhe. Pede ao espírito de Bezerra de Menezes.

Eu tinha pelo espírito de Bezerra de Menezes uma afeição particular. Tempos antes, por intermédio do mesmo Manuel Quintão, ele me havia dado uns conselhos salutares, com uma sutileza comovedora.

Diante do meu pedido, o Quintão ficou pensativo, concentrado, como se não soubesse se devia fazer ou não.

Afinal, levantou a cabeça, como se tivesse recebido uma inspiração:

– Vou pedir. Sobe.

Subi. Fiquei à espera, em um dos gabinetes do primeiro andar, contíguo àquele em que o médium se trancou.

Passaram-se dez minutos. O Quintão voltou sereno, sorridente, mas no seu rosto estavam visíveis os traços da funda concentração em que estivera.

– Lê, disse, entregando-me um papel.

Era a comunicação. Era um jato de luz. Era a esperança. Conservo-a entre os meus papéis como um tesouro.

Começava por uma censura: eu devia ter medido melhor as minhas forças. Mas, concluía, nem tudo estava perdido. “Há uma porta em que ainda não bateste. Vai, conta tudo, que ela se abrirá com o favor de Deus.”

Curiosíssimo. Até aquele momento, julgava que não havia mais porta nenhuma para que eu batesse. Mas, mal concluí a leitura, vi, vi num relâmpago, como se alguém me inspirasse, a porta a que me esquecera de bater.

Uma comunicação daquelas, vinda através de um médium escrupuloso como aquele, era para deixar tranquilo, mesmo um espírita incipiente como eu.

E fui onde a inspiração me mandou, fui sereno, confiante, seguro de que teria a consumação do meu desejo. Encontrei, de fato, as portas abertas de par em par.

Tudo se realizou, graças a Deus.

* * *

O terceiro fato não é menos edificante que os dois outros.

Passou-se há poucos meses, em setembro último, no Maranhão.

Sofro de uma relaxação dos músculos do braço direito, na região do úmero, motivada por várias luxações. No meu tempo de estudante em Pernambuco, luxei o braço e, de lá para cá, os deslocamentos se têm repetido vinte e duas vezes. Qualquer jeito mau, estou com o úmero fora do lugar. E a redução da luxação é sempre difícil, sempre laboriosa, sempre demorada. Sofro dores horríveis, tremendas, culminantes.

Uma noite de setembro, dormia, talvez agitado. Parece-me que me deitei sobre o braço, que fiz algum jeito mau. O que é certo é que, num grito, acordei com o braço luxado. Alarmei as pessoas da casa. Àquela hora, no Maranhão, um médico, como aqui, como em qualquer parte, é difícil. Foi-se à procura do médico. Fiquei sentado à beira da cama, com o braço arriado, esperando. Eram duas horas da madrugada.

Sofrendo dores intensas, pus-me a imaginar as que teria de sofrer quando o médico chegasse, quando fosse o momento laborioso da redução do deslocamento.

Era a vigésima segunda vez, e bem sabia o que me esperava.

Nesse instante estava sozinho no quarto. Veio-me à lembrança o

nome de Bezerra de Menezes. Fora ele, na Terra, na última encarnação, um médico de fama, um operador notável. E do que eu necessitava era de um médico.

E concentrei-me. Concentrei-me com todas as minhas forças.

Não sei quantos minutos estive em concentração. Não mais de cinco. Subitamente, ouvi um som, o som que as rolhas de garrafas de cerveja produzem quando saltam; o úmero deslocado voltava ao seu lugar.

Levei com rapidez a mão esquerda à região doente.

A luxação estava reduzida. Dei um salto da cama, estatelado. Quem não se surpreenderia? Uma luxação escapo-umeral não a reduz quem quer. Tenho tido médicos habilíssimos ao meu lado, durante horas, em esforços exaustivos. Uma luxação redu-lo quem sabe, quem tem prática e isso com muito trabalho, com jeitos próprios, movimentos particularíssimos, sem falar nas dores cruciantes do doente.

A minha ali estava reduzida sem um movimento, sem o mais leve movimento e sem dor.

Quando, vinte ou trinta minutos depois, o médico chegou, arranjei-lhe uma mentira. Conte-lhe que fizera esforços tais que o braço voltou ao lugar. De que serviria dizer-lhe a verdade? Ele não acreditaria. E, além de tudo, o rapaz era meu amigo e podia penalizar-se, julgando-me maluco.

* * *

E, por estes exemplos, e por outros e pela observação de fatos da minha vida e da vida alheia, em dois longos anos de meditação, caldeou-se em minha alma a mudança que hoje publicamente vos venho dizer, atendendo ao honroso convite da diretoria desta Casa.

O que aqui vim fazer, meus senhores, não é mais do que a minha profissão de fé.

De qual fé? Fé espírita? E serei um espírita? Não, não sou. Alguém poderá considerar-me espírita? Não, não pode. Faltam-me as qualidades substanciais, as virtudes básicas do qualificativo.

Ser espírita não é só dizer que o é. É preciso sê-lo na essência. Ninguém é espírita pela boca e sim pela alma.

Ser espírita é ter a fé acesa como o sol e ter a fé maior que o próprio mundo. É ter o apostolado do bem, é ter o sacerdócio da dor.

Ser espírita é perdoar. É receber a ofensa com humildade, porque em cada humilhação que se receber está a graça de Deus para nos exaltar.

Ser espírita é ter fraternidade. É ver em cada criatura, em cada homem, um irmão de dor, em cada irmão um companheiro que precisa de apoio e de amparo. É ver nos humildes, nos que nos parecem inferiores, a nossa própria inferioridade.

Ser espírita é renunciar. É renunciar aos gozos terrenos em bem da ventura que está acima, nas esferas iluminadas. É comunicar ao gozo próprio, em bem do alívio alheio. É ter a volúpia da dor, por saber que, em cada sofrimento, está o desconto de uma dívida. É ver na dor um bem, é ver no infortúnio uma graça, é ver na desventura um prêmio. É sorrir quando sofre, porque quem sofre caminha para Deus. É agradecer a amargura, como se agradece o mimo de uma flor. É sair para a rua, sufocando gemidos próprios, para consolar o gemido alheio.

Ah! são virtudes muito altas, virtudes augustas, e quase inatingíveis.

Tenho-as? Eu próprio reconheço que não.

Sou espírita? Não sou. Tudo me falta, em essência, para sê-lo.

Sou apenas uma alma pecadora, deslumbrada pela beleza divina, tonta de luz, que vive a bater as asas tontas na imensidade, a pedir, a suplicar à Providência que lhe faça crescer infinitamente a fé, que lhe dê amor para perdoar, que lhe dê ternura para praticar a fraternidade, que lhe dê coragem, muita coragem para renunciar, a fim de seguir o caminho da luz, o caminho da verdade, o caminho da perfeição, aquele caminho que leva a Deus.

56 Quando Viriato Correia redigiu o presente trabalho, ignorava-se pudesse o átomo vir a ser dividido.

57 Esse pressentimento da realidade futura explica-o, magistralmente, Allan Kardec (vide *O livro dos espíritos*, p. 258). Também Manuel Antônio de Almeida, autor da célebre obra *Memórias de um sargento de milícias* o teve, e de modo a não deixar dúvida, pois cumpriu-se, e tragicamente. Ouçamos Marques Rebelo, seu biógrafo:

“E na hora de embarcar, despedindo-se (Manuel Antônio de Almeida) de Bittencourt da Silva, mostrou-se abatido, pois tinha cruzado com um padre – talvez fosse inútil ir até Campos! O amigo animou-o num grande abraço – que nada! haveria de conseguir o que desejava e merecia. Era lutando que se vencia. Veio porém a Manuel Antônio um lúgubre pressentimento: É a primeira vez que embarco, mas... parece-me que é a última! A meu despeito... Sinto que alguma coisa de atroz me tira o ânimo e me desperta desordenadas e incoerentes ideias. Se sou infeliz não sei... Persegue-me, porém, um poder oculto, uma força estranha, que desfolha sempre as rosas mais gentis da minha vida.”

Esse, o fúnebre pressentimento do romancista na hora do embarque. Animado pelo amigo, embarcou: e o navio soçobrou, levando seu corpo para o fundo do mar junto com mais 36 passageiros.

58 Casualidade, acaso, sorte, fortuna etc., são palavras inconsistentes; maneira cômoda para esquivar-nos de uma análise mais profunda dos fatos. Sobre o “acaso”, vide a opinião de Monteiro Lobato no capítulo dedicado a este escritor. Uma “casualidade” assaz interessante deu-se com Gonçalves Dias, e aqui serve ela de exemplo. Em viagem ao Brasil morrera a bordo do vapor Condé um passageiro que todos tomaram como Gonçalves Dias. A notícia espalhou-se, rápida, em Pernambuco. Choveram notícias fúnebres nos jornais. Celebrando a “morte” de Gonçalves Dias, um poeta qualquer escreveu estes versos: “Deus, num acesso de amor/ Ao poeta soberano,/ Deu-lhe por berço o Equador/ E por túmulo o oceano!” Gonçalves Dias, ao ler os versos, naturalmente, sorriu; pois não estava vivo e forte? Quem diria, porém, que viria ele a morrer no mar durante uma viagem ao Brasil? Esses acasos... (vide *Os meus serões*, 1ª série, de Álvaro Guerra, pp. 58-59).

SILVEIRA BUENO E OS FENÔMENOS ESPÍRITAS

Tudo estava salvo, e salvo por uma revelação de além-túmulo!

Silveira Bueno

FENÔMENOS ESPÍRITAS OS TEM OBSERVADO, deste a infância, o eminente professor Silveira Bueno, dicionarista e catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Embora não se tenha tornado espírita (pelo menos, espírita declarado, como nós outros), o ilustre autor de *A formação histórica da língua portuguesa* jamais escondeu de seus amigos esses fenômenos e faz questão mesmo de divulgá-los, amplamente, através da imprensa. Esta atitude – louvável em todos os sentidos, porque denota coragem moral para enfrentar os preconceitos religiosos – Silveira Bueno a tem mantido desde de 1928, quando, pela primeira vez, fez publicar, pelas páginas do *Jornal do Comércio*, então dirigido por Mário Guastini, um curioso relato sobre a aparição do espírito de seu tio: aparição tangível vista por vários parentes seus, inclusive, pelo próprio Silveira Bueno.⁵⁹ Dos vários fenômenos observados pelo professor Silveira Bueno (alguns produzidos pela sua mediunidade), transcreveremos dois pessoais e um outro que lhe foi narrado “por pessoa de probidade indiscutível”. Os três, porém, trazendo a sua assinatura, o que lhes

dá validade.

Vejam os primeiros, que tratam da materialização de seu tio Osório:

A tempestade passara, mas ainda chovia desregradamente, e as águas caindo no inferno do monjolo, enchiam de clamores aquela noite escura. Fazia frio e, acendendo a lareira da fazenda antiga, conversávamos todos de coisas passadas. A noite é sempre a grande evocadora dos fatos extintos, das figuras que impressionaram, um dia, a nossa emotividade infantil ou adolescente. Na vida, só há uma quadra que não recorda – a mocidade, porque traz no futuro os seus olhos, deslumbrada pelo que há de ver ainda. A idade viril, então, e, principalmente, a velhice, vivem das sombras que agitaram outrora, iluminadas pelos reflexos de tudo o que foram e que jamais poderão ressuscitar. As suas vistas voltam-se constantemente ao pretérito. Há na poeira das estradas percorridas qualquer fantasma que as atrai. Na cinza que a recordação costuma soprar, pelos dias mortos, há olhos que lucilam, mãos que acenam, há lábios que se entreabrem para o mais irresistível dos apelos. E metade dos homens vive entre essas torturas do passado.

Naquela noite, sob a impressão da tempestade amainada, sob a cantilena impressionante das águas a cair no inferno do monjolo velho, os idos tempos de São Paulo repontavam cheios de curiosidade, falseando de interesses para nós, adolescentes imaginosos, a transbordar de profundas emoções para o narrador.

Meu pai recompunha para gáudio nosso e íntima satisfação da sua própria fantasia, a época em que fora rapaz, quando morador do Brás de antigamente, ia domar novilhos na chácara do Pari e, à noite, pregava sustos ao preto Manuelão, doceiro de Sinhazinha Machado.

Como era outra a vida pacata e inalterável do mais febril dos bairros paulistas! Poucas ruas, grandes chácaras, novidades nenhuma, algazarras de estudantes pelos quatinhos de Monsenhor Anacleto e a bulha inofensiva dos tipos populares do tempo. Lá, uma vez ou outra, um valentão que aparecia, um negro fugido, um casal de namorados que batia as asas e nada mais. O grande

acontecimento era a festa da Penha, fato que abalava o Sul todo e transformava São Paulo em uma bela cidade movimentada. Uma vez teve de brigar com o Coronel Barbosa, velho beato, que todo ano monopolizava as varas do pátio distribuídas aos da sua família, ou às andas do andor milagroso, que só podiam descansar em ombros de sua gente. Brigou e, com o auxílio do mano Osório, venceu, carregando ambos a charola da Nossa Senhora. Em todas as peripécias surgia sempre a figura do meu tio Osório, grata personagem aos nossos olhos, completamente, porém desconhecida naquele lar.

– Mas que foi feito do tio Osório?

– Nem eu sei. Mais velho do que eu, muito mais robusto e alto, seguiu pelo mundo, acompanhando o pendor aventureiro de que nasceu dotado. Há mais de dez anos, que numa noite como esta, apareceu aqui. Já não era mais aquele Osório de outros tempos: os sofrimentos haviam desfeito a corpulência de lutador que possuía. Alegre ainda, revivemos inúmeros episódios da nossa mocidade e um dia, quando menos se esperava, desesperou por sair e se foi. Havia no seu destino um braço que o tangia sempre para diante, porque era uma verdadeira tortura o desespero de correr mundo, que o compelia por estas estradas mal percorridas e pior habitadas. Nunca mais soubemos dele, nem se vive ou se já morreu...

A voz de meu pai velou-se de tristeza e notei que as lágrimas lhe davam aos olhos um brilho de intensa emoção.

– Para que fomos recordar o Osório! Talvez que já não exista. Como teria morrido? Haveria tombado em qualquer ponto de um caminho? Quem lhe teria cruzado os braços, acalmado a angústia da agonia? E se vive ainda, como estará, bem mais velho do que eu, pobre e trabalhado pelas privações da vida errante?

Lá fora, a chuva caindo, fragorosamente, no inferno do monjolo velho, aumentava ainda mais a desolação que de nós se apoderava. O medo surgiu imperceptível em cada ouvinte, não se atrevendo os menores a olhar para o corredor da entrada, como se dali fosse correr até a lareira qualquer fantasma horrível. A hora da noite se adiantara muito, havia sono, mas ninguém tinha a coragem precisa para dirigir-se ao quarto de dormir. Como acontece em tais momentos, um longo

e pesado silêncio caía sobre nós, como se fosse um manto de chumbo. Só no beiral da casa o vento resmungava zangado ou vinha gemer doloridamente nas frestas das portas e das janelas.

A comoção nos amordaçava a boca e o coração, de desesperado, parecia-nos que já não batia mais no peito e sim dentro dos tímpanos de cada um. Todos os olhos se haviam baixado, tal qual possuísem os carvões acesos da lareira um poder magnético irresistível. Nem meu pai falava mais. Alguma coisa de tremendamente apavorante se deveria estar passando em torno de nós. Que seria? De repente, à semelhança de um soco dado à porta, alguém bateu furiosamente, querendo entrar. Um calafrio nos enregelou a todos e, inexplicavelmente; sob o impulso instintivo do socorro, atiramo-nos aos joelhos de nosso pai. Quem haveria de ser? Deveríamos abrir-lhe a porta? Não! As horas eram mortas, a casa uma fazenda e não convinha. Nisto, com mais força ainda bateram de novo e, desta vez, acrescentaram o nome de meu pai:

– Ó de casa! Alexandrino!

Não havia dúvida: tratava-se de pessoa conhecida e era urgente acolhê-la. Foi um alívio... Arre! E uma intensa curiosidade nos transportou a todos para o corredor, a fim de ver quem chegava, naquele momento, sob tamanho temporal.

Para clarear o trajeto, eu levava um lampião à altura da minha cabeça, para que do alto a luz abrangesse maior extensão. Quando a porta se abriu, no clarão da luz pudemos distinguir o vulto grande de um homem envolto num pala, chapéu largo, molhado. Depois, a atitude arrebatada do nosso progenitor, que dentro de uma formidável exclamação de surpresa, atirava-se nos braços do desconhecido...

Era o tio Osório!

Imaginem como ficamos, quando fomos apresentados, justamente, ao quase pranteado morto e desaparecido muito saudoso.

– Ora, veja, dizia meu pai, de que maneira se dispõem as coisas: agorinha mesmo, lamentávamos as suas cabeçadas por esses mundos. Eu julgava até que já não existia mais e, entretanto, você tão pertinho de nós. Agora, diante destas crianças eu juro que não será mais assim. Há nesta casa aposentos e fartura demais para você.

Chega de quebrar a cabeça de encontro ao destino.

E a alegria tomou todos os átomos do ar, reacendendo-se o fogão para a ceia, trocando-se a roupa a escorrer por outra enxuta agasalhante, ressoando a casa inteira de exclamações jubilosas. Eram já três da madrugada, quando nos lembramos de que o tio Osório necessitava de repouso. Foi com intenso prazer que o vimos acomodar-se no quarto dos hóspedes, o melhor da fazenda. E fomos também nós a deitar. Mal se recompusera o silêncio da casa, aí pelas quatro e meia ou cinco da manhã, eis que outros batidos violentos à porta nos alarmaram novamente.

– Quem bateria? Algum outro andante acossado pela chuva?

Sem temor nenhum, eu, o mais velho da família, fui ver quem nos acordava assim. Era um preto alto, muito bem criado, que me entregou uma carta para meu pai. No trajeto para o quarto dele, reparei no envelope: era um telegrama! Para evitar qualquer surpresa desagradável, rasguei a sobrecarta e li:

“Em Sapetal, às duas da madrugada, faleceu Osório Ferreira.”

Osório Ferreira?!... O nosso tio?... Que história! Li melhor, mais atentamente: *“...às duas da madrugada, faleceu Osório Ferreira...”* Seria possível? Não haveria em tudo aquilo uma brincadeira do meu próprio tio Osório? Não queria pregar-nos uma peça? Não estava dormindo no quarto dos hóspedes? Não ceara conosco há uma hora apenas? Não lhe beijamos as mãos e não lhe vimos roupa de agasalho?... Impossível!!

Entreguei o telegrama. Foi um alvoroço: compelidos pela ânsia de primeiro desmentir o comunicado telegráfico, precipitamo-nos para a sala em cujo quarto descansava o tio Osório. Escancaramos as portas... Oh! pavor indescritível... Vazio, completamente vazio! Os lençóis intactos, sem uma prega, o travesseiro sem a menor lembrança de uma cabeça que nele houvesse repousado.

Fora uma visão: o fantasma do tio Osório.

* * *

Longe vinha o dia palidamente. Na meia-luz da nossa memória

vibratilizada pelas emoções da noite, desfazia-se aos poucos a personalidade misteriosa do hóspede tumular. O seu olhar velado de lágrimas diluía-se como as estrelas derradeiras da manhã, enchendo-nos a alma de uma dor profunda convidando-nos a chorar.

E choramos comovidamente.

Vejamos, a seguir, o segundo caso vivido pelo conhecido catedrático paulista; caso, também, publicado em 1928 pelo *Jornal do Comércio*, cinco meses após o primeiro. Conta Silveira Bueno:

Naquele tempo, residíamos em Campo Largo, pequenino lugar que só Deus conhecia, distante de estrada de ferro, atrasado e feliz. Meu irmão mais velho dirigia o Grupo Escolar de Jundiáí, com grande proveito das letras e não menos glória para a nossa terra. Numa tarde, quando voltava da sua altíssima faina de ensinar, eis que lhe dá na cabeça, com a violência de uma pedrada que um garoto lhe houvesse arremessado, o pensamento fixo de partir, naquele instante mesmo, sem perda sequer de um centésimo de segundo, para Campo Largo. Por que tanta pressa e teimosia? Não era já de tarde? Não havia quatro léguas de caminhada horrível? Não era uma loucura partir assim, sem companhia, num cavalo qualquer, para chegar alta noite, exposto a todos os perigos? Tudo era bem de consumada irreflexão, mas a ideia lhe bulia terrivelmente no cérebro, com a força de uma pedrada violenta:

“É necessário partir e já!”

Partiu. Quando já anoitecia, passava pela pequena povoação italiana da Colônia, légua e pouco fora de Jundiáí, rumo de Campo Largo. Vinha a noite e no lugarejo, a única venda existente acendia o grande lampião de querosene que a iluminava. Na ânsia de devorar a estrada, mal olhou a luz que se acendia, dando rédeas ao animal. Um vulto, porém, conhecido o fez parar... O João Crisóstomo!

Uma grande alegria iluminou a indecisão em que ia o pobre diretor

do Grupo Escolar de Jundiaí: não necessitava mais de continuar – o João, velha criatura da família, domador de animais bravios, íntimo de todos os negócios da nossa casa, ali estava e lhe diria tudo.

– Ó João! Boa-noite. Não me conheceu ainda?

– Ora... O seu Juca? Eu estava desconfiado, mas não tinha reconhecido direito...

– Então, que há lá por casa?

– Que há? É... seu pai não queria que lhe contasse...

– Conta, o que há? Eu já tive hoje um sinal e não adianta você esconder.

– É seu cunhado, seu Eugênio, que decerto não passa de hoje.

– Está mal assim? Como é que não me mandam dizer nada?

– Seu pai não queria, para não atrapalhar o seu serviço em Jundiaí...

– Está bem, muito obrigado. Você ainda bebe?

– ...!

– Não “torre” logo os níqueis todos, heim?!

* * *

Fechara a noite de uma vez e agora, com a certeza da angústia que transformava a família, meu mano fustigava, o mais que lhe era permitido, o animal, desejoso de que tivesse asas a montaria, a fim de vencer com maior rapidez a distância. Eugênio era o cunhado querido de todos, mais do que irmão, havendo-se criado conosco, feito carne da nossa carne e sangue do nosso sangue. Uma febre terrível o dominava e bem poucos tinham leves desconfianças acerca da sua vitalidade orgânica para resistir ao ataque tremendo da enfermidade violenta. Para muitos aquela seria a última noite da sua vida. Pela mente dos nossos a morte adejara mil vezes, pensando todos nos irmãos ausentes, que nunca mais veriam o cunhado agonizante. Entre os lembrados, o caminheiro destes momentos era o principal.

Haviam convivido no melhor da mocidade, irmanando-se intimamente, nas ideias e nos desejos, sonhando com iguais ilusões,

essas que sempre as mesmas costumam sobredourar os dias da juventude humana. Quanto não seria feliz se pudesse estar ali, compartilhando também das amarguras, ele que fora o seu comparsa nas alegrias de outrora. Nada como ter companheiros no sofrimento: a angústia se reparte e o coração amparado por outro, parece que se dilata, que se enfibra, fitando com mais audácia e coragem a luta das lágrimas e dos padecimentos.

Todos os pensamentos estavam assim fixados na ideia única da presença ali do irmão mais velho... De que maneira, porém, chamá-lo? Não havia telefone, o telégrafo demorava, daí a duas léguas, e a noite já entrada não permitia nenhuma esperança de portador para Jundiáí.

Onze e meia dava o relógio triste da sala e no intervalo de uma crise e outra, como sempre acontecia, estavam todos mais ou menos calmos, esperando, com o frio da madrugada, o desenlace fatal. Nisto, no silêncio das noites do lugarejo, um cão ladrou longe, seguido imediatamente de outros cada vez mais próximos, ouvindo-se quase distintamente o galopar de um cavalo. Quem passaria por Campo Largo, naquelas horas e com essa pressa em que parecia vir? Não poucos, consultando o relógio, pensaram em assombrações fabulosas, nos eternos cavaleiros-fantasmas que há sempre em todos os lugares do interior. Outros, entresseolhando com certo ar cabalístico, pensaram na morte e precavidos, entraram no quarto do enfermo, à espera da desgraçada visita. O latido dos cães vinha se aproximando da nossa casa e com ele, como se viesse até impelido por aquelas vozes atroadoras dos molossos, o cavaleiro, batendo as ferraduras do animal no solo ressoante da rua, chegou, estacou-se e como uma perfeita visão, tal foi a rapidez com que penetrou em nossa casa, surgiu na porta da varanda o nosso irmão mais velho, coberto do sereno da noite, arfante da caminhada e o rosto transfigurado.

Não lhe foi necessário lhe dizer nada: enveredou pelo quarto do enfermo, que prodigiosamente descerrou os olhos e pareceu reconhecer o amigo: não puderam falar, entretanto, porque um tinha a garganta afogada de pranto e outro oscilava nessa orla terrível e misteriosa onde a vida termina e a morte se inicia.

* * *

- Como veio a saber de tudo?
- Não sei como foi: prodigiosamente! Saía do Grupo Escolar, quando senti, qual uma pedrada que me houvessem dado, tinir-me no cérebro a ideia de que havia qualquer coisa muito grave aqui...
- Foi justamente nessa hora que Eugênio teve a crise mais aguda de todas e pensávamos que morresse...
- Aluguei um cavalo e parti, sem jantar, sem precaução alguma, porque essa força me arrastava para cá. Quando, porém, cheguei à Colônia, tudo se esclareceu da maneira mais tremenda imaginável...
- Como assim?
- Pois, naquela venda que há no lugar, vi encostado à porta o João Crisóstomo; criei alma nova; ele deveria saber de tudo e de fato soube.
- Quem? O João Crisóstomo?
- Sim, senhor, o João Crisóstomo... Contou-me o que havia aqui, que o senhor não queria que eu soubesse da doença de Eugênio para não atrapalhar o meu serviço etc.
- Mas, você viu mesmo, de verdade, o João Crisóstomo? Não está sonhando?
- Sonhando por quê? Vi-o, falei com ele e para maior prova do que afirmo, dei-lhe ainda cinco mil-réis, caçoando a respeito da bebedeira em que sempre está...
- Deu cinco mil-réis ao João Crisóstomo?... Você está doido?
- Que diabo! Será possível que eu queira pilheriar neste momento de tanta aflição?
- Então você chegou a falar com ele?
- E por que duvida? É tão difícil falar assim com o João Crisóstomo?
- É; e sabe por quê?
- Não.
- Porque há seis meses João Crisóstomo foi enterrado, vítima dessa embriaguez para a qual você deu cinco mil-réis!...
- !!!

O terceiro fato espírita que traz a assinatura do professor Silveira Bueno trata de uma aparição de Dom José de Camargo Barros, bispo de São Paulo, desencarnado durante um naufrágio. Ei-lo:

O naufrágio do *Syrius*, nas costas de Espanha, projetava a sua tristeza sobre São Paulo e Monsenhor Chico de Paula governava, interinamente, a diocese paulista. Grandes empreendimentos haviam sido iniciados pelo bispo vitimado no mar e com urgência se necessitava de um documento de importância extraordinária naquele instante. Os papéis procurados faziam parte do arquivo particular de S. Exa. Revma. D. José de Camargo Barros, relacionando-se com negócios de extrema urgência, cuja solução final se ultimava, requisitando o juiz e demais autoridades a exibição dos papéis comprobatórios.

Todas as pesquisas tinham sido feitas: em casa, pela família cuidadosa e daquelas bem antigas, cheias de método nas menores coisas, quanto mais nessas questões de que dependia tanto valor, mas, inutilmente. Nos guardados do falecido bispo não se havia encontrado coisa alguma. Na Cúria, talvez, estivesse? Não ficou gaveta por gaveta que não fosse revistada e cuidadosamente revistada, sem fruto mais consolador. Os grandes arcases do Cabido, os armários da Catedral, os bolsos das batinas encontradas, tudo foi rebuscado e esquadrinhado, na mais desoladora das inutilidades. O documento de tanta necessidade havia, certamente, desaparecido com o corpo de D. José de Camargo Barros, no naufrágio do *Syrius*. Estava, pois, perdida a causa judiciária, que em hora tão oportuna ia ser resolvida satisfatoriamente para a Mitra de São Paulo. Era de sentir-se e muito, mas que se iria fazer?

A devoção dos católicos foi posta em campo: rezou-se a Santo Antônio, advogado das coisas perdidas. Invocou-se Santa Rita, padroeira das causas aflitas e irremediáveis. Fizeram-se promessas, votos, jejuns. Tudo inutilmente. As autoridades, num exagero de condescendência, prolongaram o prazo legal para a apresentação dos documentos, a fim de dar uma última esperança aos que por eles

tinham ganho de causa importante e justa. Nem assim as pesquisas recomeçadas e repetidas com maior desvelo de cuidados, não surtiam melhor resultado do que da primeira vez.

O prorrogamento do prazo tocava os últimos dias e todo o Clero se perturbava em torno de Monsenhor Chico de Paula, sem resignação suficiente para ver derruir-se uma vitória que tanto custara a ganhar, justo no momento em que louros se aprontavam para a frente do vencedor. E tudo por causa de um documento apenas.

Centro de todos estes pensamentos e interinamente governador da diocese, Monsenhor Rodrigues inquietava-se profundamente, consultando a uns e a outros a fim de ver a melhor resolução que tomar. Vinha, assim, no penúltimo dia do prazo dado para a apresentação dos papéis, pela rua de Santa Ifigênia, rumo da cidade, quando, ao chegar próximo do Largo de São Bento, onde hoje se encontra o viaduto, notou que o cocheiro do seu tálburi, indefectível, dirigia a viatura para a calçada, diminuindo a marcha do animal:

– Que vai fazer? Não quero apear-me aqui...

– V. Revma. não viu ainda aquele padre que o está chamando?

Monsenhor Chico de Paula, que vinha tão dentro da sua preocupação, não havia notado, de fato, um padre, que na calçada o chamava. Mandou parar o tálburi, desceu e com a maior naturalidade, como se estivesse dentro de um sonho, tomou a mão do eclesiástico, beijou-lhe o anel, com a genuflexão da reverência episcopal:

– Excelência, lhe foi dizendo sem preâmbulo algum, onde guardou o documento de que precisamos para amanhã? Estamos no último dia do prazo...

– Está na escrivania do meu escritório, na gaveta do meio...

– Mas já procuramos lá, excelência, e não encontramos nada...

– É verdade; procuraram na gaveta, mas o documento está caído atrás dela.

Neste momento, o cocheiro teve um estremeção: Monsenhor Chico, sempre tão calmo e meigo, parecia transfigurado: uma palidez de morte se lhe estampava no rosto e o corpo todo vibrava em convulsões.

– Toque, toque imediatamente para a residência do sr. Bispo.

Cumprindo ordens, o tilbureiro acionou o velho chicote e dentro de poucos minutos chegavam ao ponto desejado. Monsenhor entrou violentamente no edifício e reunindo os mais íntimos, conta-lhes a visão que tivera, ou melhor, o encontro havido com Dom José de Camargo Barros, em pleno Largo de São Bento, à vista do seu empregado. Ninguém ousa negar, mas era tamanha novidade, que vacilam em acreditá-la.

– Querem uma prova? Vamos procurar o documento. Se encontrarmos-lo atrás da gaveta do meio, foi verdade o que comigo se passou.

Nervosos, executam as ordens emanadas do náufrago do *Syrius* e quase abalados por um pavor violentíssimo viram todos, nas mãos brancas do Governador da diocese, o documento precioso. Tudo estava salvo, e salvo por uma revelação de além-túmulo!

Aqui, faz o professor Silveira Bueno os seguintes comentários:

Este fato que hoje recordo, certo que muitos o ignoram, foi-me narrado por pessoa de probidade indiscutível. Narrando-me, pediu apenas que silenciasse o seu nome, porque o fato é conhecido da família Camargo Barros e das mais antigas figuras do clero e da magistratura de São Paulo. Agora que se comemorou mais um aniversário da morte deste bispo, veio pela providência narrá-lo.

É um sinal de que o prelado paulista se santificou? Não tenho que afirmar, nem que negar. Regozijo-me muitíssimo com a ideia que todos os católicos irão fazer, respondendo afirmativamente à minha dúvida: sim. Dom José de Camargo Barros, bispo de S. Paulo, que assim pôde aparecer a Monsenhor Chico de Paula e solucionar importante questão, se santificou! Regozijo-me muitíssimo, porque, valendo-me do mesmo argumento, venço-me de que também João Crisóstomo se santificou, havendo se manifestado da mesma forma depois de seis meses de estar no cemitério pobre da minha terra. Um foi bispo; outro foi humilde carpideiro de café. Um foi

branco e atingiu grande glória em vida; outro era preto, tendo passado pela vida como um desgraçado verme que rasteja. Ambos, porém, receberam de Egeus a mesma auréola de santidade – porque no céu o espírito daqueles felizes não se distingue pelo exterior de um traje: ninguém quer saber se foi bispo ou mendigo, mas unicamente se foi justo ou não.

Assim todos os bispos possuíssem a humildade e a resignação do meu saudoso João Crisóstomo!

Lúcidos os comentários do catedrático paulista. Evidentemente, o espírito do bispo não se “santificou” nem o simpático João Crisóstomo, o qual continuava, mesmo depois de ter seu corpo enterrado, com o vício da embriaguez. Ensina a doutrina espírita, como bem sabem os eclesiásticos, que as almas após perderem seus invólucros carnis continuam com as mesmas tendências que aqui tinham: se foram viciadas continuam a ser; se foram possuidoras de virtudes, não as perderão. Esses espíritos, porém, tornarão a reencarnar, a fim de despojarem-se de suas más tendências. Lei da evolução, da qual nenhum ser vivo escapa. O bispo, pois, reencarnará como o bom João Crisóstomo, se é que já não estão por aqui com novas roupagens feitas de carne e osso.

A título de curiosidade narraremos outro caso de aparição; caso semelhante ao vivido pelo Monsenhor Francisco de Paula.

Em suas *Memórias do século IX*, conta Lord Meath que o famoso bispo de Wilberforce passara a residir em um velho castelo. Em certa noite estava a escrever na biblioteca, quando, subitamente, viu surgir diante de si um fantasma. Aterrorizado, perguntou-lhe quem era e o que desejava. O fantasma, então, respondeu que, quando vivo, havia sido capelão de uma antiga família que morara naquele castelo e que inúmeros livros que lhe pertenciam continuavam na biblioteca; intactos, não obstante diversas famílias

já tivessem habitado o castelo.

– Preciso examinar um desses livros.

E explicou a razão.

– É que, ao tempo em que eu morava aqui, certa tarde veio visitar-me uma mulher idosa e muito pobre, a qual cometeu um pecado mortal. Era este pecado tão grave, que eu não podia absolver a mulher no mesmo dia, de modo que anotei em um papel sua confissão, guardei-a dentro das páginas de um livro e pedi-lhe que voltasse no dia seguinte. Acontece, porém, que durante a noite vim a falecer de uma congestão, e, agora, tenho receio de que alguém descubra o segredo da confissão. Lembrei-me somente hoje disso e aqui estou para destruir o documento.

O bispo de Wilberforce perguntou onde encontrava-se o livro.

– Ali, naquela prateleira. Faça o favor de pegá-lo para mim. O bispo, então, mais calmo, ergueu-se, retirou da prateleira uma grande obra, abriu-a, pegou o velho papel e atirou-o ao fogo da lareira. O fantasma do capelão agradeceu e desvaneceu-se.

Já foi dito que eminentes figuras do catolicismo, como Orígenes e Santo Agostinho, defendiam a reencarnação. Outros foram mais longe: sustentavam que os espíritos dos mortos aparecem aos vivos. Santo Agostinho escreveu em sua obra *De cura pro mortuis*: “Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos, podem desvendar-lhes o futuro, cujo conhecimento adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por revelação divina”. Isto, escreveu Agostinho séculos antes de Kardec!

São Tomás de Aquino, por sua vez, em sua obra *Suma de teologia*, I, questão 89, assevera, por experiência própria, pois era médium vidente, que “O espírito (*anima separata*) pode aparecer aos vivos”. Sabe o leitor que o “demônio” é uma criação dos padres para evitar que seus fiéis conheçam a verdade e, assim, abandonem a igreja. Psicologia aplicada com muita inteligência, não se pode negar. Para seus fiéis, dizem os padres: “Nas sessões espíritas só se comunicam

demônios!"; mas, sabem que são espíritos humanos. "Credo quia absurdum no credere" (Creio porque seria absurdo não crer!).⁶⁰

59 Muitos fatos espíritas vividos por Silveira Bueno me foram por ele próprio narrados em casa de seu sobrinho, o crítico literário Homero Silveira; casos íntimos, ainda não divulgados pelos jornais, de modo que não lhes farei referência. A curiosidade dos leitores, porém, dar-se-á por satisfeita com os fatos acima transcritos. A mediunidade de Silveira Bueno parece ter-se manifestado quando não completara ainda oito anos, segundo Homero Silveira.

Com esta idade, certa vez, em Atibaia, o menino Silveira Bueno subiu pelo tronco de uma árvore, ajeitou-se e, lá em cima, cochilou. Quando sua família voltou do centro da cidade, onde assistira a um casamento, o menino confessou que também “vira” a cerimônia e deu detalhes, deixando os parentes boquiabertos.

60 Este sempre foi o pensamento de Tomás de Aquino, o qual, constantemente, via e ouvia espíritos familiares. Leia o leitor a *História das religiões*, de Charles Potter; há uma edição brasileira, da editora Universitária.

GUILHERME DE ALMEIDA E A “SENSAÇÃO DO JÁ VIVIDO” (O EXEMPLO DE LAMARTINE)

*...tive, súbita e nitidamente, não apenas a impressão, mas a
ciência perfeita de já ter vivido ali.*

Guilherme de Almeida

A MEDIUNIDADE OFERECE AO EXPERIMENTADOR VASTO campo para pesquisas. Seus aspectos são variados e hoje há grande quantidade de estudos exemplares assinados por cientistas de renome internacional. E obras didáticas que poderão ser úteis ao leitor curioso.

A mediunidade, que é a capacidade que todos os seres humanos possuem, em maior ou menor grau, de perceber o mundo espiritual, está assim classificada (em linhas gerais) pelos melhores autores:

Vidência: William Blake, grande poeta inglês, foi belo exemplo. Musset, também.

Audiência: Sócrates, Joana D’Arc e o poeta François Coppée, três exemplos vigorosos.

Intuição supranormal: Kant é um exemplo, sendo que o filósofo admite a intuição como “fator de conhecimento”.

Psicofonia ou incorporação: a forma de mediunidade mais comum.

Psicografia: Francisco Cândido Xavier, brasileiro, Fernando de Lacerda, português, dois célebres exemplos.⁶¹

Efeitos físicos: são bons exemplos Alcides Maya, Mirabelli e Alexandre Dumas.

Esses tipos de mediunidade, catalogados e estudados por Kardec, Geley, Bozzano e outros experimentadores se subdividem. Assim, na vidência, temos a “local”, isto é: o médium vê cores, luzes, formas, espíritos dentro do ambiente em que ele se encontra. Temos a vidência no “tempo”: o médium vê cenas representando fatos já ocorridos ou a ocorrer.⁶² E, por fim, a vidência no “espaço”: o médium vê cenas, quadros, ou símbolos em pontos longínquos do qual ele se encontra. É o caso de Apolônio de Tiana, autor do alfabeto apolônico, filósofo morto em Éfeso, em 97 da nossa era.⁶³

Na mediunidade de efeitos físicos, então, a multiplicidade de variantes é ainda maior: temos a levitação, o transporte, a tiptologia (muito empregada, aliás, por Victor Hugo), a materialização, a voz direta, a mediunidade curadora, da qual se serviram Balzac e Axel Munthe, este último médico e autor da célebre obra *O livro de San Michele* etc.

Como se nota, os tipos definidos de mediunidade, as variantes de cada tipo, cujos limites não são os mesmos para cada médium, propiciam um estudo experimental assaz delicado e onde não se pode usar um esquematismo rígido, mesmo porque em um só indivíduo, muitas vezes, se apresentam dois ou mais tipos de mediunidade que se entrelaçam, sendo difícil averiguar até que ponto uma influencia a outra. No campo da mediunidade sutilezas há que confundem o observador. Depois, há de considerar esta variante estranha: de súbito surge, em um indivíduo mesmo idoso ou em uma criança, a mediunidade para, dias depois, desaparecer, sem deixar resíduos... São estas variantes curiosas que mostram até que ponto torna-se difícil o esclarecimento total do mecanismo da mediunidade, visto em profundidade.

O caso vivido pelo poeta Guilherme de Almeida enquadra-se nas “reminiscências”, tema estudado por Gabriel Delanne em sua obra

Reencarnação (cap. IX).

É o próprio Guilherme de Almeida quem nos conta, através de um artigo, “Do já vivido”, publicado no *Diário de São Paulo*:

Estando na Europa, aconteceu-me um dia passar pela pequena e velha cidade de Z..., cujo nome eu até então ignorava, e cuja existência, para mim, nunca constou da geografia, nem de qualquer fotografia, desenho ou referência verbal ou escrita. Não sou um neuropata, nem há disso em meus ascendentes. No entanto, sem que eu estivesse sob qualquer excitação (alcoólica ou de não importa que natureza), quando o auto em que distraidamente viajava, em companhia de um amigo, estacionou, para reabastecimento de combustível numa praça acanhada, tive, súbita e nitidamente, não apenas a impressão, mas a ciência perfeita de já ter vivido ali. “Reconheci” (é bem o termo), detalhe por detalhe, todas aquelas casas antigas, todas aquelas ruelas com seus característicos muito locais, e movimentei-me pela cidade perfeitamente à vontade, sabendo onde e qual era a melhor estalagem para uma refeição: estabelecimento que datava, como vim a saber depois, dos fins do século 18, mantendo-se inalterado nas suas funções e feição.

Este, o curioso caso vivido por Guilherme de Almeida, que o deixou perplexo. Desconhecendo a doutrina dos espíritos, consultou a obra *Medicina e médicos*. Não satisfeito com as explicações que o livro dava, Guilherme de Almeida pergunta, ainda, em sua crônica: “Será que ao leigo, que eu sou, se pode a respeito permitir uma teoria? E, presunçosamente imaginando que sim, ousou referir-me à expressão ‘memória atávica’”.

Teoria simplista, cuja paternidade não pertence a Guilherme de Almeida e, sim, ao dr. Letourneau. Hipótese velha e desacreditada desde seu aparecimento conseguiu, mais tarde, ser ressuscitada pelo

dr. Chauvet para, em seguida, mais uma vez ser enterrada pelos próprios materialistas do século 19. Dizia Chauvet:

Suponhamos que um homem tenha visto uma paisagem ou uma cidade, e que, por umas tantas razões, geralmente afetivas, lhes haja conservado uma recordação poderosamente modelada; ele a poderia transmitir, em potência, a certos descendentes, que, ao nascer, a trariam envolta nas profundezas do inconsciente. Achando-se eles, um dia, em presença da paisagem ou da cidade, se lhes reviveria a lembrança ancestral, e surgiria a ilusão do já visto.

Embora tal teoria já estivesse fora de moda, Gabriel Delanne em seu livro citado a refuta com esta lógica de ferro:

Esta hipótese, que nada absolutamente justifica, é contrária ao que sabemos com respeito à hereditariedade. Nunca se verificou, diretamente, dos pais aos descendentes, a transmissão fisiológica de uma lembrança. É impossível supor que uma impressão mental, nitidamente definida, fique latente, através de várias gerações, em vista do renovamento incessante da matéria corporal; é, pois, inútil determo-nos por mais tempo nessa bizarra hipótese de todo inaceitável.

Ora, os casos de reminiscências de outras vidas não são tão raros como se pensa.⁶⁴ Lamartine, também, viveu um quando visitou o Oriente. Em seu livro *Viagem ao Oriente*, narra ele:

Eu não possuía, na Judeia, nem Bíblia nem roteiro à mão; ninguém

para me dizer o nome dos lugares e o nome antigo dos vales e montanhas; entretanto, reconheci imediatamente o vale de Terebintio e o campo de batalha de Saul! Quando fomos ao convento, os padres me confirmaram a exatidão das minhas previsões: os meus companheiros não podiam crer. Assim, também, em Séfora, eu havia apontado com o dedo e designado pelo nome uma colina dominada por um castelo em ruínas, como o lugar provável do nascimento da virgem. No dia seguinte, do pé de uma árida montanha, reconheci o túmulo dos macabeus, e o afirmava sem saber. Exceção feita dos vales do Líbano etc., quase nunca encontrei, na Judeia, um lugar ou uma coisa que não fossem para mim como que uma recordação. Teremos, pois, vivido duas ou mil vezes?

Acha Lamartine, portanto, que uma outra vida ele a passou na Judeia. Explicação mais racional que a do nosso querido Guilherme de Almeida. Aliás, é o próprio Guilherme de Almeida quem diz em sua crônica: “...tive, súbita e nitidamente, não apenas a impressão, mas a ciência perfeita de já ter vivido ali”. Ora, se o grande poeta teve a ciência perfeita de já ter vivido ali, para que iludir-se a si mesmo, criando teorias?

61 Fernando de Lacerda: famoso médium português. Foi modesto subinspetor da Polícia Administrativa de Lisboa. Na obra *Do país da luz*, em quatro volumes, estão reunidos trabalhos ditados pelos espíritos de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco etc., através da mediunidade de Lacerda. Apresentando-se em sessão plena da Academia de Ciências de Lisboa, em presença de seleta audiência, Fernando de Lacerda psicografou versos de João de Deus, artigos de Erasmo, Heine e de outras personalidades de cientistas e literatos. Isso ele o fazia conversando e sorrindo, enquanto sua mão direita escrevia sem parar. Não satisfeito, tomou de um livro, abriu-o e leu páginas inteiras, ao mesmo tempo em que sua pena corria pelo papel grafando comunicações do além-túmulo.

62 Pela psicometria foi que Lord Bulwer Lytton, ao que se diz, escreveu o romance *Últimos dias de Pompeia*, que se tornou célebre. Há quem não classifique a psicometria no campo da vidência propriamente dita. Mas, não se pode negar que certas mediunidades estão ligadas a outras, sendo difícil determinar os limites.

63 Na obra *Vida de Apolônio*, Filóstrato, seu contemporâneo, narra o seguinte caso: “Enquanto esse fato (o assassinato do imperador Domiciano) se passava em Roma, Apolônio via-o em Éfeso. Domiciano, o Tirano, foi assaltado por Clemente, cerca de meio-dia; pois, nesse mesmo dia, Apolônio dissertava nos jardins contíguos aos Xistos. De repente, como se houvesse sido empolgado por um medo súbito, a sua voz baixou um pouco. Prosseguiu no seu discurso, mas a sua linguagem não possuía já a energia habitual, como acontece com aqueles que falam, cismando em coisas alheias ao que estão a dizer. Depois, Apolônio calou-se como quem perdeu o fio do discurso, desceu para o chão os seus olhos assustados, e avançando três ou quatro passos, exclamou: ‘Mata o Tirano!’

“Disse-me o filósofo que ele não via a imagem do fato em um espelho, mas o próprio fato, em toda a sua realidade. Os éfesos (porque Éfeso inteira assistiu ao discurso de Apolônio) ficaram tomados de espanto. Apolônio suspende-se, semelhante a um homem que procura ver a origem dum acontecimento duvidoso. E, finalmente, clama: ‘Tende coragem, éfesos, o tirano foi morto hoje... Que digo, hoje? Por Minerva! Ele acaba de ser morto neste mesmo instante, durante estes momentos em que me interrompi’.

“Os assistentes creram que o filósofo perdera a razão: desejavam ardentemente que ele tivesse dito a verdade, mas temiam que algum perigo resultasse para eles desse discurso. Bem depressa, porém, chegavam mensageiros que lhes vinham anunciar a boa-nova, testemunhando assim a visão de Apolônio” etc.

Este belo caso vivido há quase dois mil anos também pode ser explicado pelo “desdobramento”; mas, não pode ser dissociado da vidência em si, por isso aqui o registramos.

A diferença entre as visões de Olavo Bilac e Apolônio está no fator tempo; enquanto a de Bilac só se concretizou dias depois, a do filósofo foi simultânea com a ação.

64 O célebre romancista Walter Scott, em 17 de fevereiro de 1828, relata em seu diário uma experiência semelhante: “durante o jantar experimentei a estranha sensação do que poderia chamar o sentido da preexistência – uma ideia confusa de que nada do que se passava estava sendo dito pela primeira vez, de que alguns tópicos haviam sido discutidos e de que aquelas mesmas pessoas haviam declarado aquelas mesmas opiniões, sobre aqueles mesmos assuntos”.

DEPOIMENTO DE PAULO DANTAS

Eu sigo a sabedoria dos profetas desde a outra encarnação.

Quem lê, que procure entender.

Paulo Dantas

DOS FATORES QUE TROUXERAM O laureado romancista Paulo Dantas ao estudo da doutrina espírita, quer parecer-me que o mais decisivo foi uma carta de Monteiro Lobato, na qual o autor de *Urupês* fazia-lhe a apologia do espiritismo como doutrina fundamental à compreensão dos “porquês” da vida. Nesse tempo, muito enfermo vivia Paulo Dantas na cidade de Campos do Jordão. Monteiro Lobato, em São Paulo, era de há muito espírita. A correspondência de alto teor humano entre ambos deu seus frutos e Paulo Dantas veio a tornar-se espírita. Eis aí a gênese da conversão sua, sem as peripécias contundentes do nosso Cornélio Pires ou Alcides Maya.

Ao pedir-lhe um depoimento para esta obra, Paulo Dantas lembrou-se de uma sua conferência dada na Biblioteca Municipal, de São Paulo, sob os auspícios do Clube dos Jornalistas Espíritas, em 1953, e a colocou à minha disposição. Vejamos os trechos mais significativos:

O Infinito possui a sua realidade profunda, e é de lá que vem para o artista o dom de sua inspiração. O mundo da arte aceita bem este

mistério e esta transfiguração, aí nascendo, então, todas as criações artísticas. Dostoiévski, um demiurgo dessa realidade profunda, ser atormentado, ultrasensitivo, desgraçadíssimo, porque irremediavelmente era um apóstolo do mundo invisível, num esboço original da forma primitiva do seu imenso romance, *Os irmãos Karamazov*, patenteou sua crença no Infinito ao afirmar: “As raízes dos nossos pensamentos e sentimentos não estão aqui, mas noutros mundos”.

Ainda mais diz Paulo Dantas acerca da inspiração artística:

E o mistério se fazendo palavra procura vir habitar entre nós, pois, como já disse, ser romancista é ser verbo, é ser reencarnação. O romancista é o homem desdobrado, permanentemente intenso consigo mesmo, captando mundos e mistérios, fazendo concorrência ao registro civil e a Deus, com o qual se assemelha pelo seu dom de criação. Balzac e Mauriac, dois grandes mestres do ofício, são simultaneamente o pai dessas definições. Da consciência noturna da vida – região bem profunda – é que nascem os maiores romances da humanidade, muitos dos quais, a meu ver, foram mediunicamente gerados através dos sonhos dos seus criadores, porque somente nesse purgatório dos sonhos é que podemos explicar certas personagens de natureza misteriosa, como esses Karamazov de Dostoiévski ou tantos outros mais dos demais grandes romancistas do mundo.

Para o escritor Paulo Dantas, pois, é a mediunidade a fonte da inspiração artística. Objetivando seu ponto de vista, cita o exemplo de Dostoiévski:

Se existe um romancista, que pela sua estranha humanidade

recriada nos faz lembrar certas atuações mediúnicas, este é o enorme Dostoiévski, aqui já tantas vezes citado. Aliás, este conceito de Dostoiévski como “médium” já foi bem definido através destas palavras de Stefan Zweig: “Seu diagnóstico vem da febre do fenômeno até a sua causa misteriosa. Há nele qualquer coisa de ‘médium’, de mágico, de sugestionador, rasgando o cerne da vida para se fortalecer com a sua seiva reconfortante”.

E, mais adiante:

Tem a intuição mística de tudo.

Conheço diversas interpretações católicas de Dostoiévski, mas ainda não ouvi falar, por exemplo, de uma interpretação espírita de Dostoiévski. Há, em verdade, na sua esquisita obra, muitos passos que poderíamos classificar de mediúnicos, tal a misteriosa força que deles jorra. Quando Dostoiévski faz os seus personagens delirarem – aliás eles vivem num permanente delírio – é que, particularmente, sentimos no romancista esse dom da mediunidade. Eles deliram, falam sozinhos, profetizam. São autênticos “atuados” que se desabafam num dia onde não sentimos a claridade física do sol, ou, então, numa noite onde não podemos nunca alcançar a sua profundidade ou escuridão, pois estranha luz banha o tempo nos romances de Dostoiévski. O trecho seguinte, bem demonstrativo do espírito de Dostoiévski, foi extraído do segundo volume dos *Irmãos Karamazov*:

“Muitas coisas deste mundo nos são dissimuladas, mas em compensação Deus nos concedeu a misteriosa sensação do laço vivo que nos une ao outro mundo, o mundo celeste, superior; e, aliás, as próprias raízes dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos não estão em nós, porém em outra parte. E é por isso que os filósofos dizem que não se pode conhecer na terra a essência das coisas. Deus tomou sementes que pertenciam a outros mundos, semeou-as nesta terra e cultivou o seu jardim. O que podia germinar cresceu, mas

tudo que se pôde desenvolver não viveu senão graças ao sentimento do seu contato com outros mundos misteriosos; se esse sentimento enfraquece ou desaparece da tua alma, tudo o que floresceu dentro de ti morrerá.”

Comenta Paulo Dantas:

Quem, sábia e profundamente, assim nos fala é o *staretz* Zossima, um dos personagens dostoiévskianos mais redentores, através de Alioscha Karamazov, aquele que em meio do crime, da luxúria e do pecado, luta para se conservar “iluminado”, isto é, num estado receptivo para as boas mensagens do Alto. Uma imaginação humana, por mais genial que fosse, não poderia conceber tais quadros ou apreender tais pensamentos, ainda mais quando sabemos que não era vasta a cultura metafísica de Dostoiévski, que, embora poderosa, não nasceu de leituras, mas sim de “estranhas raízes” de outros mundos, lá onde não pode chegar a nossa vã sabedoria. Suas intuições são de um iluminado febril, de um possuído. Sim, porque na literatura existem esses estados que bem podemos chamar de “instantes de iluminação”, onde comumente as imagens mais poderosas nos ocorrem. Nenhum escritor realmente sincero poderá negar a existência desses estados na sua obra literária, porque isto fazer é negar a sua própria obra, tal a íntima estrutura que esses estados guardam com o íntimo mistério da sua realização. Os grandes escritores do mundo, quer no romance, como Balzac, Tolstói; quer no conto, como Katherine Mansfield, Poe; na poesia, como Rilke, Fernando Pessoa, o poeta português que trazia e confessava carregar muitos dentro dele, daí a diversidade dos seus heterônimos usados; no teatro, como Shakespeare, Eugênio O’Neil; na filosofia, como Santo Agostinho e Pietro Ubaldi, confessam a existência desses estados inspiratórios captados no Além. O grande teatrólogo moderno, Eugênio O’Neil, Prêmio Nobel, em análises profundas, chama-nos a atenção para o seguinte ponto: “A maioria das peças

modernas se refere às relações de homem para homem, porém isso não me interessa absolutamente. Estou interessado apenas nas relações entre o homem e Deus”.

E numa carta para um amigo:

Cumpra ao dramaturgo, hoje em dia, cavar até às raízes do mal moderno tal como o sente – a morte do antigo Deus e o fracasso da ciência e do materialismo em apresentar um outro Deus que satisfaça ao primitivo instinto religioso sobrevivente, a fim de que nele o homem encontre um sentido para a vida, com o qual se conforte dos temores da morte. Qualquer pessoa que atualmente tente realizar uma grande obra, parece-me, deve ter este magno assunto por detrás de todos os pequenos assuntos de suas peças e novelas, ou estará simplesmente arranhando a superfície das coisas, não pertencendo senão à categoria dum proporcionador de divertimentos de salão.

Há na literatura, pois, um alto sentido de missão, de esclarecimento, de mensagem, ao qual o escritor de nossos dias, pertença ele a qualquer religião ou facção política, não deve se recusar de servir.

Não é sem razão que Paulo Dantas escreveu: “Eu sigo a sabedoria dos profetas desde a outra encarnação. Quem lê, que procure entender”.

JORGE MEDAUAR E O FANTASMA DE AMADEU AMARAL

*O espírito falou por mais de uma hora. E suas palavras
vinham se aninhar em meu coração.*

Jorge Medauar

JORGE MEDAUAR LANÇOU-SE NA LITERATURA em 1945 com o livro de poemas *Chuva sobre a tua semente*. Depois, vieram vindo: *Morada de paz*; *Prelúdios*, *Noturnos e tema de amor*; *À estrela e aos bichos*; *Fluxograma* e *Jogo chinês* – todos de alto nível poético. Medauar também enveredou pelo conto. Detentor dos prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; Anacleto Alves (o maior prêmio da Bahia); Jornal do Comércio (do Rio); e Governador do Estado de São Paulo, trabalhos seus estão incluídos em antologias lançadas na África (Angola), Alemanha, Síria, Israel e Checoslováquia.

Toda essa obra, porém, Jorge Medauar deve ao espiritismo. Mas, deixemos que ele próprio relate sua experiência mediúnica através do depoimento que nos deu, dividido em seis itens, e que traz o seguinte adendo: “Este é apenas um breve e resumido relato da sessão espírita, que está registrada em ata, com dia, mês e ano, e que se encontra à disposição com o sr. Luso Ventura, diretor do *Diário do Povo*, de Campinas, ou com a sua irmã Carmem Ventura”. Mas, é óbvio, não há necessidade de divulgarmos a ata; basta o

depoimento assinado por Medauar.

1 – Ordenar os fatos é difícil, quando vêm tumultuados. Sei que eu estava perturbado, sem compreender a vida, os homens e o mundo. Era mais jovem e não sabia que rumo tomar. Já estava mais ou menos desencantado com religiões – pelo menos fazia perguntas diante de certas contradições e não encontrava respostas satisfatórias. A filosofia clássica, se por um lado me abria perspectivas para a inteligência, por outro não me dava o caminho certo a seguir. Fui entrando numa espécie de túnel, nessa idade atribulada em que o entusiasmo pela vida dura apenas alguns instantes. Cheio de altos e baixos, nem sequer me firmava na literatura, como salvação. Estava afinal perdido, dentro de um mundo que não me parecia lógico. Restava-me apenas, como solução, a morte.

2 – Decidi suicidar-me. E andei para o suicídio, quando, uma tarde, procurei o outeiro do Cambuci para de lá atirar-me despenhadeiro abaixo. Ainda tentei entrar na igreja, cujas portas estavam abertas. De lá vinha saindo um padre. Quis procurá-lo, mas fui desencorajado por mim mesmo. Antes, já havia feito inúmeras confissões, quase todas mais ou menos mentirosas. De que me adiantaria agora socorrer-me de um padre? Deixei-o passar. Talvez pudesse ser minha tábua de salvação. Mas continuei andando para o suicídio. Decidido.

3 – Cheguei a encostar-me ao muro alto, de onde via as primeiras luzes acendendo-se. Mentalmente comecei a despedir-me de minha mãe, de meu pai, de meus irmãos. Dali me atiraria para desvendar (quem sabe?) o mistério que me atordoava. De repente, antes do gesto extremo, senti como que alguém ao meu lado. Era uma força estranha. Pareceu-me alguém com as pontas dos dedos em meu ombro. Mas, na verdade, ali não havia ninguém – apenas eu e o precipício, com a cumplicidade da noite que se avizinhava.

4 – Quando novamente pus reparo em mim mesmo, estava bem distanciado do muro alto de cimento, de onde saltaria para a morte. E meus passos me levaram de volta para a rua. Nesse tempo, eu estava no Liceu Siqueira Campos. E resolvi dali mesmo entrar na escola, esquecer o impulso suicida, continuar a estudar. Mas, antes de chegar ao colégio, encontrei-me com o poeta e jornalista Luso

Ventura. Era meu amigo. Trabalhávamos juntos no Banco Holandês Unido. Luso vinha ao meu encontro. Trazia um livro debaixo do braço. Disse-me que vinha pensando em mim. Devia ser quarta ou sexta-feira. Era dia de sessão em sua casa. Eu o sabia espírita. Convidou-me. Não me custava nada ir. Fui. Ainda sentindo, remotamente embora, vontade de suicidar-me.

5 – Eu conhecia todos os seus irmãos, inclusive seu pai, que era um homem resoluto e cheio de leituras. Sua irmã era médium. Seu irmão Nelson também. Eu sabia até onde ia a força cultural de sua irmã. Logo após a minha chegada, serviram café. Com mais um pouco, o velho convidou-nos a tomar assento na mesa. Eu era o único estranho entre a família, que fazia sessões regulares. Nelson ou Carmem, às vezes Ulisses, anotavam os lances da sessão. O velho principiou a reunião, estabelecendo a “corrente”.

6 – Confesso que ali estava mais ou menos como espectador. E, devo dizer, com espírito prevenido. Imediatamente à abertura dos trabalhos, a irmã de Luso Ventura (eu lhe conhecia os recursos verbais e a sua força cultural, devo repetir) abriu a boca e, de olhos fechados, ao meu lado, começou a se dirigir ao pai, que comandava a sessão. Informou que era a primeira vez que tomava parte naqueles trabalhos – sua voz já era outra. E me pareceu estar ouvindo outra pessoa – serena, tranquila, de expressão fácil e límpida. Falava com clareza. Embora dirigindo-se ao pai – estava em sua frente –, comecei a sentir, desde a sua primeira frase, que aquela exposição era endereçada a mim.

7 – A médium mencionou o drama da juventude. As perguntas insistentes em torno de problemas que pareciam não ter solução. Disse que tudo isso fazia parte de um processo, e que a pior solução, “nesses campos”, seria a morte. O homem não tem o direito de tirar a vida que lhe é confiada para que, com ela, seja cumprida uma missão terrena.

8 – O espírito falou por mais de uma hora. E suas palavras vinham se aninhar em meu coração. Devo adiantar que eu não havia revelado a ninguém o que ainda há pouco se passara comigo. Finalmente, o espírito fez as suas despedidas e a sua revelação. Viera atraído por alguém que era muito jovem – esclareceu. Alguém que

pela primeira vez participava de uma sessão e que ainda há pouco sofria por descrever da vida. Fez as suas despedidas e, no seu último instante entre nós, identificou-se:

– Sou Amadeu Amaral.

Nessa época, eu sabia quase de cor a maioria de seus poemas.

Desde então, meu amigo Jorge Medauar tornou-se espírita.

ANTÔNIO OLAVO PEREIRA E A MATERIALIZAÇÃO DE PINDAMONHANGABA

Voltou o médium à sua poltrona e imediatamente foi atuado

por um espírito...

Antônio Olavo Pereira

A POSIÇÃO DO ESCRITOR ANTÔNIO OLAVO Pereira (irmão do editor José Olympio) perante o espiritismo era conhecida de todos quantos frequentavam a filial paulista da Editora José Olympio, de que foi um dos diretores. Escritores, poetas ou jornalistas, a todos seus amigos o laureado romancista jamais escondeu o entusiasmo pela fenomenologia espírita, que observava desde ao tempo em que residia na cidade de Tremembé, no Vale do Paraíba.

Seu depoimento foi escrito em julho de 1946; nós o extraímos da obra *Trabalhos post-mortem do padre Zabeu*, de Urbano Pereira, ex-catedrático de física do Colégio Estadual de Taubaté. Convidado por Urbano a assistir aos trabalhos de materialização que se realizavam em Pindamonhangaba, foi Antônio Olavo Pereira e, numa das sessões, pôde observar uma interessante prova a que se submeteu o espírito do Padre Zabeu, a pedido de um médico paulista. Seu depoimento é a reprodução do que foi essa experiência.

Vejamos seu relato:

Espírito sequioso de experimentações sempre renovadas em sua busca da Verdade, o Dr. Édson do Amaral, sabedor da demonstração acima descrita, a que não estivera presente, formulou ao Padre Zaqueu um repto no propósito de desmascará-lo. Submetê-lo-ia a uma prova decisiva, como o mais incrédulo e irredutível que era dentre os observadores que vinham formando o seu auditório. Obtida a aquiescência do desafiado, preparou o Dr. Édson os elementos do teste, sem o conhecimento do grupo.

A 20 de julho de 1946 convocaram-se dez assistentes – sete já familiarizados com aqueles trabalhos e três que pela primeira vez os assistiam.

Às vinte horas dirigiu-se o grupo ao salão de provas, cujas janelas se achavam fechadas e protegidas por estores escuros. O Dr. Édson do Amaral trazia à mão uma valise cujo conteúdo era por todos ignorado.

A porta da entrada foi fechada a chave pelo presidente do Centro. Viam-se duas alas de cadeiras separadas por uma passagem central onde foram armados os tripés de duas máquinas fotográficas. Dispuseram-se os assistentes na primeira fila, à esquerda e à direita da passagem. À sua frente, a cerca de quatro metros, o médium tomara lugar numa poltrona ao lado do móvel que sustinha uma vitrola portátil e junto de uma cabine de sarrafos, independente da parede dos fundos. Ao lado da vitrola, uma mesinha com duas cornetas fosforescentes. Nada mais se notava no recinto.

A chave das algemas que se veem na fotografia ligando os pulsos do médium foi confiada a um dos estranhos ao grupo experimentalista. Apagadas as luzes, o diretor dos trabalhos, Sr. Arnaldo Amadeu, formulou as preces habituais. Seguiu-se o ruído peculiar ao ato de dar corda à vitrola, ouvindo-se instantes depois as primeiras notas da Ave-Maria. E partindo de um ponto que dava a impressão de localizar-se sobre a vitrola, a voz do Padre Zabeu saudou a todos com débil “boa-noite”. Indagou dos presentes, individualmente, à exceção de três ou quatro, como iam passando, tratou de dois casos de saúde, relacionados a dois dos circunstantes e motivos de consulta prévia, para finalmente dirigir-se ao Dr. Édson, em tom de galhofa, como que traindo ingênua curiosidade em torno

do conteúdo da valise. Inquirido a respeito, respondeu o Dr. Édson tratar-se de uma chapa de raios X, que desejava submeter à apreciação do padre Zabeu. Estava formulado o teste.

Todavia, a resposta inicial do Padre Zabeu foi de irônico e bem humorado riso. Voltando-se para um dos observadores a quem estava afeta a parte do controle fotográfico, dirigiu-lhe o seguinte comentário: “Chapa de raios X, hein, R.?” E, prosseguindo, sempre, em tom de bom humor: “Você já viu um tiro sair pela culatra, R.? Já viu alguém matar um coelho com duas cajadadas?” E riu-se alegremente. Voltando-se de novo para o Dr. Édson, disse-lhe o padre Zabeu: “Traga-me sua chapa de raios X, Édson. Você verá o que farei com ela”. E de pronto uma das cornetas fosforescentes, que em pleno escuro podiam ser localizadas sobre a mesinha ao lado da vitrola, levitou à altura de três metros e aproximou-se do ponto onde se achava sentado o Dr. Édson. Este se levantou, deu alguns passos em direção à corneta que o orientava qual lanterna de indicador de cinema, depôs no ar o disco tomado por uma força invisível e voltou ao seu lugar, enquanto a corneta se afastava e o ruído característico de um disco esfregado no piso de ladrilhos era ouvido por todos. Chegou-se, pois, facilmente, à conclusão de que a chapa de raios X do Dr. Édson era uma gravação comum. Falhada em desfavor do desafiante a primeira parte do teste, dirigiu-lhe o padre Zabeu algumas palavras de admoestação, em tom amigo mas sério. Disse-lhe em síntese que insistia em comparecer àquelas reuniões com espírito zombeteiro e que seria a última oportunidade que lhe oferecia de firmar um juízo definitivo sobre os fenômenos metapsíquicos. Respondeu o Dr. Édson, traindo forte emoção, que não o movia nenhum propósito de menosprezo àqueles trabalhos, mas simplesmente o desejo de obter sempre novas e diferentes provas, no seu afã investigador. Instantes depois anunciava o Padre Zabeu, em voz sempre fraca mas clara e nítida, que ia recorrer aos colaboradores do espaço na preparação de uma surpresa ao Dr. Édson. Pequena pausa se fez então, durante a qual se ouviu novamente o ruído da manivela da vitrola, enquanto soavam no recinto as notas de novo disco. Antes de findar-se a gravação ouviu-se a voz do Padre Zabeu advertir os fotógrafos de que era chegado o

momento de serem batidas as chapas. Ao clarão das *foto-flash* distinguiram todos o médium na posição fixada pela câmara, observando-se que cada qual continuava em seu posto como no início da sessão. Em seguida, nova levitação da corneta, acompanhada das seguintes palavras dirigidas ao Dr. Édson: “Aqui está a sua chapa, Édson”. Este apanhou o disco que sob a corneta lhe era depositado na mão, sentou-se, examinou-o pelo tato. Havia sido enrolado num plano só, em duplo sentido longitudinal. Passou-o o Dr. Édson aos assistentes colocados ao seu lado, ao mesmo tempo em que a corneta era deposta suavemente sobre as pernas de um dos observadores. Padre Zabeu pronunciou algumas palavras finais e a sessão foi encerrada. Acenderam-se as luzes, o médium voltou ao estado consciente e foi desalgemado, verificando-se na ocasião fortes vincos em seus pulsos. Pôs-se então o Dr. Édson a procurar no disco a marca que o identificava e que segundo revelou aos presentes havia sido feita a fogo sob o dístico. Reconheceu-o, menos pelo sinal especial, do que pelos ordinários, como sejam numeração, títulos etc., todos previamente anotados. O disco passou pelas mãos de todos os observadores, até que, não satisfeito com os elementos identificadores controlados, procurou o Dr. Édson destorcer uma das curvas, partindo-o, em consequência, ao meio, e afirmando haver encontrado apenas em parte o sinal. Lamentou, então, o presidente do Centro Sr. Mário Amadei, que prova de tal valia ficasse de certo modo inutilizada, sugerindo em seguida um dos observadores que se fizesse nova concentração, para saber-se da possibilidade de reparação do disco. Voltou o médium à sua poltrona e imediatamente foi atuado por um espírito que declarou ser possível consertá-lo, desde que não se perdesse mais tempo em discussões. Algemou-se o médium, cada qual voltou ao seu lugar, apagaram-se as luzes. O disco foi novamente tomado das mãos do Dr. Édson pela força invisível que sustinha a corneta, e minutos depois a voz do Padre Zabeu deu por definitivamente encerrada a sessão, despedindo-se e anunciando que outra entidade presente, o Dr. Luís Gomes do Amaral, dirigir-se-ia a todos por incorporação. Ouviu-se, efetivamente, em seguida, partindo do próprio médium, possante voz em exortação espiritual, finda a qual lançou ao dr. Édson severa reprimenda pela sua

incurável persistência negativista daqueles fenômenos. Despediu-se e as luzes foram acesas. Ainda surpresos com o inopinado da cena, descobriram os experimentadores o disco do Dr. Édson sobre o tapete, a alguns passos além do ponto em que estiveram sentados. Restaurado, desenrolado, perfeito, como se acabasse de sair da estante de uma casa de música. Examinou-o com atenção o Dr. Édson, encontrando-lhe todos os sinais identificadores. Posto na vitrola, foi tocado com perfeição.

Lavrou o Dr. Édson do Amaral ata do próprio punho, relatando os acontecimentos conforme vão aqui reproduzidos de que o disco enrolado, depois partido e ulteriormente posto em condições de ser tocado, era o mesmo conduzido por ele à sessão na valise com que penetrara no auditório.

FENÔMENOS COM GUIMARÃES ROSA

Tudo isto é verdade. Dobremos de silêncio.

Guimarães Rosa

GUIMARÃES ROSA, AUTOR DE *Grande sertão: veredas* e outras obras também lançadas nos Estados Unidos e países europeus, surpreendeu seus leitores ao confessar pelas colunas do jornal *O Estado de Minas* (edição de 26 de novembro de 1967) que as histórias de seus livros lhe chegavam por via supranormal. E mais: que era dado a outros fenômenos, tais como o sonho premonitório e a telepatia. Mas, deixemos que ele próprio relate:

Tenho de segredar que – embora por formação ou índole oponha escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica – minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda a sorte de avisos e pressentimentos. Dadas vezes, a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias.

No plano da arte e criação – já de si em boa parte subliminar ou supraconsciente, entremeando-se nos bojos do mistério e equivalente às vezes quase à reza – decerto se propõem mais essas manifestações. Talvez seja correto eu confessar como tem sido que as estórias que apanho diferem entre si no modo de surgir. À Buriti (*Noites do*

sertão), por exemplo, quase inteira, “assisti”, em 1948, num sonho duas noites repetido. Conversa de Bois (*Sagarana*), recebi-a, em amanhecer de sábado, substituindo-se a penosa versão diversa, apenas também sobre viagem de carro-de-bois e que eu considerara como definitiva ao ir dormir na sexta. A Terceira Margem do Rio (*Primeiras estórias*) veio-me, na rua, em inspiração pronta e brusca, tão “de fora”, que instintivamente levantei as mãos para “pegá-la”, como se fosse uma bola vindo ao gol e eu o goleiro. Campo Geral (*Manuelzão e Miguilim*) foi caindo já feita no papel, quando eu brincava com a máquina, por preguiça e receio de começar de fato um conto, para o qual só soubesse um menino morador à borda da mata e duas ou três caçadas de tamanduás e tatus; entretanto, logo me moveu e apertou, e, chegada ao fim, espantou-me a simetria e ligação de suas partes. O tema de O Recado do Morro (*No Urubuquaquá, no Pinhém*) se formou aos poucos, em 1950, no estrangeiro, avançando somente quando a saudade me obrigava, talvez também sob razoável ação do vinho ou do conhaque. Quanto ao *Grande Sertão: Veredas*, forte coisa e comprida demais seria tentar fazer crer como foi ditado, sustentado e protegido – por forças ou correntes muito estranhas.

Aqui, porém, o caso é um romance, que faz anos comecei e interrompi. (Seu título: *A Fazedora de Velas*.) Decorreria, em fins do século passado, em antiga cidade de Minas Gerais, e para ele fora já ajuntada e meditada à massa de elementos. O teor curtido na ideia, riscado o enredo em gráfico. Ia ter, principalmente, cenário interno, num sobrado, do qual – inventado fazendo realidade – cheguei a conhecer todo canto e palmo. Contava-se na primeira pessoa, por um solitário, sofrido, vivido, ensinado.

Mas foi acontecendo que a exposição se aprofundasse, triste, contra meu entusiasmo. A personagem, ainda enferma, falava de sua doença grave. Inconjurável, quase cósmica, ia-se essa tristeza passando para mim, me permeava. Tirei-me, de sério medo. Larguei essa ficção de lado.

O que do livro havia, e o que a ele se referia, trouxe-se em gaveta. Mas as coisas impalpáveis andavam já em movimento.

Daí a meses, ano-e-meio, ano – adoeci; e a doença imitava, ponto

por ponto, a do Narrador! Então? Más coincidências destas calam-se com cuidado, em claro não se comentam.

Outro tempo após, tive de ir, por acaso, a uma casa – onde a sala seria, sem toque ou retoque, a do romanceado sobrado, que da imaginação eu tirara e decorara, visualizado frequentando-o por ofício. Sei quais foram, céus, meu choque e susto. Tudo isto é verdade. Dobremos de silêncio.

A vida de Guimarães Rosa esteve sempre envolvida por uma névoa mediúnica. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1963, adiou inúmeras vezes o dia de posse, pois tinha o forte pressentimento de que em seguida desencarnaria. Eis o que conta o historiador Afonso Arinos de Melo Franco:

Entre os seus íntimos, corria que ele receava morrer quando se empossasse. Morrer em plena sessão da Academia como sucedera a Roberto Simonsen. Diziam também que, dado às ciências ocultas, cabalas e secretas maquinações, ele esperava a conjunção de órbitas astrais favoráveis, acordo benigno de certas datas, dias e meses, a fim de decidir. Eu não acreditava em nada disso, mas achava estranha e incompreensível, mesmo, a importância que Rosa atribuía a uma cerimônia de posse da Academia. Os meses foram correndo. Às vezes ele adiava, porque a fase do ano era de calor e o fardão era insuportável em noite quente.

E mais ainda:

Certa vez, falando-me ele do assunto na Academia, perguntei-lhe por que não tomava posse em sessão ordinária, uma vez que não havia proibição estatutária para tal. Estariam presentes apenas os acadêmicos na sala do primeiro andar, os discursos seriam publicados depois. Rosa não concordou. (...)

Na noite de 16 (data da posse), com o salão repleto, apesar da forte chuva que caía na cidade, leu o discurso com perfeita dicção, voz

pausada, ritmo perfeitamente certo. Tinha ensaiado perfeitamente. Mas, no fecho, quando leu aquelas últimas, admiráveis e misteriosas linhas sobre a morte, perdeu quase o fôlego. Sentia-se que chorava por dentro. Mas chorava o quê? Chorava a morte do amigo que passara havia muito, ou a própria que sentia chegar em pouco? Quem sabe? “O mundo é mágico”, como ele disse no fim.

Guimarães Rosa chorava, fatalmente, sua própria morte. Tomou posse na Academia Brasileira de Letras no dia 16 de novembro do 1967 e, três dias depois, veio a desencarnar, conforme previra!

CASOS PARALELOS

Certa noite, acordei a horas mortas, perdi de todo o sono e na vigília todos os fatos da Retirada se me reproduziram...

Visconde de Taunay

VISCONDE DE TAUNAY E A NOITE MEDIÚNICA

Muitos escritores sem notar sofrem a ação dos espíritos. Outros, durante o ato da criação literária, quase entram em transe mediúnico; é o caso do visconde de Taunay, que, à noite, ao iniciar a redação de *A Retirada da Laguna* (ele escreveu-o em menos de 30 dias!) sentiu “violentos calafrios” e experimentou “arrepios e o pavor da morte”, segundo suas próprias palavras.

Em suas *Memórias* encontramos na primeira edição, feita em 1960 pela Biblioteca do Exército, à página 303, a seguinte confissão:

Mal lhe contara todas aquelas peripécias tão pungentes e dramáticas, instara para que, aproveitando a memória fresca dos fatos, os fixasse no papel, mas fui adiando o cumprimento formal da promessa que lhe fizera.

Logo de chegada ao Rio de Janeiro, resumi tudo num artigo que o senador Pompeu, interpellando o governo sobre os fatos de Mato Grosso, achou digno da pena de um Plutarco. Daquilo, porém, ao livro que devia ser escrito, havia um mundo.

E eu me sentia com tão pouca disposição, presa da preguiça

brasileira, que inutiliza tantas belas inteligências, da nossa mocidade e dos nossos mais ilustres homens, rebeldes ao uso da pena. Não era, contudo, falta do meu pai causticar-me deveras: “Perdes, Alfredo, maravilhoso ensejo para que te cubras de glória”.

Ou, então, apelando para outra ordem de ideias igualmente elevadas e sugestivas: “Foges ao dever, meu filho, e ao que debes aos teus camaradas mortos ou de quem jamais falará alguém”.

Afinal, um belo dia, resolvi encetar o trabalho tantas vezes adiado, e sentei-me diante de tiras de papel cortado, resolvido firmemente a enchê-las.

Aí, porém, reconheci grandes lacunas nas reminiscências. Os sucessos não se me apresentavam claros no desenrolar cronológico, confundiam-se as datas, os dias e até os meses. De fatos capitais até, e indispensáveis à narração, não tinha senão lembrança vaga e mal esboçada, flutuando tudo numa indecisão, que logo me tirou o desejo de continuar, tão falto de elementos para fazer coisa que prestasse.

Escrevi a custo duas ou três tiras e parei, desanimado, disposto a concretizar tudo quanto possível e a publicar simples brochura de poucas páginas.

Estava, porém, triste, aborrecido comigo mesmo, dando razão inteira a meu pai, e assim andei preocupado não poucos dias.

Certa noite, acordei, a horas mortas, perdi de todo o sono e na vigília todos os fatos da Retirada se me reproduziram, de modo tão claro e tão terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo.

Não perdi, porém, o momento de súbita inspiração. Acendi a vela, saltei da cama e durante mais de duas horas seguidas tomei febrilmente notas de toda a minha tétrica história.

E houve trechos em que experimentei os arrepios e o pavor da morte a rememorar por modo tão vivo e inesperado as cenas e os horrores que presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança.

Dentro daquela semana prontifiquei as duas primeiras partes, que meu pai levou logo a S. Cristóvão para que o Imperador as lesse.

E o sincero interesse que Sua Majestade mostrou e as observações que transmitiu demonstrando não lhe ter escapado coisa alguma,

muito concorreram para que me desse pressa em concluir o cometimento encetado, no que era estimulado pelas contínuas exortações de meu pai.

Creio que escrevi a Retirada da Laguna em vinte e poucos dias. Tinha então de vinte e quatro para vinte e cinco anos.

Quando Marques da Cruz chegou de Mato Grosso e, prestes a partir para a guerra, no Paraguai, levei-lhe o manuscrito da Retirada da Laguna. Leu-o com muita atenção e observou: “Como é, Taunay, que você se lembrou tão exatamente de tanta coisa, de tão numerosos incidentes?”

Perguntei-lhe se havia achado exageração no que contara, receoso como me sentira de ser hiperbólico na narração dos nossos sofrimentos.

– Não há tal, replicou-me com vivacidade, em muitos pontos pareceu-me até que você diluiu demais as cores.

E acrescentou:

– Enfim, não foi de balde que tanto padecemos; aí fica o que está escrito para atestá-lo, talvez para sempre!

E, uma vez no Paraguai, João Batista Marques da Cruz por diversas ocasiões se referiu por cartas ao meu trabalho, instando pela imediata publicação. Mandou-me até, de Curupaiti, a contraprova mais brilhante e incontroversa da veracidade da minha narrativa, o número do Semanário, publicado em Assunção, a 13 de julho de 1867, em que os paraguaios contavam as peripécias da marcha da nossa coluna, desde o Apa-Mi até à margem esquerda do rio Aquidauana. Anexei-o como a mais preciosa peça justificativa ou documento comprobatório de tudo quanto havíamos sofrido e superado.

A POETISA FRANCISCA JÚLIA E O ESPIRITISMO

Desde que passou a publicar na imprensa de São Paulo e Rio

entre 1891 e 1895 os primeiros poemas e sonetos, Francisca Júlia foi considerada por Artur Azevedo, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, João Ribeiro, Araripe Júnior, Lúcio de Mendonça, Batista Cepelos, Leal de Sousa, Garcia Redondo, Coelho Neto, Vicente de Carvalho e outros autores “um dos maiores poetas do Brasil” – tinha Francisca Júlia, então, menos de vinte anos de idade.

O autor deste livro confessa que é com emoção que traz para estas páginas o nome de Francisca Júlia. Por dois motivos: primeiro, porque a excelsa poetisa foi espírita e jamais negou sua convicção, publicamente; depois, por haver tido uma vida pautada dentro dos princípios da mais elevada moral, de acordo com o testemunho de quantos a conheceram de perto. E, diga-se de passagem, foi uma mulher bela.

Em 1908, já célebre, fez sua primeira conferência. Local: salão da Câmara Municipal de Itu. Ao contrário do que era justo esperar-se, o tema não foi a poesia nem a literatura em seu sentido mais amplo. Mulher culta, corajosa e idealista, colocaria a glória de seu nome em função da doutrina que esposava. E, quebrando os tabus religiosos, dogmas e preconceitos, anunciou à cidade o tema de sua conferência: “A feitiçaria sob o ponto de vista científico”.⁶⁵

Oitenta pessoas selecionadas ouviram-na. O jornal *República*, do dia 3 de julho, transcreve algumas frases soltas da ilustre poetisa:

Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da natureza e as suas diversas modalidades de ação, que seria pouco político negar a existência de certos fenômenos, somente porque eles são inexplicáveis no estado atual dos nossos conhecimentos.

O operador,⁶⁶ uma vez separado do seu corpo físico, reduzido a corpo astral pode tomar a forma que lhe apraz, porque o astral é um Proteu e, como tal, adquire todas as formas possíveis.

Outra frase de Francisca Júlia, que bem demonstra a profundidade com que tratou o tema:

É o corpo astral – força sutil, mais poderosa, mais extraordinária do que todas as forças conhecidas, de que o homem se sabe aproveitar; é mais potente do que a eletricidade e mais do que ela apresenta uma extrema e incalculável variedade de efeitos. É por meio desta força que os Magos, os Santos, os Iniciados conseguem produzir milagres, assim como é também pelo seu conhecimento incompleto e inconsciente que os feiticeiros produzem os fenômenos da feitiçaria...

É importante notar que Francisca Júlia, bem antes de sua conferência, já tinha preocupações espirituais – toda sua poesia dá esse testemunho; inclusive, os primeiros versos. E até em alguns poemas dedicados à infância e juventude encontramos a influência dos conceitos espirituais.

Ouçamos, por exemplo, “Noite de inverno”, que qualquer poeta assinaria com prazer:

Nunca vi noite como esta agora:
Ali como é negra, como é sombria...
Fechai as portas à ventania
Que vem de fora.

Passa a rajada cortante e fria;
Correm de brumas compridas levas;
Que noite escura! Brumas e trevas...
Ave, Maria!

Inquiro as sombras, o ouvido aguço.
E ouço, medrosa, de quando em quando,
Um como choro trêmulo e brando
Como um soluço.

Como é pungente pensar que um bando
De pobrezinhas crianças nuas
Corre nesta hora ruas e ruas
Choramindo!

E eu tenho leitos, boas flanelas,
Fogão aceso, carne em tressalhos;
Ai! Se eu pudesse dar agasalhos
A todas elas!

E tenho sustos, o frio corta;
Quero as janelas muito fechadas;
Vejo fantasmas, ouço pancadas
Ferindo a porta.

Gênios noturnos, em negro bando,
Calmos e tristes sob as rajadas,
Andam, decerto, pelas estradas
Sonambulando.

O tema “reencarnação” foi também abordado pelo gênio poético de Francisca Júlia no poema a que deu o expressivo título de “Vidas anteriores”:

Quando, curva a cabeça, à toa, o passo tardo,
Por desertas ruas caminho,
À hora crepuscular em que, sob o céu pardo,
Asas se cruzam no ar em demanda do ninho.

E o céu é triste, o ambiente é leve, e as auras puras
Deixam, suspensas no ar, a amargura das notas,
Vêm-me recordações de existências obscuras
Que no sepulcro estão das épocas remotas.

Na Índia vejo-me a ler, sóbrio o gesto e voz clara,
À multidão que escuta o sábio Verbo e o Exemplo,
Preces do Bagavatta e do Vedanta-Sara,
Sob os negros umbrais de um arruinado templo.

Fui chela, fui faquir, fui shaberon; e inda hoje
Minha imaginação, no seu voo altaneiro,
Desprende-se, ala-se e foge
Para aquelas regiões onde nasci primeiro.

No soneto “Alma ansiosa”, o mesmo tema é tratado ainda com mais profundidade:

Ela vai aonde a leva a saudosa lembrança,
Sempre grata, do largo e abençoado caminho;
Ave de arribação, palpita na esperança
De tecer outra vez, na antiga fronde, o ninho.

A alma esquece, ao partir, a dor de seu espinho,
Porque parte sonhando, à medida que avança,
Depois da luta, a paz, da dúvida, a confiança,
E do ermo e do abandono, o conforto e o carinho.

Mas não sabe se ao fim da viagem insensata,
Se, afinal, para além do sonho, que a arrebatava,
Desviando-se da luz, vai para a escuridão;

Sabe apenas que sente, ao voltar, a tristeza
De ver-se novamente à vil matéria presa...
E fecha, sobre si, as portas da prisão.

Foi em 1914, aproximadamente, que Francisca Júlia caiu enferma.
Em entrevista, disse ela:⁶⁷

Tenho alucinações, provenientes, de certo, da intoxicação do ácido úrico. Há ocasiões em que, de repente, saio da vida real e entro no sonho. Vejo pessoas e seres desconhecidos. A princípio cuidei que me

estava tornando “médium”. Mas não. Isto é o princípio do fim. Sinto-me feliz ao observar, dia a dia, que esse fim se aproxima. Sabe? É muito bom morrer. Minha vida encurta-se hora a hora. Tenho ambições, oh! muitas ambições, mas são de outra natureza – acrescentou, levantando os olhos para o alto, como se aspirasse somente à bem-aventurança da outra vida...

As visões de pessoas e seres desconhecidos, Francisca Júlia – certamente influenciada pelo seu médico – as atribuía à “intoxicação do ácido úrico”... Mas, perguntamos: terão os médicos, uma prova só, de que o ácido úrico provoca... “visões de pessoas e seres desconhecidos”?

Também a morte de Francisca Júlia está envolvida em mistério.

Ora, em 1920 morreu-lhe o marido, que ela tanto amava. O cortejo fúnebre estava marcado para o dia seguinte, às 13 horas. De madrugada, Francisca Júlia, exausta, dirigiu-se ao quarto, deixando o velório entregue aos parentes e amigos – deitou-se, dormiu e... morreu!

Registremos, ainda, que Francisca Júlia, brincando, costumava afirmar que “jamais poria o véu de viúva”. E não pôs...

ÁLVARO MOREYRA E O ESPÍRITO ANATOLE FRANCE

Álvaro Moreyra, da Academia Brasileira de Letras, teve seu primeiro contato com o espiritismo em 1959 – e de forma bastante pitoresca. Quase diria, misteriosa...

O jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, divulgou o fato através da crônica “Álvaro Moreyra e o espiritismo”. Vamos transcrevê-la:

Há dias que o escritor Álvaro Moreyra (*As amargas, não!*) está impressionado com o espiritismo, em virtude de um fato em que foi envolvido.

Álvaro se achava na redação da emissora de rádio onde mantém uma crônica diária, quando foi abordado por um sujeito que ele jamais vira.

– Sr. Álvaro Moreyra – disse o desconhecido –, trago uma missão muito importante: levá-lo a certo lugar, por solicitação de certa pessoa.

As palavras do desconhecido abriam caminho para o mistério e começaram a intrigar o escritor e a provocar-lhe curiosidade. Pediu detalhes ao homem, mas este respondia sempre com palavras vagas, alegando que nada mais podia dizer, porque se tratava de uma ordem de uma certa pessoa. Resultado: Álvaro, com aquela bondade que faz dele um mar de ternura, aceitou acompanhar o estranho.

Levado para uma rua do Estácio, o escritor foi introduzido numa sala onde se realizava uma sessão espírita. Feita a corrente, baixou um espírito que se dirigiu ao autor de *O dia nos olhos*, em puro e cristalino francês. “Até parece Anatole France”, pensou o escritor que se manteve calado.

Pela boca do médium, dizia o espírito:

– Álvaro Moreyra, você se acha numa fase de grande intranquilidade. Mas é unicamente porque você quer. É porque você deixou de fazer as coisas que lhe davam tranquilidade.

O escritor, calado, escutava. A voz prosseguia.

– Será que você não se lembra do tempo em que se sentava naquela sua cadeira de florões no espaldar e ficava horas a conversar comigo?

Álvaro Moreyra estremeceu ao ouvir falar na sua cadeira, que hoje se acha em casa, abandonada para um canto, com os florões quebrados. O espírito continua, para maior espanto do escritor:

– Sim, é aquela cadeira mesmo. Está agora com o espaldar quebrado e você a abandonou. Siga meu conselho, Álvaro Moreyra:

Volte à sua cadeira. Volte a conversar comigo, como antigamente.

Quando Álvaro Moreyra conta o fato aos amigos, explica que, efetivamente, há tempos, se sentava na tal cadeira de florões e ficava

horas lendo Anatole France, um de seus autores preferidos. O escritor respondia, invariavelmente:

– Não estou lendo nada, minha filha. Estou “conversando” com o Anatole France...

LUÍS EDMUNDO EM UMA SESSÃO ESPÍRITA NA ALEMANHA

O escritor Almerindo Martins de Castro, a quem os espíritas devem alguns ensaios no campo da pesquisa histórica, é o responsável pela divulgação de um caso mediúnico que teve como principal personagem o conhecido historiador Luís Edmundo, da Academia Brasileira de Letras – caso vivido na Alemanha e do conhecimento dos mais velhos escritores do Rio de Janeiro.

Conta Almerindo Martins de Castro:⁶⁸

Eis um caso, inédito, ocorrido com Luís Edmundo, o conhecido autor dos livros *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis* e *O Rio de Janeiro do meu tempo*, e narrado por ele, em presença de Agripino Grieco e do acatado poliglota e provector polígrafo, Araújo Ribeiro.

A primeira vez que aquele escritor esteve em Berlim, desconhecia o idioma alemão, motivo por que preferiu uma pensão francesa, exprimindo-se em francês no convívio com os hóspedes e com os comensais.

Certa noite, sabendo que a dona da casa ia assistir a uma sessão espírita, indagou se lhe era possível tomar parte na reunião.

Afirmativa a resposta, Luís Edmundo acompanhou a senhora, sendo que esta não mais se ausentara de suas vistas, nem se comunicara com estranhos, depois da combinação.

Chegados ao cenáculo espírita, onde não havia qualquer pessoa

conhecida do escritor, e começados os trabalhos, dentro em pouco uma jovem, médium, exprimindo-se em português, disse, mais ou menos:

– Sois o Luís Edmundo, vindo do Rio de Janeiro, onde vivi durante muito tempo; fomos vizinhos na rua do Riachuelo. Não residistes no número 13?

– Sim, respondeu Luís Edmundo, mas não recordo quem possa ser o ex-vizinho que me fala agora. Quereis dizer-me o vosso nome?

– Fulano de tal (nome alemão); fui empregado da Light.

Luís Edmundo ficou atônito, pois percebeu, ao final do diálogo, que se prolongou em detalhes identificantes, estarem os circunstâncias inteiramente alheios ao assunto, inclusive por não haverem entendido palavra.

Terminada a reunião, o escritor quis dirigir algumas frases de cortês agradecimento à jovem; mas, o seu espanto, aí, foi ao auge: a moça que, mediunizada, lhe falara português, não lhe compreendeu uma sílaba sequer, pois, alemã, só falava e entendia alemão.

Fazendo da sua hospedeira intérprete, pôde Luís Edmundo transmitir aos assistentes os detalhes ocorridos, e afirmar a realidade estupefaciente do fenômeno mediúnico.

De regresso ao Brasil, Luís Edmundo, que anotara o nome do seu extraordinário interlocutor, foi aos escritórios da Tramway, Light and Power Company e ali, graças à proverbial acessibilidade dos funcionários daquela empresa, pôde confirmar a identidade do comunicante de Berlim.

Estivera, efetivamente, trabalhando ali, durante muito tempo, o súdito alemão em causa, o qual, despedindo-se, se retirara para sua pátria, sem dar mais notícias.

O CRÍTICO OSÓRIO BORBA E AS MESAS FALANTES

No dia 24 de maio de 1959 o jornal *Diário de Notícias*, do Rio de

Janeiro, surpreendeu os leitores com um artigo assinado pelo crítico literário Osório Borba intitulado “O mistério das mesas falantes”. Depoimento sincero, foi estampado na primeira página do suplemento literário e faz hoje parte do livro *Caderno de memórias*. Vejamos a experiência de Osório Borba:

Um assunto que nunca me tentou nas minhas curiosidades de leitor vagabundo, sem roteiro nem preocupações de estudo nem preferências fixas, foi o do espiritismo. Tenho-me às vezes embrenhado desinteressadamente, por mera diversão, nas leituras mais extravagantes e áridas, coisas técnicas e científicas inúteis para um leigo de todas as técnicas e de todas as ciências: a criação de cobaias no Canadá, os costumes religiosos afgans, fitopatologia na Lapônia, o rito amoroso entre os siris. Nunca me arrisquei pelos mistérios das ciências ocultas, nunca aproximei sequer o olhar de uma linha da vasta literatura sobre os fenômenos sobrenaturais. Somente li, e estudei, em livro ainda inédito, a poesia “mediúnica”.

Do espiritismo, das suas verdades ou ilusões, sei menos que o menos informado dos leitores. E continuei na mesma obstinada ignorância da matéria depois que um dia imprevistamente me vi no centro de uma experiência espírita, feita aliás pelo mais “empírico” e inábil dos processos. O certo é que – não sei como e até hoje não quero saber – fui médium durante meia hora, instrumento de mensagens do Desconhecido, agente de ligação entre este mundo e outros mundos possíveis.

Quando cheguei naquela noite à casa da família que frequentemente visitava, encontrei as cinco moças que lá havia muito preocupadas com os espíritos. Uma vizinha fizera pouco antes, com elas, uma experiência e saíra deixando-as amedrontadas, mas impacientes e curiosas. Queriam que eu as ajudasse numa nova tentativa que fosse uma confirmação: esperavam-me justamente para isso, pois os varões da casa não estavam presentes. Elas, sozinhas, tinham medo. Cobia-me dirigir a experiência no sentido de imprimir coragem à assembleia, controlar os nervos excitados das moças.

Apelei para meu velho sangue-frio, pedindo-lhe tudo que pudesse dar, e enfrentei as responsabilidades da aventura.

Pôs-se no centro da larga sala de visitas uma pequena mesa de três pés. A mais nervosa das moças e eu juntamos as mãos espalmadas uma contra a outra, tocando-se as extremidades dos dedos, meio palmo acima da mesa, sem contato, absolutamente, com esta. Concentraram-se todos em redor, fixando cada um seu pensamento a chamar, conforme combinação prévia, um desencarnado que fora noivo duma das meninas. A conversa com o espírito seria pelo conhecido alfabeto das pancadas do pé da mesa.

Não tardou muito que o mistério se apresentasse. Um dos pés da mesinha começou a bater cadenciadamente. Uma “tradutora” foi anotando as palavras. Nesse ínterim, cada uma ia procurando certificar-se bem sobre se não haveria ali uma ilusão, auditiva e visual. Nada. Os baques do pé da mesa eram reais; ouvimos e víamos o movimento; não havia contato: nossas mãos não faziam nenhuma pressão sobre o pequeno móvel, continuavam no ar meio palmo acima da mesa. O nervosismo foi aumentando. A tradução acusava duas letras repetidas uma após outra: d-e, d-e, d-e... Lembrou-se alguém que devia ser o apelido familiar do invocado: Dedê. Mas as mensagens que se seguiram não tinham sentido perceptível.

O mesmo se deu com um outro invocado, de quem nem o nome chegou a ser percebido. O alfabeto era precário, difícil e lento. A situação ia-se tornando desagradável. Gritos. Propostas de acabar com aquilo. Fez-se a experiência de virar a mesa e várias vezes ela ficou inclinada no ar sem o auxílio das nossas mãos e sem cair, inteiramente contra as leis do equilíbrio. Púnhamo-la de novo na posição normal, e as pancadas continuavam. Um dos médiuns involuntários chamava o desencarnado do seu lado, e era o pé da mesa que lhe ficava próximo o que agora batia. Quando a roda, já bastante fora de si, deu por finda a tentativa e encostou a mesinha num canto do salão, ela continuou a bater sozinha. Pusemos-lhe em cima uma pesada bilha cheia de água. E durante alguns minutos os invocados arrependidos ainda ouviam de longe, num quase pânico, a batida da mesa!

Saí dali bastante abalado na minha indiferença pelas forças

desconhecidas. E de volta à casa, fazendo, à meia-noite, a longa travessia inevitável, a pé, por um lugar dos mais ermos e esquisitos que podia haver, na Ilha do Pina, Recife, não me sentia um homem muito corajoso...

Provavelmente um episódio como este nada tem de interessante e curioso para os estudiosos dos fenômenos chamados sobrenaturais, sejam os que se expliquem pelo espiritismo, ou os que os interpretem como magnetismo animal ou qualquer outra força misteriosa. Quanto a mim, prescindi de quaisquer explicações. Continuei a rezear meter-me em leituras ou assistir a demonstrações sobre o assunto. Mesmo porque todos os incrédulos somos um pouco como aquele “Ateu graças a Deus”.

E Osório Borba prossegue:

Desinteressante para muitos, um episódio como o narrado tem sua curiosidade para os inteiramente ignorantes da matéria. O que me sugeriu narrá-lo foi o fato de ter encontrado num livro o relato de experiência semelhante, com resultado quase idêntico. Foi no livro de memórias do velho médico e escritor pernambucano Aurélio Domingues: *Passado*. Volume cheio de notas curiosas sobre costumes brasileiros, impressões de viagens por todos os recantos do País e reminiscências da atividade profissional do autor.

Narra Aurélio Domingues que certa noite, em Manaus, achando-se em visita ao seu amigo Leopoldo Matos, presentes, além deste e sua esposa, o juiz federal em Mato Grosso, João de Moraes Matos, o Coronel Alcino Braga, um médico militar, Dr. Lobo, e outras pessoas, resolveu-se fazer uma sessão de *table tournante*. E conta o que ocorreu:

“Já alguém me havia dito que eu era um excelente médium: e continuam ainda a dizer. A mesa estava ali. Sentamo-nos à sua volta. Estabeleceu-se a cadeia. Todos estavam silenciosos e concentrados. Era o método. Num momento a mesa inclinou-se para o meu lado,

teimosamente. ‘Mau! Mau!’ – disse eu entre mim – Que quererá ela? Ou ‘ele’? Reconheceram que a ‘manifestação’ era devida à minha influência mediúnica. Felizmente eu não era muito medroso – para essas coisas.

“Animado pelo Coronel Alcino Braga, interroguei a irrequieta mesa. Eu não tinha prática, era a primeira vez que me propunham comunicar-me com o Além. Instruído, porém, ia-me desembaraçando. Pancadas regulares iam sendo feridas no soalho por um dos pés da misteriosa mesinha. À sua proporção, uma pessoa ia recitando: a, b, c, d etc. A mesa fazia uma pausa; a pessoa anotava: ‘j’, por exemplo. Ora, num momento, a mesa cessou de bater e foi possível então ler no papel em que o observador anotara as letras fornecidas pela inteligente mesinha. ‘*Je vous aime*’. Surpreendente! A mesa recomeçou a ferir o soalho com suas pancadas. Fui convidado a interrogá-la outra vez. Não tive dúvida. Já eu me sentia um tanto à vontade. Lembrei-me então de ‘exigir’, queria ver aquela frase francesa escrita em língua romena. Julguei que eu era o único ali que poderia fazer isto. Repetida a mesma operação acima, quando a mesa cessou de bater, oh, maravilha! os caracteres alinhados pelo observador formavam a seguinte expressão: ‘*Te iubesc*’. Eu não podia compreender que meus companheiros me tivessem burlado para se divertirem, porque nenhum deles poderia adivinhar que eu iria propor à tal mesinha responder à segunda pergunta. Mas tive de declarar que o que eu sabia da língua romena aprendera com uma pessoa que estava viva, embora ausente.”

Para aí a narrativa do autor de *Passado*. Não insiste mais nesse assunto em todo o livro. Ele, que é médico e psiquiatra, ao que parece também não se sentiu tentado, depois de uma experiência tão impressionante, a procurar a decifração do mistério das mesas girantes, ou falantes.

Osório Borba não nos conta, mas, a verdade é que a experiência mediúnica que vivera teve profunda influência em seu espírito. Porque estivemos, Osório Borba, o autor deste livro, Herculano

Pires, o editor Batista Lino e o deputado Cid Franco, também romancista, na cidade de Pedro Leopoldo, em visita ao médium Francisco Cândido Xavier e, então, confessou Osório que andava a escrever um volume “contra as poesias recebidas através da mediunidade de Chico Xavier”... O que, aliás, levou o autor destas linhas a um início de polêmica literária em plena rua... Isto se deu na década de 1950 e, no entanto, o livro arrasador de Osório Borba não veio a lume. Perguntamos: por quê?

Quer parecer-nos que, depois da experiência com a “mesinha falante”, Osório Borba mudou de ideia...

Se o ilustre crítico literário destruiu os originais, podemos afirmar que foi o que de mais importante fez em toda sua vida – porque Osório Borba, recentemente, passou para o mundo dos espíritos.

AUGUSTO DOS ANJOS, POETA E PSICÓGRAFO

Ademar Vidal, procurador da República e secretário de Estado de João Pessoa, na Paraíba, foi, também, historiador e biógrafo emérito. Em seu livro *O outro eu de Augusto dos Anjos*, editado em 1967 pela Livraria José Olympio Editora, revela que o grande poeta paraibano fazia sessões mediúnicas no Engenho Pau-d’Arco, onde nasceu, e psicografou versos inéditos atribuídos a Gonçalves Dias. Leiamos o que Ademar Vidal (o biógrafo foi aluno, quando adolescente, de Augusto dos Anjos) escreveu nas páginas 69-70 de seu belo livro:

[...] Augusto dos Anjos chegou a praticar o espiritismo. Promovia “sessões memoráveis” na sala de jantar. Era “médium” classificado. Certa vez invocaram Gonçalves Dias, que escreveu versos sobre os quais ninguém punha a menor dúvida como da autoria do lírico

maranhense. Nessa época o pessoal do Pau-d'Arco foi assaltado por grandes medos decorrentes de assombração. Eram as consequências de espíritos maus que surgiam nas “sessões” em manifestação de violência.

Nas “Cismas do destino” ele deixou fixadas suas apreensões:
“Todas as divindades malfazejas,
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,
Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das igrejas.”

E mais:

As sessões espíritas estavam trazendo sérios transtornos à pacatez do ambiente. Já se ouviam ruídos estridentes, bastando para tanto que entrasse a noite, esta viesse com as suas escuridões e mistérios, ventos frios de junho. Diante disso, Dona Mocinha (mãe de Augusto dos Anjos) resolveu proibir as “sessões”, visto o espiritismo estar perturbando a vida tranquila da casa grande. Com a proibição, os trasgos não andaram mais soltos no terreiro – que vinham dando rebuliços às noites silenciosas do velho engenho de açúcar.

Aí está! Como nota o leitor, o ceticismo na poesia de Augusto dos Anjos é mera atitude literária – jamais, uma vivência do poeta, como certos biógrafos querem fazer crer.

65 Vide *Poesias*, de Francisca Júlia, edição do Conselho Estadual de Cultura, ano de 1961, com introdução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

66 Ou o médium.

67 Vide entrevista com o poeta Correia Júnior em *A Época* de 16 de dezembro de 1916 (citação de Péricles Eugênio da Silva Ramos).

68 Vide o trabalho “Agripino e as mensagens do Além”, editado em 1941 pela FEB.

OS ESTRANGEIROS

ALFRED DE MUSSET, MÉDIUM VIDENTE E AUDITIVO

Há muitos anos que tenho visões e ouço vozes.

Musset

COMECEMOS COM O GENIAL POETA francês Musset. Tinha ele visões e ouvia espíritos. Louise Colet, escritora e poetisa, e a célebre George Sand nos dão preciosas informações sobre a mediunidade do poeta. Diz a primeira em sua obra *Luís XIII*, páginas 368 e 369, transcrevendo as palavras do próprio Alfred de Musset:

Há muitos anos que tenho visões e ouço vozes. Como poderia eu pôr em dúvida, quando todos os meus sentidos mo afirmam? Quantas vezes, ao cair da noite, tenho visto e ouvido o jovem príncipe que me foi caro e um outro amigo meu, ferido num duelo, em minha presença! Parece-me, no momento em que essa comunhão se opera, que meu espírito se me desprende do corpo, para responder à voz dos espíritos que me falam!

Nota-se, pela descrição, que Musset sofria o fenômeno perfeitamente consciente. Diz ele: “Como poderia eu pôr em dúvida, quando todos os meus sentidos mo afirmam?”

George Sand, adepta da teoria reencarnacionista, em seu livro

Elle et lui, confirma que Musset sofria a atuação das duas entidades espirituais acima citadas.

Vejamos agora um caso de “voz direta” vivido por Musset.

Certa noite, próximo às janelas do Louvre, o poeta ouviu uma voz agoniada, que dizia: “Assassinaram-me na rua de Chabanais!” Musset, acostumado com o convívio dos espíritos, correu até a rua indicada, onde encontrou o cadáver de um homem. Este fato vem narrado em *Annales Politiques et Littéraires* de 22 de agosto de 1897.

Colet, amiga íntima do poeta, em sua obra citada narra três casos de aparições femininas vistas por Musset; três espíritos que em vida foram amados por ele. Musset caía em transe com facilidade espantosa; George Sand e Louise Colet tiveram oportunidade de observar o fato.

Há um poema em que Musset nos conta que sua vidência mediúnica surgiu quando era ainda menino, “nos venturosos tempos de escolar”. Poema autobiográfico, tem o título significativo de “O fantasma negro”.⁶⁹

Nos venturosos tempos de escolar
Eu me encontrava certa noite lendo
Em minha casa, paternal mansão.
À minha mesa veio, então, sentar-se
Um menino trazendo vestes negras,
Parecido comigo qual irmão.

Os quinze anos eu ia completar.
Eu caminhava a passos lentos, largos
Num umbroso vergel, certa ocasião.
Ao pé de um roble veio, então, sentar-se
Um púbere trazendo vestes negras,
Parecido comigo qual irmão.

No tempo em que se estuda o verbo amar,
Eu chorava a primeira desventura,
Enclausurado em minha habitação.
À minha destra veio, então, sentar-se
Um estranho trazendo vestes negras
Parecido comigo qual irmão.

Eu frequentava certo lupanar
E, num festim, erguendo minha taça
Para fazer graciosa saudação,
À minha frente veio, então, sentar-se
Um conviva trazendo vestes negras,
Parecido comigo qual irmão.

Depois, em noite do maior pesar,
Ao pé do leito em que meu pai morrera
Eu rezava, ajoelhado, uma oração.
À cabeceira veio, então, sentar-se
Um mancebo trazendo vestes negras,
Parecendo comigo qual irmão.

Neste, naquele ou em qualquer lugar
Eu que almejei ficar, dormir, morrer;
Enfim, onde toquei o soalho ou chão,
Eu via sempre ao pé de mim sentar-se
Um infeliz trazendo vestes negras,
Parecido comigo qual irmão.

Na idade escolar apareceu, pois, a mediunidade em Musset; a vidência, que nunca mais o abandonou, conforme declarações de

George Sand e Louise Revoil Colet. As variantes medianímicas surgiram em Musset quando homem feito, dono de todo o esplendor de suas faculdades intelectuais.

Só em um poeta a mediunidade desabrochou antes da fase escolar. Refiro-me a William Blake, que via espíritos aos quatro anos de idade; poeta inglês e já citado nesta obra.

69 A tradução é do poeta S. Suannes; vide o livro *A romança das horas*, 1957.

FRANÇOIS COPPÉE E SEU ESPÍRITO-GUIA

É absolutamente certo que eu não estou dormindo nesse momento.

François Coppée

COMO GEORGE SAND E OVÍDIO,⁷⁰ o grande poeta francês François Coppée foi reencarnacionista. E médium auditivo. Há, aqui, uma curiosidade: o poeta só ouvia a voz de seu espírito-guia e nos momentos em que se encontrava em situações más. O espírito confortava-o e o chamava pelo apelido de família. O autor desta obra, quando jovem, também constatou o fenômeno quando se via em situações dolorosas. Registro o fato para mostrar que existe profunda unidade em toda a fenomenologia espírita e em qualquer parte do globo. Por isso, dizia Allan Kardec que os espíritos são uma das forças da natureza.

Coppée foi reencarnacionista e deixou seu depoimento em alguns versos, como os de “La vie antérieure”. Quanto à mediunidade, ele a confessou a Jules Bois, quando este se propôs a fazer uma pesquisa sobre as forças supranormais. Eis o que nos revela o trabalho “L’Au-delà et les forces inconnues”, de Bois, estampado no jornal *Le Matin*, de 7 de outubro de 1901:

É sempre quando estou deitado [escreve Coppée em seu depoimento] e pouco depois de ter apagado a luz que se produz o

fenômeno. Ouço, então, distintamente, uma voz que me chama por meu apelido de família: Coppée! É absolutamente certo que não estou dormindo nesse momento; e a prova é que, apesar da viva emoção e do acelerado palpitar do coração, que sinto, tenho sempre retorquido imediatamente: “Quem está aí? Quem me fala?” Mas nunca a voz acrescentou coisa alguma no seu simples chamado. Essa voz me é desconhecida. Não me faz lembrar a voz de meu pai, nem a de minha mãe, nem a de qualquer outra pessoa que, particularmente, me estimasse, ou que eu amasse extremosamente e que já não exista. Mas, repito, é clara e distinta, e, o que é verdadeiramente notável, e vô-lo asseguro, espantoso, pela inflexão que dá ao meu nome, tão breve como é, parece corresponder ao sentimento que me anima. Só muito raramente me tem acontecido ouvir essa voz, e em circunstância bastante grave da minha vida moral, quando acabrunhado por um desgosto ou descontente de mim mesmo. E sempre a voz traduziu uma expressão, ou compadecida ou de reprovação, seja condoendo-se da minha aflição ou censurando meu sentimento mau. E nisso tenho a certeza, a mais, de que não é em sonho que ouço essa voz porque nunca me falou senão quando eu me achava bem desperto por minhas preocupações.

Deste depoimento de François Coppée convém destacar três pontos:

1 – Diz o poeta e contista que é “absolutamente certo que não estou dormindo nesse momento”.

2 – E como não está dormindo, acrescenta que “não é em sonho que ouço essa voz”.

3 – “Essa voz me é desconhecida. Não me faz lembrar a voz de meu pai nem a de minha mãe, nem a de qualquer outra pessoa que particularmente me estimasse”. E, assim, Coppée põe por terra a possibilidade dos contraditores do espiritismo explicarem o fenômeno pela teoria do subconsciente.

70 Ovídio, em sua célebre obra *Metamorfoses*, diz: “A morte não pode matar tua alma; cada vez que esta volta à Terra, ela procura uma nova habitação, e, com um poder que ninguém pode alterar, dá vida e luz à nova forma”.

PROFISSÃO DE FÉ DE WALT WHITMAN

*Não duvideis demasiadamente que não esteja então ao vosso
lado.*

Walt Whitman

WALT WHITMAN, UM DOS MAIORES (senão o maior) dos poetas norte-americanos, era inspirado por forças extraterrenas. Foi “quase” um profeta. Sua poesia é caudalosa e densa, comunicativa, lembra-nos um vendaval bíblico. Tem ele poemas reencarnacionistas, e o que aqui trazemos é a prova evidente de que o grande mestre da poesia moderna, além de adepto da reencarnação, admitia a atuação dos espíritos no plano físico. Era, pois, espírita, como o foram inúmeros autores norte-americanos, seus contemporâneos. O poema foi extraído da obra *Videntes e sonâmbulos*, de Oswaldino Marques, edição do Ministério de Educação, 1955, e a tradução pertence a Manuel Ferreira Santos. Intitula-se “Transbordante de vida” e, ao contrário do costume de Whitman, é este poema um magnífico exemplo de síntese e, como tal, requer atenção na leitura.

Fala, Whitman, aos escritores brasileiros que temem proclamar suas faculdades mediúnicas:

Agora, transbordante de vida, sólido, visível.

No ano quarenta de minha existência, no ano oitenta e três dos

Estados,
A alguém que viverá dentro de um século, ou qualquer número de séculos,
A vós, que ainda não haveis nascido, dedico estes cantos,
Esforço-me por alcançar-vos.
Quando os lerdes, eu que sou agora visível, hei de ter-me tornado Invisível; então sereis vós, denso e visível, quem lerá os meus poemas, Quem se esforçará por compreendê-los,
A imaginar quão felizes seríeis se me fora dado estar ao vosso lado E converter-me em vosso camarada.
Que seja, pois, como se eu estivesse. (Não duvideis demasiadamente Que não esteja então ao vosso lado).

Whitman foi um homem puro e em toda a sua vida outra coisa não fez senão batalhar pela verdade e pela redenção da humanidade, que tanto amava. De acordo, aliás, com o que prega o espiritismo. Sua poesia aí está, mas é de bom alvitre atentar um pouco mais para o conteúdo do que se perder no esplendor da forma. O mal de nossos poetas é este: estudam a forma poética, examinam-lhe a estrutura, veem os efeitos possíveis a tirar, e a ideia, o conteúdo mental, é de uma pobreza franciscana! E por quê? Porque lhes falta formação filosófica, carecem de opinião sobre os problemas escatológicos, orientação sobre a posição que ocupam no plano cósmico. Whitman poderá servir-lhes de exemplo.

RILKE E OS POETAS FANTASMAS

*Quem, se eu gritasse, me haveria de ouvir entre as
hierarquias dos anjos?*

Um fantasma

A O LADO DE WHITMAN SÓ um outro gigante da moderna poesia poderia ser colocado: Rainer Maria Rilke, o seráfico. Era médium auditivo e vidente. Os casos vividos por Rilke são revestidos de intensa beleza lírica.

Rainer Maria Rilke nasceu em Praga. Era filho de Sofia e José Rilke. Foi sua mãe espírita, mas, à revelia do marido. Instada por este, Sofia levou o filho ao batismo, mas fez questão em dar-lhe o nome de René Maria, pois acreditava fosse a reencarnação de sua filha caçula recém-falecida.²¹ Que o pai não era espírita, não há dúvida. Quando tinha Rilke, apenas, onze anos de idade, contrariando as ideias maternas o velho Rilke obrigou-o a ingressar numa academia militar. Rilke muito sofreu nas mãos de seu pai, que o queria soldado, não poeta. Rilke, porém, mais tarde conseguiu libertar-se do militarismo e seguir os rumos que desejava, de acordo com sua mãe, que nele sempre viu a reencarnação do espírito de sua filha!

Já no lar, pois, teve Rilke oportunidade de tomar contato com ideias espíritas. Os conselhos de Sofia muito o influenciaram, não há dúvida, mas o que levou Rilke à realidade espiritual foi sua mediunidade, aparecida quando já vivia no apogeu da glória

literária. Talvez, então, aceitasse a ideia de ser a reencarnação da irmã, como cria sua mãe. Pois não era ele, embora masculino, cheio de nuances delicadas? Não se trata, aqui, de um produto de educação, pois Rilke durante seis anos sofreu os rigores de uma academia militar. Essas nuances só poderiam ter raízes numa vida anterior, que seis anos dentro do militarismo destroem qualquer superficialidade educacional de caráter feminino.

Sobre a mediunidade de Rilke, que é o que nos interessa no momento, já dissemos que surgiu quando o poeta estava no ápice de sua carreira literária. Vejamos alguns de seus aspectos. Passemos a palavra a J. F. Angelloz, profundo conhecedor da vida e obra de Rilke. Em seu livro *Rilke* (Mercure de France, Paris, MCMLII)⁷², Angelloz escreve (sem, todavia, ser espírita):

Tocamos aqui ao centro mesmo de Rilke e não podemos passar em silêncio o mágico poder que ele possuía. Não somente era apto às premonições, aos avisos telepáticos; não somente ele não renegava a ideia de comunicação com o além, mas tinha consciência de visões de que não duvidava. Opondo-o a Nietzsche que pertencia ao tipo auditivo, R. Kassner declara que Rilke era exclusivamente do tipo visual; é preciso acrescentar que sua visão se exercia para além das fronteiras do real. É assim que ele declarava a uma amiga ter visto Cristo bem perto de si numa cadeira. A Kippenberg contou o que lhe havia acontecido no castelo de Berg. Despindo-se, ele recitava uns versos que não lhe pareciam ser seus; um pouco inquieto, tornou a se vestir e sentou-se perto da lareira. De repente, viu, numa cadeira diante dele, um senhor vestido à moda antiga; este lhe lia num velho manuscrito amarelado poemas em que se encontravam os versos que ele acabava de recitar. Foram as “Poesias do conde C. W.”, uma delas apareceu sem nome do autor no *Insel-Almanach* de 1923 (XIV, 470).⁷³

Está bem claro; Rilke “era apto às premonições, aos avisos telepáticos” e “não renegava a ideia de comunicação com o além”. Ainda mais: “tinha consciência de visões de que não duvidava”. Quem o diz não somos nós, mas um dos maiores conhecedores da vida do genial poeta.

Tem mais, porém. Aqui está outra prova de que Rilke, muitas vezes, serviu de médium aos poetas do além.

Certa manhã, a sós, meditava o poeta sobre um problema material qualquer, passeando absorto por uma das aleias junto ao mar, em Duíno, quando, de repente, parou a meio passo, e entre as vozes inquietas do mar e do vento pareceu ouvir, ditadas por uma terceira e estranha voz, estas palavras que formam o primeiro verso das *Elegias*:

“Quem, se eu gritasse, me haveria de ouvir entre as hierarquias dos anjos?”⁷⁴

Note o leitor que o poeta meditava em um problema material quando a voz de um espírito lhe transmite o verso. Rilke anotou-o e outros começaram a ser ditados. Só um trabalho teve Rilke: burilá-los, que a recepção fora apressada e em ambiente impróprio: numa praia!

Os versos chegavam aos jatos. Mas, não só as *Elegias* vieram por via mediúnica. Os *sonetos a Orfeu* foram redigidos debaixo de ação espiritual, inesperadamente, como se o poeta-fantasma que inspirava Rilke tivesse pressa em terminar sua missão. O próprio Rilke estranhava o método aplicado pelo espírito e, em carta dirigida a Clara Rilke, confessa: “Que estranha sensação a de ser arrancado à ordem natural das coisas! Via de regra as estações do ano se sucedem tão harmoniosamente em seus contrastes, que sempre deixam um ponto de apoio; mas, desta vez, não houve aviso

de coisa alguma, como se se estivesse a folhear uma enciclopédia e continuasse a leitura em outra letra, apanhando a meio algum tópico diferente em J ou Z”.

E Rilke conclui com estas palavras: “Foi em circunstâncias assim que uma vez, em Schmargendorf, se não me falha a memória, sem a menor preparação escrevi as páginas ‘De uma noite de tempestade’ [Aus einer Sturmnacht], numa única tarde”.

Há de estar o leitor curioso por conhecer alguns versos mediúnicos de Rilke. Transcreveremos duas composições, cuja tradução pertence a Geir Campos.

Diz a entidade espiritual:

Só quem a lira ao sol-pôr
já ousou dedilhar
pode o infinito louvor
sentir e cantar.

Só quem ousou comer, já,
a papoula com
os mortos – não perderá
mais o suave tom.

E se o reflexo ao lago
a imagem contorna,
só ele a descobre.

Nesse reino dúbio e vago,
toda a voz se torna
imortal e nobre.

Outra composição mediúnica de Rilke é este belíssimo poema extraído da obra “De uma noite de tempestade”; obra recebida pelo médium “sem a menor preparação”, como ele confessa, linhas acima. Aqui, o poeta-fantasma, através da mediunidade de Rilke, conta-nos em versos herméticos que os espíritos não evoluídos encontram-se em nosso mundo à espera da reencarnação e que, se conversássemos com eles, veríamos o quanto somos antigos. Também este poema a entidade do Além dirigiu ao próprio Rilke, como a esclarecê-lo sobre os problemas espirituais. Leiamos-lo:

Em noites tais, por agourentos becos
encontrarás pálidos rostos secos
que, sem te conhecerem, passarão
por ti em silenciosa procissão.
E se eles conversassem contigo
perceberias quanto és antigo
aí vivendo
e apodrecendo.
Calam-se, todavia, como mortos;
embora sendo os que hão de vir,
não trazem ainda o porvir:
apenas mostram sua face no tempo,
mas, qual sob a água, não o podem fitar.
Esperam ainda a hora que começa,
vendo, por entre as ondas, a pressa
dos peixes e o orvalho a pingar.

Rainer Maria Rilke tinha cuidado especial com os poemas inspirados ou ditados pelo Além. Receava o grande poeta que os críticos os interpretassem de modo errôneo. Assim, quando o espírito lhe dita o primeiro verso das *Elegias* – “Quem, se eu gritasse,

me haveria de ouvir entre as hierarquias dos anjos?” –, Rilke apressa-se em comunicar a Witold von Hulewicz, seu tradutor na Polônia, que: “Se alguém cometer o equívoco de aplicar conceitos católicos de morte e eternidade aos *Sonetos* ou às *Elegias*, estará fugindo completamente a suas conclusões e elaborando um erro fundamental”.

A palavra “anjo”, pensava Rilke, está incorporada ao catolicismo e poderá causar interpretações falsas. O anjo, das *Elegias*, diz Rilke:

[...] é esse ser em que a transmutação do visível em invisível, que em nós se opera, aparece já realizada; para o anjo das *Elegias* todas as torres e palácios do Passado existem porque estiveram no invisível muito tempo, e as torres e pontes que existem ainda em nosso mundo já estão no invisível para eles apesar de materialmente sensíveis para nós. O anjo das *Elegias* é esse ser que testemunha, no invisível, uma realidade mais alta: eis por que ele é terrível para nós que o amamos e servimos, e todavia estamos restritos às fronteiras do visível.

De toda a produção em versos de Rainer Maria Rilke, duas são consideradas pela crítica estrangeira como obras-primas: justamente aquelas que escreveu em colaboração com seu espírito-guia: as *Elegias* e *Sonetos a Orfeu*. Os demais livros, sem a cooperação do Além, não garantiriam ao seu autor o alto posto que ocupa na literatura mundial. Rilke, referindo-se às *Elegias* e *Sonetos a Orfeu*, dizia com júbilo: “As *Elegias* e os *Sonetos* completam-se em todos os pontos, e considero uma infinita graça a que me permitiu, com o mesmo sopro, enfundar esse duplo velame: as pequeninas velas cor de ferrugem dos *Sonetos* e as gigantescas velas brancas das *Elegias*”. (Carta de Rilke endereçada ao tradutor polonês Witold von Hulewicz, aos 13 de novembro de 1925.)

Por haver convivido, constantemente, sob o influxo do mundo dos espíritos (Rilke os via e ouvia e era “apto às premonições e aos avisos telepáticos”) é que o grande poeta-médium, anos antes de sua morte, dizia: “Esse grande e esplêndido vento que sopra, empilhando céus sobre céus – quisera eu alcançar seu país de origem e vagar por suas amplas estradas...”

É preciso que se diga mais para convencer aos incrédulos?

Quando homens como Victor Hugo, Rilke, Whitman, Musset ou Rui Barbosa, Lobato ou Fenimore Cooper passam a manifestar-se sobre o fenômeno espírita, publicamente, custa a crer e chega a ser espantoso que nós outros, mais ou menos cultos, e deles admiradores fervorosos, continuemos indiferentes às obras que tratam do espiritismo!

71 Vide *Poemas de Rainer Maria Rilke*, tradução e notas de Geir Campos, Ed. José Olympio, 1953.

72 A indicação e tradução do trecho eu as devo ao crítico Homero Silveira, a quem já agradecemos na dedicatória deste livro.

73 Elas foram publicadas em 1950 pela Insel-Verlang sob o título: *Aus dem Nachlass des Grafen C. W.* (p. 41).

74 Geir Campos: obra citada.

GOETHE E SUA MEDIUNIDADE

*Ah! tu deves ter sido em tempos longínquos minha irmã ou
minha esposa...*

Goethe

RECONHECE A CRÍTICA LITERÁRIA QUE na primeira parte do genial poema *Fausto* introduziu Goethe poucos ensinamentos da chamada, então, “ciência oculta”. Por quê? A resposta se nos afigura evidente: é que a mediunidade só lhe apareceu longos anos mais tarde, quando começou a redigir a segunda parte do *Fausto*.

Ignoramos quando Goethe observou os primeiros fenômenos mediúnicos que o levariam ao estudo do ocultismo; se nos falta a data, no entanto, podemos afirmar que se deram quando o poeta estava em plena maturidade intelectual, pois a segunda parte do *Fausto* foi terminada 24 anos após a publicação da primeira em 1808. Goethe concluiu o grande livro em 1832, ano de sua morte. (A doutrina espírita só apareceria em 1857 com a publicação de *O livro dos espíritos*.)

Iniciou-se Goethe no ocultismo através de Lavater e da sra. De Klettenberg. Motivos para sua iniciação: os fenômenos vividos pelo poeta e sua paixão pelas ciências. Como cientista deixou Goethe uma teoria sobre as cores, ainda hoje respeitada. Também é considerado precursor do transformismo de Darwin e Alfred Russel Wallace.

Os fenômenos observados pelo genial poeta alemão oferecem

aspectos curiosos. O órgão *Psychische Studien* (número de março de 1897) dá-nos o seguinte caso vivido por Goethe:

Wolfgang von Goethe, que por uma tarde chuvosa de verão saíra a passeio com seu amigo K..., voltava com ele do Belvedere, em Weimar. De repente, o poeta para, como se estivesse diante de uma aparição, e se dispõe a falar-lhe. K... de nada se apercebera. Súbito, exclama o poeta:

“Meu Deus! se eu não tivesse a certeza de que neste momento meu amigo Frederico está em Frankfurt, juraria que é ele!...” Em seguida, solta uma gargalhada: “Mas é ele mesmo! O meu amigo Frederico!... Tu, aqui, em Weimar?! Por Deus, meu caro, em que trajes te vejo... Com o meu chambre... meu boné de dormir... calçando minhas chinelas... aqui em plena rua?!” K..., como ficou dito acima, nada absolutamente via de tudo aquilo e se espantou, crente de que o poeta fora atacado de repentina loucura. Goethe, porém, preocupado tão-só com a sua visão, exclama, abrindo os braços: “Frederico! Onde te meteste? Grande Deus! Meu querido K..., não viste onde se meteu a pessoa que acabamos de encontrar?” K..., estupefato, não respondeu. Então, o poeta, depois de dirigir o olhar para todos os lados, diz em tom de quem divaga: “Ah!, sim, compreendo... foi uma visão... Qual, no entanto, será a significação de tudo isto? Teria meu amigo morrido repentinamente? Seria seu o espírito o que vi?...”

Dentro em pouco Goethe chegava a casa e lá encontrou Frederico. Os cabelos se lhe eriçaram. “Afasta-te, fantasma!” bradou, recuando, pálido como um cadáver. “Então, meu caro, respondeu Frederico, é esse o acolhimento que dispensas ao teu mais fiel amigo?” “Ah! exclamou o poeta a rir e a chorar ao mesmo tempo, agora, sim, vejo que não é um espírito, mas um ser de carne e osso!” E os dois se abraçaram efusivamente.

Frederico chegara todo molhado da chuva à casa de Goethe e vestira as roupas do amigo. A seguir, adormecera numa poltrona e sonhara que fora ao encontro do poeta e que este o interpelara assim: “Tu, aqui em Weimar?! Quê!... com meu chambre... meu boné de

dormir... e minhas chinelas, em plena rua?!” Desde esse dia, o grande poeta acreditou noutra vida após a terrena.

E assim conclui o *Psychische Studien*, sem que nos informe a data precisa em que ocorreu o fenômeno com Goethe. Que o poeta passou a crer na reencarnação, não há dúvida: ele mesmo nos confessa à página 86 do volume III de suas obras publicadas pela Editora Hempel, numa poesia dirigida à sua amiga, a sra. von Stein: “Dize-me o que nos reserva o destino? Por que nos ligou ele tão estreitamente um ao outro? Ah! Tu debes ter sido em tempos longínquos minha irmã ou minha esposa... e de todo este passado só resta uma reminiscência de antiga verdade sempre presente em mim!”⁷⁵

Há quem julgue que Goethe, ao escrever a segunda parte de *Fausto*, ele o fez, apenas, dando asas à imaginação... Nada mais falso! É sabido que o maior escritor alemão, e um dos maiores do mundo, jamais separou de sua obra sua imensa experiência; a fantasia, Goethe sempre a colocou em plano inferior – não obstante, poeta! Esse critério, por certo, é devido às suas atividades no campo árido das ciências naturais. No *Fausto* entram dados da célebre lenda e recordações de fatos vividos, formando um todo harmônico. Quando a crítica materialista não sabe como explicar certos fatos, os atribui à imaginação!

Vejamos outros fenômenos mediúnicos na vida do excelso poeta alemão. Estão relatados no *Friedensreich Bund*, órgão da Sociedade Espírita do Território do Sarre:⁷⁶

Goethe encontrava-se na Itália. Certa vez, alta noite, Goethe pôs-se a chamar seu criado; quando este entrou no quarto verificou que seu amo havia posto o leito muito próximo da janela, a fim de

observar o céu. “Nada notaste no céu?” perguntou-lhe o poeta, apreensivo. Como o criado respondesse pela negativa, o escritor ordenou-lhe que fosse, correndo, ao posto policial saber se nada haviam observado no céu. Na polícia também nada tinham observado de estranho. “Pois bem! replicou Goethe. Ou teremos um tremor de terra, agora, ou um tremor terra está iminente!”

Nessa mesma noite um tremor de terra sacudiu a cidade de Messina.

O outro aviso espiritual é, também, interessante.

Escrevia Goethe seu *Epilog zum Essex*. Quando ele fez os versos “Ein jeder Mensch... letzten Tag” (Que seja o que quer, cada um conhece seu crepúsculo e seu fim), o retrato de Napoleão, de grandes proporções, que estava preso à parede, desprendeuse por si mesmo e tombou ao chão. Um pressentimento fez estremecer Goethe.

No dia seguinte, em Weimar, chegava a notícia de que Napoleão havia sido batido em Leipzig, para surpresa da população.

Milton, em seu *Paraíso perdido*, ensina: “Eles (as almas) vivem inteiramente pelo coração, pela cabeça, pelo olho, pelo ouvido, pela inteligência, pelos sentidos; dão a si mesmos e a seu bel-prazer membros, e tomam a cor, a forma e a espessura, densa ou delgada, que preferam”.

Entre escritores e poetas, talvez nenhum superasse a mediunidade de Dante. Reafirma ele as palavras de Milton e o parecer de Goethe. Em *A divina comédia*, Purgatório, XXV (tradução de Florentino), Dante explica:

Logo que um sítio há sido assinado à alma (após a morte), sua faculdade formal se lhe irradia em torno, do mesmo modo e tanto quanto o fazia, estando ela em seus membros vivos. Assim como a atmosfera, quando se acha bastante carregada de chuva e os raios vêm nela refletir-se, ornada se mostra de cores diversas, assim também o ar que a cerca toma a forma que a alma lhe imprime virtualmente, desde que nele se detém. Semelhante à chama que por toda a parte acompanha o fogo, aonde quer que ele vá, essa forma nova acompanha a alma a todos os lugares. Porque daí tira ela a sua aparência, chamam-lhe sombra a ela, em seguida, organiza todos os sentidos, até o da vista!

Sobre a existência do perispírito (invólucro do espírito), Leibniz dá razão a Dante, Milton e Goethe. No prefácio de *Novos ensaios* diz o inventor do cálculo infinitesimal, também celebre teólogo:

Creio, com a maioria dos antigos, que todos os gênios, todas as almas, todas as substâncias simples criadas estão sempre juntas a um corpo e que não há almas destituídas, jamais, de um corpo... Acrescento que nenhum desarranjo dos órgãos visíveis será capaz de levar as coisas a uma inteira confusão do animal, ou a destruir todos os órgãos e privar a alma de todo o seu corpo orgânico e dos restos inapagáveis de todos os traços precedentes. Mas, a facilidade que houve em deixarem-se os corpos sutis com os anjos (que confundiam com a corporalidade dos próprios anjos) e a introdução de pseudointeligências separadas nas criaturas (para o que muito contribuíram as que fazem rolar os céus de Aristóteles) e, finalmente, a opinião mal-entendida, segundo a qual não se podia conservar as almas dos animais, sem cair na metempsicose, fizeram, ao meu ver, que se desprezasse o

modo natural de explicar a conservação da alma.

Note-se a perfeita unidade destas opiniões, uma reforçando a outra.

Não concluiremos este capítulo sem afirmar com Léon Denis (*No invisível*, edição da FEB, p. 432) que também Schiller, grande amigo de Goethe, era médium e que “seus mais belos pensamentos não eram de sua própria criação: ocorriam-lhe tão rapidamente, e com tal energia, que ele tinha dificuldade em apreendê-los com suficiente presteza para os transcrever”.

75 Vide a importante obra de Mário Cavalcante de Mello: *Como os teólogos refutam...*

76 O território do Sarre fica situado na Alemanha.

A CABANA DO PAI TOMÁS, OBRA MEDIÚNICA

*É verdade, todas as cenas do meu romance, uma após outra,
se me desenrolaram diante dos olhos e eu descrevi o que via.*

Henriette Beecher-Stowe

E NTRE OS ESCRITORES, DE CUJA mediunidade brotaram obras-primas, destacaremos Henriette Beecher-Stowe, autora do livro *A cabana do Pai Tomás*.

Que era ela médium vidente, não há duvidar. E médium de incorporação. Em sua biografia consta que comumente tinha “fases de ausência psíquica”. Seu esposo, o prof. Stowe, também era médium vidente. Muitas vezes via ele, ao seu redor e pela casa, fantasmas, mas “de maneira tão nítida e natural que, por vezes, lhe era difícil discernir os espíritos “encarnados” dos “desencarnados”, conta-nos o prof. James Robertson em seu estudo sobre Henriette publicado em *Light*, ano de 1904. Sendo médium e partidária da luta pela abolição dos escravos em sua terra, nada mais lógico que um espírito luminoso se aproveitasse de sua mediunidade, a fim de contribuir, através de uma obra humana e pungente, para o término da escravatura.

Henriette não se opôs ao espírito e o romance *A cabana do Pai Tomás* foi publicado, comovendo o povo e contribuindo para a abolição da escravatura norte-americana. Convém notar que Lincoln já fazia sessões espíritas na Casa Branca e, ao proclamar a liberdade de 4,5 milhões de negros, deixara-se influenciar pela

monumental obra vinda do além-túmulo.

Vejam os alguns dos aspectos de como se processou a realização da obra (*Light*, 1898):

A Sra. Howard, amiga íntima da Sra. Beecher-Stowe, forneceu essas curiosas indicações relativas às modalidades nas quais o famoso romance foi escrito. As duas amigas estavam em viagem e pararam em Hartford para passarem a noite em casa da Sra. Perkins, irmã da Sra. Stowe. Elas dormiram no mesmo quarto. A Sra. Howard despiu-se imediatamente e ficou, do seu leito, observando sua amiga ocupada em pentear, automaticamente, seus cabelos anelados, deixando transparecer em seu rosto intensa concentração mental. Neste ponto, a narrativa continua assim: “Finalmente Henriette pareceu sair desse estado e disse-me: ‘Recebi, nesta manhã, cartas de meu irmão Henry que se mostra bastante preocupado a meu respeito. Ele teme que todos esses elogios, que toda esta notoriedade que se criou em torno de meu nome, produzam o efeito de provocar em mim uma chama de orgulho que possa prejudicar minha alma cristã’. Isto dizendo, pousou o pente, exclamando: ‘Meu irmão é, incontestavelmente, uma bela alma, porém ele não se preocuparia tanto com este caso se soubesse que este livro não foi escrito por mim’. – Como, perguntei eu, estupefata, não foi você quem escreveu *A cabana do Pai Tomás*? – ‘Não, respondeu ela, não fiz outra coisa senão tomar nota do que vi’. – Que está dizendo? Então, você nunca foi aos Estados do Sul? – ‘É verdade, todas as cenas do meu romance, uma após outra, se me desenrolaram diante dos olhos e eu descrevi o que via’. Perguntei ainda: – Pelo menos você regulou a sequência dos acontecimentos. – ‘De modo algum, respondeu-me ela; sua filha Annie me censura por ter feito morrer Evangelina. Ora, isto não foi por minha culpa; não podia impedi-lo. Senti-o mais do que todos os leitores de minha história; foi como se a morte tivesse atingido uma pessoa de minha família. Quando a morte de Evangelina se deu, fiquei abatida que não pude retomar a pena por mais de duas semanas’. Perguntei-lhe então: – E sabia que o pobre Pai Tomás

devia, por sua vez, morrer? – ‘Sim, respondeu-me ela, isto eu o sabia desde o princípio, porém ignorava de que morte iria morrer. Quando cheguei a este ponto de minha história, não tive mais visões durante algum tempo’.”

Aí está por que Henriette, já idosa, com setenta anos, dizia sobre sua famosa obra: “Deus a escreveu. Foi Ele quem ma ditou”.

AXEL MUNTHE, MÉDIUM CURADOR

*Que misteriosa força era aquela que quase parecia emanar
da minha mão? Donde vinha?*
Axel Munthe

AXEL MUNTHE MORREU COM 91 anos de idade. Sua longa vida foi um exemplo vigoroso de fraternidade humana: médico rico, tratou dos pobres sem nada exigir em troca; escritor, interessava-se pelos temas capazes de melhorar as criaturas. Foi o autor do *Livro de San Michele* amigo e defensor dos animais, o que demonstra até que ponto ia sua bondade. O nome de Axel Munthe está profundamente ligado ao espiritismo por diversos motivos. Em sua obra *Memories and vagaries* narra ele, com detalhes, um caso de “Intervenção fantasmática”. Munthe fazia parte da Sociedade de Investigações Psíquicas, em Londres, onde se reuniam os maiores cientistas que trataram dos fenômenos espíritas. E o próprio escritor foi médium curador, além de magnetizador de animais.

A conhecida *Revista de Metapsicologia* (número de abril de 1949), que se editava em Portugal, dá-nos um interessante depoimento de Axel Munthe sobre a estranha força que possuía e com a qual, durante a guerra de 1914-18, pôde aliviar inúmeros moribundos. Diz Munthe:

O que me foi dado a fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra, é suficiente para dar graças a Deus por me haver posto nas mãos tão poderosa arma. No outono de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos, cobertos com capotes ensanguentados, agrupados no pavimento da igreja de uma aldeia de França...

Que misteriosa força era aquela que quase parecia emanar da minha mão? Donde vinha? Procedia da corrente da consciência que circulava em mim sob a minha vida exterior, ou consistia, no fundo, no fluido magnético dos antigos mesmerianos?

A palavra sugestão tal como foi usada pelos seus principais promotores, isto é, pela escola de Nancy, só no nome se diferencia daquela força odílica de Mesmer posta atualmente em ridículo. Admitamos que o milagre não o conseguiu o operador, mas o mental subconsciente do indivíduo. Mas, como explicar o êxito de um operador e o fracasso de outro? Por que razão a sugestão de um cai como uma voz de mando na profundidade da mente de um indivíduo, pondo em ação as suas forças latentes, ao passo que a mesma sugestão feita por outro é interceptada pela consciência do indivíduo e não produz nenhum resultado?

Essas interrogações de Munthe não tiveram respostas de seus colegas médicos. Para os que ainda teimam em defender as teorias de Charcot relativas ao hipnotismo, dizia o dr. Munthe: “O hipnotismo não é, como disse Mesmer, uma nevrose introduzida artificialmente, que se encontra apenas no histerismo, nos hipersensíveis, nos de mente débil e nos desequilibrados. A verdade é o contrário disso”.

Hoje, ninguém ousará negar a afirmativa do autor de *O livro de San Michele*. Está provado que todos os indivíduos são suscetíveis de hipnose.

Axel Munthe, também, tinha sonhos premonitórios, alguns interessantíssimos, como o que nos conta a *Revista de Metapsicologia*.

Uma vez, mal adormeceu, o dr. Axel Munthe sonhou que se encontrava numa planície solitária, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos de mármore, meio ocultos, entre a hera, o rosmaninho, a madressilva, as estevas e o tomilho. Sobre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. O rosto duro e barbudo estava queimado pelo sol e o vento; os olhos ardiam como brasas sob as espessas sobranceiras; e o corpo magro e emaciado tremia de febre debaixo da longa capa azul de pastor calabrês. Munthe ofereceu-lhe tabaco e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo fresco de cabra. Munthe mal o percebia; desconhecia aquele lugar do qual não sabia o nome, como ignorava donde fosse o pastor. Perguntou-lhe onde dormia. Com o comprido cajado, o pastor indicou uma escada debaixo de uma abóbada desabada. Munthe desceu, às apalpadelas, as escadas talhadas na rocha e encontrou-se numa sala escura e abobadada. A um canto via-se uma enxerga com duas peles de carneiro a servirem de mantas. Nas paredes e no teto penduras de cebolas e de réstias de alho e tomates secos; uma bilha de barro cheia de água em cima da mesa grosseira. Era esta a casa do pastor e estes os seus bens. Na frente de Munthe abria-se uma escura passagem subterrânea, meio obstruída pelas pedras caídas do teto arruinado. Aonde iria ter? O pastor não sabia. Quando era pequeno tinham-lhe dito que por ali se ia ter a caverna habitada por um Gênio mau, havia milhares de anos, sob a forma de lobisomem que devoraria quem dali se aproximasse. Munthe, sempre em sonho, acendeu uma tocha e caminhou Tateando as escadas de mármore. A passagem alargava pouco a pouco; um sopro de ar frio gelou-lhe o rosto. Ouvia um gemido estranho que lhe arrefeceu o sangue nas veias. Bruscamente, achou-se numa sala imensa. Duas grandes colunas de mármore da África sustentavam ainda uma parte da abóbada; duas outras estavam deitadas no chão de mosaico, arrancadas aos socos pelo tremor de terra. Centenas de grandes morcegos pendiam das paredes em enormes cachos negros; outros revoloteavam a toda perto da cabeça de Munthe, fugindo espavoridos, cegos pela luz súbita da tocha. Ao centro da sala estava agachada uma grande esfinge que o fixava com os seus olhos de pedra muito abertos. Amanhecia quando o sonho

desapareceu. De regresso ao seu iate Munthe mandou içar as velas e navegou para a aventura mais estranha de sua vida. Na noite seguinte o iate ancorou numa enseada solitária, conhecida apenas de alguns pescadores e contrabandistas. Aquela costa era perigosa, sem um fundeadouro seguro no espaço de umas cem milhas. Três dias depois, dr. Axel Munthe encontrava-se na solitária planície do seu sonho, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos meio ocultos entre a hera, o rosmaninho, a madressilva, a esteva e o tomilho. Sobre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. Munthe ofereceu-lhe tabaco, e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo e uma cebola. Disse-lhe que tinha perdido o caminho e perguntou-lhe se podia ali passar a noite. O pastor conduziu-o ao seu alojamento subterrâneo que Munthe tão bem conhecia pelo seu sonho. Estendeu-se nas peles de carneiro e adormeceu.

○ dr. Axel Munthe conclui assim sua narrativa:

Tudo o que sucedeu é demasiado estranho e fantástico para ser traduzido em palavras escritas; de resto, nem me acreditaríeis se intentasse fazê-lo. Eu próprio mal sei onde começa a realidade. Quem dirigiu meu barco para esta oculta e solitária enseada? Quem me conduziu através daquele deserto sem trilho para as ruínas ignorados da casa de Nero? O pastor era de carne e osso, ou seria o próprio 'Pã' que voltara ao seu lugar favorito para tocar a flauta ao rebanho de cabras?

Não me pergunteis, que não posso nem me atrevo a responder-vos. Podeis interrogar a grande esfinge de granito agachada no parapeito da capela de S. Michele. Mas em vão. A esfinge guarda o seu segredo há cinco mil anos. Guardará também o meu!

Dissemos que na Sociedade de Investigações Psíquicas, em Londres, teve Axel Munthe oportunidade de fazer-se amigo dos grandes metapsiquistas. Na célebre instituição londrina conheceu, inclusive, Frederic Myers, o inolvidável autor de *A personalidade humana e a sua sobrevivência depois da morte*. Então, jantaram juntos, conversaram até altas horas da noite sobre as experiências realizadas por Myers. Pois bem! Anos mais tarde, em Roma, Munthe foi chamado com urgência ao Hotel Consranzi, a fim de conferenciar com um seu colega médico a respeito de um doente em estado desesperador. E viu com espanto que esse doente era o seu amigo Myers! Coincidência? É possível. Convenhamos, porém, que em Roma existem milhares de médicos e o escolhido foi Axel Munthe, sendo que este não sabia quem era o enfermo... Coincidência, também, o fato de Myers e Munthe estarem na mesma cidade, um ignorando a presença do outro? Coincidência, também, que Myers viesse a morrer nos braços de Axel Munthe?

Que o leitor interrogue a esfinge muntheana.

O autor do *Livro de San Michele* deu, também, assistência médica, por algum tempo, a Guy de Maupassant, o qual, por vezes, viveu fenômenos espíritas.⁷⁷

77 Axel Munthe e Guy de Maupassant foram amigos. Eis o que nos conta Munthe: “Maupassant às vezes subia a correr as escadas da Avenida de Villers, sentava-se a um canto do meu gabinete, olhando-me em silêncio com aquela mórbida fixidez de olhar que eu tão bem lhe conhecia. Permanecia com frequência dez minutos parado, a contemplar-se ao espelho da chaminé, como se olhasse um estranho. Contou-me um dia que, enquanto sentado na sua cadeira, escrevia uma nova obra, sentira uma viva surpresa ao ver entrar no gabinete um estranho, apesar da severa vigilância do criado. O intruso sentara-se na sua frente e começara a ditar o que ele ia escrever. Dispunha-se a chamar François, para o expulsar, quando viu com horror que o intruso era ele próprio” (vide *Dez loucos geniais*, do escritor português Américo Faria). A explicação espírita para o caso só pode ser esta: evidentemente, o intruso não era o próprio Maupassant e, sim, um espírito que adquiriu por instantes as características fisionômicas do escritor com o intuito, sem dúvida, de perturbá-lo. Uma das qualidades do perispírito (ensina *O livro dos médiums*, de Kardec) é a plasticidade.

GABRIEL D'ANNUNZIO E A MÉDIUM VALBONESI

*À Bice Valbonesi, que vê e ouve, Gabriel D'Annunzio
oferece esta imagem mística.*

QUANDO D'ANNUNZIO AVISTOU-SE COM A médium italiana Bice Valbonesi, o grande escritor e poeta já havia testemunhado fenômenos espíritas, dos quais ele mesmo nos dá referências. O primeiro fenômeno foi uma aparição de Franz Liszt, em Turim. Gabriel D'Annunzio havia recebido um grande piano de uma fábrica instalada em Turim. No dia seguinte, agradecendo o presente, revelou o seguinte:

Meus caros companheiros de construções sonoras,
Chegou-me ontem, à tarde, um grande piano...

Estando o sino da paróquia a repicar, o piano se pôs de repente a vibrar com tal força, que abafou as vozes do bronze católico. Não sem grande espanto, verifiquei, então, que o espectro do músico Franz Liszt, que morou algum tempo na casa que ora ocupo, se aproximara do teclado e pousara sobre as cordas da caixa de harmonia suas longas mãos materiais. Provocava, assim, nessas cordas horizontais, uma espécie de tempestade rítmica, cujo rumor subia para a primeira estrela.

Ficai, pois, satisfeitos, oh! meus companheiros.

O vosso magnífico instrumento foi experimentado e aprovado pelo admirável padre Liszt, que no correr da minha primeira juventude

consentiu em tocar somente para mim, certa noite de lua cheia, em que nos encontrávamos na Vila d'Este.

A essa lembrança meu coração ainda treme de gozo. Abraço-vos.
Vosso Gabriel D'Annunzio.

O outro fenômeno espírita, relatado em *L'Intransigent*, não é menos interessante, embora vulgar na bibliografia espiritista. Trata-se da intromissão de uma mão espiritual numa fotografia: “Gabriel D'Annunzio prometeu a um espírita italiano, o professor Mazardi, uma das suas fotografias, na qual se distingue a mão de uma mulher repousando sobre o pescoço do poeta. Na carta que fez acompanhar a fotografia, D'Annunzio escreveu: ‘É a mão de minha mãe; é uma prova que seu espírito me cerca, assim como os de todos os nossos mortos’.”

Essa fotografia, D'Annunzio também ofereceu à médium Bice Valbonesi, quando o visitou em 1924. Na revista *La Mission Spirituale* Valbonesi nos conta a entrevista que teve com o célebre poeta:

Em fins do ano de 1923 (época em que eu não possuía preparo algum, nem literário, nem intelectual) fui surpreendida por um estranho fenômeno psíquico: a meus ouvidos chegou uma voz doce e profunda que me transmitia expressões poéticas. Comecei, então, a escrever sonetos, versas do século 13, que foram julgados dum profundo valor filosófico. À medida que ouvia, ia escrevendo. As folhas se amontoavam sob meus olhos, assombrando aos que me rodeavam. Um dia, ouvi uma voz imperiosa: “Vai mostrar teu trabalho a Gabriel D'Annunzio”. Fiquei perplexa ante esta ordem, mas meus amigos me exortaram a obedecer e decidiram conduzir-me à casa do poeta. Parti, pois, para Cardone e Riviera, em seis de janeiro de 1924, acompanhada pelo senhor Bergoni, sempre muito

apaixonado pelos estudos biopsíquicos, cheio de fé e seguro do êxito. Depois de colhidas as necessárias informações, dirigimo-nos a Victorial. Transpusemos o recinto e a vereda sombreada por oliveiras. Ali, um cavalheiro, impecavelmente trajado, veio ao nosso encontro: era o arquiteto Maroni. O senhor Bergoni lhe expôs os motivos de nossa visita. Imediatamente ele se pôs à nossa disposição e prometeu falar com o Comandante Gabriel D'Annunzio. Na mesma noite veio ele ver-nos no Hotel do Lago, anunciando-nos que o poeta nos receberia no dia seguinte às 14 horas e que, a partir desse momento, deveríamos nos considerar seus hóspedes. No mesmo instante experimentei estranha sensação: não senti ansiedade alguma em ser recebida por um homem tão distanciado de mim como o sol da terra. Em sete de janeiro eu transpunha o limiar do Victorial, sempre acompanhada pelo senhor Bergoni e o arquiteto Maroni. A apresentação realizou-se no oratório do poeta, no qual só penetram seus íntimos, e onde a paz estava aliada ao silêncio. Foram lidos alguns versos. Gabriel D'Annunzio declarou-os perfeitos, tanto na forma como no conceito e aconselhou-me a publicá-los tal qual estavam. Despediu meus companheiros e permanecemos a sós. Fui então assaltada por um violento desejo de escrever. Meu braço tremia como se o percorresse uma corrente elétrica: as folhas se cobriam de uma escrita fina e cerrada; e o Comandante D'Annunzio as recolhia à medida que eram escritas e lia-as atentamente. Dirigindo-se a mim com simplicidade, manifestou-me sua emoção, pois que se tratava de uma comunicação de sua mãe. O poeta permaneceu pensativo por largo tempo. Depois, apontando-me uma pequena e humilde fonte, donde a água caía, gota a gota, disse: “É a imagem da vida eterna daquela que foi minha mãe adorada”. Senti-me um tanto aturdida, como me sucede todas as vezes em que escrevo sob o império dessa força-pensante. Todavia, despertei quando passamos à biblioteca; o aposento estava iluminado pelo sol poente. Novamente ouvi a voz que me ditava o seguinte:

A GABRIELE D'ANNUNZIO

Profetico miraggio è ne l'essenza
che ascosa pulsa in profundidade,
scintilla, a foco, esce di semenza;

che lo saper ti porta a veritade
di que decreti, mossi da giustizia,
in puro cielo di eternitade.

Odi la voce, prena di mestizia,
che: – Gabriel, sussurra in certe ore,
surgere fuora da la iniquizia.

Annuntio est, inciso è ne lo core;
ardon li petti di desiri vivi:
accogli l'eco di lontano amore.

O poeta, agradavelmente surpreendido, perguntou-me com emocionada gratidão o que poderia oferecer-me em recompensa da intensa alegria espiritual que eu lhe havia proporcionado. Perplexa, não me ocorreu o que responder. Então se ausentou e voltou trazendo um livro em sua mão: *A Itália dos italianos*. Sobre a primeira folha branca, estava escrita a seguinte dedicatória: “7 de janeiro de 1924; À mensageira do espírito oculto – à Bice Valbonesi – ofereço este livro ascético de minha salvação. Gabriel D’Annunzio”. Entregou-me, também, uma fotografia com esta dedicatória: “Manus Matris, 7-1-24. À Bice Valbonesi, que vê e ouve, Gabriel D’Annunzio oferece esta imagem mística”. Manus Matris? À minha muda interrogação, o Comandante explicou que no momento de posar para o fotógrafo havia sentido, sob o mento, a carícia da mão materna.

Fez-me observar que a mão era clara e plenamente visível no reverso e à esquerda da negativa. Insistiu para que me demorasse, chamando-me Dona Marzia, porque os versos estavam assinados por uma entidade chamada Marzio. Durante aquela semana, várias vezes voltei a Victorial, lá permanecendo até horas avançadas. Certa tarde, estávamos no oratório, a contemplar os raios solares que se filtravam através dos vidros como chamas de fogo. A meu lado eu sentia seres invisíveis, porém, reais. Nesse silêncio harmonioso, a voz do poeta fazia a apologia do fogo e do sol, e jamais ouvi poesia humana tão admirável. Algumas vezes eu não podia responder a certas perguntas suas; intervinham então as habituais forças ocultas, e me tiravam do apuro: a teologia desenvolvia-se graficamente entre o espírito, a “entidade presente” e o Comandante, que religiosamente recolhia as folhas e as lia com visível emoção. Certa noite, no hotel, enquanto conversávamos no salão, eu e alguns amigos, fizemos queimar incenso e pensamos fortemente no poeta a conversar com alguém. Na manhã seguinte, fiquei maravilhada ao ouvir o Comandante dizer: “Dona Marzia, queimaste incenso ontem à noite, pois seu perfume veio até onde eu estava”. Constatei, então, que eu me achava de posse de poderes superiores excepcionais. Muitas vezes tivemos conversações espirituais. Recordo-me particularmente de sua dissertação sobre a eternidade da matéria. Tive assim, não só a prova de sua cultura incomparável como a de sua convicção na imortalidade da alma e seu particular conceito da vida futura.

Uma vez, ao declinar do dia, colocou no dedo de minha mão direita um anel finamente cinzelado de arabescos, dizendo: “Que a vossa missão seja selada por este aro, assim como esta pedra vermelha deve ser para vós, Dona Marzia, como o é para mim, o símbolo de uma força superior”. Parti. Sua lembrança viva está e sempre estará presente durante minha vida toda.

* * *

Aí está: D’Annunzio, em seu tempo considerado um dos maiores poetas do mundo, comprovou fenômenos espíritas, deu seu

testemunho através de autógrafos, cartas e declarações a jornais, incorporando-se, assim, a Rilke, Victor Hugo, Conan Doyle etc.

MAETERLINCK E AS EXPERIÊNCIAS DE ALBERT DE ROCHAS

O coronel Rochas (convém notá-lo já) é um sábio que não procura senão a verdade objetiva, com um rigor e uma probidade científica, que nunca ninguém pôs em dúvida.

Maurice Maeterlinck

O ESCRITOR E FILÓSOFO MAURICE MAETERLINCK é assaz conhecido. Suas obras, traduzidas em todas as línguas cultas, percorrem o mundo em sucessivas edições. O autor de *A vida das abelhas* foi um constante estudioso dos problemas escatológicos e, como tal, interessou-se pela reencarnação. Nada, porém, o satisfazia sobre o assunto, até que, um dia, pôde avistar-se com Albert de Rochas e tomar conhecimento de suas impressionantes experiências com hipnotismo. Sobre essas experiências que revolucionaram os círculos científicos da época, diz-nos Maeterlinck, detentor do Prêmio Nobel, em sua famosa obra *A morte*:

O coronel de Rochas (convém notá-lo já) é um sábio que não procura senão a verdade objetiva, com um rigor e uma probidade científica, que nunca ninguém pôs em dúvida. Ele adormece certos indivíduos excepcionais e, por meio de passes longitudinais, faz-lhes subir todo o curso da sua existência. E assim os leva, sucessivamente,

à mocidade, à adolescência e até aos extremos limites da infância. Em cada uma daquelas estações hipnóticas o indivíduo torna a achar a consciência, o caráter e o estado de espírito, que ele tinha na respectiva estação da sua vida. Atravessa os mesmos acontecimentos, as suas venturas e os seus pesares. Se esteve doente, torna a passar pela sua doença, pela sua convalescença e pela sua cura. Se é, por exemplo, uma mulher que foi mãe, fica novamente grávida, e sente de novo as angústias e as dores do parto. Regressando à idade em que aprendia a escrever, o indivíduo escreve como uma criança, e pode-se confrontar a sua letra com a dos seus cadernos de estudantes. Isto já é muito extraordinário, mas ouçamos o coronel de Rochas:

– Até agora (diz de Rochas), temos caminhado em terreno firme e temos observado um fenómeno fisiológico, dificilmente explicável, mas que, por experiências e verificações numerosas, é permitido considerar como certo. Entramos agora numa região em que nos aguardam enigmas mais surpreendentes. Observamos um dos casos mais simples. O indivíduo é uma rapariga de 18 anos, chamada Josefina. Reside em Voiron, na Isère. Ei-la levada, por meio de passes longitudinais, ao estado de criancinha, amamentada pela mãe. Os passes continuam e o conto de fadas continua. Josefina já não pode falar; e temos o grande silêncio da infância, ao qual parece suceder outro silêncio, ainda mais misterioso. Josefina só responde por sinais; ainda não nasceu, flutua na escuridão. Insiste-se; o sono torna-se mais pesado; e, de repente, do fundo daquele sono, eleva-se a voz de outro ser, uma voz inesperada e desconhecida, uma voz de velho aborrecido, desconfiado e descontente. Interrogam-no. Primeiro, recusa responder, dizendo que está ali, pois que fala; que não vê nada e que está na escuridão. Redobram-se os passes, adquire-se pouco a pouco a sua confiança. Chama-se João Cláudio Bourdon; é velho, está deitado no leito e doente desde muito tempo. Conta a sua vida. Nasceu em Champvent, na comuna de Polliat, em 1812. Esteve na escola até os 18 anos, fez o seu serviço militar no 7º regimento de artilharia, em Besançon, e narra as suas façanhas, enquanto a pequenina adormecida faz o gesto de retorcer um bigode imaginário. Voltando à sua terra, não se casa, mas toma uma amante. Envelhece solitário, e, resumamos, morre aos 70 anos, depois de uma longa

enfermidade. Agora, é o morto que fala; e as suas revelações de Além-túmulo não são sensacionais, o que aliás não é razão suficiente para duvidarmos da sua realidade. Sente-se sair do seu corpo; mas ficou-lhe ligado por bastante tempo. O seu corpo fluídico, difuso ao princípio, retoma forma mais compacta. Vive na escuridão, que lhe é penosa, mas não sofre. Enfim, as trevas em que está mergulhado são cortadas de alguns clarões. Tem a ideia de reencarnar, e aproxima-se daquela que deve ser sua mãe, isto é, mãe de Josefina. Rodeia-a, até que a criança venha à luz, e então, entra pouco a pouco no corpo daquela criança. Até aos sete anos, havia em volta daquele corpo uma espécie de nevoeiro flutuante, onde ele via muitas coisas, que depois não tornou a ver. Trata-se agora de subir para além de João Cláudio Bourdon. Uma magnetização de perto de três quartos de hora, sem parar em nenhuma estação, reconduz o velho morto ao estado de criança muito pequenina. Novo silêncio, novos limbos; depois, subitamente, outra voz e personagem inesperada. Desta vez, é uma velha que foi muito má e sofre muito. (Morre então, pois naquele mundo invertido tomam-se as vidas às avessas, e, naturalmente, começam pelo fim.) Está agora em trevas densas, rodeada de espíritos maus. Fala com voz fraca, mas responde claramente às perguntas que lhe fazem, em vez de chicanar, a cada instante, como fazia João Cláudio. Chama-se Filomena Cartezon.

– Tornando o sono ainda mais profundo – fala ainda o coronel de Rochas, que eu (Maeterlinck) cito aqui textualmente –, provooco as manifestações de Filomena, enquanto viva. Já não sofre, parece muito calma, e responde sempre muito nitidamente e num tom seco. Sabe que não é estimada na sua terra, mas ninguém perderá nada e ela saberá vingar-se na ocasião própria. Nasceu em 1702, chamava-se Filomena Charpigny, quando era solteira; seu avô materno chamava-se Pedro Machon e residia em Ozan. Casara em 1732, em Chevreuse, com um homem chamado Cartezon, de quem teve dois filhos que morreram. Antes de sua reencarnação, Filomena fora uma rapariguita; falecida em tenra idade. Antes disso, tinha sido um homem que fora assassinado; é por isso que ela sofre muito na escuridão, ainda depois da sua vida de criança, em que não tivera tempo de fazer mal, para que expiasse o seu crime. Não julguei útil

prolongar mais o sono, porque o sensitivo parecia esgotado, e as suas crises incomodavam-nos. Mas, por outro lado, fiz uma observação que tenderia a provar que as revelações daqueles médiuns se estribam numa realidade objetiva. Em Voiron, tenho por espectadora habitual das minhas experiências uma jovem, de espírito muito ponderado, muito refletida, e nada sugerível, Luísa, que possui em elevadíssimo grau a faculdade, que é relativamente comum em menor grau de perceber os eflúvios humanos, e, por consequência, o corpo fluídico. Quando Josefina reaviva a memória do seu passado, observa-se em volta dela uma aura luminosa, percebida por Luísa. Ora, aos olhos de Luísa, aquela aura torna-se sombria, quando Josefina entra na fase, que separa duas existências. Em todo o caso Josefina reage vivamente, se eu toco em pontos do espaço, onde Luísa me diz perceber a aura, quando luminosa e quando sombria.

Eis o impressionante relato que Maeterlinck transcreve em sua obra *A morte*. Baseado nas célebres experiências do cientista francês de Rochas, que Maeterlinck adverte ser “um sábio que não procura senão a verdade objetiva, com um rigor e uma probidade científica que nunca ninguém pôs em dúvida”, o filósofo escreveu ainda em sua obra citada:

Não se pode negar que, de todas as hipóteses religiosas, a reencarnação é a mais plausível e aquela que menos briga com a nossa razão. Tem por si, o que não é para depreciar, o apoio das religiões mais antigas e mais universais, as que, incontestavelmente, têm ministrado à humanidade maior soma de sabedoria, e cujas verdades e mistérios ainda não conseguimos esgotar. [...] Só ela, com a sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de todas as desigualdades físicas e intelectuais, de todas as iniquidades sociais, de todas as injustiças abomináveis do destino.

Por esposar tais ideias a Igreja colocou no *Index* as obras de Maeterlinck por decreto de 26 de janeiro de 1941, não obstante o escritor fosse moralista. O hipnotismo, também, é condenado pela igreja, pois, como vimos, através da regressão da memória chega-se à reencarnação e à evidência de que paraíso e inferno não passam de figuras de retórica. Eis o que nos diz o cardeal Alexis Lépicier, em sua famosa obra *O mundo invisível*, já em quinta edição portuguesa e que mereceu do papa Benedito XV a aprovação:

Mas, quando o hipnotismo é usado para provocar efeitos de ordem psicológica e intelectual, e implica um prévio alheamento da vontade; quando, por exemplo, a vista do hipnotizado se torna capaz de penetrar através de qualquer anteparo opaco ou de contemplar cenas que se passam a distância; quando o paciente começa a falar línguas que lhe eram desconhecidas e a executar com a maior precisão planos traçados pelo hipnotizador – é então que o abuso começa e que a atuação de seres invisíveis, tacitamente invocados, deve ser considerada como a única causa produtora de tais efeitos.

Como nota o leitor, o inteligente cardeal atribui aos espíritos “a única causa produtora de tais fenômenos”.

A citação acima é oportuna porque demonstra que os corifeus do catolicismo conhecem perfeitamente bem o hipnotismo e sua consequência, ou seja, a negação do inferno e paraíso; daí a pressa com que condenam os “exageros” da prática hipnótica – aqueles “exageros” que levam os cientistas à verdade espírita. Demonstra isto o quê? Que o Vaticano, além do hipnotismo e magnetismo, conhece, também, a estrutura do espiritismo, quer a teórica quer a da parte prática, é evidente. Nem poderia ser ao contrário! Mas, nem todos os cardeais, bispos e padres renegam o espiritismo ou o

hipnotismo. Proíbem-nos aos seus fiéis, mas, em segredo, os praticam, como se pode deduzir das palavras de Lépicier. O historiador Alexandre Herculano, umas das glórias das letras portuguesas, certa vez pôde surpreender numa livraria um grosso volume destinado aos seminários, no qual se autorizava o estudo do espiritismo – e este é um fato espantoso porque contrário às ordens cardinalícias! O fato vem narrado por Herculano em *Cartas*, 3ª edição, 1º vol., à página 70:

Há anos [diz o vigoroso autor de *Eurico, o presbítero*], entrando numa loja, vi sobre o balcão uns grossos volumes. Era uma história eclesiástica em francês, continuada até o tempo presente para uso dos seminários. Tive curiosidade de ver o que se ensinava nos seminários acerca do estado atual da Igreja. Das cousas estupendas que lá encontrei só me ficou de memória uma particularidade. Era então a época em que as mesas girantes prendiam as atenções. O autor falava do fenômeno como um sucesso gravíssimo no mundo religioso. Quanto a ele não havia a menor dúvida de que era o Diabo quem movia as mesas. Deus tinha encarregado Satanás daquele serviço para provar a um século incrédulo, por uma manifestação pública, repetidas milhares de vezes e em milhares de lugares, a existência do próprio Diabo.

Ri-me quando acabei de ler semelhantes tolices, mas o riso converteu-se-me em tristeza, quando vi embaixo da página aquela boa doutrina autorizada não me lembro por quantas dúzias de pastorais de bispos.

WALTER DE LA MARE, POETA DOS FANTASMAS

*Contar-lhes algo vim, mas, se ninguém responde, eu levarei
comigo a palavra inviolada.*

Walter de la Mare

FOI WALTER DE LA MARE um dos maiores poetas da Inglaterra. Médiun admirável, em sua *The Listeners* comenta algumas de suas projeções astrais (bilocação), desnor-teando a crítica. Nunca, porém, o poeta escondeu sua adesão ao espiritismo, sabe perfeitamente a crítica; no entanto, a poética de La Mare até hoje (!) não é bem compreendida pelos historiadores literários. Suas poesias continuam sendo para a crítica um mistério. Dançam os críticos em torno de seus versos, sacam conclusões esdrúxulas, classificam o poeta de hermético, quando a chave está na doutrina espírita! O mais notável, porém, de tudo isto é que o poeta inglês fez publicar um livro sobre suas investigações espíritas; sobre “desdobramentos”, principalmente. Tudo inútil! A crítica não tomou conhecimento e continua interessada, apenas, em suas poesias “estranhamente belas e indecifráveis”. Vejam os leitores a que extremos levam os preconceitos religiosos. Não podendo ignorar a poesia de Walter de la Mare, que é genial, teima em não classificá-la de “espírita”. Esta atitude não foi tomada, apenas, pelos críticos estrangeiros; os brasileiros, também, a adotaram; servilmente, como é de praxe.

Eugênio Gomes é um crítico severo e honesto; quando, porém, nos livros que analisa entram elementos da doutrina espírita, parece ignorá-los. Estudando a poética de Walter de la Mare,⁷⁸ o crítico nacional escreve: “As transposições do real para o imaginário, ou deste para aquele, operam-se, por via de regra, imprevista e insensivelmente, na poesia de Walter de la Mare”.

Do real para o imaginário, diz o crítico, fazendo-se alheio às experiências metapsíquicas que revolucionaram os círculos cultos de todos os países. Que o crítico não se interesse pelo espiritismo, é um direito; mas, interpretar as produções espíritas, de autores declaradamente espíritas, por um prisma até contrário ao espiritismo, isso é quase desonestidade, convenhamos. Peço a atenção especial do leitor para esta declaração de Eugênio Gomes: “Walter de la Mare está longe de ser um poeta acessível, até porque a sua vida íntima permanece indevassável à bisbilhotice da crítica, o que parece tornar, e torna, com efeito, ainda mais longínqua a nebulosa de seus pensamentos”.

Isto não é verídico: a vida íntima do grande poeta nunca permaneceu indevassável. De la Mare foi médium e nunca o negou. Suas experiências e as interpretações de seus sonhos ele as contou em um livro! Não há, pois, nenhuma “nebulosa em seus pensamentos”, como diz o crítico: é só consultar sua obra ou as de Allan Kardec e a chave dos versos do poeta será encontrada. O problema é um só: pôr o velho preconceito de lado.

De la Mare sofreu forte influência do poeta William Blake; e Blake, como o mundo inteiro sabe, foi médium vidente a partir dos quatro anos de idade. Ora, para um crítico azougado como Eugênio Gomes, este fato não devia ser uma pista para chegar à conclusão de que Walter de la Mare também era médium? E que somente com esta conclusão seria possível interpretar com exatidão as suas obras-primas?

Vejam os poemas característicos de Walter de la Mare.

Intitula-se *The listeners* e sua tradução pertence ao ensaísta Eugênio Gomes:

Não há ninguém aí dentro? – indaga o Viandante,
A bater, a bater, à enlucada porta,
Ao passo que o animal, no silêncio expectante,
A relva, em derredor, tranquilamente, corta.

Sobre sua cabeça uma ave passa, rente
Do torreão, a triçar a sua pressaga.
E ele, tenaz, batendo a porta novamente,
Não há ninguém aí dentro? – ainda uma vez indaga.

Mas, em vão! ninguém desce a atender-lhe o chamado,
Do parapeito em meio à ramaria de hera,
Não aponta ninguém que, de lá, debruçado,
Venha acaso fitar a sua face severa.

Ouvistes, numa turba, os fantasmas discretos,
Que habitam a mansão misteriosa, entrementes,
Comprimem-se a escutar, soturnos, mas inquietos,
Aquela voz que vem do mundo dos viventes.

Sob um raio de luar que, atravessando a escada,
Vai banhar o salão imenso e apavorante,
Quedam-se eles a ouvir, no frio ar agitada,
A voz com que lá fora os procura o Viandante.

Constrange-lhe, a este, que sua voz solitária
Por tamanha mudez seja só respondida,
Enquanto vai e vem a pascer a alimária,
Sob o luar que branqueia a noite adormecida.

Fazendo que, de novo, a velha porta estronde,
O Viandante lhes fala em voz mais elevada:
“Contar-lhes algo vim, mas, se ninguém responde,
Eu levarei comigo a palavra inviolada”.

Dos ouvintes não vinha o mais mínimo ruído,
Mas, ao ressoo da voz do Viandante apressado,
No esconso casarão, podia ser ouvido
Um como respirar de alguém meio acordado.

Ah! Eles ouviam tudo! e o tinir das esporas
E o patear do animal, ferrado, de abalada.
E o silêncio volveu, àquelas ermas horas,
Quando o tropel cessou para as bandas da estrada.

Poema esplêndido, sem dúvida; e de uma claridade meridiana.
Perguntamos ao leitor: houve alguma dificuldade para compreendê-lo? Tudo claro, límpido como a água; só os críticos de literatura é que não o entendem...

78 Eugênio Gomes: vide sua obra *D. H. Lawrence e outros*, Globo, 1937.

JACINTO BENAVENTE (PRÊMIO NOBEL) E OS MISTÉRIOS DE ALÉM-TÚMULO

Claro está que ao pensar isto já me afirmava no espiritismo...

Jacinto Benavente

UM DOS ESCRITORES MAIS FAMOSOS de Espanha, com sua obra profundamente humana e realista, obteve Jacinto Benavente o Prêmio Nobel de Literatura em 1922. Quando o autor de *Los ojos de los muertos* declarou-se espírita, a imprensa mundial noticiou o fato com estrondo. Ao passar por Lisboa, Benavente foi entrevistado, em maio de 1930, quando, então, fez as seguintes declarações ao *Diário de Lisboa*.

As referências dos falos extraordinários que autores de valores positivos referiam nas suas obras, despertaram em mim a inquietação que nos produz sempre o conhecimento dum fenômeno cujas causas não podemos explicar. E sem afirmar nem negar nada, com a prudência que o juízo nos aconselha quando nos encontramos ante um efeito cuja causa desconhecemos, fui afirmando pouco a pouco a minha crença, até chegar à conclusão de que nada é impossível e de que essa vontade que nos rege reserva grandes surpresas. Creio firmemente que estes falos que hoje nos maravilham serão qualquer dia tão familiares como essas chapas de gramofone às quais a ciência ligou sons que, por serem impalpáveis, se julgavam livres.

Foi assim a minha iniciação: sabia que no Ateneu eram celebradas sessões de espiritismo por um grupo de curiosos investigadores, que estavam intrigando todos com os fatos inexplicáveis de que eram testemunhas. Uma tarde em que estavam fazendo experiências pelo primitivo processo da mesa de “pé-de-galo”, acerquei-me do grupo com certas reservas perfeitamente compreensíveis. Disseram-me que a “mesa” adivinhava tudo e eu, que não duvidava da veracidade daqueles senhores, pensei que se tratava, sem dúvida, dum caso de telepatia. Claro está que ao pensar isto, já me afirmava no espiritismo ou espiritualismo, posto que a telepatia é uma forma de espiritualismo, e se não podemos negar que o pensamento se transmite entre os seres vivos, é absurdo negar que possa transmitir-se entre um ser vivo e outro morto, posto que o pensamento, que é vibração, é uma das qualidades da alma, e a alma é telepatia entre nós e o divino.

Pois bem: propus aos investigadores do Ateneu que me adivinhassem o número de moedas que tinha na minha algibeira. Devo explicar que eu ignorava em absoluto, pois tinha trocado uma nota naquela tarde e pago várias coisas, desconhecendo, portanto, a soma de que era portador. Concentramo-nos num momento e a mesa deu certo número de pancadas de que tomamos nota exata. Tirei as moedas para fora e, entre ironia e convencido, disse: “Para um espírito não está mal; enganou-se numa apenas”. Mas, no mesmo momento uma força superior à minha vontade obrigou-me a contar de novo as moedas, e calcule-se o meu assombro: entre dois “duros” encontrei uma “peseta” que era a moeda que faltava para que a quantia adivinhada fosse exata. Não fora um caso de transmissão de pensamento, mas sim a presença duma força superior que agira sobre nós e a nossa vontade.

Esse caso foi a semente que fez criar no meu espírito a evidência de que tudo quanto se produz no mundo é natural e que não demoraremos em conhecer as leis que regem estes fenômenos que só a incultura pode negar sistematicamente. Os que apoiam as suas dúvidas em que as reações de fluidos não estão ainda bem determinadas e que as comunicações dos médiuns estão sempre em relação com a sua cultura, seguramente nunca se lembraram que

todas as grandes descobertas tiveram um período de gestação e que, tal como na radiotelefonia, falta apenas precisar certos mistérios das ondas.

Tudo chega na hora justa e havemos de saber tudo aquilo que podemos saber. Entretanto, investiguemos.

E, com essa profissão de fé, o mestre do teatro espanhol enriqueceu a galeria dos intelectuais espíritas.

Que outra doutrina, filosófico-científica, mereceu nomes tão gloriosos? E em tão pouco tempo?

O DUELO ENTRE VICTOR HUGO E A “SOMBRA DO SEPULCRO”

Tornei a adormecer. Durou o fenómeno cerca de uma hora.

Victor Hugo

VICTOR HUGO HAVIA ROMPIDO COM Luís Bonaparte e se instalara na ilha de Jersey, na qualidade de exilado político. O que foi sua vida na tranquila ilha com seus habitantes falando um velho dialeto normando-francês, diz bem este trecho de carta escrito por Mme. Hugo:

Nossa vida é sempre a mesma. O exílio é monótono, aviltante. Meu marido levanta-se com a aurora e trabalha toda a manhã; não nos encontramos senão ao meio-dia para almoçar e então conversamos... Meu filho Charles transformou-se num grande conversador e seu pai e eu ouvimo-lo com prazer. Depois do almoço, cada um toma o seu rumo, meu marido para um passeio no campo, meu segundo filho para a cidade – ele é o mais sociável da família – e Charles estira-se num duro sofá de crina e sonha, fumando seu cachimbo... A música do piano que vem de cima é de minha filha Adèle...

A tranquilidade do exílio, às vezes, era interrompida pela chegada

de amigos que vinham dar a Victor Hugo o testemunho de solidariedade. Entre essas visitas uma houve que teve influência na vida de Victor Hugo: Delphine de Girardin, poetisa e dramaturga, em cuja residência, em Paris, mantinha um salão literário frequentado pelos maiores poetas e escritores franceses e estrangeiros, destacando-se Lamartine e Balzac. Ela chegara em Jersey no mês de setembro de 1853, trazendo uma novidade: as “mesas falantes”, que serviam de intermediário entre os vivos e os mortos; novidade importada da América e muito usada em Paris. Victor Hugo se recusara a participar das experiências, achando-as “sacrílegas”, embora acreditasse na possibilidade da comunhão com os mortos. Com a chegada de Auguste Vacquerie à ilha, Victor Hugo aquiesceu e algumas experiências foram realizadas (Kardec, então, não havia ainda publicado nenhuma obra). Os médiuns eram Charles Hugo e sua mãe; Victor Hugo, distante, com um caderno à mão tomava notas. O fracasso das primeiras experiências foi atribuído ao fato de a mesa ser quadrada, o que “contrariava os fluidos”. Victor Hugo, incrédulo, resolveu acabar com as experiências, mas a sra. de Girardin lhe respondeu, convicta: “Os espíritos não são cavalos de praça à espera da boa vontade do freguês; são livres e vêm a nós quando entendem ser chegado o momento oportuno”.

No dia seguinte, a própria sra. de Girardin comprou, num bazar em Jersey, uma nova mesa, porém, com três pés e redonda, idêntica à que mandara fazer em Paris. E as sessões se reiniciaram com pleno êxito! Os médiuns eram os mesmos: Charles, o filho de Victor Hugo, que parecia ter grande força mediúnica, e sua mãe. O genial poeta ficava sempre de lado, tomando notas em companhia da sra. de Girardin.

A primeira comunicação mediúnica que abalou profundamente Victor Hugo foi a de sua filha Leopoldina, desencarnada em um desastre no rio Sena. Era de seus filhos a predileta. Vacquerie, em

Les miettes de l'histoire, relata o que foi essa sessão:

Uma noite, a mesa soletrou o nome de uma morta, sempre viva na lembrança de todos os que ali se achavam. Era inadmissível a desconfiança: ninguém teria tido a coragem ou a ousadia de em nossa presença tripudiar sobre esse túmulo. Uma mistificação era já bem difícil de admitir, quanto mais uma infâmia! A suspeita seria de si mesma desprezível! O irmão (Charles) interrogou a irmã (Leopoldina), que surgia da morte para consolar o exilado; a mãe chorava; uma emoção inexprimível oprimia todos os corações; eu sentia distintamente a presença daquela que o vendaval arrebatara. Onde estava? Amava-nos sempre? Era feliz? – Ela (Leopoldina) satisfazia a todas as perguntas, ou respondia que lhe era defeso responder. A noite escoava, e nós permanecíamos ali, com a alma presa à invisível aparição. Afinal, nos disse ela: “Adeus!” e a mesa ficou imóvel.

A partir dessa noite memorável Victor Hugo tornou-se adepto da prática espírita. A comunicação espontânea do espírito de Leopoldina fora a maior das provas! Victor Hugo e sua esposa ficaram abalados e, graças, principalmente, à mediunidade de Charles, as sessões não pararam durante os três anos que durou o exílio.

Victor Hugo estava proibido de falar ou escrever sobre a política francesa. Mas, o mestre não era homem para calar-se diante das injustiças; e, enfrentando, mais uma vez, o imperador Luís Bonaparte, fez publicar um violento folheto intitulado “Uma declaração”, o qual terminava com estas palavras: “E agora, que nos expulsem!”

O desafio foi aceito e, dias depois, em 2 de novembro de 1855, Victor Hugo foi intimado a deixar Jersey, imediatamente, caso

contrário seria encarcerado. O poeta refugiou-se, então, em Guernesey, uma ilha vizinha que distava cerca de quarenta milhas ao norte de Jersey.

Guernesey pertencera aos druidas pré-históricos. Ilha pequena, seu porto de Saint Peter era minúsculo, as ruas estreitas e tortas, as casinhas enfileiradas e pitorescas. Victor Hugo instalou-se na rua Hauteville, no alto de um morro, de onde se avistavam o mar, as praias, o céu muito azul nos dias de sol.

Seu palacete (hoje transformado em museu) era tido como “mal-assombrado” pelos pescadores da ilha. Victor Hugo, então, já espírita, pouca importância deu ao fato. E transformou-o numa mansão, em cujas paredes o poeta colocara curiosas legendas esculpidas por ele próprio. Diziam elas: “A vida é um exílio”; “Come, caminha, reza”; “acordar às seis e dormir às dez faz um homem viver dez vezes dez”; debaixo de um quadro representando uma “Madona e o menino Deus”, Victor Hugo colocou a seguinte legenda: “A liberdade carregando o menino-povo que crescerá”; o que demonstra seu desprezo pelo catolicismo...

Na grande sala de jantar, à cabeceira da mesa, colocara austera cadeira gótica com uma corrente nos dois braços. Numa placa de bronze lia-se: “Os ausentes estão aqui!” Esta cadeira, jamais usada, era “a cadeira dos antepassados”, segundo a expressão do grande poeta.

A vida em Guernesey era monótona. Victor Hugo intensificou-a com o trabalho. Dizia: “Pouco trabalho é aborrecido, muito trabalho é emocionante!” E, em seu redor, trabalhavam todos, inclusive, Mme. Hugo. Ela escrevia-lhe uma biografia que mais tarde foi estampada sem o nome da autora e sob o título *Victor Hugo visto por uma testemunha de sua vida*. Charles Hugo entretinha-se produzindo novelas e veio a publicar um “Jornal dos dias de exílio”, em colaboração com sua irmã Adèle; esta, compunha música e aperfeiçoava-se no piano; François-Victor, o filho mais culto de

Victor Hugo, impulsionado pelo pai iniciou em Guernesey vasto plano para traduzir as obras completas de Shakespeare: tarefa para dez anos e que foi terminada em 1864, no tricentenário do dramaturgo inglês. Auguste Vacquerie, morando agora em companhia da família de Victor Hugo, escrevia peças e livros de viagens. Quanto a Victor Hugo, nunca produziu tanto como no exílio: *A legenda dos séculos*, *Os miseráveis*, *O homem que ri*, *Trabalhadores do mar*, *Os castigos* etc.

De permeio, as sessões espíritas, agora desdobradas e já conhecidas no mundo inteiro. Victor Hugo não escondia seu entusiasmo pelo espiritismo a todos quantos o visitavam: escritores, poetas, políticos, jornalistas.

As sessões, em Guernesey, como em Jersey, eram realizadas através da tiptologia. Com o decorrer delas famosas entidades vieram a manifestar-se: Byron, Molière, Lutero, Shakespeare, Ésquilo etc. Outras entidades se apresentavam ocultas por pseudônimos, como a “Lâmina da Guilhotina”, “Leão de Androcles”, “O Anjo da Luz”, a “Sombra do Sepulcro”. Fácil imaginar os problemas discutidos por Victor Hugo e seus ilustres interlocutores espirituais. Para que se tenha uma ideia do excepcional valor dessas comunicações basta citar o verso transmitido através das fortes batidas do pé de uma mesa: “A flor sofre e cerra os olhos ante a tesoura...”

Ora, este verso veio do Além quase um século antes das experiências científicas que provaram a existência da sensibilidade nos vegetais. Não foi sem razão que Victor Hugo, um dos maiores romancistas e o mais famoso poeta de sua época, conservou-se convicto das verdades espíritas durante trinta anos, isto é, desde a iniciação no exílio até sua morte, em Paris.

Entre os espíritos comunicantes era a “Sombra do Sepulcro” quem mais dava mensagens; com ele Victor Hugo trocou ideias; aceitou conselhos para a elaboração da monumental *Legenda dos*

séculos, em três volumes, e *Les contemplations*. Com a “Sombra do Sepulcro” até polêmicas manteve!

Aqui, um pormenor importante: muitas poesias recebidas graças à mediunidade de Mme. Hugo e seu filho Charles, Victor Hugo incluiu nessas obras que se tornaram célebres em todo o mundo. Como Rilke, Victor Hugo não escondia a procedência desses poemas.

Dissemos que a “Sombra do Sepulcro” participava como orientador e até como colaborador em certas obras de Victor Hugo. A prova está nestas palavras registradas pelo poeta em seu caderno de notas:

Os seres que habitam o desconhecido e que veem nossos pensamentos sabem o que estive escrevendo. Em mais de uma ocasião a mesa me falou desta obra. A “Sombra do Sepulcro” pediu-me que a terminasse... Esses grandes e misteriosos seres veem a vontade no meu pensamento, como quem olha para dentro de uma caverna com uma tocha... Isto é tão verdade que quase me senti ferido na minha pobre vaidade humana pelas revelações precisas que me chegam, que ultrapassam de muito a minha pobre lâmpada de mineiro, uma iluminação como a de um relâmpago ou de um meteoro... O ser chamado “Sombra do Sepulcro” pediu que eu escrevesse um poema solicitando piedade para os seres punidos ou cativos que compõem, na opinião de homens sem visão, a matéria inerte. O Ser dizia: “Não existe mais Inferno... Ó homens, ó plantas, ó animais – tudo é amor. O firmamento, os seres vivos, tudo é um supremo perdão. E agora podeis morrer”. Nesse estado de espírito é que escrevi os versos que a Ideia pediu.

A 4 de janeiro de 1855 Victor Hugo escrevia, entusiasmado, a Mme. de Girardin: “As mesas nos revelam as coisas mais

surpreendentes. Gostaria de vos poder contar tudo o que dizem e beijar vossas mãos – ou asas!...”

Ainda mais: “Vivemos hoje em dia à vista de um horizonte misterioso que muda todas as perspectivas de nosso exílio; e pensamos em vós a quem devemos o abrir dessa janela”.

Como que para consolidar a convicção de Victor Hugo foi-lhe revelado, numa sessão de tiptologia – como sempre seu filho e sua esposa servindo de médiuns –, a morte de Mme. de Girardin em Paris, o que causou violenta comoção entre os presentes.

Certa noite de inverno, em Guernesey [quem conta é E. Blum], faziam-se experiências com a mesa giratória. Estavam presentes o grande poeta, seus dois filhos e Vacquerie.

Charles Hugo é quem servia de médium; interrogava a mesa e comunicava as respostas obtidas. De repente, deu um grito de dolorosa surpresa. “Oh! exclamou. Os espíritos me dão uma horrível notícia: a Sra. de Girardin acaba de falecer neste momento.”

Consultaram o relógio: eram 10 horas.

A Sra. de Girardin, justamente nessa manhã, escrevera comunicando que pretendia passar alguns dias em Guernesey com seu grande amigo Hugo, e era, portanto, esperada sua visita. No dia seguinte chegou uma carta anunciando o falecimento da Sra. de Girardin. Ninguém o poderia saber em Guernesey, onde o telégrafo a esse tempo não funcionava.

Charles Hugo o ignorava, como todos, e – coisa curiosa – a Sra. de Girardin falecera, com efeito, na véspera às 10 horas. Esse fato sempre me impressionou, singularmente, porque era difícil pôr-lhe em dúvida a veracidade, com testemunhas semelhantes.

Nota-se, agora, o elevado nível das sessões realizadas pelo autor de *Os miseráveis*.

* * *

Há quem afirme, maldosamente, que as comunicações espíritas obtidas na casa de Victor Hugo eram oriundas do próprio poeta. É o que nos sugere seu biógrafo Matthew Josephson, o qual chega a afirmar que Victor Hugo era médium, tinha visões etc.

Ora, isto não corresponde à verdade. Médium, Victor Hugo? Tinha o poeta visões mediúnicas?!

O biógrafo afirma, mas, não nos diz em que fonte foi buscar tais notícias.

Não, Victor Hugo não foi médium, nunca teve visões. Quem as tinha, e comumente, era seu filho Charles; este, sim, seu pai, jamais.

Diz, ainda, Josephson, que era Victor Hugo quem forjava as respostas atribuídas aos espíritos. Onde, porém, foi o biógrafo buscar esta afirmativa? Não nos conta. Matthew Josephson sabia que o genial exilado de Jersey jamais se sentava à mesa, ficava afastado, escrevendo em um caderno as respostas dos espíritos.

Ora, os médiuns eram sua esposa e seu filho Charles. Eles, sim, poderiam forjar as respostas se lhes faltasse dignidade. Mas, o biógrafo as prefere atribuir ao próprio Victor Hugo. E por quê? Porque as comunicações dos espíritos tinham alto teor literário e filosófico, estando, pois, acima da cultura da esposa de Victor Hugo e de seu filho Charles.

É para lastimar-se que a melhor biografia de Victor Hugo seja incompleta e até mentirosa no capítulo que trata das investigações espíritas realizadas pelo imortal poeta francês.

* * *

A “Sombra do Sepulcro” (já o dissemos) frequentava, sistematicamente, as sessões realizadas pela família de Victor Hugo.

Ninguém, jamais, soube seu verdadeiro nome, mas orientou a feitura de algumas obras de Victor Hugo, dava-lhe conselhos, emitia altos conceitos filosóficos. Victor Hugo, porém, nem sempre concordava, chegando, mesmo, não raras vezes, a polemizar com a “Sombra do Sepulcro”. E, curioso, é que a “Sombra do Sepulcro” o superava nessas lutas da inteligência, deixando o genial poeta, ao fim da sessão, constrangido perante os amigos.

Certa vez, estavam todos reunidos a fim de realizar uma sessão. Victor Hugo, como de costume, afastado da mesa empunhava um caderno no qual anotava as frases ditadas pelas entidades. De súbito, talvez para humilhar a vaidade do poeta, os espíritos lhe solicitaram que as perguntas fossem, desta vez, feitas em versos. Victor Hugo respondeu que não sabia improvisar; mas, para atender o desejo dos espíritos, pediu que a sessão fosse transferida para a noite seguinte, pois, assim, teria tempo suficiente para escrever uma saudação em versos.

No dia seguinte, já com os versos no bolso, Victor Hugo reuniu a família e a sessão teve início. Molière manifestou-se, cumprimentando a todos. Victor Hugo, então, puxou do bolso os versos feitos na véspera e leu-os, imponente (vide *Le Journal*, de 20/7/1899):

VICTOR HUGO A MOLIÈRE

*Toi qui du vieux Shakespeare as ramassé le ceste,
Toi qui, près d’Othello, sculptas se sombre Alceste,
Astre qui resplendis sur un double horizon,
Poète au Louvre, archange au ciel, ô grande Molière!
Ta visite splendide honore ma maison.*

*Me tendras-tu là haut main hospitalière?
Que la fosse pour moi s'ouvre dans le gazon,
Je vois sans peur la tombe aux ombres éternelles,
Car je sais que le corps y trouve une prison,
Mais que l'âme trouve des ailes!*

A tradução sem rimas pertence a Leopoldo Cirne:

VICTOR HUGO A MOLIÈRE

Tu, que de Shakespeare a manopla empunhaste,
E que opuseste a Otelo o taciturno Alceste,
Astro a resplandecer num dúplice horizonte,
Já no Louvre, ou no céu, poeta, arcanjo, ó Molière!
Honrosa é para mim tua insigne visita.

No espaço prestar-me-ás hospitaleiro auxílio?
Seja-me sob a relva a sepultura aberta;
Encaro sem temor da eterna sombra a cova,
Porque nela, bem sei se aprisiona o corpo,
De asas porém a alma se adorna.

Os espíritos ouvem a saudação de Victor Hugo e, em vez de Molière responder, quem o faz é a “Sombra do Sepulcro”...

Victor Hugo, de pé, com seu caderno e lápis à mão, espera a resposta de Molière. Sua família, atenta, aguarda-a no mais completo silêncio. De súbito, a mesa começa a mover-se e Victor

Hugo se põe a anotar a mensagem:

L'OMBRE DU SÉPULCRE À VICTOR HUGO

*Esprit qui veux savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant en main le terrestre flambeau,
Viens, furtif, à tâtons, dans nos ombres funèbres,
Crocheter l'immense tombeau!*

*Rentre dans ton silence et souffle tes chandelles!
Rentre dans cette nuit dont quelques fois tu sors:
L'oeil vivant ne lit pas les choses éternelles
Par-dessus l'épaule des morts!*

A tradução livre, sem rimas, é esta:

A SOMBRA DO SEPULCRO A VICTOR HUGO

*Espírito, que a treva devassar pretendes,
E que, o facho terrestre empunhando, aqui vens,
Furtivo, a tatear, nestas funéreas sombras,
Forçar do túmulo os umbrais!*

*Recolhe-te ao silêncio e apaga essa candeia!
Volve à noite, da qual só a espaços emerges:*

Não pode o humano olhar ler as eternas coisas,
Dos mortos na espádua inclinado!

Victor Hugo, apanhado de surpresa, sentiu-se confundido. Como responder aos espíritos senão sabia improvisar? O desafio fora feito em versos, e Victor Hugo não era repentista. Vaidoso (porque o genial poeta o era), jogou o caderno no chão e a passos largos abandonou a sala.

Há quem ache que a “Sombra do Sepulcro” fora rude. Ora, é preciso não esquecer que Victor Hugo era vaidoso. Chegou a interrogar a “Sombra do Sepulcro” no sentido de saber se seria ele o escolhido pelos espíritos, a fim de trazer aos homens uma Nova Revelação... O poeta desejava ser um novo profeta...

Victor Hugo perguntara:

– Serei eu o profeta, ou não?

A “Sombra do Sepulcro” respondera que não, e, evitando magoá-lo, acrescentou:

– Cada grande alma executa duas tarefas no seu lapso de vida: sua tarefa como ser vivo e sua tarefa como espírito.

A Nova Revelação, o espiritismo, dentro de meses chegaria à Terra, sim, mas o escolhido para codificá-lo e divulgá-lo seria Allan Kardec, contemporâneo e – fato que não deixa de ser curioso – conterrâneo de Victor Hugo.

Outra repreensão teve-a Victor Hugo, quando, numa polêmica, maltratou o espírito. A resposta da “Sombra do Sepulcro”, que nos deixa extasiados (vide *Gaulois* de 12 de junho de 1907), foi esta:

Dizes tu, imprudente: a “Sombra do Sepulcro” emprega a linguagem humana; serve-se de palavras, metáforas, figuras e mentiras para dizer a verdade; a “Sombra do Sepulcro” não é um

simulacro, tens razão: eu sou uma realidade. Se desço a falar vossa algaravia, é porque sois limitados. A palavra é o grilhão do espírito; a imagem é a golilha do pensamento; vossa linguagem é um ruído enfeixado num dicionário; minha língua própria é a imensidade, é o oceano, é o tufão; minha biblioteca contém milhões de estrelas, milhões de planetas e de constelações. O infinito é o livro supremo e Deus é o leitor eterno. Agora, se queres que te fale a minha linguagem, sobe ao Sinai e me ouvirás nos relâmpagos; sobe ao Calvário e me verás em resplendores; desce ao túmulo e hás de sentir-me na clemência.

Aí está por que o poeta filósofo Sully-Prudhomme (da Academia Francesa e Prêmio Nobel) afirmou que as mensagens espíritas recebidas em Jersey e Guernesey são tão belas quanto as mais belas páginas de Victor Hugo e, não raras vezes, até superiores.

* * *

A morte de Victor Hugo deu-se em 22 de maio de 1885, quando, então, as obras de Allan Kardec já percorriam o mundo oferecendo aos homens uma nova compreensão da vida e do universo.

As últimas vontades de Victor Hugo foram estas: “Deixo cinquenta mil francos aos pobres. Desejo ser levado ao cemitério num caixão de indigente. Recuso as orações de todas as Igrejas; peço uma oração de todos”.

Apesar de declarar-se durante trinta anos espírita convicto, tentou o cardeal-arcebispo de Paris durante a agonia de Victor Hugo ministrar os sacramentos, no que foi repellido por Edouard Lockroy, amigo do poeta. Este fato não deve espantar certos leitores, pois não é costume da Igreja “converter” os grandes homens quando já perderam a consciência durante a agonia da

morte? Victor Hugo, prevendo que seria vítima da Igreja, dois anos antes deixou por escrito suas “últimas vontades”.

Victor Hugo foi enterrado em um caixão de indigente. Antes de ser levado ao cemitério ficou o cadáver exposto à visitação pública no célebre Arco do Triunfo, em Paris. Um milhão de pessoas foram vê-lo. Para conter a gigantesca massa humana que extravasava pelas avenidas e ruas próximas ao Panteão, foram mobilizados dez mil soldados!

O enterro de Victor Hugo, até hoje, não encontra paralelo na história da França. Um milhão de pessoas para ver o corpo do grande escritor e poeta espírita! Participaram do enterro delegações de 141 municipalidades, 155 círculos políticos, 200 sociedades de socorros mútuos e previdência, 141 câmaras sindicais, 61 sociedades de livre-pensamento, 43 associações militares, 122 escolas, 38 organismos estrangeiros, 161 sociedades artísticas, mais o corpo diplomático da França... Não houve associação que não se incorporasse ao cortejo fúnebre do grande artista.

Diante do enterro apoteótico – de certo modo ofensivo à Igreja, pois Victor Hugo não era católico –, só restava ao clero tomar uma atitude: taxá-lo de “herege”! Mas, isso só serviu para aumentar a glória do poeta.

O espiritismo muito deve a Victor Hugo! Aliás, é preciso que se defina sua posição na futura história do espiritismo: grande defensor do fenômeno espírita e da reencarnação, Victor Hugo ficará como um dos que abriram caminho para a entrada gloriosa de Allan Kardec – ficará, pois, como um dos pioneiros do espiritismo em nosso planeta.

* * *

O genial poeta vinte ou trinta anos antes de sua morte redigiu

inúmeras páginas que formam as suas *Obras póstumas*. Aí encontraremos seu testamento filosófico espírita, seu credo, sua posição perante a vida.

Vejamos sua profissão de fé e atentemos para a profundidade de seus conceitos:

– O que é que faz o homem livre?

A alma. Quem diz livre, diz responsável.

Responsável por tudo nesta vida?

Efetivamente, não, porquanto nada há mais demonstrado do que a prosperidade possível e frequente dos maus e o infortúnio imerecido dos bons durante a sua passagem sobre a Terra.

Quantos homens justos não tiveram só angústias e misérias até o seu derradeiro dia?

Quantos homens criminosos viveram até a mais extrema velhice no gozo pacífico e sereno de todos os bens deste mundo, neles incluindo a consideração e o respeito de todos! É o homem, então, responsável depois da vida? Evidentemente, sim, pois que não o é durante ela. Alguma coisa, pois, dele sobrevive para submeter-se a essa responsabilidade – a alma.

A liberdade da alma explica a sua imortalidade. A morte não é, portanto, o fim de tudo. Ela não é senão o fim de uma coisa e o começo de outra. Na morte o homem acaba, e a alma começa. Tome-se por testemunho o que considerar o rosto de um ente amado com essa ansiedade estranha, feita de esperança e de desesperança. Digam esses que atravessam essa hora fúnebre, a última alegria, a primeira do luto, digam se não é verdade que bem se sente que ainda *há ali alguém, que tudo não acabou?*

Sente-se em roda dessa cabeça como o frêmito de asas que acabam de expandir-se: uma palpitação confusa e inaudita flutua no ar ao redor desse coração que não bate mais. Essa boca aberta parece chamar o que acaba de partir e dir-se-ia que deixa cair palavras obscuras no Mundo Invisível.

Eu sou uma alma.

Bem sinto que o que darei ao túmulo não é o meu Eu, o meu Ser.
O que constitui o meu eu, irá além.

Terra, tu não és o meu abismo.

O homem outra coisa não é senão um cativo.

O prisioneiro escala penosamente os muros da sua masmorra, trepa de saliência em saliência, coloca o pé em todos os interstícios e sobe até ao respiradouro. Aí, olha, distingue ao longe a Campina, aspira o ar livre, vê a luz.

Assim é o homem.

O prisioneiro não duvida que encontrará a claridade do dia, a liberdade; como pode o homem duvidar se vai encontrar a Eternidade à sua saída? Por que não possuirá ele um corpo sutil, etéreo, de que o nosso corpo humano não pode ser senão um esboço grosseiro?

A alma tem sede de absoluto e o absoluto não é deste mundo. É por demais pesado para esta terra. Há duas leis: a lei dos globos e a lei do Espaço. A lei dos globos é a morte. O limite exige a destruição. A lei do Espaço é a Eternidade. O Infinito permite a expansão.

Entre os dois mundos, entre as duas leis, há uma ponte: a transformação. A ambição do vivo dos globos deve ser, pois, tornar-se um vivo do Espaço.

O mundo luminoso é o Mundo Invisível. O Mundo Luminoso é o que não vemos. Os nossos olhos carnis só veem a noite. Ai, do que vive com os olhos abertos sobre o mundo material e com as costas voltadas para o mundo desconhecido!

A morte é uma mudança de vestimenta.

Alma, tu estavas vestida de sombra, vais ser vestida de luz. É no túmulo que o homem faz o último progresso.

Na morte, o homem fica sendo sideral. A morte é a vindita da alma. A vida é o poder que tem o corpo de manter a alma sobre a terra, pelo peso que faz nela. A morte é o poder que tem a alma de arrebatá-lo para fora da terra pela assimilação.

Na vida terrestre, a alma perde o que irradia; na vida extraterrestre, o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação. O meu olhar penetra o mais que é possível nessa sombra, onde vejo, a uma profundidade que seria

amedrontadora, se não fosse sublime, dealbar-se o imenso arrebol da eternidade.

As almas passam de uma esfera para outra, tornam-se cada vez mais luz, aproximam-se cada vez mais e mais de Deus.

O ponto de junção é no infinito. O que dorme e desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta e vê que é espírito.

* * *

Convicto das verdades espíritas, morreu Victor Hugo aos 83 anos, em plena lucidez.

Sua última palavra foi: “Libertação”. Enviado do Alto, sua missão foi a de ligar seu nome ao fenômeno, a fim de que melhor germinassem as sementes da Terceira Revelação lançadas por Allan Kardec em todo o mundo!

DEPOIMENTO DE CONAN DOYLE

Considero muito importante pôr em evidência, cada vez mais, o lado religioso do espiritismo.

Conan Doyle

ARTHUR CONAN DOYLE, CONSIDERADO PRECURSOR da polícia científica, tornou-se célebre no mundo inteiro graças à sua personagem Sherlock Holmes, aparecida pela primeira vez na obra *Estudo em vermelho*, em 1887, na Inglaterra. Decorrido mais de um século, Sherlock Holmes é ainda hoje ídolo de milhões de leitores em todos os países cultos, o que demonstra a força criadora do ilustre escritor e conferencista espírita.

Conan Doyle veio de um catolicismo flutuante. Já era formado em medicina quando lera, pela primeira vez, em 1886, um livro versando temas metapsíquicos: *As reminiscências do juiz Edmundo*. A leitura impressionou-o, fundamente, mas Conan Doyle continuou católico. Um ano depois, em 1887, teve oportunidade de conhecer o general Dayzon, espírita convicto, de quem se fez amigo e que o iniciou na metapsíquica teórica. Embora o general o incentivasse às pesquisas objetivas, recusou-as, alegando que a literatura policial, no momento, era sua única preocupação, pois vinha de impulsionar o difícil gênero com sucesso absoluto junto à crítica e ao público. Até 1917 não se manifestou sobre o espiritismo. Mas, fez experiências particulares. E, em 1918, o pai de Sherlock Holmes

abandona por alguns meses os romances policiais, que tanta glória lhe deram, para surgir com um livro revolucionário: *A nova revelação*. Nele Conan Doyle declarava-se adepto do espiritismo, graças aos fatos constatados em experiências rigorosamente controladas. Sua conversão levou-o a polemizar com o filósofo materialista Bertrand Russell (Prêmio Nobel) e H. G. Wells pela imprensa londrina. A polêmica com John Douglas pelas colunas do *Sunday Express* durou seis meses!

Conan Doyle viveria, ainda, 12 anos. A última fase de sua vida dedicou-a, exclusivamente, à divulgação do espiritismo, tornando-se autêntico arauto, quer através de conferências em inúmeros países, quer através de livros, hoje disputados pelos estudiosos. Conan Doyle pregou o espiritismo nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Noruega, Suécia, África do Sul, Rodésia, Quênia etc. Essa peregrinação teve início a partir de 1918.

Várias obras espíritas escreveu Arthur Conan Doyle após o formidável lançamento de *A nova revelação*, inclusive, uma notável *História do espiritualismo* (1926). Mas, o gigante fez ainda mais: convicto da verdade espírita, habilmente aproveitou-se da personagem Sherlock Holmes para criar obras policiais cujo fim era a divulgação da fenomenologia espírita. Quer dizer: Conan Doyle fez de Sherlock Holmes propagandista da doutrina!

Conan Doyle foi assíduo colaborador de *Light*, na época talvez o mais importante órgão da imprensa espírita mundial. Presidiu até à morte a London Spiritualist Alliance. Foi fundador da Livraria Psíquica, onde era visto, diariamente, em companhia de personalidades literárias e científicas interessadas no estudo da doutrina.

Para Conan Doyle o aspecto mais fundamental do espiritismo era o religioso. Presidindo em 1928 o Congresso Espírita Internacional realizado em Londres, em um de seus belos discursos frisou:

“Considero muito importante pôr em evidência, cada vez mais, o lado religioso do espiritismo”. E expôs suas razões, terminando por afirmar que o espiritismo era uma “religião psíquica”, definição que se tornou clássica e que é decorrência dos ensinamentos de Allan Kardec. Na literatura espírita inglesa nenhum outro autor soube melhor estudar o aspecto religioso do espiritismo. Sua primeira obra espiritista, *A nova revelação*, é uma tomada de posição.

Morreu Conan Doyle em 7 de julho de 1930 em sua residência de Windlesham, no condado de Sussex, às oito horas da manhã. Teve uma vida feliz, pois sua família viveu dentro dos princípios espíritas e seu filho revelou-se, também, valoroso batalhador da doutrina.

Foi em vão que o governo inglês pediu a Conan Doyle que abjurasse das suas ideias espíritas, a fim de condecorá-lo lorde.

– Renegar a verdade espírita? Nunca! disse ele.

E recusou o título.

Dizia Conan Doyle: “Empenho a minha honra em como o espiritismo é uma verdade e sei que o espiritismo é infinitamente mais importante que a literatura, as artes, a política; mais importante, pois, do que tudo no mundo”.

* * *

Passemos, agora, ao depoimento de Arthur Conan Doyle extraído de sua obra *A nova revelação*:

Continuei sempre, durante todos esses anos, a fazer sessões de mesas falantes, cujos resultados foram, muitas vezes, nulos; de outras, insignificantes e, de algumas, surpreendentes. Ainda guardo as notas dessas sessões e vou reunir aqui os resultados de uma em que foram bem definidos, dando-me, acerca da vida além-túmulo, informes tão opostos às minhas ideias a tal respeito que, então, mais me divertiram

do que edificaram.

Tão intimamente concordantes, entretanto, os acho agora com as revelações de Raymond (espírito do filho de Oliver Lodge) e com outras mais recentes, que muito diversamente os considero. Sei que todas essas narrativas da vida no Além diferem nas particularidades – como diferem, creio, muitas das que se fazem da vida terrena, mas, em geral, há entre elas grandes semelhanças. No caso que vou relatar, o que de semelhante havia nas informações recebidas longe estava do conceito que, sobre aquela vida, formávamos as duas senhoras que comigo compunham o círculo das minhas sessões e eu.

E Conan Doyle relata o seguinte:

Esse espírito nos deu boa-noite e logo uma outra influência muito mais energética se apoderou da mesa, que entrou a mover-se violentamente. Em resposta às minhas perguntas, disse ser o espírito de um homem, a quem chamarei Dodd, que fora famoso jogador de críquete e que comigo tivera uma séria conversação no Cairo, antes de subir o Nilo, onde encontrara a morte na expedição Dongolesa. Devo observar que, na progressão de meus estudos, já nos achamos no ano de 1896.

Nenhuma das duas senhoras comigo sentadas à volta da mesa conhecia Dodd. Comecei a interrogá-lo exatamente como se o tivera sentado defronte de mim e ele a me responder com presteza e decisão, dando-me por vezes respostas tão em oposição ao que eu esperava, que nenhuma suspeita poderia haver de que o meu pensamento o influenciava. Disse-nos ser feliz e não desejar voltar à terra. Fora livre-pensador, mas daí nenhum sofrimento lhe adviera na outra vida. Reconhecia, contudo, que a prece é muito salutar porque nos põe em contato com o mundo espiritual. Se houvesse orado mais, teria chegado a maior altura nesse mundo.

Cumpre-me assinalar que isso me pareceu em contradição com o que ele antes declarara – que nenhum sofrimento lhe adviera do fato

de ter sido livre-pensador, acrescento que muitos, sem serem livres-pensadores, pouco se lembram de orar.

Voltemos a Dodd. Morrerá sem sofrimento. Recordou a morte de Polwhele, jovem oficial, que antes dele desencarnara. Ele, Dodd, quando morreu, recebeu as boas-vindas de muitos espíritos que vieram ao seu encontro. Entre estes, porém, não vira Polwhele. Fora informado da queda de Dongola, mas não estivera presente em espírito ao banquete que depois se realizou no Cairo. Lembrou-me a nossa conversação nesta cidade. Disse ter de trabalhar e que possuía conhecimentos muito mais amplos do que quando na vida terrena. Informou que a duração da vida lá, onde se achava, era mais curta do que na terra. Não vira o general Gordon, nem qualquer outro espírito famoso. Os espíritos viviam em famílias e comunidades. Os esposos não se encontravam forçosamente. Reuniam-se de novo os que se amavam.

Fiz este resumo de uma comunicação para mostrar de que gênero eram as que obtínhamos, se bem que a amostra apresentada seja das mais favoráveis, quer em extensão, quer em coerência. Serve, entretanto, para demonstrar que não é justo dizer-se, como fazem muitos críticos, que só se conseguem mensagens vazias de senso. Nestas, nenhuma insensatez se nota, a menos que assim qualifiquemos tudo que não se adapte às nossas ideias preconcebidas.

Mas, por outro lado, que provas possuímos da veracidade daquelas informações? Não tendo meio de comprová-las, elas me deixaram simplesmente desorientado. Agora, entretanto, que uma experiência mais larga me permitiu verificar que informações da mesma natureza eram dadas a muitas pessoas, desconhecidas umas das outras e de países diferentes, creio que a concordância dos testemunhos constitui até certo ponto, como em todos os casos de investigação, um argumento a favor da veracidade de tais informes. Naquela época, não me era possível harmonizar semelhante concepção da vida futura com o meu sistema de filosofia. Limitei-me por isso a anotá-la e passei adiante.

Continuei a ler muito sobre o assunto e pude apreciar cada vez mais a infinidade dos testemunhos existentes e quão meticulosos tinham sido em suas experiências os que os davam. Isso me

impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que lograva obter nas minhas sessões. Então, ou pouco depois, li uma obra do Sr. Jacolliot sobre os fenômenos de ocultismo na Índia. Jacolliot era presidente do tribunal da colônia francesa de Chandernagor. Espírito de feitiço muito jurídico, nutria prevenções contra o espiritismo. Efetuou uma série de experiências com faquires, que nele depositavam confiança pela simpatia que inspirava e descreve as múltiplas precauções que tomou para evitar toda espécie de fraude.

Resumindo sua longa narrativa, direi que entre os faquires se lhe depararam todos os fenômenos da mais adiantada mediunidade europeia, tudo, por exemplo, o que Home realizara. Observou a levitação do corpo, a imunidade contra o fogo, o movimento de objetos a distância, rápido crescimento das plantas, levantamento de mesas. Explicando a produção desses fenômenos, diziam os faquires que quem os operava eram os Pitris, ou espíritos, sendo que a única diferença notada entre aqueles processos e os nossos parecia consistir em que lá faziam maior uso da evocação direta. Pretendem os faquires que tais poderes lhe foram outorgados desde tempos imemoriais e remontavam aos caldeus.

Tudo isso me causou enorme impressão, porquanto os faquires chegavam aos mesmos resultados que nós, sem que lhes pudesse imputar os embustes tão frequentes na América, ou a vulgaridade atual, como se costumava fazer amiúde com relação aos fenômenos semelhantes que se produziam na Europa.

Também na mesma época fui influenciado pelo relatório da *Dialectical Society*, relatório muito antigo, datando de 1869. É um trabalho convincente e, conquanto tenha sido ridicularizado em unísono pelos jornais ignorantes e materialistas daquele tempo, constitui um documento de grande valor.

A *Dialectical Society* se compunha de um certo número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos físicos do espiritismo. O relatório a que aludo faz uma exposição minuciosa das experiências que realizam e das precauções que adotaram contra as fraudes. Atentando nas provas de que ele dá conta, ninguém compreenderá de que modo seus autores teriam podido chegar a uma

conclusão diversa da que proclamaram, isto é: que os fenômenos eram sem dúvida autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara.

Há no caso um fato singular a ser notado e é que, se a conclusão fora contrária ao espiritismo, o relatório teria sido saudado como o golpe de morte no movimento espírita; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde as que fizeram em Hydesville, no ano de 1848, e a que se verificou quando o professor Hare, de Filadélfia, se atirou, como São Paulo outrora, contra a verdade e teve de se curvar diante dela.

Por volta de 1891 eu me fiz membro da *Psychical Research Society*, o que me facultou ler todos os seus relatos. Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa sociedade e à sobriedade de suas exposições, embora eu reconheça que estas são, às vezes, de impacientar e que, no propósito de evitarem o cunho de maravilhosas, desanimam o público, levando-o a desinteressar-se de um esplêndido trabalho e de tirar dele proveito. A terminologia meio científica que usam também desnorteia o leitor comum. Assim é que, depois da leitura daqueles relatórios, se pode dizer o que, em certa ocasião, me disse um caçador americano das Montanhas Rochosas com referência a um membro de uma universidade a quem ele escoltara durante toda uma estação de caça: “Era tão sábio que se não conseguia compreender o que dizia”. Apesar, porém, dessas pequenas esquisitices, todos os que, na obscuridade, hão buscado a luz a têm encontrado nos metódicos trabalhos dessa Sociedade, cuja influência foi um dos fatores da atual orientação de minhas ideias. Além dessa, entretanto, outra influência se fez sentir profundamente em mim.

Inteirara-me até ali das admiráveis experiências realizadas pelos grandes investigadores, mas ainda não descobrira da parte deles qualquer esforço para elaborar um sistema que as abrangesse e contivesse todas. Foi então que li a obra monumental de Myers – *Human personality (A personalidade humana)* –, obra de cujas formidáveis raízes se há de erguer uma árvore de conhecimentos.

Myers não pôde apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos

os fenômenos ditos “espíritas”. Contudo, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sobre a mente, a expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos.

Foi um grande passo dado. Se a mente podia atuar, a distância, sobre a mente, é que existia no homem poderes de todo independentes da matéria, tal como a temos compreendido sempre.

O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fora destroçada. Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era evidentemente falsa. Se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar a distância do corpo, é que era coisa independente deste. Por que então não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo?

E Conan Doyle conclui:

Contam-se por muitos os casos desta natureza. Apenas menciono alguns. Mas, penso que todo o sistema que eles formam, desde o fenômeno físico do simples ruído numa mesa até a mais inspirada alocução de um profeta, constitui um todo completo, uma cadeia cujos elos se ligam uns aos outros e que, se o extremo inferior dessa cadeia veio ter às mãos da Humanidade, foi para que esta, por seus esforços e pelo uso da razão, encontrasse o caminho a seguir até chegar à revelação que a esperava no extremo superior.

Não mofeis do fato de lhe terem servido de início as mesas girantes ou as pranchetas a flutuarem no ar, embora esses fenômenos possam ter sido muitas vezes enganosos ou simulados. Lembremo-nos de que a queda de uma maçã nos deu a lei da gravidade; de que da panela a ferver nos veio a máquina a vapor; de que a contração da pata de

uma rã abriu caminho às elucubrações e experiências que nos levaram à descoberta da eletricidade. Do mesmo modo as grosseiras manifestações de Hydesville deram em resultado interessar pelo assunto a plêiade dos mais eminentes intelectuais daquele país, durante os últimos vinte anos, estando, a meu ver, destinadas a imprimir às experiências humanas o maior desenvolvimento que já o mundo presenciou.

O ESTRANHO CASO VIVIDO POR WILLIAM SHARP

Tranquelizei-me, mas não me esqueci da visão.

William Sharp

NÃO É PEQUENO O NÚMERO dos escritores que escreveram sob a influência dos espíritos. A maioria, porém, sem aperceber-se das entidades, como Dante ou Milton, Rimbaud, Dostoiévski ou Allan Poe. Outros, porém, escreveram conscientes da participação espiritual. É o caso, por exemplo, de Delmira Agustini, a mais alta representante da poesia uruguaia, que só escrevia seus poemas luminosos em estado de transe ou, ainda, William Sharp, escritor inglês, crítico, biógrafo e autor de peças dramáticas que fizeram época.

Trataremos deste último, com vagar, por oferecer seu caso detalhes amplos e rigorosamente documentados.

* * *

Nos primeiros meses de 1890, o mundo literário inglês foi agradavelmente surpreendido com a publicação de um romance e de uma coleção de versos que traziam o nome de Fiona Macleod. Embora este nome fosse desconhecido de todos, era evidente que se tratava de uma estrela de primeira grandeza que surgia no horizonte das letras. Foi o que, de fato, se deu, e durante dez anos ela brilhou com um esplendor incomparável, fazendo as delícias dos amadores de

uma literatura que se inspirava nas origens célticas. O sucesso incontestável desta série de obras literárias, saturadas de um estranho encanto, que prendia e entusiasmava os leitores, não devia surpreender, de tal modo estavam vivificadas por um “sal céltico”, espalhado às mãos cheias. A prosa continha mais poesia do que uma multidão de poetas poderia conceber. Foi assim que a obra de Fiona Macleod encantou os corações de uma geração inteira. O grande Meredith saudara a nova escritora como uma mulher de gênio, e autores como Yeats e Russel acolheram-na como seu êmulo. Quando lhe pediram que lhes fornecesse algumas informações sobre sua pessoa, disse ser nascida há mil anos, de um pai chamado “Sonho” e de uma mãe que se chamava “Romance”, numa residência situada lá onde o arco-íris toma a sua forma. Naturalmente, o mistério de que se cercava a amável escritora fez com que diversas pessoas sonhassem com a fantasia e algumas mesmo chegaram até a adivinhar a verdade, mas estas foram logo neutralizadas pelo mais solene desmentido ou bem reduzidas ao silêncio, desvendando-se-lhes o mistério depois de se lhes ter feito jurar guardar segredo. Esse foi, efetivamente, bem guardado até a morte do autor, a qual ocorreu em 1905. Foi, então, que o mundo literário ficou estupefato e um zumbido de abelhas em enxame se formou em todas as revistas, quando se soube que a misteriosa mulher de letras, cheia de graça e de fantasia femininas, com a qual vários autores haviam flertado de longe, era a mesma pessoa que o romancista e publicista William Sharp. (F.E. Leaning, p. 218 da revista *Light* de 1926.)

Temos aí, contado pelo crítico literário inglês Leaning, o início e desfecho do “caso William Sharp-Fiona Macleod”.

* * *

A mediunidade em William Sharp surgiu na infância. Após sua morte, a viúva publicou um volume de memórias, no qual nos conta

que seu marido, desde menino, via, frequentemente, espíritos de crianças brincando em algazarra em seu redor. Aos sete anos de idade foi que Sharp, pela primeira vez, viu o espírito resplandecente de Fiona Macleod, que o acompanharia pelo resto da vida. Encontrava-se o menino Sharp nos jardins floridos da residência de seus pais quando, de súbito, entre as campânulas deparou-se-lhe uma jovem lindíssima que ele chamou de “fada dos bosques”. O espírito acenou-lhe, sorridente, e ele, deslumbrado, correu e abraçou-o. Mais tarde, seus pais encontraram-no sobre a relva, chorando e pedindo para que a jovem dos “cabelos de ouro luminoso” e “olhos de estrela” voltasse. Mas, Fiona não mais se deixou ver.

Os anos se passaram. Quando se tornou homem feito, William Sharp, já casado, conseguiu firmar seu nome na literatura inglesa. E os transe mediúnicos, então, começaram. À página 424 das *Memórias* sua viúva escreve: “Achei-me, muitas vezes, ao lado dele, quando caía em transe; então todo o ambiente palpitava, tudo entrava em intensa vibração. Deploro não ter tomado, logo, notas destas experiências que eram frequentes e constituíam um traço característico de nossa vida íntima”.

A mediunidade de William Sharp começava a desenvolver-se. Mas ao que parece, Fiona não se manifestava por “incorporação”, e sim “falando, interiormente, em voz baixa”, segundo a própria expressão de Sharp. Diz William Sharp à esposa, em carta datada de 20 de fevereiro de 1895:

Que coisa bizarra e eletrizante é o fato de existirem em mim duas pessoas, ainda que íntimas! E, entretanto, elas são tão diferentes! Sinto, às vezes, como se Fiona estivesse adormecida no quarto ao lado e eu me surpreendesse em atitude de escutar para lhe perceber os passos ou ver abrir a porta e Fiona aparecer. Quando, porém, ela

se comunica comigo, é falando, interiormente, em voz baixa. Espero, agora, com ansiedade, saber como desenvolverá ela o assunto do novo romance *The mountain lovers*. Como é estranha esta impressão de sentir-me aqui sozinho com ela!⁷⁹

Os romances e poesias de Fiona ditados a William Sharp por “inspiração” alcançaram sucesso retumbante junto à crítica literária. Meredith, Yeats e Russel os acolheram com aplausos e o público os devorou. Eram romances e poemas “saturados de graça feminina, de fantasias, de sonhos, de reminiscências célticas de há mil anos”, informa-nos Bozzano, no estudo que fez a respeito. Nenhuma semelhança de estilos. Literariamente, Fiona Macleod superava William Sharp. Escreveu um crítico que ambas as personalidades “produziram obras literárias de uma beleza especial, embora Fiona ultrapassasse muito a outra em originalidade, em poder descritivo e em imaginação”. Nas *Memórias*, à página 301, diz a viúva:

Durante os anos em que Fiona Macleod desenvolveu, tão rapidamente, sua própria personalidade, seu colaborador experimentava a necessidade de sustentar nos limites do possível a reputação que havia adquirido na qualidade de William Sharp. E estava mesmo ansioso por não perdê-la, mas havia uma diferença radical entre as modalidades de produção dos dois. Os escritos de Fiona Macleod eram a consequência de um impulso interior irresistível: ele escrevia porque era obrigado a exprimir o que lhe brotava do espírito, sem ser procurado, pouco importando se isto lhe causava prazer ou tristeza. Quanto ao escritor William Sharp, ele produzia com modalidades diametralmente opostas às da sua personalidade gêmea: escrevia porque havia decidido fazê-lo e polia cuidadosamente a forma do que escrevia. Finalmente, ele escrevia

porque as necessidades da vida lho impunham.

Temos aí a confirmação de que William Sharp, quando impulsionado por Fiona Macleod, não participava mentalmente daquilo que sua mão escrevia.⁸⁰ Ainda mais: que ele não polia os escritos mediúnicos. Polia, apenas, os seus e “cuidadosamente”.

Mediunizado, seu trabalho era o de copiar o que Fiona lhe ditava, e nada mais. Daí a nenhuma semelhança de estilos observada pelos críticos. Nota-se, também, que quanto mais Fiona firmava sua personalidade através da mediunidade de William Sharp, mais este temia sua reputação como escritor consagrado. Temor que logo deixou de existir, uma vez que Fiona nunca intercedeu nos escritos literários de William Sharp.

Durante dez anos escreveu Fiona Macleod romances e poesias através da mediunidade de Sharp sem que os críticos descobrissem. Cinco anos após a morte de Sharp (*Light*, 1910, p. 598) um seu amigo fez as seguintes declarações:

Há vários anos (por volta de 1878), fiquei conhecendo William Sharp e tornei-me seu amigo. Ele não era ainda casado e morava em um pequeno apartamento, perto do nosso. Certo dia, aconteceu-me fazer referências, em conversa, ao neoespiritualismo e ele declarou que nunca assistira a experiências dessa natureza e que as veria com prazer, se uma oportunidade se lhe apresentasse. Convidei-o então para tomar parte do nosso círculo familiar. Alguém perguntou: “Quem são os guias espirituais do Sr. Sharp?” A mesa respondeu, lentamente, um nome da família escocesa: “Macleod” (não me lembro bem do nome próprio que deu). Isto me levou a perguntar ao Sr. Sharp: “Seus antepassados eram escoceses?”

Alguns anos mais tarde, convidei-o para ir à minha residência, por ter necessidade de um seu conselho, a respeito do título de um livro

de versos que desejava publicar e confiei-lhe que havia escrito vários poemas do volume por “inspiração”. Ele exortou-me, vivamente, a ocultar isto se não quisesse comprometer-me perante os críticos... Em outra ocasião e a propósito dos poemas de Fiona, ele me exprimiu a mesma preocupação: “Fiona morre se descobrem o segredo da sua existência”.

Parece-me que tudo isto basta para esclarecer o mistério. Sharp era médium inspirado, mas temia que o descobrissem.⁸¹ As admiráveis coleções de versos, que publicou, constituíam impressões de uma inteligência espiritual que era verossimilmente seu “espírito-guia”; seu nome devia ser realmente aquele que tinha sido transmitido pela primeira vez, em nosso círculo familiar: MACLEOD – o que se verificou vários anos antes que Fiona Macleod se manifestasse a Sharp.

Com a publicação das *Memórias* após a morte de William Sharp, e escrita pela sua viúva, todo o mistério em torno de Fiona Macleod foi desvendado e, só então, os críticos literários souberam que a literatura dos mortos pode superar a dos vivos...

79 Vide p. 244 das *Memórias*.

80 Psicógrafo, também, o foi o grande poeta português Fernando Pessoa – psicógrafo e vidente. No artigo que José Afrânio Moreira Duarte publicou no *Diário de Notícias*, do Rio, em 21 de julho de 1963, intitulado “Letras Portuguesas – mediunidade em Fernando Pessoa?” (com o objetivo de provar que Fernando Pessoa não tinha mediunidade...), vem transcrita a seguinte carta do célebre poeta a sua tia Anica (ano de 1916):

“Aí por fim de março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento perturbador nas sessões espíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. Estava uma vez em casa, de noite, vindo da Brasileira, quando senti a vontade de, literalmente, pegar numa pena para fazer rabiscos. Nessa sessão comecei a pôr a assinatura (bem conhecida de mim) ‘Manoel Galdino da Cunha’. E nem de longe estava pensando no tio Cunha. Depois escrevi uma coisa sem relevo nem interesse nem importância. De vez em quando, umas vezes voluntariamente, outras brincando, escrevo.”

Como se observa, é o próprio Fernando Pessoa quem se declara médium.

Quatro autores espirituais se manifestaram através da mediunidade de Fernando Pessoa – três poetas e um prosador: Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Bernardo Soares. Esclareçamos, ainda, que a produção literária desses espíritos não tem pontos de contato com a obra do próprio Fernando Pessoa, o que é fundamental para a melhor avaliação do fenômeno. E ainda mais: não têm eles ponto de contato um com o outro, nem na biografia, nem na obra literária que escreveram, quer na forma ou no conteúdo. São personalidades distintas. Isto deixa evidente que o grande poeta português foi, como ele mesmo dizia, médium de “escrita automática”.

81 Inspirado seria, também, Émile Zola, de acordo com a seguinte confissão do famoso escritor: “Aqui está como eu faço um romance. Propriamente não o faço; deixo que ele se faça por si. Fatos não os sei inventar; é um gênero de imaginação que me falta de todo. Se me sento à mesa para arranjar um entrecho, uma teia de qualquer romance, fico ali três dias com os miolos em água, com a cabeça entre as mãos, perco a tramontana e não faço nada. Tenho de decidir-me a abordar o assunto. Principio a trabalhar no meu romance sem saber que aventuras se irão sucedendo, nem que personagens terão de entrar, nem por onde hei de começar ou acabar. A única figura que conheço é o meu protagonista, o Rougon ou Macquart... Às vezes, não há mais que dois fios sutis a ligar, uma consequência simplíssima a deduzir, e não dou com a solução, e canso-me e inquieto-me inutilmente. Quando tal me acontece, deixo de pensar nisso, porque sei que é tempo perdido. Passam dois, três, quatro dias. Uma bela manhã, finalmente, enquanto estou a almoçar e a pensar em outra coisa, atam-se de repente os dois fios, acho a consequência e resolvem-se todas as dificuldades. Uma torrente de luz se derrama então por todo o romance.

“Há dias em que me julgo perdido, não só para esses dias, mas para sempre; dias em que estou feito morto. Sento-me à mesa de manhã e fico muito tempo sem a consciência de que vivo, e no momento em que vou atar o fio do romance sinto na cabeça um vácuo e um silêncio de meter medo. Personagens, sítios, cenas, acontecimentos, tudo se esconde como que dentro de uma nuvem escura em que me parece nunca chegarei a fazer entrar a luz do sol. E então fico horas inteiras, com a cabeça encostada na mão e os olhos pasmados para a janela, como que desmemoriado. E depois... apoderam-se de mim desânimos terríveis, mesmo com relação à minha arte.”

E depois:

“Chego, às vezes, a persuadir-me de que sou inteiramente estranho ao meu romance. Aventuras, cenas, diálogos, sucedem-se naturalmente, e nada mais tenho a fazer do que alterar uma ou outra palavra no texto que se me apresenta aos olhos. Só a descrição me custa algum esforço; mas quando escrevo, vejo os sítios tão distintamente, sinto os rumores, os cheiros e os contatos de maneira tão viva, que ainda neste ponto quase não tenho mais a procurar do que a expressão! E quando levanto

os olhos e me vejo sozinho no meu quarto e num grande sossego, fico espantado, e pergunto para onde se sumiram os fantasmas que momentos antes se apinhavam em roda de mim.”

YEATS (PRÊMIO NOBEL) – POETA INSPIRADO PELO ALÉM

*As minhas possibilidades pessoais no ocultismo há muito que
me têm comunicado numerosos fatos curiosos.*

Yeats

W. B. YEATS, UM DOS MAIORES poetas do século 20, era
espírita convicto. Alguns dos seus mais belos poemas, como
ele próprio confessa, foram inspirados pela mediunidade de sua
esposa e da médium de escrita automática Hester Dowden.⁸²

O seu interesse pelos assuntos psíquicos começou em 1887,
quando ouviu ruídos e pancadas numa casa assombrada. Desde essa
data apaixonou-se por estes estudos e, assim, se conservou toda a
vida, só a poesia rivalizando com este absorvente interesse na
mente do grande artista. Assim o vemos em 1880 tomando parte
em sessões e escrevendo, naturalmente, acerca do que se passava
nelas. Seis meses depois, ao dirigir-se à novelista Katherine Tynan,
Yeats referia-se desta maneira a Londres, cidade que odiava:
“Imagino algumas vezes que as almas perdidas são forçadas a
passar perpetuamente nas ruas, porque as sentimos roçar-nos como
que num sopro de brisa”.

Isto, obviamente, é pura fantasia de poeta. Mas, na mesma carta,
Yeats – decerto, o vate laureado do espiritismo – menciona uma
visita a certa clarividente que lhe disse muitas coisas que ele nunca
tinha conseguido ouvir. Mais tarde, ao escrever-lhe de novo,

afirmava:

“Vou-lhe contar uma história de espiritismo”. E relata-lhe como certa amiga de Anna Kingsford se dirigiu ao túmulo desta, pouco depois da morte, e rogou à notável teósofa e mística que lhe patenteasse, por qualquer indício, que se encontrava bem. Mas, sinal algum lhe foi dado perceber. Mais tarde, a amiga recebeu uma carta e, imediatamente, reconheceu a letra de Kingsford, a qual lhe dizia: “Você está perdendo as suas faculdades e nem sequer pode ouvir a minha voz. E eu não lhe posso falar pelos médiuns”.

A carta fora enviada por uma rapariga escocesa, que se sentiu impelida a escrever-lhe sob a influência espiritual.

Uma das mais fascinantes correspondências da literatura inglesa foi a trocada entre George Russel, o sublime místico e poeta irlandês, e Yeats, correspondência referente à reencarnação e outros problemas psíquicos.

Certa vez, George Russel escreveu-lhe para comunicar que presenciara uma visão referente à vida passada de alguém de que ambos eram amigos, ao que Yeats respondeu que um médium lha confirmara. E, referindo-se às suas próprias faculdades psíquicas, o poeta escreve em 1892: “As minhas possibilidades pessoais no ocultismo há muito que me têm comunicado numerosos fatos curiosos e futuros e, como a maioria provou ser verdade, espero que os que se seguirem o sejam igualmente”.

O seu interesse pela magia e o misticismo celta tornou-se mais profundo no final do século. Depois de cenas violentas com elementos dissidentes, tais como Aleister Crowley, Yeats tornou-se o chefe, durante certo tempo, do ramo londrino da Alvorada Dourada, uma sociedade de ocultismo. As coisas azedaram-se e Yeats anunciou secamente que Crowley se entretivera a fazer imagens de cera dele próprio, espetando-lhe alfinetes, o que, na literatura inglesa, não teve funestas consequências... Mas, na verdade, o interesse ativo de Yeats pelo espiritismo só atingiu um

matiz mais profundo em 1917, depois de um período de grande desventura.

Tendo casado no outono desse ano – já contando mais de 50 anos de idade –, não conseguiu alcançar a felicidade. Mas a esposa, após a lua-de-mel, lutando desesperadamente por qualquer coisa que o distraísse dos seus sombrios pensamentos, tentou a escrita automática e a conseguiu.

As mensagens que lhe chegavam através da esposa excitaram-no e, sob o seu impulso, o maior poeta da Grã-Bretanha começou a construir um sistema de filosofia mística que, segundo afirma Alan Wade, o editor das cartas do poeta, “iria ocupar o seu espírito, quase continuamente, por muitos anos e tornar-se o fundamento de muito da sua poética”. Eis um maravilhoso exemplo, sem paralelo, desde Blake, de um dos maiores poetas do mundo ser inspirado, nalguns dos seus melhores trabalhos, pela mediunidade.

Nas suas cartas pormenoriza a sessão em que a evidência lhe surgiu insofismável e, em muitas outras, conta a Lady Gregory algumas das notáveis provas de sobrevivência que recebera. Numa outra, dirigida a seu pai J. B. Yeats, participa-lhe que encontrara uma rapariga que “conseguiu uma escrita automática do tipo mais admirável”. “A rapariga – afirma, então – só conhecia inglês e um pouco de francês; mas, no transe mediúnico, escrevia latim, italiano, chinês, provençal, hebreu e outros idiomas, respondendo a muitas perguntas em grego.”

E Yeats, entusiasmado, acrescenta: “O caso não pode ser divulgado, mas estou procedendo a exame cuidadoso com o auxílio dos peritos linguísticos do Museu Britânico e a escrever um relatório que possa ser publicado. Muitos espíritos têm escrito pela sua mão e fornecido nomes e datas dos falecimentos etc., e tenho verificado as suas afirmações, ainda que nalguns só após longas pesquisas”.

Serão estas as palavras entusiásticas dum visionário, sem

qualidades para atingir a evidência psíquica? Claro que não, se examinarmos os fatos.

Yeats declara-nos que conhecia todas as teorias racionalistas – fraude, fraude inconsciente, ação inconsciente, dos espíritos, memórias esquecidas etc. –, mas depois da sua longa análise conclui “que nenhum desses casos é aplicável a este”. Além disso, só muito dificilmente poderia ser acusado de crédulo e até possuía o certificado de um médium americano, um “atestado de prudência”, em que se dizia que o poeta nunca estava satisfeito.

Yeats era agora uma figura mundial. Em 1922 foi convidado para membro do Senado irlandês e, em novembro de 1923, como suprema homenagem à sua grandeza, foi-lhe conferido o Prêmio Nobel.

Seis anos mais tarde, depois de haver estado às portas da morte com febre de Malta, escreveu *Palavras através dos vidros*, a sua peça sobre o espiritismo. Depois, seguiram-se sessões com Helena Duncan e numa delas Yeats recorda que o guia da jovem médium afirmou ter visto Hannen Swaffer – que também estava presente – de pé e em pijama, lavando a cara com um guardanapo mergulhado na água de um copo, o que este não negou.

Geraldine Cummins, médium de escrita automática, no seu livro *O espírito na vida e na morte*, descreve-nos uma sessão na casa de Hester Dowden, em Dublin, na qual Yeats era o hóspede de honra. Astor, o guia de Geraldine Cummins, foi o primeiro comunicante e fez a descrição de um velho castelo que Yeats acabava de comprar, dizendo que o domínio estava assombrado e o fato era devido a uma longa e romântica história de amor.

Depois de uma pausa, Hester Dowden perguntou a Yeats se queria deixar prosseguir a narrativa, ao que ele respondeu que sim, porque certamente seria o enredo do seu próprio trabalho.

Era bem natural que Yeats frequentasse muitas vezes as sessões da senhora Dowden, visto que se conheciam desde a infância, pois o

professor Edward Dowden, seu pai e famoso shakespeariano, era amigo do seu progenitor. Também quando Geraldine Cummins se encontrou com o grande poeta, já ele estava absorvido pelo espiritismo, como no-lo diz:

Os seus pontos de vista originais e penetrantes, fundamentados numa exaustiva investigação no campo espiritualista – diz ela – sempre me trouxeram raro encanto nos momentos em que me encontrava no círculo dos privilegiados que escutavam as suas eloquentes dissertações. Ouvi-o muitas vezes falar dos “espíritos que sonham no passado”, de tal forma exteriorizando as suas mais belas lembranças, que o que os cercava era tão real como o que cerca os mortais, revivendo por vezes momentos apaixonados das suas vidas na terra. O poeta falava com impressionante sagacidade e os seus reparos e apartes no campo da investigação eram por vezes irônicos e divertidos. Uma noite informou os ouvintes que Monsenhor “B” visitara certa casa da província com o fim de esconjurar os seus fantasmas, armado de uma cruz e de um revólver! Noutra ocasião lembro-me de ele ter falado das investigações com outros amigos em Londres e de ter sintetizado os seus comentários desta forma:

“Todos nós diferíamos dos curiosos vulgares e por isso a nossa crença é que a verdade pode não ser descoberta, mas ser revelada e que, se o homem não perder a fé, através de certas preparações, encontrará a revelação no momento próprio.”

Tais palavras, vindas do maior poeta do nosso tempo – continua Geraldine Cummins – eram para mim de grande valor e significado, como para todos os espíritos sensíveis que desejam desenvolver as suas faculdades psíquicas.

Um dia pronunciou a mais comovente e bela conferência que jamais ouvi, no Abbey Theatre, de Dublin. Gostava de discutir as provas que lhe eram fornecidas nas sessões e uma vez em que se encontrou com a minha amiga Beatrice Gibbes falou-lhe dum livro de provas que ele anotara depois de o receber, através da senhora Blanche Cooper, no British College of Psychic Science. A minha

amiga Miss Gibbes escreveu a este propósito: Yeats disse-me que cotejara o livro no Museu Britânico e que pensava que a inteligência invisível que outrora ocupara um corpo físico podia consultar documentos reais e transmiti-los através do médium, como provou.

Yeats disse que, na sua opinião, era essa a única explicação para o livro que a senhora Cooper lhe entregara, porque seria impossível que aquela obtivesse as referências apontadas.

Uma vez o poeta deu uma sessão no lar irlandês de Oliver St. J. Gogarty, cuja esposa era médium. Nessa sessão apareceu um rapaz que se suicidara e que se manifestou num médium que se encontrava noutra local da casa. Como Yeats conciliou suas crenças espíritas com a especulação literária e intelectual, diz ele em uma carta dirigida a Olívia Shakespeare:

(James) Joyce e D. H. Lawrence... quase restauraram para nós a simplicidade oriental, nunca romantizando os seus textos com palavras como “fogo essencial”, “escuridão” etc., e Joyce nunca se afasta do sentido católico do pecado, do qual Rabelais parece escapar pela sua vasta energia. E, no entanto, por que não seguimos Swedenborg literalmente e pensamos que atingimos, em contato parcial, aquilo que os espíritas sabem por si próprios? Em certo passo o filósofo descreve-nos o encontro de dois espíritos que, ao tocarem-se, se transformaram numa comunhão. As suas visões podem ser verdadeiras. As de Newton, não.

Quando George Russel morreu, em 1935, Yeats escreveu à poetisa Dorothy Wellesley: “Tudo vai bem com George Russel. O seu fantasma não se comunicará porque não tinha relações humanas e apaixonadas que o chamassem para trás. Minha mulher disse-me

uma destas noites: ‘George Russel era a pessoa mais próxima de um santo. Tu és melhor poeta, mas não és santo’. Suponho que cada um tem de escolher na vida o seu caminho”.

Yeats escolheu o caminho da poesia e tornou-se, na verdade, um dos poucos poetas do século, um dos maiores do mundo. Mas, a verdade manda dizer que o espiritismo e a sua fonte inexaurível de certezas metafísicas concorreram em larga escala para a harmonia e profundidade do seu estro poético.

Yeats previu a morte ao escrever em 1939 a Lady Elizabeth Pelham: “Tenho a certeza de que a minha vez não tardará”.

O seu corpo físico repousa em Sligo, Irlanda. Mas William Butler Yeats está, de fato, na imortalidade, ao lado de Shakespeare e Blake, Burns e Shelley, com Wordsworth, Dante e Milton. Dele permanecem os seus estranhos e admiráveis poemas e livros, e o seu túmulo, em que pediu fossem inscritas estas simbólicas palavras:

Cavaleiro que passas,
Lança um olhar frio
Sobre a vida e sobre a morte!

82 O presente estudo é de autoria de W. F. Neech; foi publicado em 1º de janeiro de 1959 pelo semanário inglês *Two Worlds* e republicado na revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa.

CHARLES DICKENS E A APARIÇÃO

*Mary era tão inseparável de minha existência quanto as
próprias batidas de meu coração.*

Charles Dickens

CHARLES DICKENS, O CÉLEBRE ESCRITOR inglês do século passado⁸³ e ainda hoje lido e admirado em todo o mundo, por várias vezes defrontou-se com aparições tangíveis. Certa vez, de madrugada, viu o espírito de seu pai sentado ao pé do leito. “Como não se movia (escreveu Dickens) enchi-me de horror; levei a mão em sua direção, mas ele desapareceu!”

Conta o poeta e escritor Wallace Leal Rodrigues, no prefácio que redigiu para uma edição do famoso livro de Charles Dickens, *Christmas ghosts*, mais este caso:

Um dia, sem qualquer sintoma de doença, Mary Hogarth deixou-se cair no tapete – simplesmente – e morreu! As sombras desceram sobre o espírito de Dickens. Suspendeu a série de folhetins de *Pickwick*, encerrou-se em si mesmo, emudeceu. “Mary – escreveu ele de uma penada – era... tão inseparável de minha existência quanto as próprias batidas de meu coração.”

Corria o ano de 1837 e ele vivia alguns dos dias mais penosos de sua existência. Desperto, recordava a alegria e a alacridade de Mary,

à noite, sonhava com ela. Até que, para minorar aquela dor, a própria Mary veio dizer-lhe que não estava perdida para o seu afeto, que vivia e voltaria a encontrá-lo no Além. Dickens afirmava que não fora um sonho, mas uma visão. Ele não pôde ver-lhe o rosto, mas estava absolutamente certo de que se tratava de Mary. E escreveu esta narrativa:

“Eu não sentia medo, mas a sensação de deslumbramento. Eu chorava copiosamente e estendia meus braços para ela, dizendo: ‘Querida! Querida!’ Eu insistia chamando-a enquanto ela flutuou sobre meu leito e se alçou para o forro abobadado... para responder-me ao apelo... no tocante à Vida Futura. Minhas mãos ainda estavam estendidas para ela quando desapareceu.”

Renovado em forças ele voltou a escrever e imortalizou a suave Mary como a pequena Nell, no livro *A loja de antiguidades*. A descrição de Nell é tão viva e carregada de emoção que, durante meses, os leitores acompanharam aflitos a sua história, e, ao lerem de sua enfermidade, escreveram torrentes de cartas a Dickens, suplicando-lhe que poupasse a gentil criatura. Mas foram inúteis os rogos. Como Mary, a doce Nell morre, provocando intensa comoção em todo o país.

* * *

Charles Dickens desencarnou a 9 de junho de 1870. Dois anos após transmitiu uma mensagem psicográfica nos Estados Unidos através do médium Thomas P. James, um simples mecânico com instrução primária. E, usando a mediunidade desse operário, conseguiu concluir o romance *The mystery of Edwin Drood*,⁸⁴ que deixara pela metade. Era o mesmo estilo de antes e depois de concluída a obra.

83 O autor se refere ao século 19. (N.E.)

84 A obra ficou pronta em julho de 1873, desvendando, afinal, o tenebroso enigma do desaparecimento do jovem Droad. Foi traduzida para o português, anotada e posfaziada pelo escritor e pesquisador Herminio C. Miranda. (N.E.)

DEPOIMENTO DO DRAMATURGO E MÉDIUM VICTORIEN SARDOU

*Qualquer fato só se dá por efeito de uma lei natural, e
portanto (o fato espírita) é natural.*

Victorien Sardou

NA HISTÓRIA MUNDIAL DO TEATRO o nome de Victorien Sardou ocupa lugar proeminente. Suas obras têm sido traduzidas em quase todas as línguas e ainda hoje obtêm sucesso. O nome de Sardou está ligado ao de Sarah Bernhardt devido ao fato de a genial atriz haver empolgado Paris encenando suas peças *La sorcière* e *Spiritisme*.

Antes de tornar-se membro da Academia Francesa já Victorien Sardou conhecera Allan Kardec, fizera sessões mediúnicas com o mestre na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, trocara com ele ideias em torno da doutrina que, então, surgia.⁸⁵ Foi Victorien Sardou admirável médium desenhista. A carta notável que escreveu endereçada a Yveling Rambaud e publicada no *Gaulois* em 4 de dezembro de 1888 é, antes de tudo, uma demonstração de amor pela verdade espírita. Com esse documento encerramos nossas pesquisas em torno dos grandes escritores e poetas que foram espíritas ou que viveram fenômenos que o espiritismo registra.

Revela Victorien Sardou:

Há quarenta anos que observo, como curioso, os fenômenos que, sob os nomes de magnetismo, sonambulismo, êxtase, segunda vista etc., davam em minha mocidade motivo ao riso dos sábios.

Quando eu me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência em que o meu ceticismo cedia à evidência, que explosão de chacota!

Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor, meu amigo, a quem falei de uma jovem que caía em catalepsia por passes magnéticos.

Ela ouvia tiros de espingarda, e sentia um ferro em brasa queimar-lhe a nuca.

Qual! me respondia o homem. As mulheres são enganadoras!...

Ora, todos esses fatos sistematicamente negados naquele tempo são hoje aceitos e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de feitiçaria. Não há dia em que algum jovem sábio não me traga novidades que eu já conhecia antes que ele tivesse nascido.

Só há uma mudança no nome. Não é o *magnetismo*, palavra que deve soar mal aos que o ridicularizavam: é o *hipnotismo*, a sugestão, designação que tem maior força.

Adotando-se os novos termos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente uma mistificação, que foi esmagado, merecendo a ciência oficial, por essa razão, o nosso reconhecimento.

Ela nos livrou de tal peste e, em troca, nos deu uma verdade científica, o hipnotismo, que, entretanto, é a mesma coisa.

Eu citava, um dia, a um habilíssimo cirurgião, o fato, hoje bem conhecido, da insensibilidade produzida em certas pessoas que olham fixamente para um espelho, ou para um corpo brilhante, de modo a provocar o estrabismo, e essa revelação foi recebida com ridículo e zombaria como um *espelho mágico*.

Passaram os anos, e o mesmo cirurgião, vindo almoçar comigo, desculpa-se da demora por ter tido a necessidade de arrancar um dente a uma jovem muito nervosa e tímida.

Eu, disse-me ele, tentei sobre ela uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espelho metálico, fi-la dormir tão completamente, que pude extrair o dente sem que ela o sentisse.

A isso redargui: Perdão; mas fui eu quem primeiro assinalou esse fato, e vós o meteste a ridículo!

Desmantelado a princípio, o homem conquistou depressa a calma: É certo, respondeu; mas vós me falastes de um fato de magia, e este é de hipnotismo!

A ciência oficial trata as verdades desconhecidas sempre por esse modo: depois de repeli-las com escárnio, se apropria delas, mas tem o cuidado de mudar-lhes os rótulos.

Mas, enfim, qualquer que seja o nome que lhe deem, elas têm adquirido o direito de cidade.

Como, porém, os nossos sábios têm chegado a descobrir, na Salpêtrière, o que toda Paris já teve ocasião de ver no tempo de Luís XV, no cemitério Saint Médard, é de esperar que se dignarão, um dia, em ocupar-se desse espiritismo que julgam morto pelos seus desdêns, porém que jamais gozou de melhor saúde.

Para isso, não terão mais que mudar-lhe o nome a fim de atribuírem a si o mérito de havê-lo descoberto depois de todo o mundo.

Isso não será tão cedo, porque o espiritismo tem de combater outros inimigos além daquela má vontade.

Tem ele contra si as experiências de salão, meio detestável de fazer investigações, e que só servem para confirmar os cétricos na sua incredulidade, para sugerir engenhosas mistificações, e para inspirar, aos espirituosos, chistosas tolices.

Tem que lutar contra os charlatões que fazem espiritismo à Robert-Houdin, e contra os semicharlatães, que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas, e, por vaidade ou por especulação, suprem a insuficiência dos seus meios naturais por meios artificiosos.

Tem, “principalmente”, que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença de uma geração voltada aos prazeres e aos interesses materiais, e a fraqueza de caráter, cada vez mais acentuada, em um país onde ninguém tem mais a coragem das suas opiniões, preocupando-se com a do vizinho, e só permitindo a si próprio adotar uma quando sabe que essa é a de todo mundo.

Em qualquer matéria: artes, letras, política, ciência etc., o que alguém mais teme é passar por ingênuo, por crente em qualquer coisa, ou por um entusiasta, tão inconsciente, que tudo lhe causa

admiração!

O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra e por uma bela obra, ao ver que um cético sorri, não vacila em zombar do que ia aplaudir, a fim de dar uma prova de que não é menos perspicaz que os outros, e de que é muito esclarecido, pois não é qualquer coisa que o satisfaz.

Como poderiam homens tão adstritos às opiniões dos outros, embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, pelas mais decisivas provas, ousar confessá-lo em público, e confessá-lo neste século sem fé, depois de Voltaire, depois de Proudhon? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que soa aos ouvidos: Então, o senhor! O senhor também acredita no sobrenatural?

– Não. Eu não admito o sobrenatural – é logo a resposta.

Qualquer fato só se dá por efeito de uma lei natural, e portanto é natural. Negar *a priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida, contestar a realidade do fato, porque ele não entra na ordem dos fatos estabelecidos e das leis conhecidas, é erro de espírito mal-equilibrado, que julga conhecer todas as leis da Natureza.

O sábio que tiver essa pretensão não passa de um pobre homem!

* * *

Quem, entre os leitores, ousaria dizer que Victorien Sardou não tem razão?

85 Assim que foi publicado *O livro dos espíritos*, remeteu-o Allan Kardec aos intelectuais da França. Agradecendo o volume, Victorien Sardou escreveu a seguinte carta a Allan Kardec, hoje histórica e divulgada pela *Revue Spirite*, de Paris:

“Agradeço-vos, Senhor, a presteza que empregastes em me remeter *O livro dos espíritos*. Eu tinha ânsia de lê-lo, e deixei de lado todos os negócios, todas as ocupações para entregar-me inteiramente a essa leitura. Estou quase no fim e, desde já, posso formular minha opinião sobre essa obra: É o livro mais interessante e mais instrutivo que já li. É impossível que ele não tenha grande repercussão: todas as grandes questões da metafísica e de moral ali estão elucidadas da maneira mais satisfatória: todos os grandes problemas ali são resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não puderam resolver: é o livro da vida, é o guia da humanidade.

“Recebi, Senhor, meus cumprimentos pelo modo como classificastes e coordenastes os materiais fornecidos pelos próprios espíritos: tudo é perfeitamente metódico, tudo se encadeia bem, e vossa introdução é uma obra-prima de lógica, de discussão e de exposição.

“Aceitai, Senhor, a expressão bem sincera de meus sentimentos de estima e afeição.

Victorien Sardou”.

SOBRE O AUTOR – JORGE RIZZINI

DA EDITORA

COM UMA EXTENSA FOLHA DE serviços prestados ao movimento espírita, Jorge Rizzini é um exemplo vivo às novas gerações. Defensor da fidelidade doutrinária, quer dentro ou fora do movimento, ele coloca a doutrina espírita acima das instituições e dos interesses meramente humanos.

Personalidade controvertida, participou de polêmicas que repercutiram em todo o país, inclusive na TV, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, quando defendeu os médiuns Otília Diogo, Francisco Cândido Xavier, Waldo Vieira e José Pedro de Freitas (Zé Arigó), de quem foi, também, testemunha de defesa no segundo processo criminal. Diz Chico Xavier que “Rizzini escreveu *Materializações de Uberaba* com suor e sangue”.

PRÊMIOS

Escritor declaradamente espírita, mas respeitado nos meios culturais – onde tem atuação marcante –, Jorge Rizzini é um dos mais representativos contistas da moderna literatura brasileira.

Autor de várias obras não-doutrinárias, recebeu o Prêmio Fábio Prado, da União Brasileira de Escritores, em 1957, pelo livro de contos *Beco dos aflitos*, e, em 1965, obteve o Prêmio Narizinho, do Departamento de Cultura do Estado de São Paulo, pela peça infantil *Cidade perdida*.

Primeiro biógrafo de Monteiro Lobato – é dele *A vida de Monteiro Lobato* –, fez parte da Comissão Monteiro Lobato, criada pela União Brasileira de Escritores para defender a memória do autor de *Urupês*. Dirigiu o jornal de literatura e arte *Quincas Borba*. Tem trabalhos literários publicados no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, *Paratodos* – jornal dirigido por Jorge Amado – e em *Letras e Artes*. Foi chefe de reportagem da revista semanal *Edição Extra*. É diretor e um dos fundadores do Museu da Imagem e do Som do Escritor, da União Brasileira de Escritores.

Dentre suas obras doutrinárias destacam-se *Materializações de Uberaba*, *Caso Arigó*, *Eurípedes Barsanulfo – o apóstolo da caridade* (lançado também pela União Espírita Francesa), *Escritores e fantasmas* e

J. Herculano Pires – o apóstolo de Kardec.

Rizzini psicografou, também, 44 poetas nacionais, portugueses e norte-americanos. Seus poemas estão nos livros *Antologia do mais além*, *Sexo e verdade* e *Castro Alves fala à Terra*, todos prefaciados pelo professor J. Herculano Pires. Os estilos dos poetas foram reconhecidos por Raimundo de Menezes, da Academia Paulista de Letras, e por Menotti Del Picchia, da Academia Brasileira de Letras, não restando a menor dúvida sobre a sua autenticidade.

REALIZAÇÕES

Pesquisador dedicado e possuidor de uma apurada capacidade de antecipação, Rizzini pautou-se por uma alta dose de pioneirismo em muitas de suas realizações. Presidiu o Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, em 1959; nesse mesmo ano lançou *Kardequinho*, a primeira revista infantojuvenil espírita. Criou, em 1961, a Filmoteca Allan Kardec, a primeira no movimento espírita. Pertencem ao seu acervo documentários sobre Allan Kardec e as irmãs Fox, filmados na França e nos EUA, além de registros exclusivos das cirurgias realizadas pelo médium Zé Arigó e os trabalhos mediúnicos de Chico Xavier, entre outros. Em 1966 criou e apresentou *Em busca da verdade*, na TV Cultura de São Paulo. Semanal e com duração de uma hora e meia, foi o primeiro programa espírita na televisão brasileira. Produziu e apresentou o programa *Um passo no Além*, na Rádio Boa Nova de Guarulhos, na década de 70. Criou, em 1977, o selo Sol Maior e lançou dois discos, *A vida missionária de Allan Kardec* e *A vida maravilhosa de Chico Xavier*. Os textos teatralizados, de sua autoria, foram interpretados por grandes atores do teatro brasileiro, como Dionísio Azevedo, Carlos Augusto Strazzer, Flora Geni e Geraldo Del Rei.

Em 1989, idealizou e fundou a AJE – Associação dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo.

Médium musical, Rizzini recebeu músicas de vários compositores brasileiros e internacionais – como Lamartine Babo, Noel Rosa, Ataulfo Alves, Francisco Alves, Ary Barroso, Assis Valente, Duke Ellington, John Philip Souza, Giuseppe Verdi, Giacomo Puccini, Carlos Gardel, entre outros – que estão gravadas nos LPs *Compositores do Além*, volumes I, II e III, e num disco compacto. Interpretadas pelas vozes de cantores profissionais, como Cláudia, Márcia, Roberto Amaral, Sílvia Maria, Adilson Godoy, Grupo Medusa, Rodolfo de Sio, entre outros, e acompanhamento da Orquestra Eldorado, Regional de Isaías e seus Chorões, Regional do Evandro e a Banda da Polícia Militar do Estado de São Paulo, essas

canções foram apresentadas em três festivais de música mediúnica, o primeiro realizado no Teatro Municipal de São Paulo, o segundo no Palácio das Convenções do Anhembi e o terceiro no Ginásio do Ibirapuera.

SONHOS

Referências a Rizzini podem ser encontradas em revistas de circulação mundial – Oggi, Planète e Seleções do Reader's Digest – e nos livros *Arigó – Surgeon of the Rusty Knife*, de John Fuller, e *Uri Geller*, de Andrija Puharich. Fez palestras doutrinárias nos EUA, México, Argentina, Colômbia, Portugal, Espanha, Itália, França, Suíça e outros países europeus. Em Londres foi entrevistado pela BBC e exibiu alguns de seus filmes na Federação Espiritualista da Grã-Bretanha. Nessa ocasião, foi recebido na residência do Secretário-Geral de Unesco, o célebre químico Julian Huxley, quando esteve presente, também, o embaixador brasileiro Sérgio Correa da Costa.

Membro do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, Rizzini sempre manteve correspondência com pesquisadores do paranormal de todo o mundo, como J. B. Rhine, o “pai da parapsicologia”, George Meek e Roger Perez, presidente da Federação Espírita Francesa e vice-presidente da Federação Espírita Europeia – procurando não só inteirar-se dos estudos recentes, mas também divulgar a doutrina espírita juntamente com os registros das ocorrências dos fenômenos por ele observados.

Sexagenário na década de 1990, Jorge Rizzini realizou muitos sonhos. Entretanto, tem ainda dois ou três desejos singelos. “Espero – diz ele – realizar o 1º Festival de Poesia Mediúnica... e assistir ao

alvorecer do primeiro dia do ano 2000.”!⁸⁶

BERÇO ESPÍRITA

Paulistano, nascido em 25 de setembro de 1924, filho de Joaquim Vicente de Andrade Rizzini e Cecília Toledo Rizzini, Jorge Toledo Rizzini é de uma família tradicionalmente espírita: a avó, os pais e os irmãos. O pai, médium vidente e de psicofonia, participou das atividades de um centro espírita no Rio de Janeiro.

Jorge Rizzini manifestava mediunidade de cura desde a infância. Aos dez anos curava as dores da mãe.

Casado com a pedagoga e escritora Iracema Sapucaia – autora dos livros infantis doutrinários *O besouro casca-dura* e *Aventuras de Fraterninho* –, a quem conheceu no Centro Espírita Batuira, na rua Espírita, no Cambuci, em São Paulo, em 1947.

Conheceram-se, noivaram e casaram-se em três meses. O casal tem três filhos: Maria Angélica (advogada), Ricardo (engenheiro) e Eliana (bióloga), esta casada com o pesquisador espírita Luís Antônio Fuchs. Os três filhos são espíritas.

A linhagem intelectual da família é bastante conhecida em todo o país. Seus tios-avós atingiram grande renome como pintores. Lucílio Albuquerque – que foi professor de desenho de Cândido Portinari – fez exposições nos EUA e na Europa, e sua esposa, Georgina de Albuquerque, dirigiu a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e o Museu Lucílio Albuquerque. O tio (por parte de pai) Carlos Andrade Rizzini, considerado um dos grandes jornalistas brasileiros, foi presidente dos Diários Associados, reitor da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, membro da Academia Paulista de Letras e secretário da Educação de São Paulo. Seu irmão, o cientista

Carlos Toledo Rizzini – autor do livro *Evolução para o Terceiro Milênio* –, membro da Academia Brasileira de Ciências, foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e tem livros científicos publicados também nos EUA e Alemanha.

OBRAS

ANÁLISE DOUTRINÁRIA

A verdade sem véu (não publicada)

BIOGRAFIAS

A vida missionária de Allan Kardec (texto teatralizado em áudio)

A vida maravilhosa de Chico Xavier (texto teatralizado em áudio)

Eurípedes Barsanulfo – o apóstolo da caridade

J. Herculano Pires – o apóstolo de Kardec

CONTOS

Beco dos aflitos (obra laureada pela União Brasileira de Escritores – Prêmio Fábio Prado)

O regresso de Glória

DOCUMENTÁRIOS

Caso Arigó

Escritores e fantasmas

Kardec, irmãos Fox e outros

Materializações de Uberaba

ESTUDO JURÍDICO

O sexo nas prisões (com parecer do então Procurador da República)

INFANTOJUVENIS

A vida de Monteiro Lobato

Carlito e os homens da caverna (novela)

Histórias de Dona Santinha (contos)

MÚSICAS MEDIÚNICAS

Compositores do além – volume 1 (músicas populares brasileiras)

Compositores do além – volume 2 (músicas nacionais, argentinas e estadunidenses)

Compositores do além – volume 3 (músicas líricas italianas)

Compositores do além – *Festival de Música Mediúnica*

Marchas mediúnicas

Melodias do além

POESIAS MEDIÚNICAS

Antologia do mais além (espíritos Anchieta, Bocage, Camões, Cruz e Sousa, Manuel Bandeira, Olavo Bilac e diversos outros)

Castro Alves fala à Terra (espírito Castro Alves, em parceria com os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira)

Guerra Junqueiro no aquém e no além (espírito Guerra Junqueiro, em parceria com o médium Chico Xavier)

Sexo e verdade (espíritos Casimiro de Abreu, Castro Alves e Guerra Junqueiro)

TEATRO

A cidade perdida (peça infantil laureada pelo Departamento de
Cultura do Estado de São Paulo – Prêmio Narizinho)

A terceira revelação

A visita

86 Este texto foi originalmente escrito em 1992, quando da publicação da 2ª edição da obra. O autor desencarnou na madrugada de 17 de outubro de 2008, vítima de enfarto no miocárdio, na cidade de Buenos Aires, onde realizava uma viagem com familiares. (N.E.)

ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS

- Abreu (Casimiro) 137,158,159, 169,340
Abreu (Rodrigues de) 116-122
Adam (Paul) 26
Agostinho (Santo) 44,85,90, 212,221
Agustini (Delmira) 118,316
Aksakoff (Alexandre) 110
Albertino (Pedro) 107
Albuquerque (G. de) 339
Albuquerque (Lucílio) 339
Albuquerque (Medeiros e) 106
Almeida (Guilherme de) 126, 168,213-217
Almeida (Manuel
 Antônio de) 182
Almeida (Pires de) 50
Alta (Padre) 146
Alves (Ataulfo) 337
Alves (Castro) 33,66,157-158, 169,336,340
Alves (Francisco) 337
Amadeu (Arnaldo) 226
Amado (Gilberto) 54
Amado (Jorge) 336
Amadou (Robert) 17
Amaral (Amadeu) 223-224
Amaral (Édson) 226,229
Amaral (Luís Gomes do) 228

Amaral (Roberto) 337
Amorim (Deolindo) 30
Anchieta (José de) 60,340
Andersen 123
Andrade (Djalma) 159
Andrade (Goulart de) 54,71
Angelloz (J. F.) 259
Anjos (Augusto dos) 157,158, 165,169,247-248
Aquino (São Tomás de) 212
Arbues (Pedro) 88
Arigó (José) 9,21,335,336, 337,338
Aristóteles 268
Assis (Machado de) 62,68,160
Azevedo (Aluísio) 105
Azevedo (Álvares de) 34
Azevedo (Artur) 166,168,235
Azevedo (Dionísio) 337
Azevedo (Fernando) 99

Babo (Lamartine) 337
Bacalhau (Padre) 51
Bach 24
Bacon 61,98
Balford (Lord) 21
Balzac (Honoré de) 25,29,118, 215,219,221,296
Bandeira (Manuel) 169,340
Barbosa (Rui) 14,109-115,157, 185,263
Barrett (William) 15
Barros (Dom José de Camargo) 208-210
Barroso (Ary) 168,337

Barroso (Gustavo) 72
Barsanulfo (Eurípedes) 336,339
Beethoven 23-24
Benavente (Jacinto) 28,292-294
Benedito XV (Papa) 226
Bento XIV (Papa) 57,209,210
Bérault-Bercastel (Abade) 90
Bergson 20
Bernhardt (Sarah) 331
Bilac (Olavo) 53-66,71-73,105, 116,118,124,137,157-159,215,
235,340
Bjorkhem 17
Blake (William) 26,65,213,253, 289,325,328
Bloch (Pedro) 157
Blum (E.) 300
Boaventura 90
Bocage (Manuel Maria
Barbosa du) 137,157,340
Bocaiúva (Quintino) 30
Boirac (Emile) 98
Bois (Jules) 254
Boismont (Briere de) 20
Bon (Gustave Le) 19
Bonaparte (Luís) 21,295,297
Bonnemère (Eugène) 29
Bonnet 19
Borba (Osório) 243-247
Bouillaud 16
Bourdin 98
Bourdon (João Cláudio) 283,284
Boutroux 19
Bozzano (Ernesto) 110,214,319

Bradley (H. Dennis) 125
Braga (Alcino) 245
Braga (Belmiro) 157,159
Braga (Edgard) 53
Branco (Camilo Castelo) 128,214
Brasil (Zeferino) 159
Bretone (De) 19
Browne (Thomas) 19
Bruno (Giordano) 19
Bué (A.) 146
Bueno (Silveira) 49,200-212
Bueno (Vieira) 50
Burns 328
Buttler 19,328
Byron 50,298

Caeiro (Alberto) 320
Camargo (Romeu A.) 146
Camões (Luís Vaz de) 168,340
Campos (Álvaro) 320
Campos (Benedito
Ferraz de) 142
Campos (Geir) 258,261
Campos (Humberto de) 157, 158,160,161,162,164,165,168
Cantu (Césari) 21,22
Carneiro (Caio Porfírio) 168
Carrel (Alexis) 163
Carroll (Lewis) 123
Cartezon (Filomena) 284,285
Carvalho (Vicente de) 235

Castro (Almerindo Martins de) 240
Cavaleiro (Edgard) 33,50,132, 148-153,154-156
Celso (Afonso) 124
Cepelos (Batista) 235
Cervantes (Miguel de) 140
Charcot 273
Charpigny (Filomena) 284
Chauvet 216
Chevreuil 98
Chopin 24
Churchill (Winston) 21
Cícero 90
Cinira (Carmem) 157
Cirne (Leopoldo) 117,302
Clemente de Alexandria (São) 90,214
Cohen 59
Colburn (Nettie) 20
Colet 251-253
Collodi 123
Colombo (Cristóvão) 20-22
Cook 62
Cooper (Blanche) 327
Cooper (Fenimore) 263
Copelius 35,43
Coppée (François) 28,213,254-255
Correia (Viriato) 170-199
Costa (Sérgio Correa da) 338
Coulanges (Fustel de) 96
Crookes (William) 15,28
Crowley (Aleister) 324
Cruz (João Batista Marques da) 235
Cummins (Geraldine) 326,327

Cunha (Hugo de Freitas) 53
Cunha (Manuel Galdino da) 319
Curie (Marie) 16

D'Annunzio (Gabriel) 29,277-281
D'Arc (Joana) 213
D'Argonnel (Oscar) 106,108,146
D'Arsonval (A.) 16
Dantas (Paulo) 218-221
Dante 26,116,118,267,316,328
Darwin 15,110,264
Delanne (Gabriel) 19,98,115,146, 215,216
Denis (Léon) 9,19,20,30,98,110, 115,117,146,268
Dennis (Gene) 17,125
Descartes 20
Desmond (Shaw) 28
Deunner 35
Deus (João de) 157,159,214
Dias (Cássio Toledo) 53
Dias (Gonçalves) 193,247
Dickens (Charles) 329-330
Diogo (Otilia) 335
Dixon (Jeane) 21
Domiciano (Imperador) 214
Domingues (Aurélio) 245
Dostoiévski 190,218-220,316
Dowden (Hester) 323,326
Dowding (Lord) 21
Doyle (Arthur Conan) 14,17, 25,30,66,98,110,281,308-315
Duarte (J. A. Moreira) 319

Dumas (Alexandre) 29,214

Duncan (Helena) 326

Edison (Thomaz) 15

Edmundo (Luís) 241-242

Einstein 16,17

Eisenhower 20,21

Ellington (Duke) 337

Erasmus 214

Erskine (Lord) 21

Ésquilo 298

Esquirós (Affonso) 18,19

Fabrícus 61

Faria (Américo) 276

Fernandez (José) 17

Ferreira (Inácio) 146

Fichte 19,90

Fidanza (Oswaldo) 18

Figner (Frederico) 191

Filóstrato 214

Findlay (J. Arthur) 146

Flammarion (Camille) 63,64, 79,98,110,114,146

Fonseca (Antônio) 185,187, 188,191,192

Fonseca (Gregório da) 71

Fontes (Martins) 54,71,72

Fontoura (Cândido) 135

Forbes 26

Ford (Henry) 16

Formiga (E.) 148,149
Fouillée 20
Fourrier (Charles) 18
Fox (Irmãs) 336,339
France (Anatole) 240-241
Franco (Afonso A. de Melo) 232
Franco (Cid) 246
Franklin (Benjamin) 15,16
Freitas (Wandick de) 53
Fuller (John) 337
Fuzeiras 146

Galileu 61,91
Garbo (Greta) 28
Gardel (Carlos) 337
Garrick 26
Gautier (Théophile) 25,99
Geley (Gustave) 98,214
Geni (Flora) 337
Gibbes (Beatrice) 327
Gibier (Paul) 15,98
Girard (Victor) 88,98
Girardin (Delphine) 296,299,300
Girolamo (São) 90
Gluck 24
Godoy (Adilson) 337
Goethe 14,23,26,29,38,43,51, 116,264-268
Gogarty (Oliver St. J.) 327
Gomes (Eugênio) 66,228,289
Gregório de Nissa (São) 90

Gregory (Lady) 325
Grieco (Agripino) 154,161, 162,164,165,241
Grimm (Irmãos) 123
Guastini (Mário) 200
Guerra (Álvaro) 193
Guimarães (Alexandre Lamberti) 54
Guldenstubé (L. de) 98
Gurney (Edmond) 29

Halifax (Lord) 21
Hamont (Elisaheth) 194
Hardie (Keir) 21
Hare (R.) 313
Harris (Frank) 27
Hasdeu 28
Haydn 24
Hedger 90
Hegel 90
Heine 26,214
Herculano (Alexandre) 286
Hiérocles 90
Hodgson (Richard) 29
Hoffman 118,190
Home (Daniel Dunglas) 21,26, 27,312
Horet (Henri) 22
Houdin (Robert) 334
Hugo (Charles) 296,298,300, 301
Hugo (Victor) 14,25,26,28,29, 31,36,66,118,134,150,160,215,
249,263,281,295-307
Hulewicz (Witold von) 262,263

Hume 90
Huxley (Julian) 16,337

Imbassahy (Carlos) 30,146
Ingenieros (José) 18

Jacolliot (Louis) 312
Jâmblico 90
James (Thomas R.) 269,330
James (William) 19
Jerônimo (São) 90
João V (Dom) 57
Joseph (João) 57
Josephson (Matthew) 150,300
Joyce (James) 327
Júlia (Francisca) 235-240
Júnior (Amadeu Amaral) 125
Júnior (Araripe) 235
Júnior (Correia) 239
Júnior (Frederico
Pereira da Silva) 166
Junqueiro (Guerra) 28,130,137,157-159,340

Kant 19,214
Kardec (Allan)
13,15,29,30,55,63,66,67,71,81,86,91,99,132,139,146,169,174,182,
187,188,190,192,212,214,254,276,289,296,304,305,307,309,331,3
36,337,339

Kassner 259
Kehl (Renato) 125
King (Katie) 15
King (Mackensie) 21
Kingsford (Anna) 324
Kippenberg 259
Klettenberg (De) 264
Krespel 35,43
Kubitschek (Juscelino) 9,21

Lacerda (Carlos) 106,107
Lacerda (Fernando de) 146,214
Lachâtre (Maurice) 29,111
Lagerlof (Selma) 25
Lamartine 28,117,217,296
Lamennais 37
Lavater 264
Lavoisier 16
Lawrence (D. H.) 289,327
Leadbeater 98
Leal (Gomes) 28
Leaning (F.E.) 317
Ledrain 28
Lees (R. J.) 21
Legendre 44
Lehmann (Rosamond) 28
Leibniz 90,267
Lennep (D. J. van) 17
Lépicier (Alexis) 286
Lessing 19,90

Leterre (Aristides) 60
Letourneau 216
Lichtemberger 19
Lima (Heitor) 71
Lima (Pedro de Araújo) 30
Lincoln (Abraham) 20,21,149, 269
Lino (Batista) 246
Liszt (Franz) 277
Lobato (Monteiro) 14,66,101, 123-140, 149,150,160,193,218,
263,336,340
Lockroy (Edouard) 305
Lodge (Oliver) 98,110,124,125, 128,132,146,310
Lombroso (César) 15,16,98,114
Lopes (J. Monte) 169
Lorgues (Rosely de) 22
Louys (Pierre) 100
Lutero 298
Lys (Edmundo) 159
Lytton (Bulwer) 214

Machado (Leopoldo) 146,155
Machon (Pedro) 284
Macleod (Fiona) 316-322
Maeterlinck (Maurice) 19,282-287
Magalhães (Valentim) 235
Mallet (Pardal) 105
Mansfield (Katherine) 123,221
Marçal (Padre) 146
Marcondes (Francisco) 69
Marconi 16

Mare (Walter de La) 28,118, 288-291,311
Maricá (Marquês de) 30
Marques (Oswaldino) 256
Marryat (Florence) 28
Massenet 24
Matos (João de Morais) 245
Matos (Mário) 160
Maupassant (Guy de) 123,131,276
Mauriac 219
Maxwell (J.) 110
Maya (Alcides) 67-71,214,218
Mazardi 278
Meath (Lord) 211
Medauar (Jorge) 222-224
Meek (G.) 338
Mello (Mário C. de) 266
Mello (Silva) 17,18
Melo (Oswaldo) 146
Mendonça (Lúcio) 235
Menezes (Bezerra de) 146, 196,198
Menezes (Emílio de) 145,157,158
Menezes (Raimundo de) 168,336
Meredith (George) 317,318
Mesmer (Franz Anton) 273
Metchnikoff 124
Michelet 25,28
Miguelangelo 116
Milton 26,116,267,316,328
Mirabelli (Carminé) 214
Miranda (Herminio C.) 330
Mirbeau 190
Mistral (Frédéric) 28

Molière 81,298,301,302
Monarola (Ana) 16
Mônica (Américo Della) 54
Morais (Melo) 30
Moreyra (Álvaro) 240-241
Moses (William Staintom) 146
Mozart 24
Munthe (Axel) 215,272-276
Murat (Luís) 54,71,72,105-108
Murphy (Gardner) 28
Musset 26,94,213,251-253,263
Myers 29,110,275,314

Naillen (Van Der) 98
Neech (W.F.) 323
Negrão (Hilda) 53
Negrão (Odilon) 53,146
Nerval (Gerard de) 43
Neto (Coelho) 66,71,72-104,105, 136,235
Neto (Vicente S.) 76
Nietzsche 259
Nobre (Antônio) 159
Nogueira (Ataliba) 112-114
Nus (Eugène) 28,98

O'Neil (Eugênio) 221
Oliveira (Alberto de) 62
Olympio (José) 225
Orígenes 90,212

Ovídio 90,254
Owen (Dale) 98,146

Palladino (Eusápia) 16,28
Pânfilo (São) 90
Paracelso 19
Paraventi (Celestino) 53
Passos (Guimarães) 105
Pasteur 15
Patrocínio (José do) 105,108
Paula (Monsenhor Francisco de) 208,209,211
Pearson (Drew) 21
Peixoto (Floriano) 105
Pelham (Elisabeth) 328
Perácio (Carmem Pena) 155
Perácio (José Hermínio) 154
Pereira (Antônio Batista) 113,114
Pereira (Antônio Olavo) 134, 225-229
Pereira (Eduardo Carlos) 142
Pereira (Urbano) 225
Perez (Roger) 338
Perrault 123
Pessoa (Fernando) 221,319,320
Pezzani 19
Picchia (Menotti Del) 126,158, 167,336
Pickford (Mary) 28
Pinto (Mercedes) 28
Pires (Cornélio) 141-147,218
Pires (Herculano) 30,138,246, 336,339
Platão 19,90

Plotino 90
Plutarco 233
Podmore (F.) 29
Poe (Edgard Allan) 118,168, 190,221,316
Pompéia (Raul) 105
Pontes (Eloy) 62
Portinari (Cândido) 339
Potter (Charles) 212
Prel (Karl du) 125
Price (Harry) 17
Priestley (J.B.) 28
Proclo 90
Proudhon 334
Prudhomme (Sully) 28
Puccini (Giacomo) 168,337
Puharich (Andrija) 337

Queirós (Eça de) 62,214
Quental (Antero de) 159,160
Quinet (Edgard) 28
Quintão (Manuel) 146,158, 171,191,196

Rabe (Felix) 26
Rabelais 327
Rambaud (Yveling) 331
Ramos (Péricles Eugênio da Silva) 236,239
Rangel (Godofredo) 124-126, 128,133,134,137,138-140
Raynaud (Jean) 19
Rebello (Marques) 182

Redondo (Garcia) 235
Rei (G. Del) 337
Reis (Ricardo) 320
Rhine (J. B.) 17,338
Rhodes (Cecil) 114
Ribas (Maria José Sette) 137,138
Ribeiro (Araújo) 241
Ribeiro (João) 159,235
Ribeiro (Júlio) 141
Richet (Charles) 15-17,64,110, 114,125,132
Rilke (Clara) 221,260
Rilke (Rainer Maria) 9,29,221, 258-263,281,299
Rimbaud 118,316
Rizzini (Carlos Andrade) 339
Rizzini (Carlos Toledo) 339
Rizzini (Jorge) 13,14,138,168, 169,335-340
Robertson (James) 269
Rochas (Albert de) 26,98,46, 282-287
Rodrigues (Wallace Leal) 329
Roosevelt (Franklin) 20
Rosa (Guimarães) 230-232
Rosa (Noel) 168,337
Rudge (Antonieta) 167
Russel (George) 324,328
Saião (Pedro Luís de Oliveira) 146,166
Saint-Clair (Simone) 27
Sainte-Beuve 164
Sampaio (Bittencourt) 166
Sand (George) 98,251-254
Sandow (Berthould) 110
Santos (Manuel Ferreira) 256
Sardou (Victorien) 25,331-334

Savy (Constant) 19
Schelling 19
Schiaparelli 15
Schiller 34,43,268
Schlegel 19
Schmidt (Afonso) 127,128,134, 160,161
Schoetensick 61
Schollosser 19
Schopenhauer 20,90,97
Scott (Walter) 217
Seabra (Alberto) 126,128
Sellès (Salvador) 28
Sêneca 90
Shakespeare (Olívia) 327
Shakespeare (William) 26,97, 118,128,140,221,298,328
Sharp (William) 316-322
Shaw (Bernard) 26,27
Shelley 26,328
Sidgwick (Henry) 29
Silva (Bittencourt da) 182
Silva (José Bonifácio de Andrada e) 30
Silva (Júlio César) 137
Silveira (Homero) 9,259
Sinclair (Upton) 16,17
Sinnnet 98
Sio (Rodolfo de) 337
Slade 15
Snowden (Lord) 21
Soares (Bernardo) 320
Soares (Sílvio Brito) 115
Sócrates 19,20,213
Sousa (Cruz e) 157,340

Sousa (Leal de) 54,55,68-71, 105,235
Souza (John Philip) 337
Spaun (Wilhelm) 28
Spencer 20
Spinoza 44,98
Stael (Mme. de) 98
Stead (William) 113-115
Stevenson (Robert Louis) 28
Stoppoloni 17
Stowe (Henriette Beecher) 269-271
Strazzer (Carlos Augusto) 337
Suannes (S.) 9,252
Suetônio 44
Swedenborg (Emanuel) 327

Tabes (E.) 28
Tartini 24
Taunay (Visconde de) 124,126, 233-235
Tavares (Adelmar) 159
Tchecov 123
Tennyson (Lord) 21
Teófilo (Aníbal) 54,55,63,71,72
Tertuliano 79,81,90
Thompson (Dorothy) 28
Tiana (Apolônio de) 90,214
Tigre (Bastos) 72,181,182
Tolstói (Leon) 14,26,221
Trabacchio 35
Truman 21
Tynan (Katherine) 323

Ubaldi (Pietro) 132,221

Vacquerie (Auguste) 296, 298,300

Valbonesi (Bice) 29,277-281

Valente (Assis) 337

Valle (Sérgio) 17,110

Varela (Fagundes) 33-52, 149,150

Ventura (Carmem) 222

Ventura (Luso) 222-224

Verdi (Giuseppe) 168,337

Vesme (Cesare de) 110

Vidal (Ademar) 247

Vieira (Waldo) 340

Vigeniére 98

Vinícius 146

Vitali (F.) 16

Vitória (Rainha) 21

Vives (Miguel) 146

Voltaire 29,334

Wade (Alan) 325

Wagner 24

Wallace (Alfred Russel) 15,98, 110,264

Warburton 26

Washington (George) 20

Wellesley (Dorothy) 328

Wells (G. P.) 16

Wells (H.G.) 16,309

Whitman (Walt) 256-257,258, 263

Whyte (F.) 115
Wilberforce (Bispo de) 211,212
Wilde (Oscar) 29
Wilson 20
Wordsworth 328

Xavier (Francisco Cândido) 112,137,139,146,148,150-152, 154-
166,167,168,214,246,335, 336,337,339,340

Yeats (William Butler) 317,318, 323-328
Young (E.) 19

Zola (Émile) 190,321
Zollner 146
Zweig (Stefan) 219



Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto foi composto em Goudy Old Style 11,5/14, as citações em Goudy Old Style 10/12, as notas de rodapé em Goudy Old Style 9/10,8, os títulos em Roboto 32/36 e os subtítulos em Roboto 11,5/14. Alexandre Caroli Rocha realizou a revisão do texto. Bruno Tonel elaborou a programação visual da capa e o projeto gráfico do miolo.

Outubro /2020